

**Maria Elisa Máximo**

Blogs: o eu encena, o eu em rede.  
Cotidiano, performance e reciprocidade nas  
redes sócio-técnicas

---

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientador: Prof. Dr. Theophilos Rifiotis**

Florianópolis

- 2006 -



## - Agradecimentos -

---

*Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é  
Realidade*

(Raul Seixas)

São muitas as pessoas que estiveram comigo no período do doutorado e em toda minha trajetória na pós-graduação e todas tiveram a sua importância para a realização deste trabalho. Chegar ao final desta jornada podendo dizer-lhes “muito obrigada”, reforça minha certeza de que o conhecimento é sempre uma construção coletiva e que depende também de pequenos gestos, afetos e emoções.

Todas as palavras seriam insuficientes para expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Theophilos Rifiotis, pelos ensinamentos, dedicação, confiança e carinho recebidos nesses dez anos de parceria e convívio. Devo a ele a minha história na Antropologia e tudo o que pude fazer de melhor neste trabalho.

Agradeço, também, aos blogueiros e blogueiras que participaram da pesquisa contando suas histórias e fazendo-se anfitriões nos seus blogs: à Fernanda, do blog *The Chatterbox*; à Luciana, do *Arte*; ao Gean, do *Meu Cantinho*; ao Idelber, do *O biscoito fino e a massa*; à Denise, do *Síndrome de Estocolmo*; ao Alexandre Cruz Almeida (agora, Alex Castro), do *Liberal Libertário Libertino*; ao Hernani Dimantas, do *Marketing Hacker*; ao Paulo Bicarato, do *Alfarrábio*; às “meninas” do *Ligeiramente Grávida*, e a todos os outros com os quais troquei visitas, comentários e links durante meu trabalho de campo.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC agradeço pelas importantes lições de antropologia recebidas durante minha passagem pelo mestrado e pelo doutorado, e pela disposição constante para o diálogo e a colaboração. Em especial, devo agradecer às professoras Esther Jean Langdon e Miriam F. Hartung, ambas do PPGAS/UFSC, e aos professores Francisco Coelho dos Santos (UFMG) e Hermílio Pereira dos Santos Filho (PUC/RS), por terem aceitado compor a banca examinadora deste trabalho, presenteando-me com preciosas contribuições. Da mesma forma sou grata à professora Sônia W. Maluf, membro-suplente desta banca, com quem muitas vezes partilhei as descobertas e dilemas da pesquisa. Muitas questões e reflexões suscitadas neste trabalho são resultantes do

diálogo e da cooperação travada com estes professores em diferentes situações e momentos da minha trajetória acadêmica.

À CAPES e ao CNPq, agradeço a oportunidade de ter cursado o doutorado com bolsa de pesquisa, incluindo a realização de um estágio “sanduíche” de seis meses na Universidade de Montreal (CA) entre os anos de 2004 e 2005.

Aos meus colegas do doutorado, devo não só pelas reflexões pertinentes e proveitosas que realizamos durante as disciplinas cursadas, mas também pelos momentos de descontração que partilhamos nesses anos. Agradeço especialmente à Claudia Pereira Gonçalves, à Tereza Franzoni e à Rita de Cássia O. da Silva, pela amizade, pelas trocas e pelos divertidos ‘cafés’ que tanto deixam saudades. Quero prestar, ainda, uma singela, mas sincera, homenagem a um grande amigo que precocemente nos deixou no ano de 2005: o Mário Guimarães Jr. Sendo verdadeiramente apaixonado pelo ciberespaço, o Guima, como era chamado entre os amigos, foi sempre um grande incentivador e parceiro de aventura nesse universo de bits e softwares, mas também de sujeitos e vidas ‘reais’. Acredito que em algum lugar, por alguma “conexão”, ele está celebrando comigo este momento.

À querida amiga Françoise e à sua linda Chloé, agradeço pela carinhosa acolhida em Montreal, regada a bons vinhos, deliciosos jantares e muitos sorrisos. À Claudia Zbinden, irmã de coração, devo uma grande amizade eternizada em belos passeios, em boas e inesquecíveis conversas durante o longo e saudoso inverno do Quebec entre os anos de 2004 e 2005.

Aos meus pais, Edison e Maria Rosa, e às minhas irmãs, Amanda e Helena, agradeço o apoio incondicional que deles recebi em todas as etapas da minha formação. Devo a eles o suporte, a compreensão, o aconchego, o afeto e a presença constante mesmo nos muitos momentos em que estive distante. Agradeço também à minha família de Florianópolis: aos queridos Moacyr e Rosita, às minhas cunhadas e cunhado – Francesca, Bettina e Nichola, aos meus amados sobrinhos – Aruã, Isaura e Raphael, e aos demais com os quais partilhei muitos instantes agradáveis e, quase sempre, deliciosamente gastronômicos.

Enfim, agradeço ao Rolf, meu marido e companheiro de tantos anos, pela paciência, pela ajuda permanente, pelo amor inesgotável... por tudo. É a ele que eu dedico este trabalho.

*Blogs... onde alguém pode se construir diariamente, cumulativamente, e conversar a partir de um certo ponto de vista, de sua zona iluminada! Aqui podemos nos lembrar das teses de Leibniz e dos muitos caminhos possíveis que podem ser percorridos dentro de uma mesma cidade. São diferentes os percursos para cada indivíduo, diferentes, portanto, as formas como cada um pode perceber onde vive, vivendo-se, no entanto, na mesma cidade. Se somarmos todos os percursos, teremos reconstituído uma pluralidade de mundos dentro de um mesmo e único mundo!*

AbsintheSpirit, em comentário no blog *Alfarrábio*

## — Resumo —

---

Esta tese consiste na análise dos “weblogs” – popularmente chamados “blogs” – como um fenômeno social que engendra uma forma específica de *apresentação do eu*. Os blogs se definem como uma modalidade de publicação pessoal “on-line” onde o sujeito encena a si mesmo e ao seu cotidiano, dispondo-se constantemente ao outro e realizando-se na potencialidade de ser visto e de interagir. O que alimenta os blogs não é, portanto, da ordem da “intimidade” ou da “vida privada”. É um cotidiano inventado, teatralizado e constantemente negociado de modo a se tornar compartilhável no interior de contextos sociais mais ou menos delimitados. No campo de aproximação entre a Antropologia Simbólica, o Interacionismo Simbólico e a Etnografia da Fala, procurei compreender, então, como os blogueiros se *apresentam*, quais as *competências* mobilizadas em suas *performances* e quais os contextos que emergem dessa atividade. Apesar do desejo sempre enfatizado de se conquistar audiências cada vez mais amplas, a análise mostrou que a vida social no universo dos blogs ocorre nas *densidades* das redes, ali onde as relações se constroem e se mantêm por vínculos de reciprocidade, pela troca diária de visitas, comentários e links. É no âmbito dessas “blogosferas” locais, onde os sujeitos se constroem na relação com o outro, que os blogs se constituem como uma experiência cotidiana e processual, que se desenvolve num movimento constante entre a harmonia e a desarmonia, entre o conflito e a sociabilidade.

## — Abstract —

---

This dissertation analyses "weblogs" – popularly termed "blogs" – as a contemporary social phenomenon that engenders a specific form of presentation of the self. Blogs are defined as a modality of "on-line" personal publication where the subject enacts himself and his daily life, constantly interacting with others and attaining the potentiality of being seen and of interacting. What nurtures blogs is not, therefore, tied up to "intimacy" or "private life". It is an invented, dramatized and constantly negotiated daily life which becomes bestowed inside specific social contexts. Thus, in the approximatory field between Symbolic Anthropology, Symbolic Interactionism, and Speech Ethnography, I have attempted to understand how bloggers display themselves, what competences are mobilized in their performances, and what are the contexts that emerge out of such activity. Despite the always emphasized desire to permanently conquer wider audiences, the analysis has shown that the social life in the universe of blogs unfolds in the densities of the nets, where relationships are built and are kept by means of bonds of reciprocity, by the daily interchange of visits, comments and links. It is in the backdrop of these local "blogospheres", where subjects construct themselves through their relationship with others that blogs are constituted as a daily and procedural experience, which builds up in a constant movement between harmony and discord, between conflict and sociability.

## — Sumário —

---

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - Da metrópole às redes sócio-técnicas: a caminho de uma antropologia no ciberespaço .....</b>	<b>19</b>
1. Os estudos urbanos e a noção de sociedades complexas.....	19
2. O “ciberespaço” como uma instância da vida social contemporânea .....	24
3. Sociabilidade em rede: experiências locais no espaço-tempo global.....	37
4. O universo dos blogs: gênese, expansão e caracterização .....	42
<i>Internet, WWW e o “espírito hacker” .....</i>	<i>42</i>
<i>Dos websites aos weblogs: o fenômeno da publicação pessoal e independente.....</i>	<i>50</i>
<i>Afinal, o que são blogs?.....</i>	<i>57</i>
<b>Capítulo 2 - Blog: uma apresentação sócio-técnica do eu.....</b>	<b>66</b>
1. O <i>encontro etnográfico</i> e a constituição do campo da pesquisa .....	66
2. Criando blogs e blogueiros no domínio da interface.....	73
3. O eu em cena, o eu em rede: enfim, a <i>apresentação</i> .....	90
<b>Capítulo 3 - Colocando experiências em circulação: performance e reciprocidade no universo dos blogs .....</b>	<b>104</b>
1. <i>Performance narrativa</i> : uma perspectiva de análise .....	104
2. O cotidiano em performance no universo dos blogs .....	112
<i>Entre “pioneiros” e “überblogueiros”: a constituição do “bom blogueiro” .....</i>	<i>136</i>
<i>Vivendo para contar: o blog como experiência e performance cotidiana .....</i>	<i>152</i>
3. Trocando visitas, comentários e links: a performance da reciprocidade no universo dos blogs .....	168
<i>Entre anfitriões e visitantes: relações de hospitalidade nos blogs .....</i>	<i>169</i>
<i>Os comentários e a participação nos circuitos de trocas.....</i>	<i>184</i>
<i>Os links e os vínculos sociais: quando “gentileza gera gentileza” .....</i>	<i>192</i>
<b>Capítulo 4 - A vida social na “blogosfera”: Dramas sociais e experiência de comunidade nas densidades das redes.....</b>	<b>206</b>
1. O <i>Chá entre amigas</i> : solidariedade e reciprocidade entre as <i>Ligeiramente Grávidas</i> ..	209

2. Uma “cruzada contra as pafúncias”: drama, criatividade e transformação numa rede de “blogueiros imigrantes” .....	229
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>261</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>274</b>
Material Jornalístico .....	281
Fontes dos Dados Estatísticos .....	282

## — Introdução —

---

Este trabalho se insere no contexto de uma trajetória de pesquisa iniciada logo nos meus primeiros anos de graduação em Ciências Sociais, na minha “iniciação científica”. Na época, e já se vão dez anos, os estudos do “ciberespaço” se voltavam para as “novas formas de sociabilidade” geradas na interface com a tecnologia. Quais as especificidades das interações “on-line” diante das possibilidades e limitações do “meio virtual”? Quais as estratégias comunicativas específicas que orientam tais interações; ou, ainda, como as performances individuais se apresentam na ausência daqueles elementos tipicamente presentes no face a face, como a aparência física, a gestualidade, a voz? Qual a consistência das relações sociais construídas no “ciberespaço”? Quais são e como se manifestam as relações entre experiências “on-line” e “off-line”? Questões como estas conduziram uma série de pesquisas centradas na análise da dinâmica social produzida em modalidades específicas de “comunicação mediada por computador”. H. Rheingold (1993), na “comunidade Well”<sup>1</sup>, R. MacKinnon (1992) e N. Baym (1995), nos *newsgroups*, e E. Reid (1991, 1994), nos MOOD’s e *chats*<sup>2</sup>, foram pioneiros ao buscarem compreender como os sujeitos se apresentam, quais as estratégias mobilizadas nas interações e como se constrói um “sentido de comunidade” nos espaços sociais criados em cada uma dessas modalidades.

Em termos metodológicos, os estudiosos da “comunicação mediada por computador” se viram, ainda, diante do desafio de pensar sobre os modos de se fazer pesquisa no “ciberespaço”. Esta discussão se configurou principalmente no campo da Comunicação, tendo como pano de fundo a questão sobre se a Internet se constituía num “meio” – no mesmo sentido que o termo é habitualmente usado nos estudos da mídia – e se, portanto, poderia ser situada num “departamento” a parte, tal como já acontecia nos estudos das outras mídias (imprensa escrita, televisão, rádio. etc.) (Jones, 1999; Reed, 2000). Em suma, esse debate

---

<sup>1</sup> Acrônimo para *Whole Earth ‘Lectronic Link*: criada em 1985 como uma rede local que cobria a área da baía de San Francisco (Califórnia, EUA), a Well se expandiu acompanhando o crescimento da Internet e se configurou como um sistema de conferência eletrônica no qual os “associados” podiam se engajar em conversações ou em trocas privadas de e-mail.

<sup>2</sup> Estas e outras modalidades de “comunicação mediada por computador” serão detalhadas no primeiro capítulo deste trabalho.

provocou a emergência de diferentes abordagens acerca da metodologia de pesquisa no “ciberespaço”, dentre elas as que se questionavam sobre a relação entre pesquisadores e sujeitos pesquisados na interface com a tecnologia, apontando para a relevância da “observação-participante” e do trabalho etnográfico na compreensão das interações “on-line” (Kendall, 1999; Paccagnella, 1997).

Foi nesse quadro que iniciei meus estudos, tomando por objeto de investigação as listas eletrônicas de discussão que se destacavam pela potencialidade de se constituírem enquanto espaços permanentes para o desenvolvimento de atividades em cooperação. Busquei, num primeiro momento, descrever padrões comportamentais básicos de cooperação científica em listas de discussão com propósitos mais ou menos específicos<sup>3</sup>. Contudo, deparei-me com espaços sociais onde, mais do que informações e mensagens, circulavam atos de linguagem que colocavam em jogo a reciprocidade e a negociação entre atores sociais. Em outras palavras, tratava-se de instâncias interativas onde os laços de entendimento construídos entre os participantes pareciam estar acima dos propósitos mais objetivos da cooperação científica.

Esses apontamentos iniciais me desafiaram a aprofundar meus estudos, no sentido de identificar as formas sociais específicas que as interações desenroladas em listas de discussão produziam e buscando compreender como tais formas se articulavam na definição de cada espaço, de cada grupo.

Na pesquisa de mestrado centrei-me, então, na análise da dinâmica social estabelecida em uma lista de discussão específica: a lista Cibercultura<sup>4</sup>, criada como espaço de debate permanente sobre as particularidades da “cibercultura” no Brasil e no mundo. Considerando que se tratava de uma modalidade de comunicação na qual o principal meio de expressão é o texto escrito, procurei identificar os sistemas simbólicos construídos e compartilhados pelos participantes da lista e como que estes operavam enquanto indicadores de pertença a um grupo, a uma “comunidade” singular. Partindo do referencial metodológico e conceitual da Etnografia da Fala (Hymes, 1969; 1974a; 1974b), foi possível, assim,

---

<sup>3</sup> Pesquisa que desenvolvi entre os anos de 1996 e 1998 no quadro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq, já sob a orientação do Prof. Theophilos Rifiotis. Esta pesquisa serviu de base para a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso nas Ciências Sociais (UFSC), intitulado *Internet: novos caminhos de socialização. Um estudo das listas de discussão* (1998). Um relato mais detalhado sobre esse antecedente de pesquisa foi feito, também, em minha dissertação de mestrado (2002).

<sup>4</sup> Lista de discussão criada em 1996 pelo Ciberpesquisa, grupo de estudos ligado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, UFBA.

identificar um *padrão comunicativo*, composto por conjuntos de códigos sociais e regras de interação, que deveria ser apreendido pelos participantes como parte da *competência comunicativa* necessária para interagir no grupo. Incluindo desde os aspectos formais das mensagens até os códigos relativos à temática da lista, esse padrão comunicativo se construía num processo de negociação permanente que, por sua vez, se realizava entre situações de conflito, configuradas diante do reconhecimento da quebra de alguma das normas interacionais, e de sociabilidade, onde prevalecia a pura interação, o sentimento de “estar-junto” (Simmel, 1983). As situações de conflito se destacaram pela intensidade das interações, voltadas principalmente ao resgate dos elementos unificadores do grupo, que lhe conferiam um sentido de “comunidade”<sup>5</sup>.

Essas experiências de pesquisa apontaram para a importância do trabalho etnográfico para a compreensão da produtividade social do “ciberespaço”. Elas permitiram-me perceber que a existência social desses espaços criados na “comunicação mediada por computador” está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação. Com base na abordagem de Geertz (1989) sobre a cultura, podemos dizer que esses padrões não só *informam* sobre os grupos e os sujeitos, fornecendo *modelos da* cultura, como também os *formam*, fornecendo *modelos para* a cultura. Daí a necessidade de uma abordagem sempre contextual, que busque apreender as especificidades de cada modalidade e grupo, considerando-se que os aspectos relativos à interação num dado contexto social só adquirem significado se analisados no seu próprio registro. Isso não exclui, certamente, a possibilidade de determinados aspectos ou padrões comunicativos relacionados a uma modalidade ou grupo específico serem extensíveis as outras modalidades de “comunicação mediada por computador” e/ou situações de interação face a face.

Sob essa perspectiva, a polaridade ideológica entre “apocalípticos” e “apologéticos”, que marcou a fundação do campo de estudos do “ciberespaço”, perde a sua centralidade. Não estamos mais tratando de um ‘mundo paralelo’, caracterizado ou pelo seu potencial democratizante decorrente da universalização dos meios de comunicação, como sugere P. Lévy (1999), ou pelo seu potencial destrutivo decorrente de uma mediatização, massificação e

---

<sup>5</sup> Ver Máximo, 2002. Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, PPGAS/UFSC.

desrealização generalizada, como diriam P. Virilio (1993) e J. Baudrillard (1996)<sup>6</sup>. Ao contrário, percebemos esse universo como estando permeado por fronteiras simbólicas, que demarcam segmentos mais ou menos delimitados, definidos em termos de padrões comunicativos cuja constituição implica num processo de constante negociação e não se reduz às possibilidades e limitações colocadas pela modalidade, pela presença da interface tecnológica. Desse modo, o “ciberespaço” pode ser pensado como uma dimensão constitutiva das sociedades complexas caracterizadas, segundo G. Velho (1994, p. 39), por um intenso processo de interação entre segmentos diferenciados e por grande mobilidade material e simbólica. Conseqüentemente desloca-se o foco sobre as definições apriorísticas de “cibercultura”, “comunidades virtuais”, etc. para se dar lugar às interrogações sobre como se constroem essas fronteiras simbólicas, criando-se condições para revisarmos criticamente os conceitos e princípios metodológicos da antropologia e nos colocarmos na direção de uma antropologia *no* ciberespaço (Rifiotis, 2002).

Foi com esses pressupostos e com esse desafio que iniciei a pesquisa de doutorado, voltando-me para os blogs, os blogueiros e suas performances e buscando compreender como os sujeitos atuam e se constroem nesses espaços, colaborando na geração de contextos que ultrapassam os limites dos grupos e se configuram nos termos de redes de relações sociais.

Os blogs surgem na Internet como modalidades de publicação “on-line” baseadas num desdobramento dos “sites pessoais”, e se disseminam a partir de serviços e ferramentas especializadas que não só facilitam a publicação, quanto aos conhecimentos e habilidades necessárias para a edição e atualização de um site, como também consolidam um modelo a partir do qual se define tecnicamente o que é um blog: uma sucessão de entradas datadas, chamadas de “posts”, organizadas em ordem cronológica inversa (das mais recentes para as mais antigas) e munidas de espaços para a inserção de comentários dos leitores.

Além disso, deve-se dizer que os blogs surgem em meio a um conjunto de fenômenos que enfatizam a “liberdade de expressão” e de “colaboração” em rede, como os movimentos em torno dos “softwares livres”, que se desdobram numa série de ações voltadas à universalização dos meios de produção e de acesso às tecnologias, às informações e ao

---

<sup>6</sup> As formas pelas quais se costuma definir essas posições polarizadas sobre o “tipo” de sociedade construída na presença das tecnologias digitais se apóiam, freqüentemente, na divisão que Umberto Eco (1985) propôs para pensar as reações face à cultura de massas e às indústrias culturais: de um lado os “apocalípticos”, que consideravam que a massificação da produção e consumo resultaria na perda da essência da criação artística; do outro lado os “integrados”, que acreditavam estar perante enormes avanços civilizadores e de uma efetiva democratização da cultura.

conhecimento. Como será apresentado no primeiro capítulo, esses movimentos se encontram na origem da própria Internet, configurando-se em torno de ideais de democratização e de inversão da lógica do mercado e da divisão social do trabalho, sustentados na potencialidade descentralizadora e interativa das redes digitais. Aqui, a postura “apologética” acerca do “ciberespaço” passa a ser compreendida como um discurso nativo, também ideológico, que forma e informa o contexto mais geral no qual se pode situar o surgimento e a disseminação dos blogs.

Dentro desse contexto geral, os blogs adquirem visibilidade e significância na esteira de um fenômeno em particular: a expressão da experiência pessoal e cotidiana na Internet. Trata-se de uma tendência anunciada em meados dos anos 90, quando alguns “sites pessoais” passaram a ser preenchidos, de forma sistemática, com relatos e apontamentos do dia-a-dia dos seus autores, com certa ênfase para aqueles episódios freqüentemente entendidos como pertencentes à esfera da “vida privada” ou da “intimidade”. O sucesso desses sites em termos de número de acessos (de audiência<sup>7</sup>) criou um apelo comercial que impulsionou, em grande parte, a criação de serviços que facilitassem a publicação pessoal na Internet e, ao mesmo tempo, dessem conta do formato e da dinâmica de atualização que se configuravam. O termo blog, ou *weblog*, destinou-se, então, à denominação daquilo que passou a ser freqüentemente entendido como uma re-edição dos “diários íntimos” tradicionais e a ser chamado, também, de “diários virtuais”.

Autores como Carvalho (2001), Lemos (2002) e Schittine (2004) sugerem, nesse sentido, que os blogs possam ser pensados como um fenômeno de publicização dos “diários íntimos”. Contudo, o posicionamento que adoto nesta tese é o de que esse entendimento, ao pressupor uma passagem quase direta daquilo que é do domínio da “intimidade” para o domínio público, reduz significativamente a complexidade dos processos implicados nesse fenômeno.

Compreende-se, aqui, que o que se expressa nos blogs não é a “vida como ela é”, mas um cotidiano encenado, dramatizado por meio de jogos performáticos que ensejam uma *apresentação do eu*. A abordagem interacionista de E. Goffman (1995) serviu, nesse sentido, como um ponto de partida para a análise. Ao descrever a estrutura das interações face a face,

---

<sup>7</sup> Apesar do termo “audiência” ser relativo ao que é audível, e não escrito, ele é freqüentemente utilizado para designar o universo de leitores de um site, em especial dos blogs. Nesse sentido, ele será apropriado, nesta tese, como uma categoria descritiva.

o autor compreendeu que dada uma situação interativa, cada sujeito que se encontra na presença de outros é levado a *apresentar* a si mesmo, projetando uma definição do ‘eu’ nos termos de uma *pessoa* socialmente aceitável. Em outras palavras, por meio de metáforas dramáticas o autor argumenta que, em interação, os sujeitos atuam, desempenhando papéis sociais, e devem controlar a impressão que os outros recebem da sua atuação. Por sua vez, esse processo não se dá fora de uma gramática interacional, de um conjunto de normas, códigos e regras sociais relativas ao contexto específico em que a interação se desenvolve, que devem ser conhecidas e reconhecidas pelos participantes que colaboram na construção de uma “definição geral da situação” (ibid, p. 18).

Lemos (2002) também considera a possibilidade de pensarmos os blogs nos termos da abordagem dramática de Goffman, porém, o autor não aprofunda sua análise a ponto de considerar o caráter contextual dessas apresentações. Para ele, os blogs podem ser considerados como “formas de apresentação do eu no ciberespaço”, onde a “vida comum transforma-se em algo particular, compartilhado por milhões de olhos potenciais”.

O presente trabalho procura mostrar, ao longo dos quatro capítulos, que a prática do “blogging” implica na produção de redes de relações sociais baseadas no compartilhamento de interesses, sentimentos, pontos de vista, expectativas, etc., para as quais e nas quais os sujeitos se apresentam. Ou seja, o que alimenta os blogs é da ordem da experiência cotidiana em todas as esferas em que ela se realiza, mas tudo o que é contado é, na verdade, *performato* de modo a se tornar compartilhável num contexto marcado por afinidades, onde os blogueiros se constroem *em e na* relação com o outro e desempenham papéis sociais diferenciados. É a partir desses contextos, onde os blogueiros se ligam entre si por meio de atos de reciprocidade – a troca diária de visitas, comentários e links –, que se consegue alcançar audiências mais amplas e diversificadas. Assim sendo, os blogs se constituem numa *maneira de fazer* (Certeau, 1994) associada às demais práticas que compõem a vida cotidiana e que está subordinada às táticas, aos gestos, a uma etiqueta social compartilhada e constantemente negociada em cada contexto específico.

Nesse sentido, a prática do “blogging” foi analisada simultaneamente sob dois enfoques: o enfoque nos eventos narrados nos blogs, compreendidos como *expressões das experiências* (Bruner, 1986), e o enfoque nos eventos produzidos nos blogs, compreendidos como *eventos performáticos* (Bauman, 1977), disparados por uma *competência comunicativa* e que se destacam pelo seu caráter contextual, emergente e constitutivo. Por *expressões* entende-se a experiência falada, comunicada, colocada em forma compartilhável, cuja

produção envolve uma atividade processual enraizada numa situação social particular. Nos blogs, essas expressões emergem no âmbito de *eventos performáticos* nos quais os blogueiros contam suas experiências ao mesmo tempo em que as transformam na experiência das suas audiências, que são convocadas a participar, comentar e acrescentar novos elementos ao que está sendo contado. Desenvolvida principalmente no campo da Etnografia da Fala, essa “perspectiva performática” permite compreendermos que as falas dos blogueiros – as expressões das suas experiências – tanto emergem de contextos interativos quanto colaboram na construção destes contextos mantendo, assim, o fluxo da vida social.

Essa abordagem pressupõe uma concepção de cultura como algo dinâmico, que emerge na interação entre atores sociais conscientes, interpretativos e subjetivos que estão constantemente produzindo cultura. Trata-se de uma concepção formulada na aproximação entre os campos do Interacionismo Simbólico, da Antropologia Simbólica e da Etnografia da Fala, que considera a criatividade, as manifestações expressivas de todo gênero e as possibilidades de transformação como aspectos importantes na produção da cultura (Langdon, 1999). Foi situada neste campo que procurei explorar as dinâmicas expressivas estabelecidas nos blogs nos contextos em que elas são produzidas, considerando os blogueiros e suas audiências – suas platéias – como participantes e produtores de eventos performáticos que se sucedem post a post fazendo do “blogging” uma prática cotidiana. Uma prática que se constrói na fronteira entre o “on-line” e o “off-line”, tanto porque constitui mais uma instância de narrativização da vida cotidiana quanto porque se transforma numa experiência para ser vivida, compondo, assim, a cena social contemporânea. Ligados em rede, os blogueiros participam de contextos sociais mais ou menos delimitados pelo conjunto de interesses e propósitos compartilhados, onde colaboram na construção de *definições comuns da realidade*, mas, ao mesmo tempo, tornam-se elos de ligação entre diferentes ‘mundos’, entre diferentes *províncias de significados*, fazendo do universo dos blogs uma dimensão das sociedades complexas (Velho, 1987; 1994).

Dentro desse quadro geral de análise, a tese se estrutura em quatro capítulos que se apresentam da seguinte forma.

No primeiro capítulo, o “ciberespaço” e, em especial, o universo dos blogs, serão situados no contexto das chamadas sociedades complexas. Para tanto, remeto-me inicialmente aos estudos urbanos desenvolvidos no quadro da Escola de Chicago que, ao descreverem o “moderno estilo de vida” produzido principalmente nas grandes cidades e metrópoles do início do século XX, constituíram-se numa referência fundamental para os estudos da

contemporaneidade. O Interacionismo Simbólico e, posteriormente, as abordagens de M. Maffesoli (1998, 2004), G. Velho (1987, 1994), dentre outras, encontraram nessa referência um ponto de partida para a compreensão das formas pelas quais os sujeitos se constroem e interagem num cenário marcado pela fragmentação e diferenciação de papéis e domínios sociais. É dentro deste quadro que procuro caracterizar o universo dos blogs, apresentando-o primeiramente nos termos da sua gênese e expansão.

No segundo capítulo, a constituição do campo em que se realizou a pesquisa é abordada, num certo sentido, como um primeiro viés para a compreensão dos processos engendrados na prática do “blogging”. Buscando as condições para uma antropologia dialógica e polifônica, realizada no contexto de um *encontro etnográfico* (Clifford, 1991), fui levada a elaborar a minha própria *apresentação do eu* na medida em que construía a ‘minha’ rede de relações sociais. O fato é que minha inserção em campo dependeu essencialmente de uma disposição para compartilhar minhas experiências pessoais no interior de contextos relativamente delimitados por propósitos, interesses e pontos de vista comuns, nos quais a identidade da “observadora-participante” ou da “participante-observadora” foi permanentemente negociada. À apresentação do campo da pesquisa prossigo, então, com a análise do processo de criação do blog, destacando o entrelaçamento entre aspectos técnicos e sociais na configuração da *competência comunicativa* do blogueiro. Procuro mostrar, nesse sentido, que a atuação do blogueiro no nível da interface tecnológica – especificamente da ferramenta para a confecção, publicação e atualização do blog –, e suas habilidades para manipular a linguagem de programação do blog, estão intimamente relacionadas com os aspectos relativos ao contexto social no qual e para o qual ele se apresenta. O blog se constitui assim, não no instrumento através do qual o blogueiro atua, mas sim, na própria imagem que ele projeta de si na presença do outros, que é, em última instância, a imagem de um eu que só se realiza na potencialidade de ser visto e de interagir.

Compreendendo, então, que estar na cena do universo dos blogs é, acima de tudo, estar em rede compartilhando experiências através de *expressões*, é que analiso, no terceiro capítulo, as falas dos blogueiros, como elas se organizam e invocam o engajamento da audiência, operando na construção permanente dos contextos sociais nos quais os blogueiros participam e adquirem sentido de existência social. Concebendo-os como *performances narrativas* (Bauman, 1986), que invocam os *eventos narrados* reconstruindo-os no âmbito de *eventos narrativos*, os posts foram considerados especialmente pelo poder que seu apelo formal – expresso em textos, imagens e hipertexto – tem de trazer a experiência cotidiana do

blogueiro para a interação, transformando-a na experiência da audiência seja para o divertimento, a informação ou reflexão. O argumento central desse capítulo é o de que, ao mesmo tempo em que o “blogging” se constitui numa *performance do cotidiano*, na medida em que coloca as experiências em formas compartilháveis, ele também se constitui numa *performance cotidiana*, pois depende da atividade constante, diária, do blogueiro na manutenção da sua presença numa rede de relações sociais.

Na segunda parte do terceiro capítulo serão analisadas, então, as principais estratégias comunicativas elaboradas no sentido da instituição dessa presença, que remetem, por sua vez, para dinâmicas de reciprocidade realizadas em circuitos de trocas de visitas, comentários e links. Isso aponta para o fato de que a vida social no universo dos blogs se constitui nas *densidades* das redes: ali onde os vínculos se mantêm pelas relações de hospitalidade estabelecidas entre os blogueiros, que se fazem anfitriões nos seus próprios blogs e visitantes nos blogs daqueles que integram à sua “blogosfera”. É nesses contextos locais que os blogueiros se constituem como sujeitos singulares, que desempenham papéis sociais específicos e emergem como *pessoas* que só existem na relação com o outro.

No quarto capítulo enfoco, então, a dinâmica social estabelecida no interior das “blogosferas” onde, em momentos especiais, emergem experiências de ordem “comunitária”. As observações evidenciaram, nesse sentido, que no âmbito das *densidades* das redes configuram-se situações em que os blogueiros devem se expressar em relação à quebra ou ruptura de um valor, princípio, tema e código interacional de caráter unificador, colocando em jogo as aspirações de continuidade de grupos e redes locais. Analisadas sob a perspectiva do *drama social* (Turner, 1981), ou seja, como um processo que envolve o estabelecimento, a compensação e a resolução de uma crise, tais situações se destacaram pela intensidade interativa e pela geração de ações performáticas voltadas especialmente para o reconhecimento de um cisma – de um rompimento – e/ou para a reintegração das relações sociais. A vida social no universo dos blogs se define, assim, como um *processo*, que se estabelece em contextos mais ou menos delimitados por afinidades e *modos* de expressão da experiência cotidiana, e que se coloca permanentemente na direção da continuidade e transformação através de sucessivas experiências de harmonia e desarmonia.

## — Capítulo 1 —

# Da metrópole às redes sócio-técnicas: a caminho de uma antropologia *no* ciberespaço

---

### 1. Os estudos urbanos e a noção de sociedades complexas

Sob as condições do desenvolvimento industrial e capitalista, a chegada do século XX foi marcada pelo notável crescimento das grandes cidades, especialmente nos Estados Unidos e na Europa. As cidades se apresentavam como o lócus da modernidade, do novo, tanto pelo nível tecnológico e pela organização econômica – com o dinheiro sendo o seu símbolo por excelência –, quanto pela manifestação de “patologias sociais” tais como os problemas habitacionais e de planejamento urbano, a delinqüência e a marginalidade, o choque cultural decorrente do intenso fluxo de imigrantes, etc. A compreensão destes fenômenos, que delinearam o que ficou conhecido como *fenômeno urbano*, colocava-se como um grande desafio para as Ciências Sociais na época. Questionava-se, principalmente, sobre como se davam as relações sociais e a construção das individualidades nesses contextos marcados pela cultura de massas, a diversificação dos domínios e papéis sociais e a fragmentação individual.

Georg Simmel, que ao lado de Max Weber e Ferdinand Tönnies é considerado um dos pais da sociologia alemã, figura entre os nomes mais emblemáticos dos estudos urbanos, tendo exercido grande influência na Europa e principalmente nos Estados Unidos. O processo de transformação que Berlim – cidade onde Simmel nasceu e viveu ininterruptamente até seus cinquenta e seis anos – vivenciou entre os anos de 1858 e 1914, foi um elemento central na configuração da “teoria do moderno” e na “filosofia da cultura” do autor. Como coloca Leopoldo Waizbort (2000), um dos principais analistas do pensamento simmeliano no Brasil, a “teoria do moderno” de Simmel é o seu enfrentamento com a cidade em que viveu, pois foram suas próprias experiências que constituíram o material para sua reflexão e sua apreensão conceitual das transformações que ocorreram (ibid, p. 315). Isto explica a

centralidade que o sujeito – o “homem moderno” – adquire em sua teoria. Para Simmel, o maior problema da *vida moderna* está circunscrito no conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre “cultura interior” e “cultura exterior”, ou seja, na necessidade do indivíduo de preservar sua autonomia e sua individualidade diante “das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida” (Simmel, 1967, p. 11). Apesar de não ser uma exclusividade dos contextos urbanos, esta tensão se coloca nas grandes cidades em intensidade e frequência desconhecidas em cidades pequenas e rurais e se apresenta, segundo Waizbort (2000, p. 316), como uma configuração histórica do processo civilizatório, de diferenciação social, de identidade do eu. Trata-se de uma tensão constitutiva do “homem moderno” – do habitante da metrópole – que se concretiza e se mostra de diferentes formas.

Um dos empreendimentos de Simmel foi, portanto, a investigação do tipo de individualidade que a cidade moderna estimula e constitui, e o resultado mais conhecido deste esforço foi uma conferência inaugural para os estudos urbanos onde, sob uma perspectiva sócio-psicológica, ele descreveu aquilo que denominou de “vida mental metropolitana”. Partindo do princípio de que a mente humana é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e aquela que a precedeu, o autor argumenta que a rápida convergência de imagens súbitas, descontínuas e em constante mudança exige mais da consciência do que as impressões duradouras e pouco diferenciadas umas das outras. É justamente esta intensificação da vida psíquica que, segundo Simmel, sustenta a especificidade das individualidades metropolitanas em relação à vida rural. A conscientização crescente desenvolve a intelectualidade que preserva a vida subjetiva do indivíduo da intensa diferenciação e da velocidade da vida metropolitana (Simmel, 1967, p. 14/15).

Por sua vez, o domínio do intelecto e também da economia monetária torna a mente do homem da metrópole mais calculista e seus relacionamentos mais fundamentados no aspecto racional e, desta forma, mais adaptáveis às constantes mudanças. Em outras palavras, a objetividade do entendimento e do dinheiro deixa as qualidades individuais de lado, submersas na indiferença – na multidão, que só existe na cidade –, em contraposição à subjetividade e o sentimento que preservam a diferença e a individualidade. Em meio à massa, onde não interessa mais quem compra, entrega, faz e vende, o indivíduo tem garantida sua liberdade de ir e vir, permanecendo incógnito, anônimo (Waizbort, 2000, p. 319).

No limite da atomização da consciência e da subjetividade altamente pessoal promovida pela complexidade e extensão da vida metropolitana surge um elemento que, segundo Simmel, é especialmente característico do homem moderno: o caráter *blasé* que se

apresenta quando, em face do jorro intenso de estímulos, o homem tem embotado seu poder de discriminar, de reagir aos novos estímulos (Simmel, 1967, p. 18). Ou ainda, ao invés de um embotamento, pode-se pensar no desenvolvimento de uma capacidade de não reagir, de se fazer indiferente à quantidade de estímulos recebidos. O *blasé* é, portanto, aquele ser insensível, indiferente, saturado, que não liga para pequenas diferenças e qualidades individuais. Aliás, trata-se da mesma indiferença operada pelo dinheiro, que nivela coisas e homens, reduzindo seus valores e suas individualidades. E esta afinidade, esta interação entre o caráter *blasé* e o dinheiro, encontra sua realização mais perfeita na metrópole moderna.

No entanto, Simmel reconhece que a esfera da indiferença na vida metropolitana não é tão grande como pode parecer e que nossa atividade psíquica reage aos diferentes estímulos com sensações de alguma forma distintas. Sem ser indiferente, o comportamento social esperado em meio à multidão na grande cidade é o da “reserva” nos termos de uma leve aversão, da estranheza, de repulsões mútuas e de vários níveis de simpatia (ibid, p. 19/20). Isto quer dizer que, ao imergir na massa, o indivíduo reserva áreas inteiras da sua personalidade como propriedade privada, exercendo um controle sobre o que ele externaliza e com quem ele compartilha esse espaço interior. Alcançamos, assim, um entendimento mais claro da tensão que constituí o “homem moderno”, habitante da metrópole, na visão de Simmel: se por um lado o indivíduo nunca se viu tão livre para circular e se associar em diferentes relações e grupos sociais, por outro lado ele é constantemente levado a buscar sua individualidade e preservá-la do poder uniformizante da economia monetária, da crescente divisão social do trabalho e da multiplicidade de estímulos recebidos na grande metrópole.

Este processo é fundamental na construção do *modo de vida* tipicamente urbano, principal alvo dos estudos da chamada Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX. Fortemente influenciados pelas análises de Simmel, pesquisadores como Robert Park (1926) e Louis Wirth (1940), principais representantes dessa Escola, atentavam para as questões de tamanho, crescimento e diferenciação das cidades norte-americanas, que rapidamente passavam de cidades predominantemente agrárias para sociedades urbanas e industrializadas. O caos gerado pelo expressivo crescimento populacional e pelo intenso movimento migratório, acompanhado pela irrupção de problemas de infra-estrutura, fazia de Chicago um importante estímulo para a realização de diversas pesquisas empíricas. Ao focalizar as forças que operam na organização “ecológica” da cidade e promovem os ajustes entre indivíduos, grupos e instituições sociais, tais pesquisas colocavam em evidência a perspectiva da *ecologia humana* (Park, 1967). Tanto Park quanto Wirth se preocuparam em

definir a cidade como algo mais que um núcleo denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos, conveniências, instituições sociais e dispositivos administrativos. Ou seja, a cidade estava sendo pensada não como um mero mecanismo físico, uma construção artificial, mas como um “estado de espírito”, como um “corpo de costumes e tradições” (ibid, p. 26) ou, ainda, como um tipo distinto de organização social capaz de gerar um modo de vida específico que ultrapassa suas próprias fronteiras físicas (Wirth, 1940). Sob esta perspectiva, a cidade tem um potencial englobante, pois não é somente o habitat natural do homem moderno – civilizado –, mas também o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atrai outras localidades mais remotas, interligando diversas áreas, povos e atividades em um universo.

É nesse sentido que, segundo Wirth, o mundo moderno pode ser chamado de *urbano* (ibid, p. 90/91). Para o autor, uma cidade deve ser definida em relação ao contexto cultural geral em que surge, pois, afinal, não se trata de uma criação instantânea, mas do produto do crescimento. Ele não desconsiderou, portanto, a intensa comunicação, o trânsito, do campo em direção à cidade, o que leva a uma série de associações entre modos de vida distintos. Procurando caracterizar a vida urbana, quanto ao caráter das relações sociais e à especificidade das formas de ação e organização social, e explicar as diferenças entre cidades de variados tamanhos e tipos, Wirth atentava para três variáveis centrais: o número de habitantes, a densidade dos agrupamentos e o grau de heterogeneidade da população. Em primeiro lugar, o aumento do número de habitantes limita significativamente a possibilidade de cada um conhecer pessoalmente todos os outros. Cada habitante vê e encontra sistematicamente um grande número de pessoas no transcurso da vida diária, mas os contatos são menos intensos e mais impessoais, superficiais, transitórios e segmentários. As relações acabam, na maioria das vezes, confinadas apenas a uma pequena fração da esfera de atividade dos sujeitos envolvidos. Isso porque quanto maior o número, maior a diferenciação e a especialização dos habitantes. A densidade, por sua vez, potencializa essa diversificação dos homens e das atividades e aumenta a complexidade da estrutura social. Desta heterogeneidade decorre a mobilidade tipicamente urbana, pois, mobilizado por diferentes interesses ligados a diferentes aspectos da vida social, o indivíduo se torna membro de grupos distintos relacionados a segmentos específicos de sua personalidade. Wirth não esquece, no entanto, que esta significativa diversidade contrasta constantemente com o potencial nivelador dos grandes agrupamentos, consequência da economia monetária e dos processos de produção em massa.

Essas características, todas juntas, são constitutivas do urbanismo como um *modo de vida* que, segundo o autor, pode ser abordado empiricamente como uma estrutura física constituída de uma base populacional, uma tecnologia e uma ordem ecológica; como um sistema de organização social que envolve uma estrutura social específica, uma série de instituições e um modelo típico de relações sociais; ou, ainda, como uma constelação de atitudes, de idéias e de personalidades associadas a formas típicas de comportamentos coletivos e sujeitas a mecanismos específicos de controle social (ibid, p. 107). Para Wirth, a inter-relação entre essas perspectivas ecológica, sociológica e sócio-psicológica permite dar coerência e unidade ao complexo fenômeno do urbanismo, apresentando-o como um dos fatos mais notáveis do mundo moderno que efetivamente ultrapassa as fronteiras das cidades. Isto é, apesar da cidade ser, sem dúvida, o local característico do “modo de vida urbano”, este não se confina às cidades e aponta para um sistema de valores e relações sociais baseado numa lógica própria de organização e transformação (ibid, p. 112/113).

As análises de Simmel e, posteriormente, dos autores ligados à Escola de Chicago, protagonizaram a abertura de um campo fértil de estudos das sociedades urbano-industriais marcadas, então, pela intensificação do crescimento urbano, pela acentuada divisão social do trabalho, pela ampliação do mercado e pelas inovações tecnológicas. E a cidade, especialmente a grande metrópole – o lócus privilegiado das realizações e traços mais característicos desse tipo de sociedade – tornou-se o centro das investigações que, sob diferentes perspectivas, buscavam desvendar e compreender os processos engendrados nesse contexto de extrema heterogeneidade cultural, de diferenciação de papéis e domínios sociais.

Um dos principais responsáveis pela consolidação desse campo de estudos no Brasil foi, sem dúvida, Gilberto Velho (1987, 1994), figura emblemática no desenvolvimento da Antropologia Urbana que, através dos questionamentos teóricos e metodológicos que suscitou no seio da disciplina, contribuiu significativamente para a consolidação da antropologia brasileira e sua expansão em cenário internacional (Rifiotis, 2002). Velho nos munuiu de importantes conceitos e referenciais que permitem situar os estudos das formas sociais produzidas no “ciberespaço” no âmbito dos estudos das *sociedades complexas*.

A partir das contribuições da Escola de Chicago, Velho pensa as sociedades complexas como sendo marcadas pelas categorias sociais originadas na divisão social do trabalho e pela heterogeneidade cultural, e coloca no centro de suas preocupações a relação entre essas duas dimensões; isto é, a necessidade de verificar o peso relativo que a experiência num lado tem em relação às experiências do outro, sejam elas étnicas, religiosas, políticas,

etc. (Velho, 1987, p. 16). Ele também lembra da importância de nos atermos à percepção e ao valor dos próprios “nativos” – os sujeitos da experiência – acerca dos domínios sociais em que se encontram inseridos. Nesse sentido, Velho revê a tensão entre a “cultura exterior” e a “cultura interior”, definida por Simmel como sendo constitutiva do homem moderno, recolocando-a nos termos da contradição entre *particularizações* da experiência – restritas a certos segmentos, grupos ou indivíduos – e a *universalização* de outras experiências, que se expressam culturalmente através de símbolos – paradigmas, temas, prioridades – mais homogeneizadores (ibid, p. 18). Uma contradição que não é exclusiva das sociedades complexas, mas que nelas se coloca de modo particularmente dramático, pela heterogeneidade e variedade de experiências e costumes que nelas coexistem.

Essa contradição também se realiza no “ciberespaço” que, pelas suas inúmeras possibilidades informacionais e interativas, constitui-se numa dimensão da cultura e comunicação de massa, bem como um espaço para a realização de múltiplos encontros e laços sociais mais ou menos transitórios e superficiais. Concebido como algo além de uma mera construção técnica, como uma experiência imaginativa e social (Reid, 1991; 1994), como um campo de emergência de diferentes formas de relações sociais, papéis e definições do *self* (Rheingold, 1993), o “ciberespaço” se apresenta como um catalisador do fenômeno urbano, complexificando-o e lhe fornecendo outras possibilidades para a diversificação social e fragmentação individual. Os trabalhos centrados nas modalidades específicas de “comunicação mediada por computador” podem, assim, ser pensados na esteira dos estudos das sociedades complexas, especialmente daqueles que se dedicam às *formas de sociabilidade* características das cidades e grandes metrópoles.

## **2. O “ciberespaço” como uma instância da vida social contemporânea**

David Bell (2001, p. 21) enfatiza a importância fundamental do “simbólico” na concepção do “ciberespaço”, pensando menos numa definição generalizada desse espaço e mais nas representações que se faz dele a partir das diferentes formas pelas quais ele é visionado e experienciado. E dentre essas representações se incluem tanto aquelas provenientes da literatura de ficção científica – especialmente a literatura “cyberpunk”

popularizada por William Gibson, a quem se atribui o termo “ciberespaço”<sup>8</sup> – quanto aquelas provenientes de experiências sociais específicas, vivenciadas na “comunicação mediada por computador”, incluindo as experiências definidas pela noção de “comunidades virtuais”. Esta última noção dá conta, nesse sentido, dos grupos que emergem da reunião e colaboração em torno de interesses comuns, sejam interesses objetivos ou puramente interativos. Em outras palavras, as “comunidades virtuais” se constituem como coletivos mais ou menos permanentes que se organizam a partir das modalidades de CMC<sup>9</sup> e adquirem características próprias, pressupondo padrões articulados de relações sociais, regras, normas e linguagens desenvolvidas no próprio contexto em que ocorrem as interações (Paccagnella, 1997). Podem se formar em listas de discussão<sup>10</sup>, *newsgroups*<sup>11</sup>, MUD's (*Multiple-user Domain*)<sup>12</sup>, canais de IRC (*Internet Relay Chat*)<sup>13</sup>, de *chats* em ambientes gráficos<sup>14</sup>, de *web-chats*<sup>15</sup>, pela troca

---

<sup>8</sup> Em sua obra *Neuromancer* (1984), Gibson elabora uma definição que se tornou clássica para os estudos do "ciberespaço", referenciada até mesmo nos trabalhos mais atuais. Eis a definição citada integralmente. "*Cyberspace: a consensual hallucination experienced by billions of legitimate operators, in every nation, by children being taught mathematical concepts ... A graphical representation of data abstracted from the banks of every computer in the human system*" (ibid, p. 67). Como coloca Bell (2001, p. 22), tal definição tomou proporções quase míticas, não só porque definiu o chamado "gênero cyberpunk", mas também porque nos forneceu a primeira imagem do "ciberespaço".

<sup>9</sup> Basicamente, as modalidades de CMC são distinguidas entre as "assíncronas", aquelas que não dependem da presença simultânea dos interlocutores no evento comunicacional, e as "síncronas", aquelas que permitem a comunicação em tempo real entre dois ou mais interlocutores (Máximo, 2002, p. 37, 38). Uma abordagem detalhada das diferenças entre as principais modalidades de CMC foi realizada em minha dissertação de mestrado, *Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Ciberultura*, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2002.

<sup>10</sup> As listas eletrônicas de discussão, também conhecidas por *mailing lists*, são criadas para facilitar a discussão em grupo sobre tópicos específicos através da troca de mensagens eletrônicas. Cada lista possui um endereço eletrônico específico, um endereço de e-mail, para o qual os participantes enviam suas mensagens. O programa responsável pelo gerenciamento da lista remete, por sua vez, todas as mensagens que chegam à lista para cada um dos participantes. Sobre listas eletrônicas de discussão, ver MÁXIMO, 2002.

<sup>11</sup> Funcionando de forma semelhante às listas eletrônicas de discussão, os *newsgroups* funcionam com base num sistema de distribuição de mensagens chamado USENET. Em cada *newsgroup*, os participantes postam mensagens e artigos armazenados numa espécie de quadro eletrônico de notícias. Para acessar as mensagens é preciso que os participantes acessem o *newsgroup* através de um endereço vinculado ao sistema USENET.

<sup>12</sup> Os MUD's são jogos que funcionam com base em programas que permitem a participação simultânea de múltiplos usuários, abrindo a cada um deles o acesso a um banco de salas, saídas e outros objetos. A idéia é que os participantes interajam e explorem os espaços onde se encontram, numa dinâmica semelhante ao *Role-playing Game* (RPG).

<sup>13</sup> O IRC é um serviço de comunicação que permite que dois ou mais usuários troquem mensagens escritas em tempo real. As interações acontecem em "canais", onde as conversas podem ser públicas, entre todos os participantes do grupo, ou privadas, entre apenas dois participantes. Sobre a dinâmica interativa em canais de IRC, ver SILVA, Ana Maria C. da, 2000.

<sup>14</sup> *Chats* em ambientes gráficos funcionam a partir de programas como o Palace, que opera de modo semelhante ao IRC, oferecendo canais – *salas* – para a conversação pública e privada. A diferença é que, no Palace, as *salas* são graficamente representadas e nelas os usuários dispõem de objetos a partir dos quais podem construir "avatares" que o representarão no ambiente. Sobre o Palace e as particularidades das interações ocorridas nestes ambientes gráficos ver GUIMARÃES JR., Mário J. L., 2000.

de mensagens instantâneas em dispositivos como o ICQ e o MSN<sup>16</sup> ou em qualquer outra ferramenta compreendida pela noção de CMC.

Pesquisas como a de Reid (1994), MacKinnon (1992), Baym (1995) podem ser consideradas pioneiras na análise das dinâmicas sociais engendradas em cada uma dessas modalidades, com atenção especial para os processos de formação e manutenção dos grupos com seus padrões comunicativos, estruturas de poder e estratégias de regulamentação social particulares. Nos “canais” de IRC, Reid constatou que a predominância do texto escrito e a ausência de características físicas dos atores permitem que certas normas sociais convencionais nas interações face a face sejam desafiadas e que determinados aspectos das personalidades – inibidos em outras circunstâncias – sejam exercitados. Nesse processo, coloca a autora, indicadores como posição social, idade e autoridade são re-configurados dando lugar a novas hierarquias e autoridades que compõem espaços e fronteiras sociais singulares. Numa perspectiva semelhante, MacKinnon analisou a dinâmica social no interior dos *newsgroups*, enfatizando as formas pelas quais os indivíduos se apresentam nestes espaços, também caracterizados pela predominância da linguagem escrita. Nesse sentido, o autor concluiu que a consolidação de uma identidade coletiva, sustentada na memória do grupo, é fundamental no processo de construção das identidades individuais e na participação dos indivíduos nas interações. Baym segue na mesma direção, chamando atenção para as “performances de humor”, fundadas sobre normas e conhecimentos compartilhados pelos participantes dos *newsgroups*. Ou seja, as formas pelas quais os indivíduos manifestam o humor nas suas intervenções são construídas e negociadas no decorrer das interações, como parte de um sistema de linguagem singular que se torna indicador da identidade e individualidade do grupo. Trata-se, segundo Baym, de uma dimensão fundamental na criação da vida social do grupo que lhe confere um sentido de “comunidade” e lhe fornece caminhos para a negociação de seus dilemas.

---

<sup>15</sup> Os *web-chats* são modalidades de comunicação *sincrônica* semelhantes ao IRC, com a diferença que funcionam com base na WWW. É comum que os grandes portais de informação ofereçam serviços de *web-chats* para a interação em torno dos mais diferentes assuntos e interesses.

<sup>16</sup> ICQ é uma forma sincopada da expressão I seek you, que expressa a característica principal do programa: a possibilidade de procurar outros usuários cadastrados no serviço, conhecidos ou não, que eventualmente possam fazer parte da sua "lista de contatos". O ICQ inaugura uma modalidade de comunicação mediada por computador bastante utilizada hoje em dia na Internet, que congrega o correio eletrônico e a conversa em tempo real. O MSN disponibiliza basicamente o mesmo serviço que o ICQ, tendo sido desenvolvido pela Microsoft. Versões mais atuais do MSN permitem o envio de arquivos, a utilização de câmeras – as webcams –, e a conversação por sistema de áudio.

Todos esses autores nos colocam diante de jogos permanentes com os limites e possibilidades de expressão em cada modalidade. Das interações emergem estratégias simbólicas e crenças coletivas embrenhadas em redes de significados verbais e textuais e em sistemas de entendimento próprios que definem, para cada grupo, uma “cultura comum” e o sentimento de pertença a uma “comunidade” (Reid, 1991). Observando a dinâmica interativa estabelecida na lista eletrônica de discussão Cibercultura, analisei o processo de negociação dessas estratégias no âmbito da construção de um sistema de linguagem próprio associado aos valores sociais do grupo<sup>17</sup>. Como já foi mencionado, a partir dos conceitos propostos no campo da Etnografia da Fala (Hymes, 1972a; 1972b), pôde-se compreender que esse sistema de linguagem é apreendido pelos participantes da lista como um indicador de pertença à “comunidade” definindo, assim, a *competência comunicativa* necessária para interagir no e com o grupo. Tal competência se constitui no reconhecimento das regras e códigos relativos ao “como falar”, “o que falar”, “quando” (e para quem) falar, que possibilita aos participantes agirem de modos socialmente apropriados nesse contexto interativo específico. Num processo que envolve sociabilidade e conflito, os participantes da lista se engajam, enfim, numa negociação permanente dos aspectos que conferem identidade ao grupo (Máximo, 2002; 2003).

As conclusões alcançadas por esses estudos apontam, portanto, para a possibilidade de pensarmos as dinâmicas interativas engendradas na “comunicação mediada por computador” no âmbito dos processos contemporâneos de construção e de negociação das identidades individuais e coletivas. Em outras palavras, pode-se dizer que conceitos e abordagens originalmente centradas em situações face a face, desenvolvidos a partir da identificação dos traços típicos da vida social nas sociedades complexas, têm o potencial de explicar as formas sociais produzidas no “ciberespaço”. Uma base para essa reflexão é a abordagem do Interacionismo Simbólico, que se desenvolveu como um desdobramento dos estudos da Escola de Chicago se debruçando sobre o cotidiano das interações face a face, especialmente sobre as ações dos indivíduos em situações de presença física e imediata de outros.

---

<sup>17</sup> Trata-se da pesquisa com base na qual elaborei minha dissertação de mestrado, Compartilhando "regras de fala": interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura, defendida em 2002 no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC.

Consolidado na convergência entre os campos da filosofia, psicologia e sociologia, o interacionismo definiu a *interação* como o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca num dado contexto social, colocando-se nos diferentes pontos de vista dos membros de seu grupo, como num “jogo de papéis” (Winkin, 1998, p. 100). Este conceito implica basicamente numa distinção entre *comportamento* e *ação*, sendo que o primeiro inclui tudo o que o indivíduo faz e o segundo consiste num comportamento intencional, fruto de uma tomada de consciência de si mesmo – do *self* – e fundamentado na idéia de como os outros o interpretarão e a ele reagirão (Mead, 1938; Shütz, 1975). O conceito de *interação* se define, portanto, pela consideração de ações individuais no âmbito de um conjunto de ações inter-relacionadas. Combinando a visão teórica herdada de Simmel e de Park com a metáfora teatral usada por Keneth Burke para explicar a linguagem da vida cotidiana (o comportamento social de todo indivíduo é como o de um ator em cena), Erving Goffman se torna um dos representantes mais conhecidos do Interacionismo Simbólico. Em *A apresentação do ‘eu’ na vida cotidiana* (1995), o autor afirma que nas interações sociais agimos com base na percepção que fazemos das pessoas e situações; elaboramos idéias sobre o que é esperado de nós e sobre os valores, crenças e atitudes que se aplicam às situações interativas nas quais nos envolvemos. Esta abordagem coloca o indivíduo no centro da definição de uma situação interativa, *atuando* ao representar sua atividade perante os outros. Segundo Goffman, o indivíduo projeta uma definição da situação quando chega à presença dos outros, informando-os a respeito do que *é* e do que eles devem entender por *é*. A partir daí, ele terá de controlar a impressão que estes recebem da situação.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queria dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos (Park, 1950 *apud* Goffman, 1995, p. 27).

Esse entendimento se aplica também aos encontros ocorridos na Internet. Ao nos colocarmos na presença de outros, seja numa lista de discussão ou numa sala de bate-papo, nossa participação na interação depende de uma *apresentação* no sentido apontado por Goffman: é a partir da percepção que fazemos dos outros, das suas expectativas e da situação como um todo, e da imagem que desejamos que tenham de nós, que elaboramos e desempenhamos nosso papel, nosso personagem. As características de cada modalidade de

“comunicação mediada por computador” nos colocam limitações e possibilidades específicas para essa atuação e, assim, toda e qualquer situação interativa apresenta suas especificidades.

Dessa forma nos afastamos da tendência de situar a produtividade social do “ciberespaço” numa dimensão não-real, paralela ou oposta à “vida-real”. Esta tendência é comum aos discursos mais catastrofistas, que vêem as redes de computadores e as tecnologias digitais como partes essenciais de um processo de desrealização geral, de um apocalipse cultural, de uma implosão do espaço-tempo, como diriam Baudrillard (1996) ou Virilio (1993). No nível da linguagem, essa tendência se mantém pelo uso corrente da palavra “virtual” como adjetivo do que se produz no “ciberespaço”: realidades, comunidades, e outras entidades ou acontecimentos que nele possam se organizar. Num sentido geral, a digitalização, a mediação da tela do computador e dos vários níveis de interfaces técnicas e, principalmente, a não-presença física dos atores envolvidos acaba facilitando a compreensão dessa produtividade como fruto de um processo de desrealização.

Dentre os autores que procuram pensar o “virtual” num sentido outro que não o do “não-real” está Gustavo Lins Ribeiro (2002), que insiste sobre a complexidade das relações real/virtual ao pensar na Internet como base técnico-simbólica que possibilita a emergência e potencializa o desenvolvimento de uma *comunidade transnacional imaginada-virtual*. O autor discorre sobre a *virtualidade* como uma questão que antecede as chamadas novas tecnologias da comunicação e que deve ser compreendida como uma característica humana geral, presente na nossa capacidade de simbolizar, de viver como real aquilo que existe apenas como algo “imaginado”, de criar realidades a partir de estruturas puramente abstratas antes de se tornarem acontecimentos empíricos. Ele destaca, nesse sentido, a função da virtualidade na construção dos sujeitos coletivos, “pois é a capacidade de virtualizar que nos assegura, através da linguagem, nossa participação em totalidades mais amplas que aquelas que fenomenologicamente experimentamos” (ibid, p. 3). Sob essa perspectiva, todas as comunidades podem ser pensadas como sendo *imaginadas* e *virtuais*, ao passo que não podem ser abarcadas em sua totalidade por um indivíduo e que existem, na maior parte do tempo, como potencialidade e não como realidade no seu sentido estrito<sup>18</sup>. Em outras palavras,

---

<sup>18</sup> Subjacente a essa discussão está o trabalho de Benedict Anderson (1991) e sua defesa de que o nacionalismo se origina e se expande nas bases de uma "comunidade imaginada", criada, sobretudo, pela atuação da imprensa na manutenção da crença dos indivíduos de fazer parte de uma mesma comunidade nacional.

independentemente do grau em que um dos termos da equação *imaginada-virtual*<sup>19</sup> possa se sobressair em relação ao outro, a noção de *comunidades imaginadas-virtuais* se aplica, de acordo com Ribeiro, a qualquer comunidade fundada sobre sistemas simbólicos e “tecnologias de identificação e pertença” ancoradas em suportes informacionais e comunicacionais que unificam os indivíduos em coletividades.

Esta concepção da virtualidade sustenta a distinção que o autor faz entre o *espaço-público-real* e o *espaço-público-virtual*, definidos como duas dimensões complementares na composição do *espaço-público-geral* contemporâneo. Segundo ele, as transformações sofridas pelo “espaço público” em consequência das transformações ocorridas na própria configuração das cidades e na experiência urbana, culminam não necessariamente com a extinção do “espaço público”, mas com a emergência do *espaço-público-virtual*. Por um lado, a expansão e fragmentação do tecido urbano somadas à difusão dos aparatos de compressão tempo-espaço – que incorporam velocidade e simultaneidade à vida nas cidades (como o automóvel, as auto-estradas, os meios de comunicação) – tiraram os atores sociais da situação de coopresença e interação imediata no *espaço-público-real*; mas, por outro lado, o *espaço-público-virtual* colocou-os em situação de coopresença eletrônica, mediada pelas tecnologias da comunicação e da informação. Assim sendo, o *espaço-público-virtual* emerge como a base para a construção de representações sobre totalidades imaginadas de grandes proporções, incluindo a noção de *comunidade transnacional imaginada*, bem como para a criação de múltiplas e fragmentadas comunidades virtuais (ibid, p. 12). Considerando, enfim, o trânsito permanente entre o que chama de *espaço-público-real* e o *espaço-público-virtual*, Ribeiro concebe o “ciberespaço” a partir de um paradoxo fundamental: de um lado, está sua potencialidade para ampliar o *espaço-público-geral*, possibilitando a atuação em diferentes esferas públicas e a construção e manipulação de múltiplas identidades (*personas*), e, do outro lado, sua potencialidade em exacerbar o individualismo e a solidão na medida em que possibilita às pessoas usufruírem de uma sociabilidade virtual protegendo-se da insegurança e dos malefícios que permeiam seus *espaços-públicos-reais*.

---

<sup>19</sup> No âmbito de um universo relacional onde imperam três entidades que se interpenetram - o real, o virtual e o imaginado -, a diferença entre a virtualidade e a imaginação tem, segundo Ribeiro, um fundo comum contra o qual é confrontada: o estatuto da realidade em seu sentido estrito. De acordo com o autor, a imaginação se eleva sobre uma base empírica, a imagem, da qual pode até mesmo descolar-se (e freqüentemente o faz). Já a virtualidade se refere mais a potencialidade e possibilidade de ser, de se tornar uma força no “mundo real”. Enfim, ambas se relacionam com a realidade de maneira complexa, como uma relação de trânsito (um *continuum* real/virtual/imaginado), de modo que se fosse para usar as duas palavras numa mesma afirmação, o autor diria que a virtualidade é a imaginação em processo de encontrar a completude (ibid, p. 4).

Contudo, esse controle e segurança supostamente garantidos no “ciberespaço” podem ser problematizados se considerarmos que as identidades individuais e as relações sociais não são produzidas, nem na interação face-a-face nem na “mediada por computador”, fora de tensões e constantes negociações em torno das projeções que cada indivíduo constrói das situações em que se envolve. Desse modo, é possível pensar na existência de uma dimensão virtual em toda situação de interação social, principalmente se estivermos tratando a interação nos termos de Goffman, como um “jogo de papéis”. Tomemos, nesse sentido, a definição que Pierre Lévy (1996) nos fornece sobre o *virtual*. Para Lévy, o virtual não está em oposição ao real, mas ao *atual*, sendo a virtualidade e a atualidade duas maneiras diferentes de ser (ibid, p. 15/16). O virtual não é o que não existe, mas o que existe em potência e que tende a atualizar-se, a se resolver. Na passagem do virtual para o atual se cria uma resposta, uma solução a um conjunto complexo de problemas e necessidades potenciais. Por sua vez, a virtualização faz o caminho inverso, deslocando a consistência essencial, o campo gravitacional de uma entidade (como algo solucionado, pronto) para um campo problemático que precisa ser repensado. É, portanto, na dialética entre o virtual e o atual que as realidades são engendradas: se por um lado, as realidades (sejam entidades, acontecimentos, etc.) produzem suas virtualidades na medida em que suscitam constantemente novas e velhas problemáticas que devem ser solucionadas; por outro lado, as virtualidades são constitutivas das realidades, pois são inerentes ao ser, sendo um lócus das tensões e projetos que o animam, das questões que o movem e de suas determinações.

Reverendo a perspectiva de Goffman, podemos dizer que cada situação interativa coloca um conjunto de problemas a serem permanentemente pensados e resolvidos em relação às especificidades do ambiente em que a interação se desenrola, do momento e dos atores envolvidos. No nível individual, aqueles que chegam se apresentam e devem controlar a impressão que os outros recebem de sua *pessoa*. No nível coletivo, não importa por quanto tempo durem os eventos, o importante é que o *modus vivendi* interacional implique na contribuição de todos os participantes para uma única “definição geral da situação”, no estabelecimento de um acordo quanto à conveniência de se evitar o conflito aberto de definições mesmo em face de uma grande quantidade de possíveis rupturas (Goffman, 1995, p. 18). Ou seja, a manutenção das situações interativas, sejam elas quais forem, depende de um exercício constante no plano da virtualidade por parte do conjunto de participantes.

A abordagem interacionista traz, ainda, considerações importantes sobre a natureza do sujeito da interação, pertinentes principalmente para a análise da vida social

contemporânea. Como lembra Winkin, por trás do legado conceitual do interacionismo se encontra o psicólogo e filósofo William James que, em 1890, afirmou que “um homem tem tantos ‘si sociais’ quantos forem os distintos grupos de pessoas cuja opinião lhe importa” (James, 1950 *apud* Winkin, 1998, p. 100). Isso esclarece o argumento de Goffman (1995, p. 27), segundo o qual as diferentes definições que um indivíduo projeta na presença de outros, dada a especificidade de cada situação em que se envolve, não representam falseamentos do eu, mas expressões verdadeiras daquilo que se é ou se deseja ser. O autor considera, nesse sentido, a importância da coerência da apresentação do eu em relação ao contexto em que a interação se desenvolve.

Essa importância foi enfatizada por Guimarães Jr. (2000) na sua análise das dinâmicas interativas e performances individuais em ambientes gráficos do Palace. Através de recursos gráficos especiais, esta ferramenta de CMC convida seus participantes a construir “avatares” e estabelecerem performances físicas nas salas disponíveis em cada “canal”. Isto é, os participantes têm a possibilidade de elaborarem uma representação visual de suas *personas*, no sentido mesmo da noção de *pessoa* apontado por Goffman. Nesse sentido, a movimentação do “avatar” na sala – visualizada na tela do computador –, seu posicionamento em relação aos demais participantes ou grupos de participantes, as alterações visuais que ele pode apresentar, tudo parece indicar os laços que são construídos por cada pessoa no desenrolar das interações. A construção dos “avatares” não ocorre, portanto, fora de um *campo de possibilidades* culturalmente definido (Velho, 1987), a partir de códigos e regras sociais permanentemente negociadas pelos participantes dos grupos. Sendo assim, coloca o autor, é importante que cada pessoa – representada pelo seu *avatar* – apresente estabilidade e construa sua trajetória no interior do grupo para, desta forma, garantir sua inserção e pertencimento às redes de relações sociais.

A análise de Guimarães Jr. remonta, portanto, à abordagem dramaturgical de Goffman acerca da *apresentação do eu na vida cotidiana*.

(...) verificamos que o indivíduo pode envolver profundamente o seu eu em sua identificação com um determinado papel, instituição ou grupo, e em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais que dependem dessa interação (Goffman, 1995, p. 222/223).

Trata-se de uma abordagem preocupada, em última instância, em descrever “a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata umas das outras” (*ibid*, p. 233). Deste modo, o Interacionismo

Simbólico nos oferece um modelo de análise que se aplica a qualquer contexto social, independentemente da heterogeneidade dos atores envolvidos e das interfaces em que se sustentam as interações, sejam interfaces culturais, técnicas ou combinações destas. Esse modelo é apropriado, por exemplo, por Michel Maffesoli (1998, 2004), que também atentou para a pluralidade como sendo um aspecto constitutivo do sujeito e daquilo que ele chama de *socialidade contemporânea* considerando, inclusive, as tecnologias da comunicação e da informação como personagens importantes nessa constituição.

O movimento entre a massificação e a diversificação social que Simmel apontou como sendo constitutivo da vida metropolitana, Maffesoli coloca, em *O tempo das tribos* (1998, p. 8), como sendo a tensão fundadora e característica da socialidade contemporânea. É com esta noção de socialidade que o autor pontua, entretanto, a diferença básica entre aquele período de transição entre o século XIX e XX – a “modernidade”, sobre a qual se debruçou a Escola de Chicago – e a passagem para o século atual, que nos colocou na “pós-modernidade”. Segundo Maffesoli, a vida social moderna, marcada pela divisão social do trabalho, a racionalidade e o predomínio da ordem política (manifestada principalmente na divisão de classes), deu lugar ao caldo cultural do pluralismo das possibilidades, da efervescência das situações, da multiplicidade das experiências e dos valores que dá vida às massas e é constitutiva da socialidade contemporânea (ibid, p. 93). Aqui se manifesta claramente o diálogo com Goffman. Para Maffesoli, o sujeito contemporâneo é múltiplo, fragmentado, o que não quer dizer que ele se esfacle na diversidade de papéis que desempenha.

Numa de suas obras mais recentes (2004, p. 99), o autor coloca que a *inteireza* do sujeito contemporâneo se constitui, hoje, na própria pluralidade individual, no conjunto de todas as possibilidades e potencialidades<sup>20</sup>. Dispondo-nos constantemente ao outro, somos menos *indivíduos*, indivisos e autônomos, e mais *pessoas*, aquilo que nos tornamos nos contextos das *tribos*. Somos, portanto, “mais que um” (ibid, p. 96/97). Isto é, a contemporaneidade se constitui, segundo o autor, pela evanescência do indivíduo e pela reapropriação da pessoa: no lugar das identidades estáveis, o indivíduo atualmente desfruta de

---

<sup>20</sup> Numa perspectiva semelhante, também fazendo referência a Goffman, Anthony Giddens (2002) propõe que, em meio à diversidade social contemporânea, o indivíduo apresenta tantas identidades quantos forem os diferentes contextos interativos nos quais ele se engaja. Mais do que uma fragmentação do eu, trata-se, segundo o autor, de um processo de “integração do eu” através do qual o indivíduo constrói uma “auto-identidade” singular que incorpora positivamente os elementos de diferentes ambientes numa narrativa integrada (ibid, p. 176). Voltarei a esta abordagem de Giddens adiante, na apresentação do objeto central deste trabalho.

uma série de identificações, desempenha vários papéis em cada um dos grupos, das tribos as quais se associa.

Aqui, cabe abrir um parêntese para uma breve consideração sobre essa distinção entre *indivíduo* e *pessoa* da qual fala Maffesoli e que, de certa forma, está também pressuposta na abordagem interacionista. Reporto-me, para isso, à referência clássica sobre a noção de *pessoa* na Antropologia: o ensaio de Marcel Mauss intitulado *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do "eu"* (1974a). Mostrando como a noção de pessoa se apresenta em diferentes grupos e sociedades, em diferentes momentos e sob diferentes modos de organização, de ação e pensamento, Mauss pretendeu compreender as bases sobre as quais se construiu a noção moderna de pessoa, traduzida na concepção do indivíduo ocidental. Segundo o autor, a noção de "personagem" (ou, ainda, a *persona*), implicada no papel social que cada indivíduo preenche e desempenha no seio de uma sociedade, deu lugar, no Ocidente, à "categoria do eu", tributária sobretudo do direito, do cristianismo e da psicologia. Acrescida de um sentido jurídico, moral e metafísico, a pessoa ocidental tornou-se, deste modo, uma substância racional, indivisível, individual, identificada com o conhecimento de si, com uma consciência psicológica.

Seguindo o legado de Mauss e colocando o Ocidente em perspectiva a partir de uma profunda compreensão do sistema de castas indiano (ou seja, de uma sociedade tipicamente "holista"), Louis Dumont (2000) procurou identificar no desenvolvimento do cristianismo os valores, idéias e relações que fundamentaram a emergência do *indivíduo* moderno: esse sujeito moral, independente, autônomo, essencialmente não-social e portador dos valores supremos da ideologia "individualista" moderna<sup>21</sup>. Dada a ascensão do individualismo como ideologia predominante na sociedade ocidental, a presença de aspectos holistas estaria, segundo Dumont, subordinada a uma relação hierárquica pelo que ele chama de "englobamento do contrário"<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Segundo Dumont, falar de indivíduo é falar de duas coisas basicamente: o sujeito-empírico que fala, pensa e deseja, tal como o encontramos em todas as sociedades, e o sujeito-valor, esse *ser moral* e possuidor de consciência individual que se configura na esteira do desenvolvimento do individualismo moderno. Assim, se uma sociedade "individualista" é aquela onde o indivíduo constitui um valor supremo, uma sociedade "holista" é aquela onde o valor fundamental se encontra no próprio social, no todo. (ibid, p. 37). Esta distinção entre sociedades "holistas" e "individualistas" está na base de toda teoria dumontiana.

<sup>22</sup> No posfácio de sua obra *Homo Hierarchicus* (1997), Dumont concebe a hierarquia não como uma mera cadeia de ordens superpostas, mas como uma *relação* sustentada no princípio do "englobamento do contrário". Trata-se, grosso modo, da relação que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo: ao fazer parte do conjunto esse elemento lhe é, num nível, idêntico e consubstancial, e, num outro nível, distingue-se dele ou se opõe a ele. A hierarquia consiste na combinação dessas duas preposições que, tomadas em conjunto,

Para Maffesoli, essa relação se transforma na passagem para a “pós-modernidade”, numa espécie de revitalização das experiências comunitárias marcadas pelas subjetividades, paixões e valores sentimentais partilhados acima de finalidades objetivas e contratuais. O autor sustenta a tese de que o individualismo, como paradigma para a compreensão da sociedade ocidental, enfraqueceu-se diante da multiplicidade da vida contemporânea. E esta pode ser pensada como lócus de um “neotribalismo”, construído na contramão da uniformização e despersonalização promovida pelo sistema de organização racional típico da modernidade. Há, no entanto, uma especificidade fundamental em relação aquilo que seria, na visão de Maffesoli, o “tribalismo clássico”. Diz o autor: “(...) na massa a gente se cruza, se roça, se toca, as interações se estabelecem, as cristalizações se operam e grupos se formam” (Maffesoli, 1998, p. 102). E nesse caldeirão de possibilidades quase não há mais lugar para relações e agrupamentos perenes e duradouros. A forma das relações tipicamente contemporâneas é, assim, a de pequenas entidades locais e pontuais, fluidas, efêmeras, com forte apelo emocional e estético, que se dispersam com a mesma facilidade com que se formam. São estas as tribos urbanas, que se mantêm enquanto durar o desejo de “estar-junto à toa” para além das projeções futuristas ou morais e do controle social rígido (ibid, p. 111), inscritas na ordem da socialidade contemporânea.

Deve-se considerar que Maffesoli descreve essa socialidade contemporânea inspirado em Simmel (1983) e no seu conceito de *sociabilidade*: uma *forma pura e lúdica* de sociação, que se libera dos laços com os conteúdos individuais mantendo uma relação meramente formal com a realidade<sup>23</sup>. A sociabilidade é produzida, segundo Simmel, quando o momento sociável é monopolizado pela interação ela mesma, quando se estabelece um jogo social onde o prazer de um está intimamente ligado ao prazer dos outros (ibid, p. 169). Nas

---

contradizem-se. Isto é, numa hierarquia assim definida, a complementaridade ou contradição está, sempre, contida numa unidade de ordem superior (ibid, p. 372).

<sup>23</sup> Cabe, aqui, uma breve consideração acerca da distinção que o autor faz entre *forma* e *conteúdo*. Por conteúdo, Simmel entende tudo aquilo que está presente no indivíduo em termos de orientações, impulsos, interesses e propósitos que constituem seu "sistema de ação individual" (Tenbruck, 1969, p. 69). No entanto, os conteúdos independentes são limitados em sua capacidade de expressão. É na sociação, por meio de orientações recíprocas, que os conteúdos individuais encontram a base para sua expressão. Enfim, a sociação fornece as *formas* que conectam os *conteúdos* em uma rede de relações fora da qual eles não poderiam ser relacionados e expressos. É por isso que Simmel elege as *formas de sociação* (competição, conflito, alianças, amizade, sociabilidade) como objeto privilegiado de sua sociologia formal (ibid, p. 79). Se por um lado, os conteúdos individuais constituem a matéria primeira da sociação, seja em qual for a forma que ela apresenta, por outro lado é na sociação, no estar com o outro, para um outro, contra um outro que os conteúdos individuais se desenvolvem (Simmel, 1983, p. 168). Esse movimento é fundador da vida em sociedade. Sobre a distinção entre *forma* e *conteúdo* e outros desdobramentos da sociologia formal simmeliana ver TENBRUCK, F.; WEINGARTNER, R. e LIPMAN, M. (1959).

unidades sociais originadas nesse processo privilegiam-se as experiências estéticas, lúdicas e teatrais, onde se faz de conta que todos são iguais e, ao mesmo tempo, faz-se de conta que cada um é reverenciado em particular (ibid, p. 173). E a sociabilidade se mantém enquanto durar esse “jogo”, a depender da disposição dos atores envolvidos, sem compromisso com a permanência. Desta forma os grupos se fazem e se desfazem, as conversações surgem por impulso ou oportunidade, começam e se aprofundam, se afrouxam e terminam em reuniões sociáveis cujos modos de constituição fornecem, segundo Simmel, o ideal societário daquilo que se pode ter por *liberdade de se prender* (ibid, p. 178). Assim, a sociabilidade se constitui como um princípio fundamental de toda a vida em sociedade.

No entanto, enquanto Simmel vê a vida social como sendo uma combinação entre a sociabilidade e outras formas de sociação, Maffesoli define a socialidade como a marca da contemporaneidade. Eis aí uma possível explicação para a reapropriação do termo<sup>24</sup>. Vivemos, segundo o autor, uma “impulsão de socialidade” irreprimível que se expressa, conforme a ocasião, pelo caminho da política, do acontecimento histórico, da vida subterrânea ou, não menos intensamente, da vida banal e cotidiana (Maffesoli, 1998, p. 114).

O importante é que a partir desses autores e abordagens é possível definir a vida social contemporânea como sendo composta por uma multiplicidade de esferas sociais que tendem a ser transitórias, circunstanciais e enraizadas no presente, mas cujo grau de intensidade e permanência varia de acordo com a qualidade dos laços sociais construídos durante as interações. Incluem-se aí os encontros musicais, esportivos e até mesmo científicos; as festas no estilo das *raves* ou de eventos organizados em torno da comunhão daquilo que se costuma chamar de “cultura techno”; as redes de solidariedade e grupos de ajuda mútua, e, também, os encontros que ocorrem *na* e *pela* Internet. Deste modo, “ciberespaço” se apresenta como mais uma instância implicada nessa diversificação. Eis um ponto de partida para a análise que será desenvolvida nas páginas a seguir, a partir de uma experiência etnográfica particular. O olhar será lançado sobre o cotidiano, melhor dizendo, sobre o componente relacional da vida cotidiana e sobre como ele se expressa e é experimentado no “ciberespaço”. Aproveito, nesse sentido, um dos principais ensinamentos de Maffesoli (ibid, p. 169): o de que, diante da multiplicidade social e pluralidade individual,

---

<sup>24</sup> Ao falar da *socialidade*, Maffesoli se refere literalmente à noção de *gesselligkeit*, palavra alemã originalmente usada por Simmel (*Sociologie et Epistémologie*, Paris, PUF, 1981, p. 125) e traduzida para o francês por *sociabilité*, no caso, *sociabilidade*. Em nota (1998, p. 221), o autor esclarece sua preferência em traduzir a mesma palavra alemã por *socialidade*, e não por *sociabilidade*.

para uma sociologia do cotidiano na sociedade contemporânea importam menos os indivíduos e mais as “comunidades” nas quais eles se inscrevem; importam menos as grandes histórias factuais e mais as pequenas histórias do dia-a-dia, as situações imperceptíveis que constroem a trama comunitária na qual a vida social contemporânea se embrenha. O “ciberespaço” pode ser visto, assim, como mais um espaço para os investimentos pessoais e interpessoais que se exprimem no cotidiano e nos colocam em relação com os outros, com os espaços, com os territórios, com as cidades. É, enfim, mais um espaço de realização da dialética entre as massas e as “tribos”, microgrupos e cristalizações particulares em torno da qual a vida social se organiza num movimento sem fim.

### **3. Sociabilidade em rede: experiências locais no espaço-tempo global**

No final de *O tempo das tribos*, Maffesoli desloca um pouco o foco sobre as “tribos urbanas” para o que ele chama de *jogos de proxemia* (ibid, p. 193), isto é, do vaivém constante entre as massas e as práticas locais que se realizam nos termos de redes de relações. Isso porque a constituição dos microgrupos, das “tribos”, faz-se antes a partir de um “sentimento de pertença”, pelo compartilhamento de uma ética específica e não necessariamente pela existência de fronteiras físicas, espacialmente delimitadas. Assim, a espacialidade das grandes cidades é pontuada por redes de comunicação, por uma sucessão de nós que constituem, segundo Maffesoli, a própria substância da socialidade contemporânea. Com a expansão das redes de computadores e, sobretudo, em face da produtividade social no “ciberespaço”, a noção de *rede* é retomada como perspectiva privilegiada para a percepção do social, especialmente em se tratando da sociedade contemporânea, globalizada. Aliás, o próprio Maffesoli chamou a atenção para o potencial que a comunicação eletrônica tem de criar uma matriz comunicacional onde, através de múltiplos vieses, constituem-se redes de todo tipo (esportivas, sexuais, religiosas ou outras), com temporalidades próprias que variam conforme o grau de investimento de seus protagonistas (Maffesoli, 1998, p. 194/195).

Contudo, é Manuel Castells (2000, 2003) que vai discutir com exaustão a possibilidade de pensarmos a sociedade contemporânea sob a perspectiva da rede, e faz isso a partir da disseminação das tecnologias da informação e da comunicação que, segundo ele, torna a rede uma dimensão tangível do social (2003, p. 7). Para Castells, a Internet permite que as redes exerçam toda sua flexibilidade e adaptabilidade em favor de decisões descentralizadas, de maior liberdade de expressão, enfim, de uma comunicação global e horizontal. Isso porque a Internet foi concebida como uma rede não hierárquica, onde um

ponto não é mais importante que os outros e todos podem estar ligados a todos através de conexões múltiplas e heterogêneas, de dimensões e naturezas infinitamente variáveis, onde a ruptura de uma pode ser substituída facilmente por outras diferentes. Trata-se, portanto, de uma estrutura “rizomática” que está em permanente construção e qualquer tentativa de traçar sua cartografia deve considerar suas incontáveis e indefinidas entradas e linhas de fuga<sup>25</sup>. São estas as condições que, segundo Castells, fazem da Internet a principal alavanca na transição para uma “sociedade em rede”, noção-título da célebre obra (Castells, 2000) onde ele analisa os principais aspectos da dinâmica econômica e social característica do contexto social criado com a participação central das tecnologias da informação e comunicação. A Internet parece nos conectar a tudo e a todos, como se todas as possibilidades estivessem ao alcance de um clique do *mouse*. É desta forma que somos colocados *em rede* pelas tecnologias comunicacionais, expressão e instrumentos das atuais tendências globalizantes.

O fato é que os meios de comunicação, especialmente a mídia impressa e a comunicação eletrônica, possibilita-nos a coordenação de atividades sociais sem a mediação do lugar. É esta possibilidade que define a globalização, compreendida por Giddens (1991, 2002) nos termos de uma separação do *tempo* em relação ao *espaço*. Nas palavras do próprio autor, “a globalização diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais ‘à distância’ com contextualidades locais” (Giddens, 2002, p. 27). Trata-se da possibilidade de se *agir localmente* num *espaço e tempo globais*. Esse descolamento das relações sociais de seus contextos locais – espacialmente delimitados – e sua rearticulação através de partes indeterminadas do tempo-espaço são definidos por Giddens pela noção de “desencaixe”. Segundo Stuart Hall (2002, p. 69), os mecanismos de “desencaixe” vêm, ainda, acompanhados de uma *compressão* do espaço-tempo, decorrente do encurtamento das distâncias e dos horizontes temporais provocados, principalmente, pelas

---

<sup>25</sup> Concebida desta forma, a Internet se configura como uma estrutura próxima a do “rizoma”, tal como definido por F. Guattari e G. Deleuze (2004). O conceito de “rizoma”, retirado originalmente da botânica, é ampliado por Guattari e Deleuze (2004) e colocado no centro do seu projeto de construir conceitos capazes de pensar a contemporaneidade. Nesse sentido, rejeitavam um modelo de pensamento do tipo “raiz”, que se desenvolve verticalmente, submetido a dogmas, a partir de lógicas binárias e/ou dualistas como na psicanálise freudiana, na lingüística de Chomsky ou na informática, e propunham construir um modelo de pensamento tipo “rizoma”, que se efetua através do “múltiplo”, de *mil platôs*, como sugere o título de sua obra. Dentre os princípios básicos desse conceito estão o da (1) *conexão* e o da (2) *heterogeneidade*; (3) o da *multiplicidade*; (4) o da *ruptura assignificante*; e, finalmente, o da (5) *decalcomania* e (6) *cartografia*, segundo o qual um rizoma não pode ser “decalcado” de nenhuma outra estrutura, de algo que já está dado, pois rizoma é “mapa”, aberto e desmontável, podendo ser conectado a qualquer uma de suas partes, sendo reversível e suscetível de receber montagens de qualquer natureza e podendo ser reconstruído indefinidamente (ibid, p. 22).

telecomunicações. A separação e a compressão do tempo e do espaço explicam, desta forma, o peculiar dinamismo da vida social que se realiza em redes configuradas por uma diversidade de cruzamentos na dinâmica espaço-temporal (Giddens, 2002, p. 22/24; França, 2002, p. 59). E o “ciberespaço” é um lócus por excelência para a realização e percepção dessas redes.

É o que Castells (2003) procura mostrar num de seus mais recentes trabalhos, *A Galáxia da Internet*, cujo título já indica a analogia entre o “mundo” criado pela Internet e a sociedade que viveu o advento da máquina impressora, descrita por Marshall MacLuhan (1892) como a *Galáxia de Gutenberg*. Assim como a criação de Gutenberg conectou o mundo ao possibilitar a reprodução e distribuição generalizada do conhecimento e das informações, a Internet permitiu, segundo Castells, a “comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (ibid, p. 8). Trata-se de uma rede de comunicação global, mas as realidades que nela emergem são produtos de ações humanas levadas a cabo sob condições específicas e a partir de códigos particulares que devemos compreender (ibid, p. 11/12). Aqui Castells se aproxima de Giddens (2002), situando a Internet no âmbito da dialética global/local característica da contemporaneidade. Nesse sentido, o autor aborda as formas de interação social produzidas na Internet preferindo a noção de *redes sociais* na descrição destas formas em detrimento da noção de “comunidade virtual”. Uma preferência que pretende evitar, em primeiro lugar, qualquer entendimento da Internet como fonte de formas inéditas de comunitarismo ou como causa de uma “alienação do mundo real”, este último provocado pelos estudos que tendem a descrevê-la como terreno privilegiado para as “fantasias pessoais”, para o “falseamento das identidades e dos papéis sociais” (ibid, p. 98/99).

Em segundo lugar, para Castells a Internet deve ser considerada como mais uma dimensão do cotidiano contemporâneo, onde dinâmicas interativas são produzidas em relação com outras esferas da vida social<sup>26</sup>. Ele lembra que uma reunião “on-line” em que se compartilham determinados interesses e valores pode se estender para o face a face e vice-versa, acarretando uma intensificação da sociabilidade de modo geral e colocando em cena aquilo que denomina de “efeito positivo” da Internet sobre a interação social (ibid, p. 100;

---

<sup>26</sup> Silva (2000) nos chamou atenção para esta relação e, especificamente, para como ela opera na produção da sociabilidade nos “canais” de IRC. Para isso, tomou por objeto espaços singulares – denominados “canais geográficos” -, criados com o objetivo primeiro de reunir indivíduos que moram numa mesma cidade ou região. As observações da autora, que incluíram a participação em encontros on-line e off-line organizados pelos participantes desses “canais”, permitiram-lhe concluir que a vida no “canal” está intimamente vinculada à vida fora dele. Por sua vez, a relação entre estas duas dimensões se manifesta de modo especial na regulamentação e hierarquização da dinâmica social, nos exercícios de poder contínuos e cotidianos sobre os quais se fundamentam os grupos no decorrer das interações.

102). Sob esta perspectiva, a noção de rede tem o potencial de enfatizar as escolhas dos atores sociais, sem menosprezar a dimensão do compartilhamento, do sentimento de pertença, que caracteriza a experiência comunitária<sup>27</sup>. Na medida em que as redes se estabelecem, o caráter comunitário pode ser evidenciado assumindo diferentes níveis de intensidade, densidade e eficácia na criação e manutenção dos laços sociais (ibid, p. 109). Enfatiza-se, assim, um olhar sobre o social que privilegie as concretudes particulares, os *localismos* para os quais o laço social é unidade básica e fundamental ou, ainda, como coloca Hall (2002, p. 72), os *lugares simbólicos* que, situados no espaço-tempo global, constituem o ponto das práticas sociais que nos constroem e com as quais nossas identidades estão ligadas<sup>28</sup>.

Contudo, quando afirma ser a rede a forma fundamental da vida social contemporânea, Castells não está pensando tanto nessas configurações locais, mas sim nos aspectos e implicações gerais da *sociedade em rede* que ele acredita ser uma “nova forma social (que) está se constituindo em torno do planeta”. Uma nova forma que ele atribui especialmente à Internet e sua capacidade de realizar a rede na sua verdadeira acepção, como uma estrutura sem centro e não hierárquica<sup>29</sup> (Castells, 2003, p. 225). Para dar conta de experiências sociais particulares talvez seja mais adequado, portanto, pensar o “ciberespaço”, como um espaço caracteristicamente urbano, não como uma estrutura sem centro, mas como uma “nebulosa policentrada” de microgrupos que se entrelaçam pelos *jogos de proximia*, tal como sugere Maffesoli (1998, p. 203). São as múltiplas lealdades, isto é, a participação dos atores em múltiplos grupos, que, segundo o autor, conectam o “mosaico urbano” numa *rede de redes* onde, é claro, há lugar para todo tipo de relação, do conflito à ajuda mútua. E uma das imagens que melhor explica esse sistema complexo e policentrado de entrecruzamentos é

---

<sup>27</sup> Castells inscreve essa forma fundamental da sociabilidade contemporânea nos termos de um “individualismo em rede”, sem se referir a um padrão social ou acúmulo de indivíduos, mas querendo enfatizar os processos em que os indivíduos montam suas redes, on-line e off-line, com base em interesses, valores, afinidades e projetos, sem que isso signifique a ausência do sentimento de comunidade (ibid, p. 109).

<sup>28</sup> Deve-se considerar que Stuart Hall também se deixa influenciar pela abordagem dramaturgic de Goffman (1995), definindo a “identidade pós-moderna”, do final do século XX em diante, como uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2002, p. 13). Isto quer dizer que, para o autor, o sujeito contemporâneo assume diferentes identidades em diferentes momentos, identidades que não estão unificadas em torno de um “eu coerente” e cuja multiplicidade é inerente à vida social.

<sup>29</sup> A forma pela qual Castells concebe a rede e, conseqüentemente, a Internet, tem a ver com o futuro que ele vislumbra para a *sociedade em rede*. Para o autor, a Internet se constitui como uma “tecnologia da liberdade” que nos desafia a utilizar todo seu potencial libertário na reconfiguração da economia, dos mercados, das relações de trabalho, do sistema educacional, etc., em direção a uma sociedade sustentada mais na colaboração e na solidariedade do que nas “hierarquias centralizadas” e nas formas capitalistas de controle e exclusão social (Castells, 2003, p. 225-229).

a do caleidoscópio, como um espaço onde tudo se conjuga, se multiplica e se divide, formando figuras de contornos diversos e cambiantes (ibid, p. 206).

Essa mesma imagem já havia sido sugerida no estudo clássico de Barnes (1987) sobre redes sociais<sup>30</sup>, onde o meio urbano foi definido como um tecido social pontuado por *densidades* de redes que variam em grau e duração. As densidades se formam entre as relações sociais efetivamente presentes numa determinada porção de rede. Nos termos de Barnes, elas são mais facilmente percebidas se partirmos das construções *egocêntricas* das mesmas redes. O que isso quer dizer? Tomando um indivíduo específico num dado contexto social contendo uma pluralidade de atores, temos o conjunto de relações diádicas das quais ele participa, que formam uma *estrela de primeira ordem*, e todas as relações que podem se estabelecer a partir dessa estrela, que formam uma *zona de primeira ordem* (ibid, p. 168/169). Os contatos comuns entre duas estrelas de primeira ordem formam, por sua vez, uma *estrela de segunda ordem*, e todas as conexões possíveis entre essas duas construções constituem uma *zona de segunda ordem* (ibid, p. 169/170). Estrelas e zonas são, portanto, construções egocêntricas que têm a importante função de nos mostrar as diferentes configurações que uma rede social pode apresentar a depender do ponto de partida – do indivíduo – tomado para a análise. As densidades, por sua vez, são percebidas entre aquelas relações efetivamente presentes em cada estrela ou zona e conduzem às construções *sócio-cêntricas* das redes (ibid, p. 171). Dessa forma, Barnes rejeita a idéia de que as redes sociais substituem as formações comunitárias e grupais na análise do social. Antes, trata-se de uma estrutura que se faz sempre presente em qualquer sociedade e, em termos de análise, sugere um deslocamento do olhar sobre o grupo como algo dado para os processos de construção das relações sociais, para conexões interpessoais que ultrapassam os limites de grupos e categorias.

A análise etnográfica que será desenvolvida aqui seguirá esta perspectiva, buscando trabalhar justamente nas densidades de redes em que se constitui o que estou chamando de **universo dos blogs**. Dando ênfase aos processos de apresentação dos atores, em como eles se constituem enquanto blogueiros expressando suas experiências e pontos de vista particulares, pretende-se chegar às redes de relações sociais traçadas nos e entre os blogs e às formas como estas se constroem, mantêm-se e são constantemente negociadas em termos de redes sócio-

---

<sup>30</sup> No artigo *Redes Sociais e Processos Políticos*, o autor discute a noção de rede no âmbito dos processos políticos em níveis locais, especialmente aqueles processos onde o comportamento político se encontra vinculado a ações ou objetivos não políticos ou, ainda, aqueles processos que podem ser descritos como políticos, mas que ocorrem dentro de instituições que preenchem muitas funções não políticas (Barnes, 1987, p. 159; 163).

técnicas. Sim, pois não se quer desconsiderar os elementos específicos – recursos, serviços, sistemas de linguagem, etc. – que a interface tecnológica traz para as situações interativas. Em outras palavras, é a partir da agência dos indivíduos, que se apresentam como *peessoas*, que as experiências coletivas, grupais, comunitárias que emergem nesse universo serão analisadas. Pretende-se, desta forma, construir uma imagem do “ciberespaço” como uma dimensão da vida social contemporânea que se constitui na tensão entre o global e o local, que pela sua forma rizomática se desterritorializa e se reterritorializa a partir de múltiplos *devenirs* (Deleuze e Guattari, 2004), isto é, pelas inúmeras formas e práticas sociais, locais e específicas que podem ser nele engendradas. O primeiro passo nesse sentido é, portanto, apresentar o universo dos blogs nos termos da sua gênese e expansão na Internet para então discutir suas especificidades em face das outras modalidades de “comunicação mediada por computador” e de expressão individual.

#### **4. O universo dos blogs: gênese, expansão e caracterização**

Afinal, o que é o universo dos blogs? Os blogs surgem como uma modalidade de escrita pessoal na Internet, cuja origem é geralmente atribuída aos primórdios da *World Wide Web*. Batizada primeiramente como *weblog* e, em seguida, passando a ser conhecida apenas por *blog*, esta modalidade se desenvolveu e se disseminou em meio a um movimento cujos princípios se colocam na origem das próprias redes de computadores e pautam, ainda hoje, uma parcela importante das práticas sociais que emergem no “ciberespaço”. O surgimento e crescimento da Internet já foram bastante trabalhados por autores como Breton (1991), Sterling (1993), Bell (2001), Johnson (2001), dentre outros que são referências importantes para uma análise detalhada desse processo. O que nos interessa aqui são apenas alguns episódios e personagens que participaram do modo determinante na constituição de um corpo de idéias e propósitos amplamente disseminados na Internet nos dias de hoje e que marcaram o surgimento e definiram contornos peculiares ao universo dos blogs.

##### *Internet, WWW e o “espírito hacker”*

Como se sabe, a história da Internet começa a partir dos investimentos estadunidenses na criação de um sistema de comunicação seguro e imune aos possíveis ataques militares após a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores de grandes centros acadêmicos foram acionados para trabalhar nesse projeto, que previa a elaboração de um

protocolo que permitisse o envio e recebimento de mensagens sem a intervenção humana, através de uma rede de computadores sem controle centralizado, projetada para operar mesmo que uma de suas partes fosse destruída (Sterling, 1993). Assim surgiu a ARPANET<sup>31</sup>, em 1969, conectando quatro computadores de grande porte<sup>32</sup> localizados em diferentes centros de pesquisa dos Estados Unidos. Na medida em que se expandia, a ARPANET atendia não só as demandas de segurança, mas passava a servir às outras áreas de pesquisa assegurando e facilitando a comunicação entre as instituições. Enquanto isso, fora do universo acadêmico, programadores norte-americanos, profissionais e/ou amadores, investiam na criação de redes locais, conectando computadores de pequeno porte (os PC, *personal computer*) através de linhas telefônicas. Estas redes ficaram conhecidas por BBS<sup>33</sup> e dispunham de serviços locais como correio eletrônico e acesso remoto, que permitiam a troca de mensagens, jogos e compartilhamento de informações disponíveis nos computadores de seus usuários.

Com a expansão da ARPANET e a multiplicação das BBS's faltava, portanto, um protocolo – uma norma – que permitisse a comunicação entre diferentes tipos de computadores e redes. Foi nesse sentido que Vinton Cerf desenvolveu o TCP, *Transmission Control Protocol*, instituído como padrão para a ARPANET e permitindo que a ela se juntassem todas as outras redes, inclusive as BBS's. Em 1974, Cerf utilizou pela primeira vez o termo “internet” para denominar essa integração. Assim, a Internet surge não como a Rede, mas como “uma norma comum a todos os computadores, capaz de acessar indiferentemente um vasto número de redes: telefone, sistema interno de empresas, televisão a cabo, satélite, fibra ótica...” (Rosnay, 1997, p. 200). Declarado de domínio público, o então TCP/IP, *Internet Protocol*, foi amplamente adotado e a Internet passou a ser sinônimo dessa Rede de redes, denominando-a.

No final década de 80, quando a Internet já se apresentava como uma grande base de informações e um importante meio de comunicação, um outro episódio veio marcar essa

---

<sup>31</sup> O nome faz referência à ARPA (*Advanced Research Projects Agency*) que, a pedido do Departamento de Defesa dos EUA, financiou e gerenciou o projeto ARPANET.

<sup>32</sup> Conhecidos por *mainframes*, têm sua origem datada na década de 40, em universidades inglesas e americanas, e consistiam em grandes máquinas dotadas de uma unidade central de comando cuja programação a capacitava a efetuar operações de cálculo (Breton, 1991).

<sup>33</sup> Sigla para *Bulletin Board System*. Tais redes tornavam-se possíveis a partir de um computador funcionando como servidor (*host*), aquele que fornece os serviços aos outros computadores a ele conectados.

história: o advento da *World Wide Web*, concebida, em 1989, por Tim Berners-Lee<sup>34</sup>. A Web instituiu o hipertexto<sup>35</sup> e os *browsers*<sup>36</sup> como, respectivamente, o ambiente e os instrumentos de “navegação” das pessoas pelas informações, recursos e serviços disponíveis na Internet. Hoje ela é a dimensão mais visível e conhecida do “ciberespaço”, permitindo que ele seja experienciado como um “universo de informações navegável de forma instantânea e reversível”, onde se pode passar de uma referência à outra, de um servidor ao outro, sem que esse processo tenha começo ou fim (Lemos, 1998). Uma experiência que só se tornava possível graças à estrutura descentralizada da Internet.

O fato é que alguns personagens desta história, incluindo Vinton Cerf, Tim Berners-Lee e muitos daqueles envolvidos na criação das BBS's estavam envolvidos num movimento impulsionado ainda nos anos 60, por jovens programadores do MIT<sup>37</sup> que se entendiam no dever ético de partilhar seus conhecimentos e facilitar o acesso às informações e aos recursos de computação sempre que possível (Dimantas, 2003, p. 19). Acreditavam, ainda, que o compartilhamento beneficiaria as suas criações, e não o contrário, pelos possíveis aperfeiçoamentos e desdobramentos decorrentes da utilização e do trabalho e de outras pessoas. Finalmente, diziam trabalhar por prazer, mais do que por dinheiro e, por isso, cognominavam-se “hackers” que, como espécies de artesãos da tecnologia, apreciavam a atividade da programação em lugar de apenas tratar teoricamente o assunto. Himanen (2001) analisa essa atitude como representando uma “nova ética do trabalho”, oposta à “ética protestante” classicamente descrita por Max Weber. Segundo essa “nova ética”, a chamada “ética hacker”, é essencial que o trabalho se baseie não no *dever* e na *vocação*, mas no *prazer*, na *liberdade* e na *colaboração*.

---

<sup>34</sup> Na época, integrante do CERN - *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*, um importante centro de estudos sobre física de partículas, localizado em Meyrin, na Suíça. Atualmente, Tim Berners-Lee dirige o *World Wide Web Consortium* (W3C), entidade responsável por supervisionar o desenvolvimento da WWW.

<sup>35</sup> Em computação, denomina-se por "hipertexto" um sistema para visualização de informações cujos documentos contêm referências internas para outros documentos através de links. Estes documentos são construídos, na Web, a partir de uma linguagem de marcação denominada pela sigla HTML, de *HyperText Markup Language*.

<sup>36</sup> Também chamados de "navegadores" na língua portuguesa, os *browsers* são programas específicos que permitem visualizarmos as informações disponíveis na WWW. Eles descarregam os documentos dispostos num servidor Web, interpretam a linguagem HTML na qual são eles construídos, e habilitam os usuários a interagirem com as informações contidas nesses documentos. O *Netscape Navigator*, da *Netscape Communications Corporation*, foi o primeiro navegador a se tornar conhecido no início dos anos 90. Depois, o *Internet Explorer*, da Microsoft, popularizou-se ao ser integrado no sistema operacional desenvolvido pela mesma empresa – o Windows.

<sup>37</sup> Massachusetts Institute of Technology.

Esse “movimento *hippie*” da informática, que encontra na WWW seu principal lócus de atuação, sugere uma recriação da história da Internet, enfatizando sua origem acadêmica que, segundo Himanen, explica melhor essa relação mais flexível e livre com o trabalho. Sob esse ponto de vista, a Internet seria muito mais um resultado desta “nova ética” do que dos investimentos e propósitos militares, e estaria servindo muito mais à construção de uma nova ordem social econômica e política, como sugeriu Castells (2000), do que protegendo e assegurando o avanço capitalista norte-americano. Uma manifestação significativa dessa perspectiva é o *Manifesto Cluetrain* – um “trem de idéias”, de indícios, de pistas –, elaborado por diversos ativistas da “ética hacker” que defendem e propõem uma reorganização dos mercados através da Internet.

Uma poderosa conversação global começou. Através da Internet, pessoas estão descobrindo e inventando novas maneiras de compartilhar rapidamente conhecimento relevante. Como um resultado direto, mercados estão ficando mais espertos – e mais espertos que a maioria das empresas (Manifesto Cluetrain, 1999).

Para os signatários do *Cluetrain*, como as pessoas, os mercados também estão se linkando, se conversando e, conseqüentemente, se auto-organizando e se tornando melhores, mas inteligentes, recuperando qualidades perdidas na maioria das instituições tradicionais (Manifesto Cluetrain, 1999). Impulsionando esse “trem” está, por sua vez, a produção dos “softwares livres”.

O conceito de “software livre” foi proposto por Richard Stallman que, vindo do movimento de jovens programadores do MIT, procurou delinear, nos anos 80, os princípios para a criação de um sistema operacional<sup>38</sup> livre. Estes princípios consistem, em suma, na “liberdade” para executar o sistema seja qual for o propósito; na “liberdade” para estudá-lo e adaptá-lo a necessidades específicas; na “liberdade” de distribuir cópias do sistema; e na “liberdade” de modificá-lo e aperfeiçoá-lo de modo a beneficiar o conjunto total de usuários (FSF, 2000). Com base nesses princípios, Stallman criou a *Free Software Foundation* (FSF), uma organização sem fins lucrativos dedicada a promover a eliminação das restrições à cópia,

---

<sup>38</sup> Um sistema operacional consiste num conjunto de ferramentas necessárias para que um computador possa ser utilizado representando, assim, o primeiro nível da interface. O sistema operacional faz a mediação entre o computador – a máquina – e os softwares aplicativos que utilizamos para editar texto, visualizar e trabalhar imagens, navegar na WWW, gerenciar e-mails, etc. Dentre os sistemas operacionais mais conhecidos está o Windows, produzido e comercializado pela Microsoft.

redistribuição, entendimento e modificação de programas de computadores, impostas pelo uso de contratos de licença de software por parte de algumas empresas.

Apoiado na FSF, Stallman se lançou no desenvolvimento de um sistema operacional livre compatível com o sistema UNIX<sup>39</sup>, que denominou GNU<sup>40</sup> (FSF, 2001). Para garantir que os quatro “princípios de liberdade” que sustentavam o projeto do GNU fossem mantidos em qualquer situação, Stallman ainda concebeu uma licença chamada *General Public License*<sup>41</sup>, publicada em 1989 tendo como principal eixo a proteção dos direitos do autor de “softwares livres”. Isto é, a *GPL* visou impedir qualquer apropriação de “softwares livres” que colocassem barreiras à sua livre utilização, livre exploração, livre distribuição e livre modificação. Tal licença não coloca qualquer impedimento para a comercialização de “softwares livres”, desde que os “códigos-fontes” (os textos de programação – a receita – dos softwares) sejam mantidos abertos para a exploração e modificação, e que os aperfeiçoamentos sejam devidamente retornados para a comunidade de usuários. Baseada fundamentalmente na idéia de “deixar copiar”, a *GPL* institui, assim, o *copyleft*, em substituição a noção de direitos autorais implicados no modelo *copyright*.

No início dos anos 90, Stallman já havia praticamente finalizado seu sistema operacional, o GNU, faltando-lhe apenas um núcleo (um *kernel*, nos termos técnicos) que gerenciasse todas as suas partes. Nessa mesma época, o jovem finlandês Linus Torvalds, que conhecia o projeto de Stallman, trabalhava numa variante do UNIX e, antes de terminar o projeto, divulgou seu “código-fonte” numa lista eletrônica de discussão, convidando os membros do grupo a participar com idéias, críticas e sugestões. Desse trabalho colaborativo surgiu não um sistema operacional completo, mas um núcleo que tinha a potencialidade de se adaptar a vários sistemas operacionais alternativos. Este núcleo foi denominado Linux, por uma contração entre Linus – seu idealizador – e UNIX – sistema que serviu de base para sua criação (Evangelista, 2006). O núcleo Linux foi incorporado no “projeto GNU”, integralizando um sistema operacional que passou a ser chamado GNU/Linux. A *GPL* foi aplicada ao GNU/Linux, cujo “código-fonte” continua “aberto” para que qualquer interessado pudesse executá-lo, modificá-lo, copiá-lo e distribuí-lo, dando continuidade a uma dinâmica de criação descentralizada onde se espera que as inovações e aperfeiçoamentos sempre

---

<sup>39</sup> Um outro sistema operacional, não baseado numa interface gráfica como a do Windows, por exemplo.

<sup>40</sup> O nome, GNU, é uma referência ao mamífero *gnu* e, ao mesmo tempo, um acrônimo recursivo de “Gnu is Not UNIX”. Fonte: “Projeto GNU”, Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/GNU>, 20/01/2006 (03/02/2006).

<sup>41</sup> O texto da GPL se encontra no site oficial do “projeto GNU”, em <http://www.gnu.org/licenses/gpl.html>.

retornem para a comunidade de usuários (Evangelista, *op. cit.*). Hoje existem várias versões ou, na linguagem própria dos seus desenvolvedores, várias “distribuições” do GNU/Linux, cada qual com sua característica. Algumas delas são comercializadas, outras são distribuídas gratuitamente e várias apresentam “interfaces amigáveis”<sup>42</sup> semelhantes ao sistema de janelas do Windows, o que tornou o Linux o principal concorrente do sistema operacional da Microsoft. Desta forma, Richard Stallman e Linus Torvalds ficaram conhecidos, dentre aqueles que se reconhecem nessa “ética hacker”, como os idealizadores de uma “nova forma de produção de softwares” e seus trabalhos são freqüentemente citados como mostras de que as intenções do *Cluetrain* são realmente possíveis (Dimantas, 2003).

As idéias-motor que impulsionam a produção de “softwares livres” – a liberdade, a paixão e a colaboração gratuita –, permitem discuti-la como um processo inscrito na lógica da *troca de dádivas*: uma lógica que compreende a tripla obrigação de *dar, receber e retribuir*, descrita por Marcel Mauss (1974) como o operador fundamental da reciprocidade social, descoberto na base dos sistemas econômicos das ditas “sociedades primitivas”. Com base em leituras contemporâneas da teoria maussiana desenvolvidas no quadro da *Revue du MAUSS*<sup>43</sup>, particularmente as de Jacques Godbout (1999) e Allain Caillé (2000), os autores Francisco C. dos Santos (2001)<sup>44</sup> e Renata Apgaua (2004) sugerem esta perspectiva. Uma vez fundada na substituição do trabalho como uma “obrigação moral” pelo trabalho como um “prazer” e no compartilhamento das criações, como a forma por excelência de tê-las constantemente aperfeiçoadas, a “atitude hacker” engendra, segundo Santos, *trocas de dádivas* sem, entretanto, esgotar as vastas potencialidades desse sistema. Para o autor, o processo de produção de um “software livre”, do qual o Linux se tornou emblemático, inscreve-se na tripla obrigação de *dar, receber e retribuir* na medida em que envolve ações espontâneas que não buscam equivalência, incitadas por nada mais além do desejo de *dar, de partilhar livremente* (Santos, 2001, p. 7). Assim, os produtores desses softwares, os “hackers”,

---

<sup>42</sup> Em informática, quando se fala em “interface” está se falando do ambiente no qual a interação entre o usuário e a máquina se efetiva. A interface mais conhecida e utilizada atualmente é o “sistema de janelas” do Windows, que transformou o ambiente interno do computador num *desktop*, num escritório. Permitindo ao computador representar a si mesmo diante do usuário através de ambientes e objetos conhecidos da vida cotidiana – pastas, arquivos, lixeira, documentos, etc. – a interface se tornou algo “amigável” (Johnson, 2001, p. 21-24).

<sup>43</sup> Mouvement Anti-Utilitariste des Sciences Sociales.

<sup>44</sup> Refiro-me ao *paper* apresentado pelo autor na mesa-redonda “A sociedade da informação: reflexões teóricas e metodológicas”, na ocasião do XXV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2001. Deve-se considerar, no entanto, que o mesmo foi posteriormente publicado na revista *Fronteiras*, São Leopoldo, v. IV, n. 12, 2002, p. 79-101.

engajam-se em circuitos de trocas onde a incerteza do retorno é sempre reinante, subordinando os interesses instrumentais e utilitários às paixões, ao interesse desinteressado no prestígio e na reputação que suas colaborações podem lhes trazer. Mais importantes que os produtos desenvolvidos dessas ações cooperativas, são os vínculos sociais que, alimentados na *troca-dáviva*, criam-se entre os “hackers” que, enfim, entendem-se como pertencentes a uma “comunidade” de dimensões mundiais<sup>45</sup>.

O fato é que a lógica da dádiva fornece o ponto de vista necessário para compreendermos a “atitude hacker” *do ponto de vista do nativo*, isto é, como uma atitude calcada em princípios de liberdade, generosidade e gratuidade contrários à racionalidade, às regras de equivalência e à lógica utilitária que fundamentam o mercado (Apgaua, 2004, p. 230/231). Com base no processo de produção dos “softwares livres”, essa atitude se disseminou pela Internet numa espécie de movimento social<sup>46</sup> que se expressa em uma série de mobilizações. Uma das frentes mais conhecidas desse movimento parece ser o fenômeno mp3<sup>47</sup>, que movimenta o mercado eletrônico no mundo todo e, ao mesmo tempo, provoca importantes debates acerca da pirataria, dos direitos de artistas e gravadoras, etc. Tal fenômeno se torna possível graças à “softwares livres” que, podendo ser livremente “baixados” da Internet e instalados no computador do usuário, permitem a busca por arquivos de música (e também de vídeo, texto e imagem) em computadores de outros usuários, num circuito de troca generalizada<sup>48</sup>. Apesar dos debates e ações judiciais levadas a cabo pela

---

<sup>45</sup> No artigo intitulado *Peripécias de Agosto: alguns episódios da "cena hacker"*, Santos (2001) faz referência aos principais encontros da "comunidade hacker mundial" realizados, na maioria, durante o verão nos países do hemisfério norte, nas proximidades do mês de agosto. Geralmente realizados nos campus universitários de países Europeus, tais encontros costumam reunir multidões de "hackers" – entre teóricos e práticos, veteranos e novatos, profissionais e amadores, "virtuosos e viciosos" em ambientes providos do aparato e suporte tecnológico necessário para mantê-los ativos em suas produções e conectados entre si (ibid, p. 11).

<sup>46</sup> O termo movimento social está sendo empregado, aqui, no seu sentido mais descritivo desse conjunto de mobilizações que, agindo em diferentes frentes, têm em comum a defesa e promoção dos princípios de liberdade idealizados por Stallman.

<sup>47</sup> Formato comprimido de arquivos de áudio, desenvolvido por um grupo chamado *MovingPicture Expert Group* que, além do "mp3", desenvolveu formatos de compressão de arquivos de vídeo e de imagem, como o "jpg" e o "mpg" respectivamente.

<sup>48</sup> O que torna estas trocas possíveis são, em suma, sistemas que congregam os seus usuários numa rede, na qual todos têm acesso a uma pequena fração do disco rígido de cada computador conectado aos sistemas. Softwares específicos tornam possível o compartilhamento dos arquivos disponibilizados nessas frações, sendo que cada usuário conectado ao sistema pode "baixar" na sua máquina os arquivos disponibilizados nas máquinas dos demais. Em contrapartida, mantêm seus arquivos disponíveis para que os demais também possam copiá-los. Estes sistemas são baseados numa tecnologia denominada *peer-to-peer*, conhecidas de modo geral como P2P. Fonte: "O que é peer-to-peer?", em:

<http://www.ime.usp.br/~is/ddt/mac339/projetos/2001.demais/bello/intro2.html> (31/08/2005).

indústria fonográfica, a popularização das trocas de arquivos na Internet reverberou significativamente em diversos setores do mercado como no comércio de CD's graváveis e de gravadores de CD's para computadores, no desenvolvimento e comercialização dos mp3 *players* – dispositivos portáteis para o armazenamento e execução de arquivos mp3 – e, inclusive, de aparelhos de som convencionais que já aceitam esses formatos.

Em outra frente, situam-se as iniciativas de estender a prática do “código-fonte” aberto (*open-source*) e do *copyleft* para todos os tipos de conteúdo disponíveis na Internet, fazendo surgir a idéia de “conteúdo-aberto” (*open content*). Nesse sentido merece destaque o projeto *Creative Commons* (CC), idealizado por Lawrence Lessig em 2001. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos dedicada à elaboração de licenças e contratos para “conteúdo aberto”<sup>49</sup>. Inspirada na *GPL* de Stallman, a CC se destina aos detentores de direitos autorais sobre trabalhos em texto, imagem, vídeo e som que desejam declarar parte ou a totalidade de seus direitos como sendo de “domínio público”. Isto é, ela oferece um conjunto de licenças sob as quais um trabalho pode ser integralmente declarado de “domínio público” ou pode ter seu conteúdo aberto para cópia, modificação e redistribuição dentro da idéia do “copyleft”. O projeto oferece, ainda, a possibilidade de se fazer combinações entre essas variáveis, configurando-se licenças personalizadas de acordo com os direitos que se deseja ceder e/ou preservar<sup>50</sup>.

Assim, os “princípios de liberdade” que pautam o movimento dos “softwares livres” são reapropriados para a configuração de tipos de “liberdade controlada”, através das quais os autores definem o que é e o que não é permitido fazer com e a partir de suas produções. Mais do que isso, do mesmo modo que os “softwares livres” surgem com a pretensão de constituir uma forma de produção alternativa no mercado da informática, o “conteúdo-aberto” emerge como proposta de uma outra forma de acesso e produção da informação e do conhecimento, igualmente baseada nos princípios de liberdade e colaboração e calcada nas potencialidades interativas da Internet (Castilho, 2004). Uma proposta que se manifesta, por exemplo, no

---

49 Fonte: site oficial da Creative Commons, <http://creativecommons.org/>.

50 Isto pode ser feito no site da Creative Commons. Deve-se considerar que as principais licenças CC estão escritas tendo em vista o modelo legislativo dos Estados Unidos, o que pode tornar algumas delas inapropriadas em relação a outros modelos, de outros países. Nesse sentido, em agosto de 2004, a CC lançou o projeto International Commons, destinado a afinar suas licenças às especificidades de cada país, sendo que representantes de 21 países já integram o projeto. Fonte: Creative Commons, "International Commons", <http://creativecommons.org/worldwide>, 2004 (04/02/2006) e Wikipedia, "Creative Commons", [http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative\\_Commons](http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative_Commons), 10/01/2006 (04/02/2006).

exercício do jornalismo e outras formas de publicação “on-line”, determinando, pelo menos em parte, o surgimento e expansão do universo dos blogs.

### *Dos websites aos weblogs: o fenômeno da publicação pessoal e independente*

No início dos anos 90, o conteúdo predominante na recém criada WWW era proveniente dos veículos de imprensa – jornais e agências de notícia tradicionais –, de universidades, empresas, entidades governamentais entre outras instituições que dispunham de recursos tecnológicos, financeiros e humanos para elaborá-los, publicá-los e atualizá-los com mínima regularidade. Os grandes jornais, por exemplo, não tardaram em criar suas sucursais no “ciberespaço”, onde repetiam e passavam a armazenar as notícias diariamente veiculadas nas suas edições impressas, formando bancos de dados rapidamente assumidos pelos “internautas” como fontes privilegiadas de busca de informação. Como coloca Castilho (2004), “hoje, cerca de 70% dos jornais de todo o mundo instalaram uma sucursal no espaço cibernético e nada menos que 40% dos internautas navegam em páginas noticiosas antes de encarar um jornal ou um telejornal”.

Por outro lado, aqueles internautas com algum conhecimento em HTML, a linguagem de programação da Web, e com recursos para o registro e hospedagens de domínios<sup>51</sup> não demoraram a colocar no ar os primeiros sites de caráter pessoal, direcionados especialmente à publicação de currículos, portfólios, produções artísticas, literárias ou acadêmicas e outros projetos individuais ou coletivos. Dentre estas tendências, destacava-se o empenho de alguns no registro diário de links para os conteúdos encontrados durante suas navegações pela Web, como que numa atitude de promoção e defesa do compartilhamento e da interatividade como potenciais fundadores da Internet. Estes sites, que ficaram conhecidos como *link-driven*, apresentavam-se como guias de navegação para iniciantes na Internet, com links organizados em ordem cronológica ou por categorias temáticas e, às vezes, seguidos de sinopses ou comentários a respeito do site para o qual apontavam. Um desses sites ficou

---

<sup>51</sup> O domínio é o nome ou endereço de um site na Internet. Uma fórmula comum de domínio é, por exemplo, a “nomedaempresa.com”. A extensão “.com” indica, por sua vez, que se trata de um domínio de ordem comercial. Os domínios registrados fora dos Estados Unidos apresentam, ainda, uma última extensão referente ao país. No Brasil, todos os domínios com a extensão “.br” são registrados através da Registro.br, entidade vinculada à FAPESP. O registro de um domínio tem validade de um ano e, no caso dos registros “.br”, custam R\$30,00. Depois de registrado, um domínio precisa ser “hospedado” num servidor de Internet, onde serão armazenados todos os conteúdos disponibilizados por ele. Existem inúmeros serviços de hospedagem que fornecem recursos variados aos seus clientes para a criação e gerenciamento de seus sites. Um serviço de hospedagem padrão custa, em média, o equivalente a R\$50,00 por ano (Registro.br, <http://www.pontomatrix.com/faq1.htm>).

particularmente famoso por ter passado de um *link-driven* a uma espécie de diário pessoal “on-line”, com comentários sobre o cotidiano do autor para além de suas navegações na Web. Trata-se do *Justin’s Links from the Underground*, do jovem estudante americano Justin Hall (Carvalho, 2001, p. 233). Segundo Carvalho, a forma como Justin Hall narrava cenas do seu cotidiano, abordando assuntos geralmente considerados “íntimos” – como o suicídio do pai, suas relações sexuais, doenças contraídas, etc. – explicava o número significativo de visitas<sup>52</sup> que seu site passou a receber a partir de 1996.

Em 1997 já eram muitos os sites *link-driven* e aqueles que se assemelhavam ao diário de J. Hall, privilegiando cenas, pensamentos e memórias do cotidiano de seus autores. Eis que no final desse mesmo ano, John Bangers, editor de um *link-driven*, utilizou o termo *weblog*<sup>53</sup> – “diário em rede” – para designar esses sites que, independentemente da especificidade de seus conteúdos, privilegiavam a experiência pessoal, aquelas relacionadas à navegação na Web ou à vida cotidiana em geral (Blood, 2000). Rapidamente, o termo foi contraído para blog. Na medida em que os blogs se multiplicavam na Internet, tornando-se “um bom negócio” (Almeida, 1998), multiplicavam-se também os esforços dirigidos à criação de recursos que facilitassem a publicação “on-line”, tanto em termos financeiros quanto em termos técnicos. Sites de grande audiência se tornavam alvos de anunciantes, principalmente de empresas que já disponibilizavam seus produtos para a venda “on-line”. Os mecanismos de busca<sup>54</sup> surgiram, por exemplo, com o potencial comercial existente em “se entregar a informação a quem dela precisa” (Almeida, *op. cit.*) e, caídos na preferência dos “internautas” para suas incursões pela Web, tornaram-se excelentes vitrines para serviços e produtos ao alcance de um clique do possível comprador<sup>55</sup>.

Na esteira dessa exploração comercial da Internet surgiram, também, os primeiros serviços para a hospedagem gratuita de sites, a exemplo do *Geocities*<sup>56</sup> (do *Yahoo*), o *Stamedia*<sup>57</sup> e o *HPG*<sup>58</sup>, mas foi a criação de ferramentas que simplificavam a publicação

---

<sup>52</sup> O site de Justin Hall chegou a receber, em 2001, por volta de sete mil visitas diárias (Carvalho, 2001, p. 234).

<sup>53</sup> Termo originalmente utilizado para denominar o registro, automaticamente gerado, das atividades de sistemas de computação.

<sup>54</sup> Dentre os mecanismos de busca mais conhecidos podemos citar o Yahoo (<http://yahoo.com>), o Altavista (<http://altavista.com>) e o Google (<http://google.com>).

<sup>55</sup> Aliás, para se tornarem ainda mais atraentes aos olhos dos “internautas” os mecanismos de busca passaram a investir em mais do que informação, oferecendo serviços gratuitos de correio eletrônico e mensagens instantâneas (como o Google Talk e o Yahoo Messenger, semelhantes ao MSN).

<sup>56</sup> <http://www.geocities.yahoo.com>

<sup>57</sup> <http://www.stamedia.com/orbital>, o único que continua oferecendo o serviço gratuitamente.

desses sites pessoais batizados de blogs que culminou com a explosão de um fenômeno. Tais ferramentas são, na verdade, espécies de “programas”, ou *softwares*, acessíveis aos usuários através de páginas na Web. A pioneira nesse sentido foi o *Blogger*<sup>59</sup>, criado em 1999 pela *Pyras Company*, que além de oferecer o domínio e o espaço no servidor para a hospedagem do blog, simplificou seu processo de edição e publicação, fornecendo modelos prontos de *layout* e tornando o processo de atualização do site semelhante ao processo de elaboração e envio de um e-mail. Contemplando a principal especificidade dos blogs em relação aos outros sites, o *Blogger* automatizou a organização cronológica das entradas – *posts* –, de modo que a mais recente estivesse sempre em destaque no topo da página. Para as entradas antigas, não mais comportadas pela página principal do blog, a ferramenta criou uma sessão de arquivos, acessível através de links mensais dispostos numa coluna lateral aos posts.

A padronização e automatização do processo de criação e manutenção de um blog, por meio de uma ferramenta específica, instituíram um modelo típico para essas publicações pessoais que se consolidavam, então, como uma modalidade diferenciada das demais formas de publicação “on-line”. Foi a partir desse modelo que se teve a definição técnica, digamos assim, do que é um blog: uma hierarquia de textos, imagens e dados multimídia, arranjados em ordem cronológica inversa e visualizados através de um *browser* (Winer, 2003). Estes textos, imagens e demais dados são dispostos em seqüência de entradas, os posts, que formam o centro da hierarquia, ligando todo o conteúdo de um blog. Finalmente, tais ferramentas acrescentaram a esse modelo um elemento interativo: um espaço para comentários dos leitores acessível através de um link disposto abaixo de cada post.

Todo o processo que vai do surgimento de serviços gratuitos de hospedagens até a automatização da criação e atualização de um blog, através de ferramentas específicas e igualmente gratuitas, parece ter contribuído significativamente para a disseminação dos blogs na Internet. Um ano após seu lançamento, o *Blogger* não contemplava mais a demanda por novos blogs, levando a *Pyras Company* à criação de um serviço auxiliar de hospedagem, o *Blog\*Spot*<sup>60</sup>. Em 2001, o serviço contabilizava mais de duzentos mil blogs e, atualmente, o *Blog\*Spot* tem quase oitocentos mil blogs cadastrados<sup>61</sup>. Outras ferramentas semelhantes ao

---

<sup>58</sup> <http://www.hpg.com.br>

<sup>59</sup> <http://www.blogger.com>

<sup>60</sup> <http://www.blogpost.com>

<sup>61</sup> Fonte dos dados: BLOGCENSUS, <http://www.blogcensus.net>. O Blogcensus é um site mantido pelo *National Institute for Technology and Liberal Education* (NITLE) que realiza pesquisas sistemáticas sobre a

*Blogger* também surgiram, como o *Blig* e o *Kit.net*, lançados respectivamente pelo *UOL* e pela *Globo.com* em 2001. Inclusive, em face do aumento crescente do número de blogs brasileiros<sup>62</sup>, esta última empresa acabou adquirindo os direitos do *Blogger* para o lançamento de uma versão brasileira da ferramenta, o *Blogger Brasil*<sup>63</sup>. Hoje, estima-se que existem aproximadamente cinquenta milhões de blogs na Internet e cerca de setenta e cinco mil novos blogs são criados a cada dia<sup>64</sup>. Por volta de 68% destes blogs são escritos em inglês; outros 12% nas línguas catalão, francês, espanhol e português, nessa mesma ordem; e os outros 20% estão amplamente distribuídos em outras línguas, dentre elas o alemão, o italiano, o japonês, o persa, etc<sup>65</sup>.

Colocando esses números em relação ao quadro geral da Internet, é possível enxergar alguns aspectos diferenciais relativos à disseminação dos blogs. Em termos de número de servidores, os Estados Unidos domina a Internet numa porcentagem quase idêntica ao número de blogs escritos em inglês, possuindo por volta de 67% dos quase quatrocentos mil servidores existentes<sup>66</sup>. Entretanto, é preciso lembrar que entre os blogs escritos em inglês, incluem-se aqueles editados por blogueiros estadunidenses e de outras regiões anglo-falantes, mesmo que haja uma vantagem dos primeiros em relação aos demais. A destacada presença das línguas latinas no universo dos blogs também contrasta com ranking dos dez países que lideram a Internet em número de servidores que, além dos EUA, conta com o Reino Unido e a Austrália, países de língua inglesa. É preciso considerar, ainda, que por ser o maior celeiro na produção de recursos, aplicativos e ferramentas para a Internet, os Estados Unidos têm uma demanda maior em números de servidores para suportar essa intensa atividade produtiva.

expansão do universo dos blogs. Os números que o site fornece não são precisos porque ele só cataloga os blogs encontrados através de links.

<sup>62</sup> Entre os blogueiros, entende-se por "blogs brasileiros" aqueles escritos por brasileiros, em português. É importante fazer esta ressalva, para evitar que os "blogs brasileiros" sejam definidos em razão da presença da extensão ".br" no domínio destes blogs. Afinal, a estrutura descentralizada da Internet permite a qualquer pessoa criar um blog em qualquer que seja a ferramenta, brasileira ou não.

<sup>63</sup> <http://www.bloggerbrasil.com.br>.

<sup>64</sup> Fonte: Technorati, <http://technorati.com>. A Technorati é uma organização dedicada a contabilizar e informar sobre o que se passa no "universo dos blogs" de um modo geral. Números referentes à 27/07/2006.

<sup>65</sup> Fonte: BLOGCENSUS. Porcentagens calculadas a partir dos números apresentados pelo site em janeiro de 2006.

<sup>66</sup> Dados fornecidos pela *Network Wizards* (NW) ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, referentes ao último quarto do ano de 2005. a NW é uma empresa contratada pela *Internet Systems Consortium* para a realização das pesquisas acerca do crescimento da Internet no mundo. Comitê Gestor da Internet no Brasil, <http://www.nic.br/indicadores/hosts/2006/index.htm>; Internet Systems Consortium, <http://www.isc.org/index.pl?ops/ds/reports/2006-01/>.

Serviços como o *Blogger* e o *Blog\*Spot*, o *Google* e o *Orkut*<sup>67</sup>, são amplamente utilizados por pessoas do mundo todo, exigindo incrementos constantes no suporte físico da Rede no país. Assim, o domínio técnico que os Estados Unidos exercem sobre a Internet – possuindo mais da metade dos servidores a ela conectados – se dissipa significativamente na sua apropriação, e isto se manifesta de modo particular na configuração e expansão do universo dos blogs.

Com a popularização das ferramentas de publicação, os blogs se disseminaram em várias frentes, configurando um universo heterogêneo, marcado por diferentes formas de expressão que se entrecruzam por inúmeros caminhos. Uma delas surge no bojo dos movimentos pelo “conteúdo-aberto”, calcados nos princípios de liberdade dos “softwares livres”, e ganha visibilidade em meio aos debates gerados em torno da criação de um jornalismo adequado às especificidades e potencialidades da Internet. Enquanto alguns veículos tradicionais de imprensa repetem o formato impresso na Internet, grupos liderados por jornalistas e militantes do “conteúdo-aberto” investem nas bases de um “novo jornalismo”, um jornalismo “on-line” e *open-source*, construído na interação entre produtores e consumidores de notícias (Castilho, 2004; Brambilla, 2005). Entre esses dois pólos, surgem formatos híbridos que apresentam notícias recolhidas de meios tradicionais – jornais impressos, telejornais, rádio e portais de notícias – e possibilitam a interação com os leitores através de links, espaços para comentários, enquete, mecanismos de busca, etc., seguindo o modelo dos blogs (Castilho, 2004). Dois exemplos conhecidos dessa tendência são os blogs do jornalista político Ricardo Noblat<sup>68</sup>, hospedado pelo Estadão, e do comentarista esportivo Juca Kfour<sup>69</sup>, hospedado pelo UOL.

Contudo, a proposta de um “jornalismo *open-source*”, também definido como “jornalismo cidadão”, fundamenta-se na defesa da total abertura dos meios de produção de notícias e de informações em favor de um “jornalismo colaborativo” e independente de linhas editoriais, que substitua o princípio da imparcialidade pelo da livre expressão de opiniões e pontos de vista (Castilhos, 2004; Brambilla, 2005). E os blogs aparecem como o formato por

---

<sup>67</sup> O Orkut é um serviço projetado por um dos engenheiros do Google, Orkut Büyükkökten, para a construção de redes de relacionamento entre seus membros cadastrados. Uma vez cadastrado no serviço, a pessoa entra no sistema através de um nome de usuário e senha, cria um perfil e pode buscar por outros membros, convidando-os para fazer parte de sua “rede de amigos”. Também é possível criar e participar das “comunidades”, espécies de fóruns de discussão criados em torno de assuntos e afinidades específicas. Uma particularidade do Orkut é a predominância de membros brasileiros, que atualmente compõem quase 73% do quadro geral de membros, composto por aproximadamente 12 milhões de usuários cadastrados.

<sup>68</sup> <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/>.

<sup>69</sup> <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/index.html>.

excelência desse jornalismo, pela gratuidade, simplicidade técnica e interatividade e não por acaso se constituíram como lócus privilegiado para a divulgação e atuação da “atitude hacker”. Durante a pesquisa, foi desvendada uma rede de blogueiros que fazem de seus blogs espaços de militância pela ampliação dos meios de acesso a informação e a tecnologia e por uma atitude colaborativa na construção, gestão e disseminação do conhecimento. Alguns destes blogs, como o *Marketing Hacker*<sup>70</sup>, de Hernani Dimantas, e o *Ecologia Digital*<sup>71</sup>, de José Murilo, têm seus autores envolvidos em projetos governamentais e não-governamentais dedicados a ações nesse sentido, num movimento que extrapola a Internet<sup>72</sup>. É preciso considerar que o Brasil têm ocupado uma posição central nos debates e ações em torno do “software livre” e do “conteúdo-aberto”, e os blogueiros brasileiros desempenham um papel fundamental nesse sentido<sup>73</sup>.

Além disso, um importante episódio constitui-se com um marco para as iniciativas de promoção do “conteúdo-aberto” e, sobretudo, para a expansão do universo dos blogs. Por ocasião dos ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, várias pessoas que se encontravam na região, dentre elas muitos jornalistas, criaram blogs para neles publicarem informações e opiniões acerca dos acontecimentos que estavam no centro das atenções. Esses blogs, que ficaram conhecidos como “warblogs”, tornaram-se um meio de comunicação entre seus autores e suas famílias e amigos distantes e/ou como uma fonte importante de notícias, inclusive para a chamada imprensa oficial. Essa tendência se estendeu durante os ataques norte-americanos no Iraque, sendo compreendida como uma forma de “jornalismo independente”, por não estar atrelada aos grandes veículos e por privilegiar a informação posicionada, baseada na experiência e no ponto de vista daquele que escreve, e a interatividade, com a participação dos leitores através de comentários (Recuero, 2004).

---

<sup>70</sup> <http://www.buzzine.info/marketinghacker>.

<sup>71</sup> <http://www.ecologiadiqital.blogspot.com>

<sup>72</sup> Um exemplo destes projetos é o Metareciclagem, que tem por objetivo reciclar micro-computadores antigos e já em desuso, formatá-los para receber o sistema operacional GNU/Linux e torná-los aptos e funcionar como um telecentro, oferecendo acesso público à Internet e outros aplicativos. Hernani Dimantas figura entre os organizadores do projeto.

<sup>73</sup> Vale destacar, também, o *Projeto Software Livre Brasil* que reúne instituições públicas e privadas (universidades, empresas, grupos de usuários, órgãos públicos) na promoção do desenvolvimento e utilização dos "softwares livres" no Brasil. Em apoio a este projeto, o Governo Federal instituiu, em outubro de 2003, o *Comitê Técnico de Implementação do Software Livre*, lançado no âmbito de um projeto de maior amplitude que visa, além da implementação dos "softwares livres" nas organizações públicas e governamentais, outras ações dirigidas à democratização do acesso às tecnologias da informação e da comunicação. Fonte: Projeto Software Livre Brasil, <http://softwarelivre.org> e Governo Federal, <http://softwarelivre.gov.br/sobre>.

Considerados por uns como um fenômeno comprobatório da possibilidade de um “jornalismo aberto”, *open-source*, os “warblogs” e outros blogs que seguiram na mesma tendência (em outras circunstâncias que não a da guerra) provocaram debates acerca da credibilidade das informações e, sobretudo, dos critérios que definem o *fazer* jornalístico. A questão central desses debates é se os blogs, como um espaço de “livre expressão”, de produção independente de informações e conhecimentos, podem ou não ser considerados como uma forma de jornalismo. Esta questão está em pauta, polarizando discussões entre aqueles a favor de uma abertura total dos pólos de produção e de acesso às notícias, às informações e ao conhecimento e aqueles que se mantêm defensores de um conjunto de atitudes, percepções e valores que definem a base do jornalismo tradicional (Castilhos, 2004).

Independentemente desse questionamento, o fato é que os “warblogs” contribuíram significativamente para o crescimento e visibilidade do universo dos blogs, integrando-se às formas de publicação pessoal que vinham se constituindo desde os sites *link-driven* e o “diário” de Justin Hall. Tudo passou a ser compreendido pelo mesmo termo: blog. Os próprios blogueiros se tornaram os leitores privilegiados de blogs, buscando saber como outros estavam experienciando e se posicionando diante dos mesmos acontecimentos e temas ou de acontecimentos e temas correlatos. O repertório de blogs favoritos de cada blogueiro passou a constar nos blogs, em listas de links fixadas geralmente às margens dos posts. Criavam-se, com isso, redes de blogueiros que se “visitavam” e se comentavam com frequência, onde a experiência de um acrescentava-se à experiência do outro promovendo reflexão e criando vínculos sociais. Ligando-se aos princípios fundadores dos “softwares livres”, pela idéia do “conteúdo-aberto” e da “livre expressão”, e constituindo-se como uma esfera marcada pela troca de experiências (de *expressões* das experiências, como veremos adiante), o universo dos blogs se colocava, assim, diante da possibilidade de ser pensado sob a perspectiva da reciprocidade nos termos da clássica teoria de Marcel Mauss (1974). Participar de circuitos de trocas, colocando experiências e pontos de vistas pessoais em circulação é, nesse universo, um modo de se colocar na direção da aliança, da comunicação, dos vínculos sociais.

O link, aquela construção técnica que liga um ponto a outro na Web, torna-se, nesse sentido, uma forma de relacionamento social. As listas de links exibidas pelos blogueiros em seus blogs, denominadas estrategicamente de “blogrolls”, operam como uma declaração: *veja com quem anda e saberá quem sou*. Ou seja, nesses “blogrolls” links são vínculos sociais, que se apresentam como uma extensão do eu e fazem do blog um espaço da relação, que contém o

contexto relacional e interativo do qual o blogueiro é tributário. Essa perspectiva é sugerida por Nicholas Packwood (2004)<sup>74</sup> que, analisando aquilo que chama de “geografia cultural” do universo dos blogs, compreende-o como uma esfera social movimentada essencialmente por trocas que não podem ser quantificadas, nem tampouco pensadas a partir de modelos econômicos. De acordo com o autor, a dinamicidade e a variedade de elementos cambiantes que compõem as relações entre blogs, blogueiros e redes sociais, faz do universo dos blogs um representante por excelência das esferas sociais que permeiam a Internet, todas passíveis de serem concebidas com base nas trocas que engendram: trocas de mensagens, trocas de arquivos, trocas de música e toda sorte de prática que extrapola os termos da infra-estrutura técnica, dos interesses corporativos ou tecnocráticos. E os links se somam a esses elementos como uma unidade central às trocas estabelecidas entre os blogueiros e articuladas no nível de estratégias comunicativas locais e específicas onde as ações se fazem fundamentalmente na forma de cortesias, isto é, de visitas, de comentários e de links recíprocos. São estas estratégias comunicativas, na forma como elas se articulam na expressão das experiências pessoais e nas trocas engendradas nos e entre os blogs, que estão no centro da análise que aqui se apresenta.

### *Afinal, o que são blogs?*

Cotidiano, vivências de guerra, posicionamentos políticos e militâncias: independentemente das situações específicas trazidas para os blogs, o fato é que eles se consolidaram como uma modalidade de escrita em primeira pessoa, centrada na experiência do sujeito que escreve. Essa característica levou a uma recorrente aproximação dos blogs com os “diários íntimos” tradicionais, cuja prática ganhou força a partir do Renascimento europeu (Carvalho, 2001, p. 239). Tal aproximação é provocada principalmente em face de construções típicas que permeiam a maioria dos blogs e seus posts como, por exemplo, “fui na casa da minha ex-esposa repatriar algumas coisas (...)”, ou, “acordamos beeeem cedinho ... 3:30 da manhã (...)”, ou ainda, “hoje eu concluo um seminário sobre o conto brasileiro (...)”. Essa escrita desenvolvida na forma de um relato do dia-a-dia, explica o fato dos blogs

---

<sup>74</sup> O autor integra um conjunto de pesquisadores reunidos no site *Into the Blogosphere* que, hospedado pela Universidade de Minnesota (EUA), apresenta-se como uma coleção de ensaios sobre a “cultura dos blogs” (Gurak, L. *et all*, 2004). Pautados em estudos em desenvolvimento, esses ensaios se mostram menos conclusivos e mais preocupados em apontar questões e referenciais teórico-conceituais que desafiem a descrição e compreensão do *ethos* implicado na prática do “blogging” em diferentes níveis contextuais.

serem freqüentemente chamados de “diários virtuais” e compreendidos como uma passagem do formato tradicional para a Internet.

Estudos como o de Denise Schittine (2004), Paula Sibilía (2003) e Rose M. Carvalho (2001) tomam essa aproximação como ponto de partida para a análise do fenômeno dos blogs. Para Schittine, a mediação da tela do computador e as possibilidades de anonimato oferecidas pela Internet desempenham, no contexto dos blogs, as mesmas funções que os diários em suas versões em papel: constituem-se como uma espécie de “refúgio” para os indivíduos que tiveram suas vidas esfaceladas pela complexificação da vida social no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a autora compreende os blogs como resultados de uma “emergência da intimidade” no espaço público.

O argumento de Schittine remonta a Richard Sennet (1988), segundo o qual a “sociedade moderna”, constituída na queda do Antigo Regime e no desenvolvimento de uma cultura urbana, secular e capitalista, é marcada por um esvaziamento crescente da “vida pública” (ibid, p. 28). Para Sennet, o aumento populacional, o desenvolvimento das tecnologias do transporte e da comunicação e o advento da economia monetária desproveram o espaço público de seu sentido essencial: um espaço da vida social, separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, no qual as relações são conduzidas por regras de “civildade” e de “teatralidade” (ibid, p. 33). Ao mesmo tempo em que o espaço público se esvazia, a intimidade surge, sob esta perspectiva, como uma forma de representação pessoal contra o isolamento e a despersonalização da vida moderna. Há, segundo Sennet, uma valorização da intimidade, uma emergência do “privado” sobre o “público”, que resulta numa “imaginação psicológica da vida” e, conseqüentemente, numa visão “intimista” da sociedade (ibid, p. 320).

A partir de Sennet, Schittine concebe a Internet como uma instância que possibilita ao indivíduo um “isolamento da vida real”, onde as relações sociais podem ser vivenciadas com certa distância e com possibilidades de controle sobre a exposição pessoal, mais do que na interação face a face (Schittine, 2004, p. 58). Para a autora, “o distanciamento físico encoraja a revelação do segredo: falar com alguém do outro lado da tela pode ser mais fácil do que conversar com alguém próximo” (ibid, p. 111) Os blogs se constituem, dessa forma, como espaços onde o indivíduo se manifesta em múltiplas identidades, com uma liberdade que a “vida real” não oferece, sem que os aspectos mais “reveladores” do seu “eu” sejam expostos, pois estão protegidos pelo “virtual” (ibid, p. 60/61).

Essa imagem do “ciberespaço” como uma dimensão paralela à “vida real” e do indivíduo como sujeito moral, indiviso, essencializado na idéia de um “eu verdadeiro” que só

existe na interioridade, já foi problematizada anteriormente. A partir de autores como Goffman (1995), Maffesoli (1998), Hall (2002) e Giddens (2002), assumimos que a vida social contemporânea se caracteriza, justamente, pela vivência de múltiplos papéis sociais, construídos e experimentados por sujeitos relacionais que se apresentam diferentemente, enquanto *pessoas*, em cada situação ou contexto interativo do qual participam. Como sugeriu Maffesoli (1998), a *inteireza* do sujeito contemporâneo está na sua própria pluralidade. Esta multiplicidade é, por sua vez, engendrada numa tensão constante entre as tendências uniformizantes das massas metropolitanas e as experiências particularizadas do microgrupos, das tribos às quais somos diariamente convidados a integrar. Uma tensão que se atualiza nos termos de uma dialética entre o local e o global, na medida em que as tecnologias da informação e da comunicação rasgam o tempo e o espaço, fazendo com que práticas sociais locais e restritas sejam articuladas num espaço-tempo globalizado (Giddens, 2002; Hall, 2002). Desta forma é possível dizer que, prendendo-se à comparação entre os blogs e os “diários íntimos”<sup>75</sup>, Schittine deixa de considerar a possibilidade dos blogs estarem atualizando processos constitutivos da contemporaneidade.

Sibilia (2003) dá um passo importante neste sentido. Apesar de considerar a possibilidade de compreendermos os blogs como um ressurgimento de antigas práticas introspectivas de exploração e conhecimento de si, adaptadas ao contexto contemporâneo e às possibilidades que as tecnologias comunicacionais oferecem, ela admite que se trata de um fenômeno mais complexo e multifacetado que deve ser entendido como “uma prática cultural característica da nossa época”. Segundo a autora, os blogs se inscrevem num contexto de crescente consumo de “vidas reais”, manifestado no contínuo sucesso editorial das biografias, na ascensão dos *reality shows*, no interesse pelos bastidores da vida de celebridades, nas *webcams*: um contexto que aponta uma “crise da interioridade” moderna e expressa as

---

<sup>75</sup> Deve-se considerar que parte da literatura existente sobre o “diarismo” tradicional sugere outras interpretações para esta prática que não a de uma prática introspectiva, dirigida unicamente ao conhecimento de si. Para autores como Béatrice Didier (1976), Malik Allam (1996) e Izabella Badiu (2002), a idéia de “íntimo” deve ser problematizada diante da complexidade e diversidade de manifestações da prática do “diarismo”, que se constitui como uma atitude de escrita diante da vida e todas as suas experiências. Isso quer dizer que o “diário” é, antes de tudo, um espaço de expressão da vida social do seu autor, e não somente daquilo que supostamente se situa no terreno da “intimidade” (Allam, 1996, p. 152). Além disso, Allam enfatiza o caráter relacional do “diário íntimo” ao afirmar que sua prática implica na adoção ou reconhecimento de um modelo compartilhado de escrita e, portanto, de um sistema de linguagem construído num contexto social específico. Nesse sentido, o autor trabalha a relação entre o “diário”, enquanto objeto e prática, e o seu autor, tanto no nível do sujeito e do conteúdo do “diário” quanto no nível do lugar que essa prática ocupa no mundo social do autor (ibid, p. 170/171).

transformações na subjetividade contemporânea. Os blogs constituem assim, uma modalidade de “estilização do eu”, inscrita numa “ética do sucesso” e de “visibilidade instantânea”, que permite focalizar novos mecanismos de construção e consumo identitários (ibid, p. 148).

A perspectiva proposta por Sibilía converge com a abordagem de Maffesoli (2004), segundo a qual a contemporaneidade é essencialmente marcada por uma exibição da interioridade que encontra na Internet um espaço privilegiado: as fronteiras entre as esferas públicas e privadas parecem se dissipar e aquilo que no mundo burguês moderno só poderia ser vivido por trás do “muro da vida privada”, no lugar da “intimidade”, torna-se um elemento do vínculo social que contribui na constituição das múltiplas tribos que se encontram por meio das redes (ibid, p. 177). E foi inspirada na obra de Maffesoli que Fernanda Bruno (2004) analisou a presença do cotidiano na constituição da “cena comunicacional contemporânea”, como algo que pode trazer conseqüências significativas para a compreensão de como estamos tecendo nossa cotidianidade, subjetividade e relação com o olhar do outro. Segundo a autora, nos blogs, assim como no *Orkut*, nos *reality shows* e em outros ambientes comunicacionais, o cotidiano – com toda sua superficialidade, banalidade e frivolidade –, assume uma expressão prioritariamente visível ao olhar do outro, transformando a natureza recôndita da verdade do homem moderno, tão mais autêntica quanto menos visível e dizível. Diante dessas práticas contemporâneas de exposição do eu, a autora afirma que a autenticidade do indivíduo está justamente naquela dimensão tornada visível e acessível ao olhar do outro, de modo que o seu cotidiano parece ganhar alguma efetividade, consistência e verdade no ato mesmo de se mostrar ao outro (ibid, p. 24). O blogueiro se constitui, portanto, como um ator da sua própria vida e do seu cotidiano, a quem se requer constantemente que encene sua autenticidade na interface com o olhar do outro. E isto nos coloca em meio à própria dinâmica de produção da subjetividade e sociabilidade contemporânea, dos jogos de máscaras, formas e artifícios que, como coloca Bruno, têm o poder de constituir, formar, realizar mais do que falsear ou mentir.

Seguindo na pista dessa abordagem é que proponho pensar os blogs como mais uma instância de *apresentação do eu na vida cotidiana*, onde cada apresentação depende largamente dos contextos sociais específicos em que os atores se envolvem, das suas redes de relações sociais e da permanente construção e negociação dos significados compartilhados nesses contextos. Frank Schaap (2004) já apontou para essa possibilidade ao sugerir que a prática do “blogging” seja analisada no âmbito das “micropráticas” cotidianas e

colaborativamente construídas nas interações entre os atores sociais<sup>76</sup>. Para o autor, a concepção da identidade como algo situado, recíproco, performativo e simbolicamente constituído na “vida real” cotidiana, fornece as bases para a compreensão da *apresentação do eu* nos blogs, seja em relação aos aspectos identitários e estilos de performance enfatizados em cada situação interativa específica, seja em relação ao papel da dimensão técnica na construção dessas performances. Desta forma, Schaap acredita ser possível compreender não só a dimensão performativa das identidades individuais, mas, sobretudo, das coletividades construídas e igualmente performadas no universo dos blogs.

É nessa direção que segue este trabalho, analisando as formas de expressão pessoal que emergem nos blogs como resultantes de jogos performáticos que transformam conteúdos supostamente “íntimos” em conteúdos partilháveis, motores da interação e da produção das relações sociais. Como reconhece Schittine, com as possibilidades de participação direta dos leitores criam-se “redes de cumplicidade” pelo compartilhamento de afinidades, interesses e experiências (Schittine, 2004, p. 97). Há, com isso, uma diluição das fronteiras entre o “on-line” e o off-line como veremos nos capítulos a seguir, ao mesmo tempo em que o cotidiano é reinventado para ser compartilhado nos blogs, os blogs se tornam mais uma dentre as tantas práticas cotidianas. E isso contribui para a construção de uma imagem do “ciberespaço” como mais uma instância da vida social, de onde emergem constantemente novas identidades, experiências e relações.

Proponho, portanto, pensarmos o universo dos blogs como o revés do que Walter Benjamin (1985) acreditava ocorrer na modernidade: o narrador deixar de existir e a *arte de narrar* se extinguir. Para este pensador alemão, a complexificação da vida nos tornava cada vez mais privados da arte de intercambiar experiências, porque as experiências, cada vez mais numerosas, tornavam-se menos comunicáveis, menos narráveis (ibid, p. 200). Benjamin pensava que a emergência da informação – utilitária, explicativa, efêmera -, tornava-nos pobres em narrativas, em histórias surpreendentes, da mesma forma que a obra de arte perdia sua “aura” diante da reprodutibilidade possibilitada pela imprensa. Os blogs parecem transgredir essa percepção, apresentando-se como uma forma quase artesanal de comunicação, onde narrativas são tecidas a partir das experiências dos próprios narradores ou de outros, passadas de “boca em boca”, como diria Benjamin, ou de post em post, de

---

<sup>76</sup> Juntamente com Nicholas Packwood, esse autor integra o conjunto de pesquisadores cujos ensaios estão reunidos no site *Into the Blogosphere* (Gurak, et al., 2004).

comentário a comentário, de link em link. Seja como for, tais narrativas guardam sempre a marca do narrador, como também diria Benjamin, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (ibid, p. 205). E não informam somente, pois uma vez retiradas da experiência, elas podem ser contadas e contadas de novo, sempre diferentemente, sempre numa nova história.

Sendo assim, podemos compreender os blogs nos termos das práticas cotidianas, das “maneiras de fazer” inventadas, como nos disse Michel de Certeau (1994), na reapropriação dos modelos uniformizantes e disciplinadores impostos pela sociedade de consumo, que tentam impor uma ordem às pessoas e às coisas, definindo lugares, papéis e produtos a serem consumidos. E, como veremos, é antes de tudo a relação que determina os termos dessas práticas. Práticas produzidas num universo de regras, de modos que não se reduzem às habilidades técnicas ou objetivas, mas que operam no campo de um sistema social singular, colocando em jogo a apropriação de conhecimentos e significados compartilhados, instaurando “presentes” relativos a momentos e lugares e estabelecendo os contatos de uns com os outros em redes de relações (ibid, p. 40). Assim, o universo dos blogs integra o cotidiano pensado, a partir de Certeau, como a dimensão da experiência particular, onde a individualidade se constitui no lugar onde atua a pluralidade, incoerente e muitas vezes contraditória, de suas determinações relacionais<sup>77</sup>. Ao mesmo tempo, apresenta-se como um novo espaço de representação do cotidiano, que fornece às “maneiras de fazer” um reduto de *narratividade*. Certeau permite pensarmos os blogs como “arte de narrar” a experiência cotidiana que, com seus procedimentos e táticas próprias, criam um espaço de ficção e, precisamente deste modo, “mais do que descrever um ‘golpe’, ela o faz”, apresentando-se como um *modelo de* e um *modelo para* a vida cotidiana (Certeau, 1994, p. 153; Geertz, 1989).

Nesse sentido é possível conceber os blogs também como parte do esforço de construção de biografias pessoais que asseguram a singularidade, a coerência e a integralidade dos indivíduos em meio à fragmentação característica da experiência contemporânea. Como coloca Velho (1994, p. 100), a noção de *biografia* é fundamental e constituidora das sociedades “onde predominam ideologias individualistas”, pois, sustentada numa *memória*, ela aponta a singularidade do indivíduo, constantemente enfatizada. Esta perspectiva é

---

<sup>77</sup> Como Maffesoli (1998), Certeau (1994) rejeita a idéia do “atomismo social”, que serve de postulado para as análises da sociedade que supõem o indivíduo como unidade elementar a partir do qual são compostos os grupos e à qual sempre é possível reduzi-los (ibid, p. 38).

semelhante àquela apresentada por P. Jedlowski (1990)<sup>78</sup> que, relacionando as obras de Simmel e de Benjamin, sugere que a aceleração e mudança contínua da experiência moderna, a intensificação da consciência e a multiplicação das esferas sociais leva o sujeito a conceber sua vida como uma *biografia individual*; como uma estória diferente da dos outros, que só ele mesmo pode contar e sobre a base da qual ele constrói sua individualidade (ibid, p. 147). As perspectivas de Velho e Jedlowsky remetem, num certo sentido, ao conceito de *reflexividade* de Giddens (1991, p. 45), definida pelo autor como sendo um dos elementos do dinamismo da vida moderna, através do qual a maioria dos aspectos da atividade social e das relações materiais com a natureza está suscetível à revisão constante, à luz do conhecimento e da informação. Essa reflexividade se estende, segundo Giddens (2002, p. 38), ao núcleo do eu; o eu se torna um *projeto reflexivo* e deve ser explorado e construído no sentido de conectar as mudanças pessoais às mudanças sociais. Em meio às várias identificações que o indivíduo vivencia nas diferentes situações em que se envolve, a reflexividade conduz à construção do que Giddens chama de “auto-identidade”, que nada mais é do que o eu reflexivamente compreendido pelo indivíduo em termos de sua biografia (ibid, p. 54).

Esse processo supõe a narrativa como uma maneira de singularizar as experiências e assegurar a continuidade individual, e parece encontrar nos blogs um espaço privilegiado de realização. Pela narrativização das múltiplas experiências cotidianas emergem, nos blogs, sujeitos coerentes e singulares, cuja continuidade no tempo se expressa no link permanente entre passado, o presente e o futuro. Ao mesmo tempo em que se enfatiza a novidade, o último e mais recente post, o presente está, no blog, permanentemente ligado aos “arquivos”, à memória tecida dia-a-dia pelas expressões do cotidiano e pelas interações, e ao futuro, na expectativa de novas atualizações. Assim, situados no nível das particularidades, gostos, preferências dos agentes empíricos, ou ainda, no nível das performances, das explorações, dos desempenhos e das escolhas ancoradas nas avaliações e definições que eles fazem da realidade, os blogs se apresentam como *projetos individuais*, ou como parte de *projetos individuais*, que, segundo Velho (1987; 1994) emergem em meio às possibilidades de individualização próprias das sociedades ou segmentos sociais onde florescem “ideologias

---

<sup>78</sup> Paolo Jedlowski é um sociólogo italiano, professor na Universidade da Calábria, que possui uma significativa produção no quadro da sociologia da vida cotidiana e da memória, com obras específicas acerca da relação entre a memória, a experiência e a modernidade e da narração da vida cotidiana. Durante meu doutorado "sanduíche" na Universidade de Montreal (CA), tive acesso a um de seus livros, intitulado *Storie Comuni – la narrazione nella vita quotidiana* (Mondadori Bruno, 2000), que poderia ser de grande valia para esta tese caso estivesse traduzido ao menos para o inglês.

individualistas”<sup>79</sup>. No entanto, sua elaboração se inscreve em *campos de possibilidades*, circunscritos histórica e culturalmente, que contêm os paradigmas, temas e prioridades (inclusive em termos da própria noção de *indivíduo*) enfatizados no contexto social específico em que ele se apresenta.

Por sua vez, esses contextos se definem no âmbito das redes de relações sociais em que os indivíduos se inserem e nas quais eles se constituem enquanto blogueiros. É para uma rede, e na rede, que um blogueiro se apresenta, nos termos de Goffman (1995), construindo-se enquanto *pessoa*, que só existe na relação com o outro. E é em rede que ele tece uma biografia, partilhando suas experiências e tornando-as compartilháveis, num processo que envolve regras permanentemente negociadas em meio ao esforço coletivo de construção de uma *definição comum da realidade* (Velho, 1994, p. 17). Uma biografia que só faz sentido se for comunicável no interior do *campo de possibilidades*. Para além de qualquer definição técnica, é na possibilidade de compartilhamento que se define um blog e se constitui um blogueiro, num movimento onde, como bem colocou Schittine (2004, p. 233), busca-se “ser aceito pelo Outro” e, ao mesmo tempo, busca-se “encontrar no Outro um pouco de si”, numa permanente construção de projetos reflexivos que se realizam na elaboração de narrativas do eu. Essas narrativas emergem não sob a proteção do anonimato, mas, como pretendo demonstrar, de forma performativa onde “o que se escreve deve ser aceito” e, principalmente, “deve corresponder ao que o Outro quer ler” (Schittine, *op. cit.*).

Assim, as identidades dos blogueiros são constantemente construídas e negociadas, a partir de preferências e entendimentos partilhados no interior dos contextos sociais específicos nos quais eles se inserem. Desta forma, o universo dos blogs provoca a tensão entre o local e o global em diferentes planos, tanto nos termos das relações entre o eu e o grupo, quanto nos termos das relações entre o grupo e a Rede, com suas múltiplas conexões e possibilidades. Seja na relação entre os propósitos individuais e os interesses do grupo, seja na relação entre os grupos específicos, configurados nas *densidades* das redes, e um contexto mais amplo, a esfera do local sempre se define em relação a uma dimensão mais global. E dessa relação desdobram-se outras tensionalidades que nos blogs se manifestam entre a almejada liberdade de expressão e as regras que norteiam as situações interativas, entre a autonomia do “dono do

---

<sup>79</sup> Segundo Velho (1994, p. 99), em qualquer sociedade há processo de *individuação*, através da inserção do lugar do indivíduo na sociedade e do desempenho dos seus papéis sociais; mas a *individualização* seria um processo próprio às sociedades que fixam o indivíduo socialmente significativo, como valor básico da cultura.

blog” e os laços de reciprocidade construídos, entre a idéia da autoria e a colaboração resultante das interações. Enfim, o universo dos blogs se constitui como um contexto em que diferentes esferas sociais se interpenetram e, muitas vezes, se conflitam, mas que compõem a complexidade da vida social contemporânea.

## — Capítulo 2 —

### Blog: uma apresentação sócio-técnica do eu

---

---

#### 1. O *encontro etnográfico* e a constituição do campo da pesquisa

A pesquisa na qual se sustenta esta tese foi realizada em dois períodos específicos, sendo um entre agosto e dezembro de 2003 e outro entre maio de 2004 e maio de 2005. O primeiro período constituiu-se de uma incursão preliminar no universo dos blogs, de caráter exploratório, que visava delinear os aspectos que definiram a problemática central da tese, apresentada no projeto de pesquisa. Um dos pontos de partida, nesse sentido, foi a ampla produção de cunho jornalístico suscitada com a disseminação dos blogs pela Internet, que discutia a validade e credibilidade do conteúdo “informativo” oferecido por eles – uma discussão situada no âmbito dos debates acerca do “jornalismo open-source” –, bem como o estatuto da intimidade, as políticas de privacidade e as implicações da exposição diante do caráter muitas vezes “confessional” desse tipo de publicação pessoal (Borges, 2002; Sampaio & Macedo, 2003; Observatório da Imprensa, 2002; Colacino, 2002; Fonseca, 2002; Perret, 2002; Brocanelli, 2003; Fernandes, 2003; Matias, 2003; Monteiro, 2003; Folha de SP, 2003). Esse material permitia uma espécie de mapeamento do universo dos blogs, em especial da sua parte brasileira, servindo-me como guia para minha inserção no campo da pesquisa.

Sempre acrescidos de listas bastante diversificadas de blogs, esses textos jornalísticos me permitiram perceber, por exemplo, a existência de blogs com temáticas mais ou menos específicas, privilegiando temas como futebol, música, literatura, cinema, política, etc. Ou ainda, a existência de blogs que tendiam a um gênero de escrita particular, como os humorísticos, literários ou artísticos dedicados, respectivamente, à publicação de *charges* de diferentes situações (políticas ou esportivas, por exemplo) e de produções literárias ou artísticas de seus autores, como poesias, contos, crônicas, fotografias, etc. Esses se somavam, é claro, àqueles blogs que, nos termos nativos, aproximam-se da forma de um “diário”, por dedicarem-se privilegiadamente às narrativas elaboradas sobre o cotidiano de seus autores.

Logo na primeira etapa da pesquisa verificou-se, entretanto, que qualquer tipologia dos blogs estava atravessada pela presença incontestável do autor, cuja imagem é construída em “perfis” e nos posts, nas assinaturas, na própria concepção gráfica do blog, enfim, em todos os elementos que compõem a **apresentação do blogueiro**. Fazendo uso das palavras de um dos blogueiros que participaram da pesquisa, quero dizer que “mesmo nos blogs mais impessoais – científicos ou jornalísticos – aflora ali sempre uma marca do nome próprio, do sujeito que assina, marcas em geral reprimidas na grande imprensa ou mesmo na literatura de ficção das grandes casas editoriais”<sup>80</sup>.

Uma vez que o foco principal da análise se circunscrevia às formas de apresentação e às performances dos blogueiros, restava delimitar o campo em que a pesquisa se realizaria. Afinal, cada blog levava, de link em link, a uma série de outros blogs num processo aparentemente infundável que, no limite, poderia alcançar a *rede social total* em que se constitui o universo dos blogs, retomando os termos de Barnes (1987). Desta forma, estar em todos os lugares era o mesmo que não estar em lugar nenhum. Em meio às múltiplas possibilidades identificadas na etapa preliminar da pesquisa, o trabalho de campo iniciou-se, portanto, por construções “egocêntricas” de rede, definidas a partir de alguns blogueiros e de seus “blogrolls”, isto é, das listas de links para blogs “favoritos” cultivadas pelos blogueiros. Supondo que um “blogroll” representa a *estrela de primeira ordem* de um blogueiro, contendo as relações diádicas das quais ele participa, a estratégia foi tomar grupos de dois, três ou mais blogueiros ligados todos entre si e identificar as relações que se estabeleciam entre conjuntos de estrelas, em termos de *zonas de segunda ordem*, como sugere Barnes (ibid, p. 170). Pretendia-se, com isso, concentrar as observações no nível das *densidades* de rede, visando não só a análise do processo de apresentação dos blogueiros na e para a rede, mas também a dinâmica de construção dessas redes, permanentemente modificadas pelas novas ligações e/ou possíveis desligamentos.

Foi assim que identifiquei, por exemplo, uma extensa rede de blogueiras construída em torno do compartilhamento de experiências relacionadas à gravidez e à maternidade. Tratamentos de fertilização, rotinas de exames pré-gestacionais e pré-natais, ciclo menstrual,

---

<sup>80</sup> Idelber Avelar, num post publicado em 15/08/2005 no seu blog *O biscoito fino e a massa*. Trata-se especificamente do trecho de uma palestra proferida pelo próprio blogueiro no 6º Salão do Livro de Belo Horizonte (MG), ocorrido entre 11 e 21/08/2005, para o qual ele foi convidado a participar integrando uma mesa redonda sobre blogs e literatura com mais dois outros blogueiros, Fal Azevedo (do blog *Drops da Fal*) e Alexandre Inagaki (do blog *Pensar Enlouquece*).

testes de gravidez, relações sexuais, enfim, tudo o que pudesse estar relacionado a esse universo era tema para os posts que alimentavam os blogs que compunham essa rede. A circulação por entre esses blogs, a observação dos seus “blogrolls” e dos comentários e referências que uma fazia à outra, permitiu-me constatar que tal rede convergia para um blog coletivo, o *Ligeiramente Grávida*, onde todas podiam postar e comentar<sup>81</sup>. Criado em 2002, o *LG*, como era geralmente chamado, chegou a contar, em 2003, com cento e vinte e quatro participantes cadastradas; mulheres com idades que variavam de dezesseis a quarenta e três anos, sendo que mais de 60% encontrava-se na faixa dos vinte aos trinta anos<sup>82</sup>. Nos posts, predominavam as mesmas temáticas que perpassavam os blogs pessoais, sendo que muitos posts publicados nesses últimos costumavam ser republicados no blog coletivo. Entre os blogs pessoais das participantes do *LG*, era possível perceber a existência de várias *estrelas segunda ordem* formadas pelos contatos comuns a duas ou mais participantes. No âmbito dessas redes estelares se estabeleciam os laços mais estreitos, mantidos em torno de particularidades como o desejo de engravidar, experiências com formas de reprodução assistida, vivências coincidentes relacionadas à gestação, bem como à maternidade, etc. Uma ligação generalizada entre todas elas se realizava, por sua vez, no blog coletivo. Sendo assim, a publicação ou republicação de um post no *LG* podia ser pensada como uma tentativa de alcance de uma dimensão mais global dessa rede. Nessa dimensão, todas as blogueiras pareciam se unir por um sentimento de pertença a uma comunidade, a “comunidade *LG*”, que se constituía como uma espécie de grupo de ajuda mútua em torno dos dilemas e expectativas relacionados à gravidez e à maternidade. Sendo assim, a depender da perspectiva de observação da rede *Ligeiramente Grávida*, ela apresentava uma configuração particular, variando em extensão, densidade, permanência e intensidade interativa.

Para além da rede que convergia para o *LG*, os blogs pessoais dessas “meninas”, como as participantes costumavam se tratar, conduziam, através de seus “blogrolls”, a uma série de outras redes, com diferentes graus de densidade e especificidades temáticas, das quais elas também participavam. E foi nesse contexto de múltiplas associações, perseguindo

---

<sup>81</sup> Um blog coletivo é um blog em que mais de um autor está autorizado a inserir posts, através de um código de acesso à ferramenta de publicação utilizada para sua atualização e administração. Todas as ferramentas de publicação de blogs permitem o cadastro de mais de um autor para cada blog. No caso dos blogs coletivos, é comum eleger-se um único administrador que terá acesso exclusivo às configurações do blog, podendo adicionar e excluir autores, sendo que aos demais é liberada somente a possibilidade de postar.

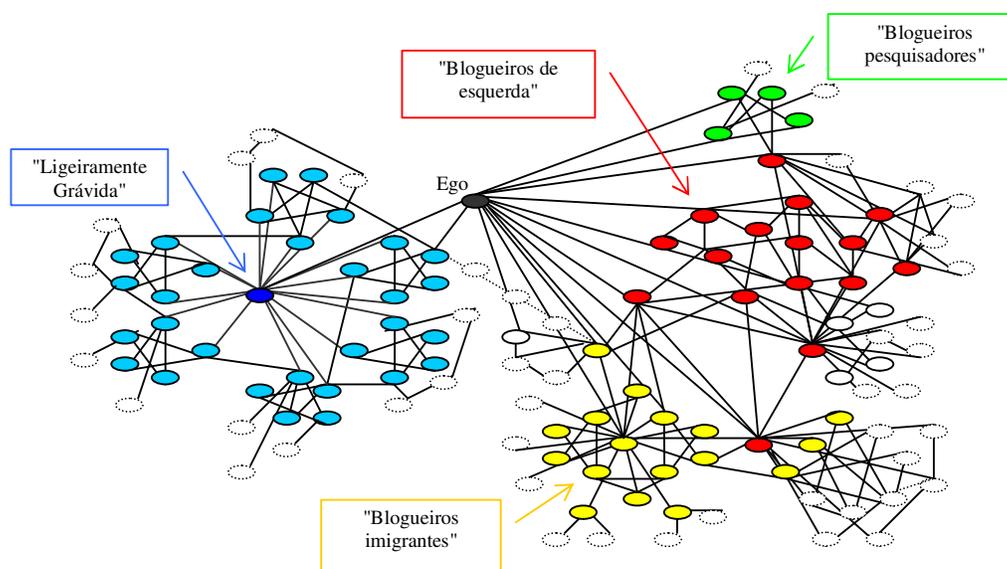
<sup>82</sup> Dados elaborados a partir do “perfil” de cada participante, disponibilizado numa sessão à parte no blog e construído a partir das fichas cadastrais por elas preenchidas ao se cadastraram no grupo.

algumas ligações, que alcancei uma rede de blogueiros brasileiros que moravam em outros países, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, que se desenhou na medida em que as ligações comuns entre os blogueiros foram sendo percebidas: mais densas entre alguns, menos densas entre outros. Aos meus olhos, a rede se definia pelo compartilhamento de experiências marcadas pela condição de imigrante, mais enfatizada por uns e menos enfatizada por outros. No entanto, logo foi possível perceber que os níveis de *densidade* das ligações entre esses blogueiros não eram necessariamente determinados pela ênfase nas experiências relativas à imigração, mas, também, por outros interesses e afinidades particulares, mesmo que ainda marcados pela condição de imigrante. Enquanto as experiências e expectativas relacionadas à gravidez e à maternidade eram o ponto de convergência das *Ligeiramente Grávidas*, que se uniam no e pelo blog coletivo, agora, a experiência comum da imigração se mostrava como o ponto a partir do qual redes de afinidades específicas se formavam, incluindo outros blogueiros, não imigrantes. O movimento contrário também parecia possível, com blogueiros se ligando à rede de imigrantes a partir da inserção anterior em outras redes, com outras especificidades. Como sugere Gilberto Velho (1987), cabe considerar, aqui, o peso relativo de alguns interesses e afinidades em relação aos outros para, assim, identificar em torno do que os blogueiros estão se relacionando mais intensamente. Afinal, como uma esfera social tipicamente contemporânea, no universo dos blogs os indivíduos estão associados a múltiplas redes e funcionam como elo que ligação entre elas, mesmo que nelas interajam em diferentes níveis de intensidade.

Nesse sentido, foi possível perceber que alguns “blogueiros imigrantes” ligavam-se mais estreitamente pelo compartilhamento de um posicionamento político “de esquerda”, participando de uma rede que incluía outros blogueiros, dentre eles professores universitários, pesquisadores, jornalistas, militantes de movimentos sociais, etc. Mais tarde, esses blogueiros criaram uma lista eletrônica de discussão batizada de *blog-left*, o que a definia explicitamente como sendo de “blogueiros de esquerda”, com o objetivo de concentrar as discussões geradas nos blogs e organizar postagens coletivas sobre temas de interesse do grupo, como a descriminalização do aborto, as políticas de desarmamento, as políticas de cotas para afro-descendentes, etc. Dentre eles incluíam-se alguns fortemente envolvidos na atuação e divulgação da “ética hacker”, que também participavam de redes específicas construídas em torno de diferentes projetos e iniciativas ligadas à promoção do “software-livre”, à democratização do acesso às tecnologias da comunicação e ao conhecimento através da Internet, etc. Finalmente, de ligação em ligação, desvendou-se também um grupo de

“pesquisadores blogueiros” ou “blogueiros pesquisadores”, interessados na análise e compreensão de práticas específicas desenvolvidas no universo dos blogs, especialmente das implicações do uso das ferramentas de publicação “on-line” em atividades como a educação, o jornalismo, em atividades empresariais, etc.

Se fosse possível construir um mapa dessas ligações que constituíram o campo da pesquisa, ele deveria contemplar essas diferentes redes estelares alcançadas no decorrer das observações, ligadas entre si em diferentes pontos e construídas em torno do compartilhamento de diferentes interesses e de afinidades específicas. O esquema abaixo possibilita, mesmo que superficialmente, a visualização dessas ligações e das regiões onde elas se tornaram mais densas e numerosas. Trata-se de um desenho da ‘minha’ rede de relações sociais construída durante o trabalho de campo e que aponta, em última instância, para contextos sociais específicos.



Tais ligações são extremamente dinâmicas; constroem-se e desfazem-se ao sabor das interações entre os blogueiros, pelos comentários recíprocos e pelo percorrer dos “blogrolls” que estão sempre conduzindo a diferentes caminhos. Desta forma, a percepção e a compreensão do processo de configuração dessas redes dependem, sempre, do ponto de partida eleito para sua observação e análise. Estamos, aqui, no âmbito dos aspectos subjetivos que emergem no trabalho de campo, do encontro e confronto entre interesses, escolhas e visões de mundo do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa (Grossi, 1992, p. 11). Estes aspectos subjetivos participaram de modo significativo na constituição do campo desta pesquisa, determinando minha inserção na rede de “blogueiros imigrantes”, justamente no

momento em que me preparava para os seis meses de doutorado “sanduíche”, realizado na Universidade de Montreal (CA), bem como minha inserção na rede dos “blogueiros de esquerda” e dos “blogueiros pesquisadores”. Estas redes se constituíram, em última instância, nos contextos dentro dos quais me foi possível compartilhar e interagir com os blogueiros.

Como coloca Luis Roberto Cardoso de Oliveira (1993, p. 75), é somente despertando algum sentido no contexto de um universo compartilhado, de uma área de interseção entre o “mundo do pesquisador” e o “mundo dos pesquisados”, que os conteúdos culturais nativos podem ser transformados em dado pelo antropólogo. Ao mesmo tempo, diz o autor, o antropólogo só pode dar sentido aos acontecimentos e à sua própria experiência à medida que questiona seu entendimento imediato da situação de campo, colocando em cheque suas categorias nativas e se expondo a interpretações alternativas, sem que esse processo leve a uma aceitação ingênua *do ponto de vista do nativo* (ibid, p. 77).

Nesse sentido, o trabalho de campo transcorreu visando o estabelecimento de uma relação dialógica com os sujeitos da pesquisa, através da minha inserção nos circuitos de trocas criados nos blogs, partilhando experiências e pontos de vista que me permitiram participar dessas redes e tornar-me, mesmo que parcial e temporariamente, parte delas. Somente assim foram criadas as condições necessárias para o *encontro etnográfico*, tal como a “pós-antropologia” define a situação de campo (Clifford, 1991). Um encontro que se efetivou com a criação de um blog, batizado de *Field-book* numa referência ao diário de campo como instrumento fundamental do exercício antropológico. Foi com esse blog que me *apresentei* na e para essas redes, buscando contemplar diferentes entendimentos e interesses e submetendo-me à negociação constante de minha identidade: a de uma “pesquisadora blogueira” empenhada no exercício da observação-participante. E essa experiência permitiu-me perceber que a participação no universo dos blogs depende essencialmente da criação de um blog, pois é o blog que apresenta o blogueiro e é com o blog que efetivamente se compartilha nesse universo, como veremos no desenvolvimento da análise. Não são raras as vezes em que os blogueiros clamam e celebram a inauguração dos blogs dos seus leitores “não-blogueiros”, como ocorreu com a própria criação do *Field-book*.

A minha participação foi, dessa forma, determinante na compreensão dos processos sociais produzidos no universo dos blogs, tanto nos termos da apresentação dos blogueiros no âmbito das redes de relações nas quais eles se inserem, quanto nos termos da construção dos laços sociais, mantidos em circuitos de visitas, comentários e links recíprocos. A passagem pela experiência iniciática de um blogueiro e a transformação dos “informantes” em

interlocutores me colocou num patamar diferenciado para a observação do caráter eminentemente relacional do processo de constituição do sujeito-blogueiro e da lógica inerente à construção e manutenção das redes de relações sociais nesse universo, fortemente calcada em princípios de reciprocidade. Antes de tudo, foi o próprio processo de constituição do campo da pesquisa que mostrou que **ser blogueiro é estar em rede**, avaliando e sendo constantemente avaliado em sua performance.

Além disso, esse esforço na direção do *encontro etnográfico* se torna especialmente significativo se considerarmos os problemas metodológicos colocados por parte dos estudos no “ciberespaço”, relacionados principalmente às questões éticas implicadas na pesquisa e na escrita etnográfica, em razão da aparente facilidade no registro dos dados (já que tudo parece automaticamente registrado) e das possibilidades de “invisibilidade” do pesquisador (Rifiotis, 2002, p. 5). Assim, o estabelecimento de uma relação dialógica, a realização da observação direta e participante e a escrita do diário de campo não como um mero “tomar notas” ou arquivamento de dados, mas como forma de “reflexão sistemática entre a experiência parcial e a busca de recorrências significativas”, permite uma aproximação mais efetiva da natureza do entendimento antropológico como entendida por Geertz: “ver as coisas do ponto de vista do nativo”, tentando, como sugere o autor, estabelecer conexões esclarecedoras entre os conceitos de “experiência-próxima” da situação vivencial estudada e as perspectivas teóricas adotadas na análise (ibid, p. 6-8; Geertz, 1997, p. 88). Enfim, é preciso considerar que essa pesquisa se desenvolveu num universo onde os horizontes do pesquisador e dos pesquisados muitas vezes se confundem; onde os conceitos da “experiência-próxima” dos “nativos” podem ser próximos do pesquisador tanto quanto os conceitos da “experiência-distante”, aqueles que usamos para levar a cabo nossos objetivos científicos, podem estar próximos dos “nativos”. Considerando essa tensão como inerente à situação em que pesquisa se desenvolveu é que procurei “descobrir como os outros”, alcançáveis a um clique no *mouse*, “organizam seu universo de significados” (Geertz, 1997).

Por último, foi buscando constantemente as condições para uma antropologia dialógica e polifônica, que dá vez e voz ao Outro, que procurei contemplar a dimensão ética da pesquisa (Cardoso de Oliveira, R. 1996, 1998). As relações estabelecidas no universo dos blogs se estenderam, muitas vezes, à troca de e-mails e em conversas por meio de dispositivos de mensagens instantâneas, como o MSN e o Google Talk. E, como o *Field-book* se consolidou como um espaço permanente de exposição da pesquisa enquanto o objetivo da minha participação nesse universo, este foi um assunto por várias vezes abordado e discutido

com blogueiros que demonstravam interesse em conhecer detalhes da pesquisa e das minhas observações. Em face das constantes abordagens, não foram raras as vezes em que questionei os participantes da pesquisa – no blog, através de questionários direcionados e, finalmente, por e-mail – quanto à utilização dos nomes na tese, tanto dos nomes dos blogs, quanto dos nomes que assinam os blogs. Esse questionamento poderia parecer desnecessário, visto que os blogs são públicos e que existem inúmeras formas de preservação dos direitos dos autores sobre seus textos e produções “on-line”, a exemplo das licenças *Creative Commons*, sob as quais muitos blogueiros protegem o conteúdo de seus blogs. Todos os blogueiros reafirmaram esta condição, autorizando a utilização de seus nomes, do nome de seus blogs, bem como de todo seu conteúdo. Apenas uma blogueira solicitou ter seu nome preservado na tese, apesar de ter autorizado a utilização do conteúdo, bem como a referência ao nome dos seus blogs. Esta será tratada, especialmente no quarto capítulo, como a Luciana do blog *Arte*. Seja como for, os blogueiros serão apresentados nessa tese somente a partir daquilo que está presente nos blogs, nos seus “perfis”, nos posts e comentários. Afinal, são as formas de apresentação e, conseqüentemente, os processos de constituição do blogueiro no contexto das redes de relações sociais nas quais eles se inserem, que estão no centro da análise que passo a desenvolver.

## 2. Criando blogs e blogueiros no domínio da interface

No universo dos blogs, entende-se que um blogueiro surge quando se cria um blog. Tal afirmação pode parecer óbvia, mas ela chama a atenção para o momento da criação, da confecção, de um blog como um momento fundamental na *apresentação do eu* nesse universo. Trata-se de um momento que se situa, por sua vez, no nível da interface ou, mais especificamente, no nível da ferramenta utilizada para a publicação do blog. Isto quer dizer que para se apresentar e interagir nesse universo, um blogueiro tem antes que se apresentar e interagir numa dimensão técnica, que estipula padrões, formas e procedimentos específicos cuja compreensão e manipulação exigem uma competência diferenciada: uma **competência técnica** constituída pelos conhecimentos e habilidades do blogueiro, ou futuro blogueiro, para agir e lidar na interface, na ferramenta e com os serviços e recursos de que ela dispõe.

Afinal, o que se entende por interface? Refiro-me à interface como o meio de comunicação entre o indivíduo e o computador: é ela que traduz, por meio de metáforas do nosso cotidiano, os zeros e uns que formam as unidades binárias nas quais está codificada toda a informação digital que um computador pode armazenar (Johnson, 2001). Ou seja, a

interface é aquilo que visualizamos como sendo o ambiente interno do computador; uma espécie de escritório, o *desktop*, de onde interagimos com o espaço de dados da máquina como se estivéssemos em uma escrivaninha, diante de pilhas de pastas e documentos organizadas ao nosso gosto, ordem de prioridade e importância. Isto se tornou possível graças ao “sistema de janelas”, cuja primeira versão<sup>83</sup> remonta ao final dos anos 60 e que, tendo sido aperfeiçoado ao longo dos anos 70 e 80, serviu de base para a criação do Windows. Nesse ambiente de janelas que se sobrepõem, povoado de “pastas” e “documentos” acessíveis através de “atalhos” e “menus”, o computador representa a si mesmo diante do usuário, enquanto este representa a si mesmo, na interface, através do ponteiro do *mouse* (ibid, p. 21-24). A Web, por sua vez, dá ainda mais profundidade a esse ambiente, ao *desktop*, levando o usuário, agora internauta, para além do espaço interno do seu computador, possibilitando-o explorar e manipular conteúdos disponíveis nos incontáveis computadores conectados à Internet. Isto quer dizer que, uma vez na Web, seja navegando num site, interagindo num *webchat*, ou respondendo e-mails num serviço de *webmail*, o internauta já passou por vários níveis da interface, desde o momento em que o ambiente do sistema operacional se apresentou aos seus olhos, até o momento em que o *browser* foi ativado e os endereços desejados foram acessados.

Quero com isso chamar atenção para o caráter **sócio-técnico** de toda experiência social produzida na Internet e, em especial, no universo dos blogs. Para percorrer os diferentes níveis da interface, o indivíduo deve apreender um sistema de linguagem, com um vocabulário especializado, através do qual ele se comunica com o computador, entendido agora mais como um terminal de comunicação do que como uma mera máquina. Em cada modalidade de “comunicação mediada por computador” esse sistema de linguagem, bem como o seu vocabulário, é acrescido de códigos e procedimentos específicos que lhe conferem diferentes feições, como ocorre no universo dos blogs. Qual ferramenta utilizar: uma paga, ou uma gratuita? O que é registrar um “domínio”? Qual será o meu “endereço”? E meu *login*, e minha “senha”? Qual “layout” terá meu blog? HTML, o que é e como funciona? Estas perguntas estão particularmente envolvidas no processo de criação de um blog e saber

---

<sup>83</sup> A primeira interface baseada em "janelas" foi desenvolvida em 1968 por Doug Engelbart, do Laboratório de Computação da Xerox, em Palo Alto (EUA). No entanto, as "janelas" de Engelbart eram bidimensionais e não se sobrepunham, o que tornava difícil a conservação de muitas janelas competindo o espaço limitado da tela. Foi Alan Kay deu profundidade às janelas de Engelbart, desenvolvendo um ambiente tridimensional. Aperfeiçoado durante os anos 70 e 80, o projeto de Kay foi testado pela primeira vez, e com sucesso, num computador da Machintosh, para então consolidar-se no mercado (Johnson, 2001, p. 39-41).

respondê-las determina, pelo menos em parte, a forma como o indivíduo vai se apresentar nesse universo.

São várias as ferramentas existentes para a criação, publicação e atualização de um blog. As mais conhecidas e utilizadas são aquelas já mencionadas, que seguiram a tendência do Blogger e estão gratuitamente disponíveis na Web, oferecendo inclusive serviços de hospedagens para os blogs. Isso significa que, ao serem criados em uma destas ferramentas, os blogs recebem automaticamente um “endereço” – tecnicamente, uma URL -, que contém a indicação da ferramenta e/ou serviço utilizado, como por exemplo, <http://www.nome do blog.blogger.com><sup>84</sup>. Existem, no entanto, ferramentas cuja licença para a utilização deve ser paga pelo usuário. Estas licenças são, às vezes, adquiridas em pacotes oferecidos por empresas presentes na Internet que se dedicam a registrar o “domínio” do site, hospedá-lo e fornecer recursos para sua elaboração, atualização e gerenciamento<sup>85</sup>. O registro do “domínio próprio” de um blog, ou de qualquer outro site, permite que seu “endereço” seja, por exemplo, apenas <http://www.nome do blogueiro.com>, sem que haja qualquer referência à ferramenta utilizada e/ou ao serviço de hospedagem. Alguns serviços gratuitos permitem a hospedagem de “domínios próprios”, bem como a utilização de suas ferramentas para a publicação de blogs, como o Blog\*Spot, da Blogger. Entretanto, independentemente de onde um “domínio” é hospedado e da forma pela qual um site é gerenciado, o registro de “domínios próprios” deve ser pago.

Informações como essas podem parecer desnecessárias, talvez técnicas demais, mas tornam-se relevantes para a compreensão dos processos sociais que emergem no universo dos

---

<sup>84</sup> URL: sigla de *Universal Resource Locator*, que em português pode ser traduzido como "Localizador Universal de Recursos". Por "recurso" entende-se, de modo geral, qualquer "página" da Web, lembrando que um site é um conjunto de "páginas" interligadas que contêm URL's próprias. Uma URL consta, assim, do protocolo utilizado na transferência de dados (o "http"), do tipo de servidor em que a "página" que se deseja acessar está disponibilizada (servidores "www"), e a identificação da "página", que pode ser de ordem comercial, organizacional, governamental, educacional, entre outras. Daí o fato de uma URL apresentar, quase sempre, a estrutura "http://www."página".com, ou .org, ou .gov, ou .edu, e assim por diante. Para fins de esclarecimento, vale dizer que "http", sigla de *Hypertext Transfer Protocol*, é o protocolo que possibilita a comunicação entre os sites através da linguagem HTML (*Hypertext Markup Language*) que, por sua vez, é a linguagem na qual os conteúdos na Web são "programados".

<sup>85</sup> Um "domínio" é a parte exclusiva de uma URL, aquela que contém somente as indicações do site (nome, tipo, país de origem, etc.). Os "domínios" registrados no Brasil são finalizados pela extensão ".br", independentemente de serem de caráter comercial, organizacional, governamental, etc., assim como aqueles registrados em outros países fora dos EUA, que também recebem extensões próprias. Para que o registro seja efetivado é necessário, contudo, que haja um espaço onde o "domínio" possa ser hospedado, o que explica a existência de empresas que se oferecem para registrá-lo e simultaneamente hospedá-los em cotas dos seus servidores. A disponibilidade de um "domínio" deve ser previamente consultada, uma vez que não se pode haver dois "endereços" idênticos na Web. Registro.br: <http://pontomatrix.com/faq1.htm>.

blogs. Em primeiro lugar porque entre serviços gratuitos e pagos existem variações significativas nos recursos e possibilidades oferecidas aos blogueiros, tanto para a criação do blog quanto para o “blogging”, ou “blogagem”, como se costuma denominar a prática de escrever em blogs. Em segundo lugar, porque a obtenção de um “domínio próprio” é geralmente anunciada e recebida, entre os blogueiros, com certa reverência, podendo indicar uma espécie de “ascensão social” no “universo dos blogs”: pode significar que o blogueiro não precisa (ou não precisa mais) de certas facilidades proporcionadas pelas ferramentas gratuitas, especialmente em relação à confecção do “layout” do blog, ou que dispõe da habilidade necessária para fazê-lo ou de recursos, financeiros ou simbólicos, para tê-lo feito por alguém. Além disso, a obtenção de um “domínio próprio” pode indicar, num determinado momento da “vida” de um blogueiro, que ele alcançou um prestígio e uma competência – *competência comunicativa*, social – que justifique tal ascensão, como quem deixa de ser inquilino para ter casa própria, podendo arrumar os ambientes sem qualquer restrição e, assim, receber melhor seus convidados. Esta discussão será retomada no decorrer da tese. Contudo, a compreensão da dimensão técnica do “blogging”, aquela constituída pela ação do blogueiro na interface é, sem dúvida, o primeiro passo da “arrumação” do blog enquanto um espaço eminentemente social.

Essa dimensão técnica pode ser compreendida a partir do processo da criação de um blog que envolve, por sua vez, parte dos procedimentos que devem ser realizados pelos blogueiros sempre que eles desejarem atualizar ou modificar a estrutura e configuração de seus blogs. Tal processo será descrito a partir do Blogger, que figura entre os serviços mais acessados e utilizados no universo dos blogs e nos fornece um modelo típico de blog, que está na base dessa modalidade de publicação “on-line” independentemente das variações decorrentes de habilidades especiais e da utilização de recursos específicos. E a descrição seguirá os passos de uma experimentação direta da ferramenta que o Blogger disponibiliza, realizada a partir de dados fictícios, para a criação de um blog igualmente fictício, exclusivamente para o presente fim<sup>86</sup>.

Estando disponível através de um site na Web, o Blogger pode ser acessado diretamente pela digitação do seu “endereço” no *browser*, <http://www.blogger.com>, ou através de

---

<sup>86</sup> Optei por proceder deste modo para esta descrição e não me basear no procedimento de criação do *Field-book*, com o qual realizei o trabalho de campo, pelo fato de a ferramenta utilizada na época (o Blogger.br) não ser tão representativa do modelo típico de blog quanto é o Blogger em sua versão original, americana.

um link ou “banner”<sup>87</sup> que remeta para o site. Como forma de divulgação, um “banner” é inserido automaticamente em cada blog criado a partir desse serviço. Seja qual for o caminho percorrido, ao chegar ao site, o internauta se depara com a seguinte página:



A página é convidativa não só para que se crie um blog, mas antes, para que se explore o universo dos blogs e, em especial, aquela parte que cabe ao Blogger. A estratégia publicitária aponta para a percepção de que, nesse universo, a criação de um blog se insere num processo de inserção em uma rede de relações sociais, como apontou a própria narrativa acerca da constituição do campo dessa pesquisa. Convidando o futuro blogueiro a conhecer outros blogs ao mesmo tempo em que o convida a criar o seu próprio blog não deixa de ser, assim, uma forma de conduzi-lo na construção do seu “blogroll” que, contendo blogs do Blogger, torna-se um espaço privilegiado de divulgação da ferramenta, incrementando seu valor comercial. Assim o serviço se sustenta como um serviço gratuito. A forma pela qual o

<sup>87</sup> Um *banner* é, basicamente, uma logomarca que aponta, como um link, para o site a ela correspondente. Os *banners* se constituem como a forma por excelência de publicidade na Web: são espécies de *outdoors* on-line, que não só anunciam serviços e indicam os "endereço" onde eles podem ser encontrados, como levam o interessado diretamente até eles.

site descreve o que é um blog se acrescenta a essa estratégia, enfatizando a facilidade de utilização da ferramenta, o potencial expressivo e interativo da modalidade, e, é claro, sua gratuidade:

Um **blog** é um site de fácil utilização, onde você pode postar rapidamente o que pensa, interagir com as pessoas e muito mais. E tudo isso é **GRÁTIS** (grifos originais).

Como se pode ver na tela representada acima, essa descrição complementa o convite para uma “visita guiada”, que tem por objetivo apresentar a ferramenta através de uma seqüência de textos detalhando seus principais recursos: as possibilidades de publicação de textos e fotos, o espaço para comentários dos leitores e a disponibilidade de aplicativos – ou programas – especialmente desenvolvidos para permitir ao blogueiro a atualização do seu blog via telefone celular. Com isso, nessa “visita guiada” a descrição anteriormente apresentada é inteirada, procurando contemplar as diferentes características e formas de apropriação dessa modalidade de publicação, como a expressão pessoal, a veiculação de notícias, a interatividade, a hipertextualidade e, merecendo destaque, a possibilidade de um alcance “mundial”:

O blog é um diário pessoal. Uma tribuna diária. Um espaço interativo. Um local para discussões políticas. Um canal com as últimas notícias. Um conjunto de links. Suas idéias. Mensagens para o mundo.  
O seu blog pode ter a forma que você quiser. Há milhões de blogs, de todos os tamanhos e formatos. Na verdade, não há regras<sup>88</sup>.

Dessa forma, o site parece querer invocar no blogueiro um desejo de exposição e de singularização do eu, pela expressão de suas idéias e personalidades, numa dimensão muito mais ampla e global do que em qualquer outra situação comunicativa. Isto é interessante na medida em que percebemos, como procurarei discutir no decorrer da análise, que essa intenção de alcance global é constitutiva da prática do “blogging” e tenciona, constantemente, com os arranjos locais construídos no cotidiano das interações das quais os blogueiros participam.

Diante de todos esses convites e apresentações, criar um blog aparece quase como uma ordem para aqueles que acessam o site do Blogger. Uma vez acionada a seta cor de laranja situada no canto inferior direito da tela inicial do site, o futuro blogueiro é solicitado a

---

<sup>88</sup> "O que é um blog?", *Visita Guiada*, [http://www.blogger.com/tour\\_start.g](http://www.blogger.com/tour_start.g), 1999 (30/01/2006).

se apresentar para o serviço e, também, a fornecer os primeiros dados do seu blog, por meio da seguinte página:

The image shows the Blogger account creation interface. At the top, there's a blue header with the Blogger logo and 'Push-Button Publishing'. Below it, a progress bar shows three steps: 1. CRIAR CONTA, 2. CRIAR NOME PARA O BLOG, and 3. SELECIONE O MODELO. The main content area is titled '1 Crie uma conta'. It contains several input fields: 'Escolha um nome de usuário' (filled with 'cristina\_silva'), 'Digite uma senha' (masked with dots), 'Digite novamente a senha' (masked with dots), 'Nome de tela' (filled with 'Cristina da Silva'), and 'Endereço de e-mail' (filled with 'elisamaximo@gmail.com'). There is also a checkbox for 'Aceitação dos termos' which is checked, with a link to 'Termos de serviço'. A 'CONTINUAR' button is at the bottom right. Three blue boxes with arrows point to specific fields: Box 1 points to the username and password fields; Box 2 points to the display name field; Box 3 points to the email field.

Field	Value	Notes
Escolha um nome de usuário	cristina_silva	Será usado nos futuros acessos.
Digite uma senha	XXXXXXXXXX	Deve ter, no mínimo, 6 caracteres.
Digite novamente a senha	XXXXXXXXXX	Digite novamente para confirmar.
Nome de tela	Cristina da Silva	Nome usado para assinar as postagens do seu blog.
Endereço de e-mail	elisamaximo@gmail.com	O seu endereço jamais será compartilhado com terceiros sem sua autorização.
Aceitação dos termos	<input checked="" type="checkbox"/> Aceito os <a href="#">Termos de serviço</a>	Confirme que leu e entendeu os Termos de Serviço do blogger

São quatro os dados solicitados nessa etapa: o “nome de usuário”, a “senha” (que deve ser digitada duas vezes, para fins de confirmação), o “nome de tela” e um endereço válido de e-mail. O fornecimento desses dados é necessário para a criação da “conta” do blogueiro no Blogger. Com o “nome de usuário” e a “senha” o blogueiro se identificará para o Blogger cada vez que desejar atualizar, modificar ou reconfigurar seu blog, informando-os na área destinada aos “usuários” cadastrados no serviço e situada no canto superior direito da página principal. A solicitação de um “endereço de e-mail” válido confere credibilidade à identificação do blogueiro para o serviço e serve como meio de comunicação entre as duas partes, a começar pela confirmação da criação da conta que é imediatamente enviada por e-mail. Nesse mesmo endereço, o blogueiro poderá autorizar o recebimento de notificações dos comentários deixados em seus posts, bem como anúncios publicitários do Blogger e de outras empresas que contratam sua publicidade.

Já o “nome de tela” é o nome pelo qual o blogueiro será identificado na tela, esteja ela mostrando o seu blog, esteja ela mostrando o ambiente da sua “conta” no serviço. Sendo assim, o “nome de tela” serve a duas instâncias. Primeiramente, é com esse nome que o blogueiro será saudado pelo Blogger cada vez que acionar a sua “conta”, como mais uma estratégia publicitária calcada no apelo pelo serviço personalizado, e como uma medida de segurança, que certifica o “usuário” de que ele se encontra mesmo em sua “conta”. Em

segundo lugar, é com o “nome de tela” que o blogueiro assinará seus posts, num procedimento automatizado pela ferramenta de publicação. Desse modo, a escolha do “nome de tela” é um primeiro passo na direção da *apresentação* do blogueiro, da definição daquele que se colocará na presença de outros. Da parte do serviço, não há restrições para a elaboração deste “nome”, podendo ser um apelido, somente um prenome, uma combinação entre prenome ou sobrenome, e assim por diante, ficando a critério do blogueiro definir a “assinatura” de seu blog, o seu **nome de blogueiro**. Essa ausência de restrições não se repete integralmente na identificação do blog, a próxima etapa do processo que estamos descrevendo:

The screenshot shows the Blogger interface for creating a blog name. At the top, there are three steps: 1. CRIAR CONTA, 2. CRIAR NOME PARA O BLOG, and 3. SELECIONE O MODELO. The current step is '2 Crie um nome para o blog'. The form contains the following elements:

- Titulo do blog:** A text input field containing 'Blog da Cristina'. A tooltip says 'Digite o título do seu blog.'
- Endereço do blog (URL):** A text input field containing 'http://crissilva.blogspot.com'. A tooltip says 'Você e outros utilizarão esse recurso para ler o seu blog e para criar links para ele.'
- Word Verification:** A section with a green graphic 'niyzmzgv' and a text input field containing 'niyzmzgv'. A tooltip says 'Copie os caracteres que aparecem na figura abaixo.'
- Configuração avançada:** A section with a heading 'OU' and a text area containing 'Deseja hospedar o blog em outro lugar? Utilize a [Configuração avançada do blog](#). Com ela você poderá hospedar o blog em outro lugar que não o Blogspot.'

Annotations on the left side of the image point to these fields:

- 'Titulo do blog' points to the 'Titulo do blog' field.
- 'Endereço do blog, ou URL' points to the 'Endereço do blog (URL)' field.
- 'Sistema de verificação do serviço' points to the 'Word Verification' input field.
- 'Possibilidade de hospedagem do blog em outro serviço' points to the 'Configuração avançada' section.

A 'CONTINUAR' button is located at the bottom right of the form.

Nesse momento o blogueiro deve escolher o “título” ou, nos termos nativos, o “nome” e o “endereço do blog”. Também não há restrições para a elaboração do “título do blog”. Pode-se dizer, com base nas observações realizadas, que a nomenclatura dos blogs segue duas tendências mais ou menos específicas: fazendo referência ao blogueiro ou fazendo referência à(s) temática(s) ou características que se deseja privilegiar ou atribuir ao blog. Da primeira tendência, saem blogs nomeados como *Marmota mais dos mesmos*, *Coisas da Carol*, *Afrodite sem Olimpo*, sendo que Marmota, Carol e Afrodite são, ou já foram, os nomes que assinam esses blogs. Estes nomes que identificam os blogueiros e os associam aos seus blogs podem, contudo, ser utilizados – tanto pelos próprios blogueiros quanto pelos seus leitores – concomitantemente com outros nomes, inclusive aqueles considerados “oficiais”, registrados nos seus documentos de identidade. Isso porque os blogs são, muitas vezes, lidos e comentados por pessoas pertencentes a diferentes esferas sociais das quais um indivíduo

participa, o que nos coloca diante da fragmentação e da inter-relação entre os vários domínios que compõem o cenário social em sociedades complexas. De qualquer forma, essa aproximação entre o **nome do blog** e o **nome do blogueiro** aponta para uma fusão entre essas duas entidades que se concretiza no nível do discurso, no cotidiano do “blogging”, fazendo com que blog e blogueiro sejam referenciados, muitas vezes, como sendo um só.

Analisar o nome de um blog é se perguntar o que esse nome comunica. Mais do que intitular, o nome tem a função de dizer a que vem o blog, ou ainda, a que vem o blogueiro. Ele estabelece uma interação virtual, nos termos de Pierre Lévy (1996), com o potencial leitor, colocando uma questão a ser resolvida: quem está falando ou do que se está “falando” aqui? A segunda tendência de nomenclatura aponta de modo especial para esta situação. Associa a essa tendência nomes como *The Chatterbox*, que em português pode significar “tagarela”, ou *Meu Cantinho*, *InternETC* e *Uma malla pelo mundo*. Tais nomes, por si só, suscitam perguntas e respondê-las torna-se um convite à exploração. Quem é a “malla”? E por onde ela anda? É sobre a Internet? Então, o que inclui o “ETC”? De quem é o “cantinho”? Sobre o que se está “tagarelando”? Ou, simplesmente, porque um nome em inglês para o blog de uma brasileira? Essas são somente algumas interrogações ou curiosidades que tais “nomes” podem suscitar. O fato é que elas chamam a atenção para a importância do processo de nomenclatura na construção da identidade tanto do blogueiro quanto do blog como um espaço interativo. Considerando-se que quem cria um blog deseja, acima de tudo, ser lido, a nomenclatura se constitui como o chamamento primeiro e permanente à audiência e à participação. Enfim, trata-se de um processo definitivo na individualização do blogueiro, pois imprime marcas essenciais da sua singularidade, mas que também informa sobre sua participação em uma categoria mais ampla, em um contexto relacional, que mobiliza um conjunto de interesses, posicionamentos e afinidades específicas.

Esse processo é complementado pela definição do “endereço do blog”. No entanto, à escolha do endereço – da parte que cabe ao blogueiro – impõe-se a restrição de não poder existir, na Web, dois sites com a mesma URL. Sendo assim, a finalização dessa etapa da criação de um blog está condicionada à definição de um endereço que esteja disponível, disponibilidade esta verificada pelo próprio sistema a cada tentativa do blogueiro. Considerada essa condição, parece fundamental que o “endereço” contemple e integre os demais aspectos que identificam um blog, numa referência ao nome do blogueiro, ao nome do blog, ou numa combinação entre os dois. Desta forma, ele não se constitui somente em mais uma informação sobre o blog, mas aparece como um elemento formador, constituidor do

blog. Em outras palavras, a escolha do endereço parece integrar a construção da identidade do blog, de modo que essa identidade seja composta de um conjunto coerente de elementos e indicações de caráter comunicativo. E isso se torna ainda mais evidente quando o blogueiro explicita o desejo ou a decisão de adquirir um “domínio próprio” para o seu blog, como quem deseja ou decide apresentar um nome próprio, exclusivo, sem o sobrenome comum imposto pela ferramenta ou pelo serviço gratuito de hospedagem. Pode-se dizer que é a percepção dessa dinâmica que leva o serviço, no caso aqui o Blogger e o Blog\*Spot, a possibilitar que o blogueiro disponha destas ferramentas para a criação e atualização do seu blog, mas associe-o a um “domínio próprio” hospedado num serviço privado, pago. E isto é sugerido no final dessa etapa do processo de criação do blog, como nos mostra o último item disposto na tela acima representada.

Enfim, definido o nome e o endereço, resta definir o *layout* do blog, também chamado de “template” (“modelo”), que estrutura e dá aparência ao blog. Isto é, o “template” não só contém a estética, como também contém a forma pela qual cada elemento constitutivo de um blog ficará disposto na página: “nome do blog”, posts (bem como a data e hora de publicação de cada entrada), “nome do blogueiro”, “blogroll”, “banners”, etc. O Blogger, assim como as outras ferramentas, disponibiliza alguns “templates” prontos para os blogueiros, dispostos na última página relativa à criação do blog.

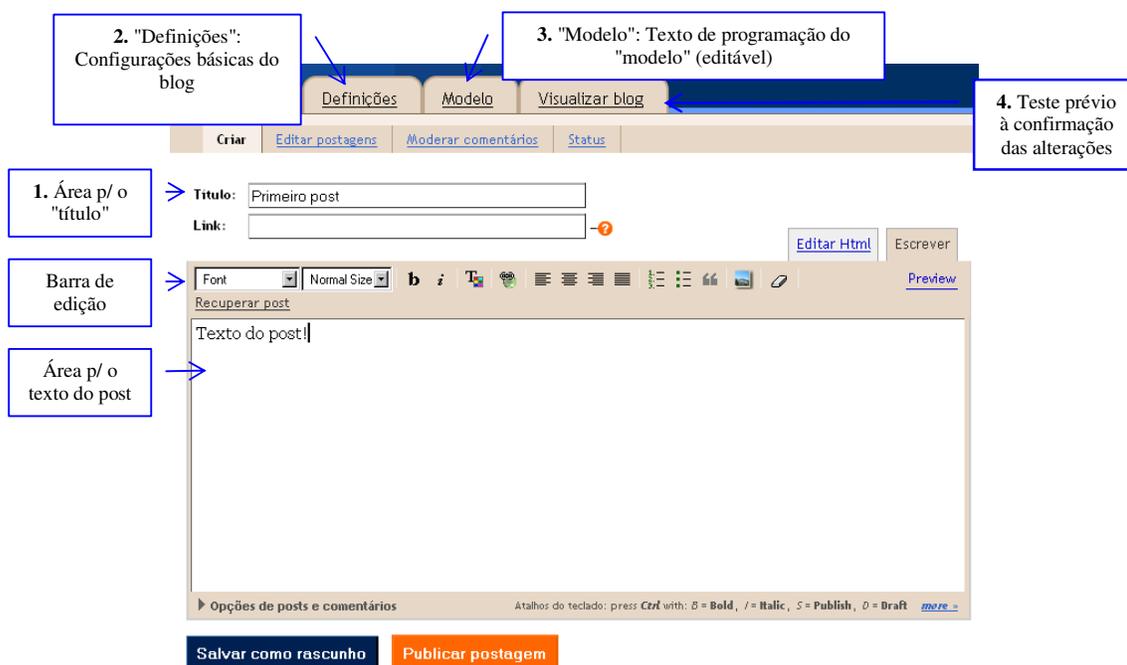


Neste momento, a ferramenta oferece pronto ao blogueiro aquilo que, de outra forma, exigiria um conhecimento especializado: a capacidade de “programar” a página utilizando-se

dos códigos e marcações que compõem o HTML, linguagem na qual todo o conteúdo que se deseja disponibilizar na Web é codificado para, então, ser traduzido pelo *browser* para a nossa visualização. No entanto, ao mesmo tempo em que é emblemático da simplificação da publicação na Web, esse momento pode ser determinante num processo de diferenciação técnica-social entre os blogueiros. Isto quer dizer que qualquer habilidade ou conhecimento de que os blogueiros disponham para manipular e modificar o “código-fonte” desses “modelos” prontos, no sentido de aperfeiçoar e, sobretudo, personalizar a aparência de seus blogs, pode ser fundamental para sua *apresentação*, na sua exibição no universo dos blogs. Tais conhecimentos e habilidades definem, para os termos da análise, uma **competência técnica** que se inscreve no âmbito da *competência comunicativa* do blogueiro, aquela que conduz sua performance social no contexto das redes de relações nas quais ele se insere. Aqui, cabe dizer que *competência comunicativa* é compreendida como a capacidade dos falantes para agirem de modo socialmente apropriado em situações comunicativas particulares e, segundo a abordagem da Etnografia da Fala, faz o elo de ligação entre a linguagem e os demais aspectos constitutivos da vida social (Hymes, 1972; Bauman, 1977; Saville-Troike, 1982). É um conceito que remonta, de certa forma, à análise interacionista e dramática de Goffman (1995) acerca da “apresentação do eu na vida cotidiana”, estando certamente envolvido na construção da “definição geral da situação” que implica em códigos, regras e *modos de fala* específicos que norteiam a interação em um dado contexto social.

A análise de como os blogueiros elaboram suas “falas”, negociam essas regras e explicitam estes *modos de fala* nas situações interativas em que se envolvem será detalhada no próximo capítulo. Por agora, devo dizer que a competência para a escolha e/ou manipulação do “template”, tanto da estética quanto da forma pela qual cada elemento, cada texto, cada informação estará disposta na sua página de entrada, integra a construção da identidade do blog e do blogueiro, apontando, mais uma vez, à fusão entre essas duas entidades. A aparência do blog representa, pelo menos em parte, a aparência do blogueiro, e a sofisticação dessa aparência – compreendida na riqueza ou raridade dos detalhes, na sua “personalidade” – pode ser representativa da sofisticação do próprio blogueiro, pensado como um “bom blogueiro” no contexto da sua rede de relações sociais. Em outras palavras, a arrumação da “casa” – metáfora bastante utilizada pelos blogueiros para se referir ao blog – é, na verdade, a “arrumação” do próprio blogueiro que se exhibe no universo dos blogs; é com ele e através dele que o blogueiro se apresenta, nos termos de uma *apresentação do eu*.

Não parece necessário, contudo, ser um *expert* em programação de sites para demonstrar competência para “bem arrumar” um blog, pois esta competência se mostra, antes, na capacidade de compreender a lógica inerente à configuração desses modelos fornecidos pela ferramenta e, a partir daí, manipulá-los. E isto se realiza na interação do blogueiro com a ferramenta no nível da interface. Ao optar por um dos “modelos”, o blogueiro é levado, finalmente, à “página de postagem” que é a página na qual ele deverá entrar sempre que desejar atualizar seu blog, inserindo um novo post, ou modificar qualquer aspecto de sua configuração, inclusive aqueles relativos ao “template”. Para compreendermos quais são estes aspectos e como isso ocorre vejamos, primeiramente, como esta tela se apresenta:



É nesta página que o blogueiro é convidado a escrever o primeiro post do seu blog e é nela que todos os outros posts serão igualmente elaborados, sempre que o blogueiro entrar com seu “nome de usuário” e “senha” na página principal do serviço. Para tanto, ele faz uso deste formulário que contém um espaço para a digitação do “título” do post (que pode ser transformado num link caso seja associado a uma URL qualquer<sup>89</sup>), e um espaço para a

<sup>89</sup> Este é um recurso especificamente oferecido pelo Blogger, mas não se apresenta como padrão para todas as ferramentas de publicação de blogs. Ele permite que o título remeta, através de um link, a qualquer outra página da Web e, inclusive, a outro post do blog, já que cada post costuma possuir um endereço próprio, como veremos mais adiante. A importância de prestar atenção neste recurso está no fato de ele apontar para o caráter significativamente hipertextual dos blogs, que se torna mais evidente em outros aspectos que serão detalhados no decorrer da descrição.

elaboração do texto do post. Logo abaixo da área reservada ao “título”, o blogueiro dispõe de uma barra de edição, que lhe permite escolher o tipo, tamanho, destaque (“itálico” ou “negrito”) e cor da fonte do seu texto, optar pela forma de alinhamento, além de inserir listas de itens, imagens e criar links<sup>90</sup>. Cabe dizer que o blogueiro não é obrigado a digitar o “título” de seu no espaço que a ferramenta reserva para isso. Caso o faça, o “título” será automaticamente formatado de acordo com o padrão para “títulos” estipulado no “modelo” escolhido para o blog. Se o blogueiro não desejar ter o “título” de seu post submetido a esse padrão, ele pode inseri-lo no espaço destinado ao próprio texto e formatá-lo como quiser a partir dos recursos disponíveis na barra de edição. Eis, aqui, um primeiro viés através do qual o blogueiro joga com a ferramenta, flexibilizando-a a partir de seus gostos e preferências.

Um post será efetivamente publicado no blog a partir do momento em que o botão cor de laranja – “publicar postagem” – for acionado. Ou ainda, é possível salvá-lo como “rascunho” para que seja modificado e/ou publicado posteriormente<sup>91</sup>. Entretanto, no âmbito do processo de criação do blog, a publicação do primeiro post é o passo definitivo para que o blogueiro visualize seu blog pela primeira vez. O processo levado a cabo para os fins dessa descrição originou, portanto, este blog:

---

<sup>90</sup> Seguindo a seqüência da barra de edição, tem-se: o "menu" de tipos de fonte; o "menu" de tamanho de fonte; as opções de destaque em negrito (**b**, de *bold*) e itálico (*i*, de *italic*); o "menu" de cores; o botão para a criação de links; as opções de alinhamento de texto; os botões para a criação de uma lista de itens (numerados ou não); o botão para tornar destacada um citação no texto; o botão de inserção de imagens; e, finalmente, uma "borracha" para limpar o formulário de texto. Cabe destacar o procedimento para a **criação de um link**. Para transformar uma palavra qualquer num link, é necessário envolvê-la numa "marcação" – uma *tag* – HTML, que contém a URL para a qual se deseja que o link aponte. Através do botão presente nessa barra de edição, a ferramenta faz este trabalho pelo blogueiro que precisará informar, somente, a URL do link, na janela que se apresenta assim que o botão é acionado.

<sup>91</sup> Cada uma a seu modo, as ferramentas para publicação de blogs costumam apresentar aos seus "usuários" a listagem completa de posts publicados e "guardados" como rascunho. No caso do Blogger, cada vez que o blogueiro aciona sua "conta" no serviço e acessa a área destinada ao seu blog, ele se depara com esta listagem onde cada post está devidamente identificado com a data de publicação ou com uma indicação de que se trata de um "rascunho". De qualquer modo, mesmo os posts já publicados podem ser re-editados caso seja o desejo do blogueiro.



Este “template” apresenta a estrutura típica de um blog, contendo seus principais elementos na forma como eles geralmente são dispostos: acima, o “nome do blog”; à esquerda, o espaço reservado aos posts; e, à direita, a coluna destinada às sessões de links – o “blogroll” – e aos “arquivos” do blog<sup>92</sup>. Os posts vêm precedidos de um cabeçalho contendo a data de sua publicação e sucedidos de um rodapé contendo, basicamente, três outros elementos: a assinatura do blogueiro, definida na escolha do “nome de tela”, a hora de publicação do post e o link para a caixa de comentários, precedida da indicação de quantos comentários já foram publicados. Cabe destacar, aqui, que a hora de publicação do post também está associada a um link, a um “permalink”. O “permalink” é uma contração da expressão *permanent link*, isto é, “link permanente”, usada pelos blogueiros para designar a URL do post. Como já mencionado, aqueles posts que saem da página principal do blog, para dar lugar às últimas publicações, vão para os “arquivos” do blog organizados em páginas mensais e acessíveis pelos links dispostos na sessão “arquivos”, como se pode ver no “template” acima. Para que os posts não fiquem presos às páginas contendo todos os outros posts publicados em um mesmo mês, é comum e esperado que cada post tenha sua página e

<sup>92</sup> As sessões “perfil” e “posts anteriores” são sessões criadas automaticamente pelo Blogger, independentemente do “modelo” escolhido pelo blogueiro. Inclusive, com relação ao “perfil”, este é criado a partir dos dados disponibilizados na “conta do usuário” no serviço, que podem ser detalhados num procedimento à parte da criação do blog. O link “veja meu perfil completo” leva a uma página do Blogger que contém os dados que foram disponibilizados pelo blogueiro no seu “perfil de usuário” do serviço. Outras ferramentas fazem o mesmo, mas não se trata de sessões que possam ser pensadas como integrantes da estrutura típica de um blog. Muitos blogueiros disponibilizam um “perfil” numa página à parte, somente linkada na página principal. E com relação à sessão “posts anteriores”, muitos preferem deixar apenas a de “arquivos”, que necessariamente contém links para todos os posts já publicados.

endereço próprio. O “permalink” se constitui, portanto, como um link para a página “permanente” de um único post e possibilita aos blogueiros fazerem referências a posts específicos, tanto de sua autoria como de autoria de outros blogueiros, numa atitude constitutiva da prática do “blogging”, como veremos mais adiante.

As formas pelas quais esses elementos e as informações que eles contêm estão dispostos no “template” podem ser reconfiguradas pelo blogueiro ainda na “página de postagem”, através do “menu” horizontal situado na sua parte superior. Nesse “menu”, especificamente no item “definições”, o blogueiro pode editar, por exemplo, o próprio “nome do blog”<sup>93</sup>, que além de modificado pode ser estendido pela inserção de uma breve descrição, uma citação ou qualquer outra informação que acrescente à identificação do blog. Além disso, ele pode definir quantos posts deverão ser mantidos na página principal e re-editar cabeçalho e rodapé dos posts, revendo o formato de exibição da data e hora de postagem, bem como o fuso horário e o idioma em que tais informações são apresentadas. Com relação aos comentários, o blogueiro pode dispor desse espaço como desejar, liberando-o e restringindo-o de acordo com cada post, assim como pode optar por moderar os comentários antes que eles sejam publicados ou apenas ser notificado, via e-mail, de cada comentário publicado. Quanto ao arquivamento dos posts, o blogueiro pode optar, ainda, que sejam criados links diários, semanais ou anuais, ao invés dos links mensais que geralmente compõem a sessão de arquivos dos blogs. Enfim, todas essas configurações são realizadas através de “menus” de opções dispostos nas várias sessões das “definições” do blog<sup>94</sup>, apresentadas ao blogueiro sempre que ele acessar a “página de postagem”. Na medida em que essas escolhas são feitas, a aparência do blog vai sendo personalizada, de acordo com a preferência do blogueiro. As possibilidades de combinação entre as diferentes opções oferecidas pela ferramenta, tornam difícil a existência de dois ou mais blogs idênticos.

---

<sup>93</sup> Esta é uma possibilidade facilitada por ferramentas como o Blogger, que inserem o “nome do blog” determinado pelo blogueiro no “template” escolhido. Contudo, trata-se de uma facilidade que não se estende para todos os blogs. Naqueles blogs cujos “templates” são elaborados “artesanamente”, por algum *webdesigner*, por exemplo, a mudança do nome pode exigir uma alteração mais complexa em termos de “programação”. O mesmo vale para a mudança de endereço que, mesmo sujeita à confirmação da disponibilidade, também é possibilitada pelo Blogger. Para aqueles blogs que possuem um “domínio próprio”, a mudança de endereço pode significar a necessidade de um novo registro.

<sup>94</sup> Procurei elencar, aqui, apenas os recursos de edição oferecidos pela maioria das ferramentas de publicação de blogs, mas deve-se considerar que o Blogger oferece outras opções de configuração, no mesmo sistema de “menus” em que estas que foram citadas estão dispostas.

O auge desse processo de personalização do blog pode ocorrer no momento em que se compreende e se aprende a manipular o “texto” de programação do “modelo”, acessível no próximo item do “menu” da “página de postagem”. É deste aprendizado que depende, por exemplo, a construção do “blogroll”, tão importante na construção e explicitação da rede de relações sociais na qual um blogueiro se insere. Para criar os links que formam o “blogroll” é preciso, obrigatoriamente, reconhecer o trecho desse “texto” relativo à sessão “links” e, além disso, identificar qual a marcação específica que envolve a criação de um link. Abaixo, temos reproduzida a parte do “texto” que se refere à coluna à direita do blog, onde se encontra a sessão “links”, coluna esta chamada tecnicamente de *sidebar*.

```
(...)
<!-- Begin #sidebar -->
<div id="sidebar"><div id="sidebar2">

<h2 class="sidebar-title">Links</h2>
→ Link 1
→ Link 2
→ Link 3

<h2 class="sidebar-title">Previous Posts</h2>
(...)
```

O que nos interessa, aqui, não é entender o que é e para serve cada um desses códigos. Cabe-nos, somente, ter idéia da experiência que a prática do “blogging” cria nos termos da confecção e atualização de um blog, independentemente das facilidades anunciadas e oferecidas pela ferramenta. Trata-se apenas de um pequeno trecho do “texto” longo e repleto de marcações especiais em que o “template” de um blog está programado. E para quem o acessa pela primeira vez e não está habituado à aparência da linguagem HTML, ele certamente parece incompreensível. Entretanto, uma vez inserido no âmbito das situações interativas que se estabelecem no universo dos blogs, um blogueiro é levado a compreendê-lo para saber, mesmo que minimamente, manipulá-lo, pois disso depende a forma como ele se apresenta e explicita suas relações. A construção do “blogroll” acaba sendo uma das primeiras providências nesse sentido e as próprias ferramentas costumam indicar ao blogueiro o trecho de “texto” onde os links devem ser inseridos, como mostram as setas na parte reproduzida acima. Identificando esse trecho, é possível substituir os itens “link 1”, “link 2”, “link 3” pelo nome dos blogs que se deseja linkar, inscrevendo-os na marcação destinada à criação de

links<sup>95</sup>. O próprio “texto” de programação serve como fonte de busca desta marcação, mas, seja como for, a inserção dos links deverá ser feita manualmente, independentemente da ferramenta utilizada. Uma vez aprendido, o procedimento pode ser repetido indefinidamente.

Um momento como esse marca uma espécie de *iniciação* na linguagem de programação dos blogs; uma iniciação que pode, de fato, desencadear um processo exploratório infundável através do qual o blogueiro vai se tornando hábil para modificar e personalizar, à sua moda, o “template” do seu blog. A localização dos trechos correspondentes a cada sessão, elemento ou parte estrutural do blog torna possível a alteração de títulos, a inserção de outros links, além de “banners”, imagens e fotos. Toda e qualquer alteração, inclusive as “postagens”, podem ser visualizadas pelo blogueiro antes de serem efetivamente publicadas e colocadas no ar, numa atitude semelhante à de quem se arruma e se olha no espelho antes de sair de casa e/ou se colocar diante dos outros. Assim, como quem se arruma e se enfeita o blogueiro vai arrumando, rearranjando e decorando seu blog de modo a deixá-lo “à sua cara” – uma expressão coloquial e bastante significativa nesse caso. Da escolha do “nome de tela”, passando pela criação do “nome” e “endereço” do blog, até alcançar a exploração e reconfiguração do “template”, o blog vai se constituindo, antes de tudo, como uma corporificação do blogueiro, num processo que se realiza simultânea e constantemente em suas dimensões técnica e social. Afinal, toda essa construção do blog e do blogueiro ocorre no sentido que definir **o que se é e o que se quer comunicar** no âmbito de uma rede de relações sociais em permanente formação.

Na medida em que as interações se estabelecem, seja através da troca de comentários ou de referências, citações e saudações realizadas no nível dos posts e sempre através de links, os blogs também se constituem como *lugares*, situados num espaço-tempo simbólico, para as práticas sociais que constroem esses sujeitos e com as quais suas identidades estão ligadas (Hall, 2002, p. 72). No contexto dessas situações interativas, mantendo-se a perspectiva de análise proposta por Goffman (1995), não basta ser o que se deseja ser, mas também é preciso ser aquilo que os outros esperam que se seja. Isto resulta num processo de negociação

---

<sup>95</sup> Em HTML, as marcações, ou *tags*, que envolvem o conteúdo a ser publicado na Web constituem-se, basicamente, de uma “tag de abertura”, inscrita entre os símbolos < >, e uma “tag de fechamento”, inscrita entre os símbolos </ >, sendo que é a barra inclinada que indica o fim da marcação. No caso dos links, a palavra a ser transformada em link deve estar inscrita entre a “tag de abertura” <a href=“URL”> e a “tag de fechamento” </a>. Se alguns destes caracteres forem omitidos, inclusive as aspas que envolvem a URL, a criação do link não será efetivada. Além disso, para que os links fiquem dispostos um abaixo do outro, as *tags* de cada link devem ser seguidas de uma “tag de quebra de linha”, <br>, sendo que “br” é uma abreviação de *break*, que em português pode significar “quebra”.

permanente que se evidencia na escolha das falas, do que se escreve e de como se escreve, bem como na escolha de cada item, de cada imagem, de cada informação, de cada detalhe que compõe um blog. E é sobre como estas duas dimensões, a da apresentação do blogueiro e da sua rede de relações sociais, manifestam-se e se relacionam no blog é que passo a discorrer.

### **3. O eu em cena, o eu em rede: enfim, a *apresentação***

Até aqui, vimos como o processo de criação de um blog, realizado na interação entre o blogueiro e a ferramenta e num constante aprendizado da linguagem e da lógica inerente a essa dimensão técnica, combina, na verdade, com o processo de constituição do próprio blogueiro. Mais do que representar, é o blog que *apresenta* o blogueiro, é com ele que o blogueiro se exhibe e se relaciona nesse universo. Sendo assim, o blog contém também as próprias características da rede de relações sociais na qual o blogueiro se insere, os temas privilegiados, posicionamentos compartilhados, etc. E como essa rede é dinâmica e constantemente renovada pela adesão de novos atores, ou pelo desligamento de outros, também a renovação do blog é constante e resultante do processo de negociação da identidade do blogueiro. O blog constitui-se, dessa forma, como um campo de encontro e confronto entre aquilo que o indivíduo traz das suas experiências cotidianas, dos diferentes contextos sociais dos quais participa, dos seus pontos de vista particulares, e aquilo que ele apreende, constrói e adquire nas situações interativas produzidas nos e entre os blogs. E a compreensão de como isto se manifesta na configuração de um blog é essencial para a compreensão de como se apresenta esse sujeito relacional em que se constitui o blogueiro. Tomemos como base para esta discussão um blog em especial, o *Síndrome de Estocolmo*, da Denise Arcoverde, que a meu ver é bastante emblemático da forma pela qual os blogs se apresentam.

# Síndrome de Estocolmo



## Página Principal

### Por que Síndrome de Estocolmo?

No dia 23 de Agosto de 1973, três mulheres e um homem ficaram seis dias reféns de bandidos, em um assalto a um banco de Estocolmo. Para a surpresa de todos, os reféns desenvolveram uma relação especial com os raptadores e, duas delas acabaram casando com eles.

Desde então, chama-se **Síndrome de Estocolmo** a esse fenômeno que faz com que as pessoas se apaixonem por seus raptadores.



Eu sou **Denise Arcoverde**, tenho 41 anos e, depois de muita insistência, **Ted**, meu marido, me "sequestrou" e levou para viver com ele em Estocolmo, na Suécia. O destino nos trouxe pra Washington, DC, nos EUA, onde vivemos hoje, muito felizes, com minha filha **Beatriz**, de 18 anos. Continuo apaixonadíssima pelo meu "raptor".

07/08/06

## Violência e toque de recolher em Washington, DC

São pouco mais de meia noite e acabei de ver a matéria no Fantástico sobre a violência e o toque de recolher, em Washington, DC. Agora, tô caindo de sono, mas amanhã farei um post sobre isso. Deixa só eu dizer que isso não é nada extraordinário, existem 276 cidades com toque de recolher, nos EUA.

Mamãe, como eu já disse, fique tranquila, claro que existem eventuais crimes em todo canto, como qualquer grande cidade, mas essa violência enorme, aqui em Washington, é extremamente localizada e eu vivo num lugar super seguro.

denise às 12:15 AM | [Leia mais Washington, dc](#)  
| [Alguém já deixou seu recado.](#) | [Veja quem passa por aqui.](#)

06/08/06

## Projeto de Lei sobre Violência Doméstica no Brasil



Acabei de ler no blog **Mulheres de Olho nas Eleições**, que está agendado para amanhã, segunda-feira, a sanção presidencial ao **Projeto de Lei da Câmara nº 037/2006**, que visa coibir a violência contra a mulher no país.

Inicialmente elaborada por um consórcio de ONGs feministas, esta proposta foi debatida pelo Governo, sob coordenação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) e apresentada à Câmara Federal em 2005. O projeto foi aprovado em regime de urgência, na Câmara em março e no Senado em julho de 2006.

## História

agosto 2006  
julho 2006  
junho 2006  
maio 2006  
abril 2006  
março 2006  
fevereiro 2006  
janeiro 2006  
dezembro 2005  
novembro 2005  
outubro 2005  
setembro 2005  
agosto 2005  
julho 2005  
junho 2005  
maio 2005  
abril 2005  
março 2005  
fevereiro 2005  
janeiro 2005  
dezembro 2004  
novembro 2004  
outubro 2004  
setembro 2004  
agosto 2004  
julho 2004  
junho 2004  
maio 2004  
abril 2004  
março 2004  
fevereiro 2004  
janeiro 2004  
dezembro 2003  
novembro 2003  
outubro 2003  
setembro 2003

## Temas

Escolha os textos que você quer ler, divididos pelos temas abaixo:

A Semana  
Amamentação

Este é o *Síndrome de Estocolmo*. Esta é a Denise. Uma brasileira, de 41 anos, que deixou o Brasil, junto com sua filha, para viver em Estocolmo, na Suécia, com seu marido americano. Um mês após a mudança, o blog surgiu como forma de partilhar essa “síndrome” que a acometeu: as adaptações, as impressões, as comparações com o Brasil, enfim, o cotidiano na cidade, na nova casa, na família. Um ano se passou após sua ida para a Suécia quando, novamente levada pelo marido, Denise mudou-se para Washington, DC, nos EUA, onde vive atualmente com a família. Esta trajetória pode ser conhecida em detalhes nos primeiros posts publicados no blog, em setembro de 2003, e também naqueles publicados a

partir de julho de 2004, quando da notícia sobre a mudança para os Estados Unidos. Também

*Fotos*

E a vida vai seguindo assim:

- ◆ Infância
- ◆ Adolescência e 20s
- ◆ 30s
- ◆ 40s
- ◆ Tatocs
- ◆ Meu Casamento
- ◆ Bia
- ◆ Ted
- ◆ Família
- ◆ Amig@s
- ◆ Trabalho
- ◆ IBEST 1999
- ◆ IBEST 2000
- ◆ Meu fotolog
- ◆ Fctolog de Bia

*Mochilao*

- ◆ Alemanha
- ◆ Argentina
- ◆ Bangladesh
- ◆ Bélgica
- ◆ Canadá
- ◆ Escócia
- ◆ Espanha
- ◆ Estados Unidos
- ◆ Filipinas
- ◆ Finlândia
- ◆ França
- ◆ Holanda
- ◆ Índia
- ◆ Inglaterra
- ◆ Irlanda
- ◆ Itália
- ◆ Letônia
- ◆ Malásia
- ◆ México
- ◆ Nepal
- ◆ Peru
- ◆ Portugal
- ◆ Suíça
- ◆ Suécia
- ◆ Tailândia
- ◆ Tanzânia
- ◆ Turquia
- ◆ Stockholm/Helsinki

Área de Washington

- ◆ Museus e Galerias
- ◆ Eventos e atividades
- ◆ Lugares imperdíveis
- ◆ Livrarias

Estocolmo

- ◆ Cantinhos interessantes
- ◆ Eventos

é o que conta o “perfil” da blogueira, numa breve narrativa introduzida pelo nome do blog que, como ela própria explica, faz referência ao episódio ocorrido nos anos 70 em Estocolmo, quando duas mulheres seqüestradas se apaixonaram e se casaram com seus seqüestradores num fenômeno que ficou conhecido como “Síndrome de Estocolmo”.

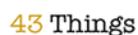
É de Washington que ela escreve, hoje, boa parte de seus posts, falando sobre seu cotidiano, a convivência com a família e os amigos, as particularidades da vida nessa cidade e, também, no EUA. No entanto, não deixou de falar da Suécia, especialmente de Estocolmo, retomando

lembranças do período em que lá morou, destacando certos hábitos e tradições, narrando – quase em “tempo real” – suas viagens anuais até a cidade e o país. Fala também do Brasil, em particular de Pernambuco, contando sobre sua infância, sobre a família e amigos que lá se encontram, as atividades que lá desenvolvia e continua desenvolvendo “à distância” e os momentos lá vividos sempre que pode viajar. Fala também de todas as outras cidades em que já esteve e para as quais costuma viajar, principalmente nas Américas, na Europa, na Ásia, seja como representante de projetos sociais e organizações não-governamentais das quais participa ou já participou, seja na companhia do marido, que também é envolvido em trabalhos de abrangência internacional. É claro que uma incursão pela “história” do blog, como Denise intitula sua sessão de arquivos, leva-nos a estes muitos lugares pelos inúmeros posts escritos a partir de lembranças e/ou de vivências presentes. Contudo, é importante perceber como uma espécie de *biografia* vai se desenhando no próprio “template”, logo abaixo do “perfil”, através de sessões de links dispostas nesta coluna que ladeia os posts pela margem esquerda da página principal do blog.

Na verdade, mais do que conhecer uma biografia, esses links propiciam uma experiência ao leitor, levando-o, por meio de fotografias dispostas em álbuns digitais, aos diversos lugares que a blogueira visitou; à sua infância e à sua adolescência; ao dia de seu casamento; a

alguns momentos vividos ao lado de sua filha, do marido e de amigos; e, até mesmo, ao seu corpo, às tatuagens que ela exhibe, às roupas e acessórios que ela adquire, aos seus novos cortes de cabelo, etc. Dessa forma, o blog se constitui, por um lado, como um *projeto reflexivo*, de acordo com Giddens (2002, p. 54), onde o eu que se apresenta é compreendido em termos de sua biografia, supondo uma continuidade face à fragmentação da experiência social contemporânea. Ou ainda, de acordo com Certeau (1994), ele se constitui como reduto de narrativização da vida cotidiana, do qual emerge um sujeito singular. Por outro lado, o blog também invoca a experiência múltipla, *rizomática* – retomando o conceito de Deleuze e Guattari (2004) –, que atravessa o *espaço-tempo* global e convida o leitor a criar seus próprios caminhos em meio às diferentes vivências e preferências da blogueira. E para aqueles que excursionam por esses links, esta experiência está sempre no presente e pode se tornar ainda mais diversificada.

Na seqüência dos links para os álbuns de fotografias, a blogueira apresenta, brevemente, seu trabalho numa ONG de “promoção, apoio e defesa do aleitamento materno”, apontando para o blog da entidade: um blog que ela mesma criou e que diz ser “o primeiro blog de uma ONG no Brasil”. E a partir daí, seguem sessões dedicadas ao cinema, à literatura, às artes plásticas, à música, à mídia “on-line” e à televisão, onde ela lista suas preferências dentro de cada uma destas áreas – cineastas, escritores, artistas plásticos, compositores e intérpretes musicais, músicas, sites informativos, programas televisivos –, e também sugere dvd’s, livros e cd’s, identificados pela imagem das capas e associados a links para lojas virtuais em que possam ser comprados.

 43 Things

 43 Places

Outros dois ícones chamam a atenção nesta coluna: um deles aponta para uma lista das “43 coisas” que a blogueira almeja alcançar – como “dormir melhor”, “perder peso”, “fazer uma nova tatuagem” ou “aprender a cozinhar”–, e o outro aponta para os “43 lugares” que ela ainda deseja conhecer. Tais listas são elaboradas num site americano dedicado a reunir indivíduos em torno desses desejos comuns. Quando clicamos num desses ícones, somos levados a páginas pessoais, identificadas pela foto e nome da blogueira, onde as “43 coisas” e os “43 lugares” estão listados com a indicação do número de indivíduos que, em suas próprias listas, citaram a mesma “coisa” ou “lugar”. Cada item é um link que conduz o visitante a uma página contendo a relação de todos que citaram a mesma “coisa” ou “lugar”, sendo que os números podem variar de um a mais de dez mil. Finalmente, nessas relações, o nome de cada um é um link para sua lista pessoal, a partir da qual também é possível acessar seu “perfil” contendo informações sobre como “encontrá-lo”

– e-mail, blog, dispositivos de mensagens instantâneas, cidade, país, etc.–, e “adicioná-lo” a uma lista de contatos construída no próprio site. É interessante perceber, ainda, que na lista das “43 coisas” de Denise há um espaço destinado às “coisas feitas”, onde cada item é igualmente sucedido pelo número de indivíduos que estão atingindo os mesmos objetivos.

Como pensar a presença dessas listas no blog? A princípio parece ser mais um “site de relacionamento”, onde os inscritos podem participar de grupos de discussão em torno dos seus desejos, trocar fotografias dos “lugares” que almejam conhecer e criar vínculos sociais que podem, eventualmente, extrapolar o site e passar a se realizar no blog, na troca de mensagens ou, porque não, em encontros face a face. Nesse sentido, poderíamos pensá-lo como mais um espaço para a formação das *tribos* de que fala Maffesoli (1987), pelo compartilhamento transitório e circunstancial de desejos, expectativas e dilemas comuns. No entanto, a vultuosidade dos números de pessoas reunidas em torno de cada uma dessas “coisas” e “lugares” desejados remonta, também, àquilo que Zigmunt Bauman (2003, p. 21) chamou de *comunidades cabides*, onde são “penduradas” as ansiedades e os medos individualmente enfrentados. Para este autor, a “verdadeira comunidade” – aquela baseada no engajamento e na solidariedade, no entendimento tácito que não precisa ser buscado nem construído –, tornou-se uma impossibilidade diante do crescimento e complexificação dos contextos urbanos e da incessante busca pela autonomia e individualidade. Nesse processo, diz ele, a construção da *identidade*, que diferencia e singulariza, é enfatizada e se opõe ao engajamento comunitário; as homogeneidades passam a ser construídas por via da seleção, separação e exclusão, transformando a natureza do entendimento tácito subjacente à “verdadeira comunidade”. E a construção cada vez mais solitária das identidades leva à procura desses “cabides”, onde os indivíduos podem pendurar suas incertezas individualmente experimentadas, independentemente dos resultados serem bons, ruins ou inexistentes<sup>96</sup>.

Podemos pensar essas “43 coisas” e “43 lugares” como “cabides” para desejos individuais, como coletivos seguros que permitem aos indivíduos não estarem sós, mas sem a obrigatoriedade dos vínculos. Linká-las ao blog pode ser, portanto, uma forma de trazê-las justamente para o contexto dos vínculos sociais. Se lá no site a interação pode ser precária, ou até mesmo inexistente – seja pelo número de indivíduos aglomerados em torno de cada

---

<sup>96</sup> Um exemplo de *comunidade cabide* são, segundo Bauman, os grupos denominados de “vigilantes do peso” e que ganham vida pela duração ritual – semanal ou mensal – e se dissolvem tendo assegurado a seus membros que enfrentar os problemas individualmente é a coisa certa (Bauman, 2003, p. 67).

desejo, seja pelo impeditivo da língua, etc. –, no blog a interação já está em curso no âmbito da rede de relações sociais na qual a blogueira está inserida. Assim, tais desejos têm a possibilidade de deixarem de ser apenas um item de uma lista, sendo tematizados, discutidos e efetivamente compartilhados nos posts e comentários. Ou seja, enquanto a elaboração dessas listas no site enfatiza a experiência da Rede num nível global, onde cada desejo é lançado como se lança no mar uma “mensagem na garrafa” em busca do destinatário ideal (Rifiotis, 1999), no blog estas “mensagens” são colocadas no nível de uma rede local, construída em torno de afinidades e interesses compartilhados. Sendo assim, a presença dos links para as “43



coisas” e os “43 lugares” faz do blog o lócus de uma tensão: ao mesmo tempo em que situam esses desejos no âmbito das situações interativas que se estabelecem no blog, permitindo aos leitores acessar as listas e comentá-las, podem levar os leitores a participar de dimensões mais globais da Rede.

O mesmo pode ser pensado em relação à presença de outros ícones que finalizam a margem esquerda do *Síndrome de Estocolmo*, como os “banners” de duas campanhas levadas a cabo na Internet: *Diálogos contra o Racismo*<sup>97</sup> e *About-face*<sup>98</sup>, uma dedicada à promoção da “igualdade racial” no Brasil e outra à promoção da “auto-estima” feminina em nível internacional. Enfim, seja das listas das “43 coisas” e dos “43 lugares” desejados por Denise, seja das campanhas às quais ela se adere, o fato é que tais ícones ligam o blog a redes de alcance mais global, ao mesmo tempo em que operam na apresentação da blogueira face à rede de relações sociais da qual ela participa no universo dos blogs. Expondo suas preferências e posicionamentos, eles complementam o quadro desenhado desde o início dessa coluna, com os links para os álbuns de fotografias e as referências ao seu trabalho, aos filmes, livros e músicas prediletas.

<sup>97</sup> Campanha que reúne vários segmentos da sociedade civil organizada na divulgação de informações sobre a questão racial no Brasil, além da elaboração de projetos e da articulação de mobilizações contra a discriminação racial. A campanha lançada em 2004 já se encontra atualmente na sua segunda fase. Fonte: <http://www.dialogoscontraoracismo.org.br>.

<sup>98</sup> Campanha lançada por uma entidade sem fins lucrativos, com base na cidade de São Francisco (Califórnia/EUA), empenhada naquilo que chama de “combate às imagens distorcidas e negativas da mulher na mídia”, como vistas à promoção da diversidade de padrões de beleza feminina e da “igualdade de gênero”. *Don't fall for the media circus!* (algo como “não se entregue ao circo da mídia”) é o *slogan* desta campanha. Fonte: <http://www.about-face.org/aau/mission.shtml>.

Fechando a coluna, o “banner” do *Mundo Pequeno*, um “índice de blogs” de brasileiros que vivem em outros países, complementa a identificação da blogueira em relação à sua condição de imigrante, apontando uma rede que perpassa, pelo menos em parte, o “blogroll” do *Síndrome de Estocolmo*.

Sob a perspectiva da Etnografia da Fala e da abordagem interacionista de Goffman (1998), essa coluna pode ser pensada como um *enquadre*<sup>99</sup> que situa, para os outros, o sentido implícito das mensagens comunicadas, sinalizando **o que** (ou **sobre o que**) Denise está falando no blog, **com quem** ela está preferencialmente interagindo e, também, **como** aquilo que ela fala deve ser interpretado (ibid, p. 70). Mais do que isto, Goffman permite pensarmos essa seqüência de links e ícones como uma seqüência de *footings*<sup>100</sup> que sinalizam aspectos pessoais e papéis sociais e representam a “projeção do eu” do sujeito na sua relação com o Outro, consigo próprio e com o discurso em construção (ibid, p. 71-75). Trata-se, é claro, de um espaço dinâmico construído permanentemente ao sabor das interações, das relações sociais estabelecidas no e através blog e das experiências cotidianas da blogueira, que levam à aquisição de novos interesses e pontos de vista e/ou à minimização de velhos posicionamentos e preferências. Foi assim que Denise incluiu o ícone *Vivendo com Fibromialgia*, que remete para um outro blog criado por ela para partilhar vivências e descobertas acerca desta patologia da qual ela recentemente se soube portadora. O “template” do blog vai se constituindo, neste processo, como um conjunto de *pistas de contextualização* que contribuem para a sinalização das pressuposições contextuais a partir das quais as mensagens devem ser interpretadas e cujos significados são transmitidos como parte do processo interativo (Gumperz, 1998, p. 100). Espera-se, de um modo geral, que aqueles que se engajam nas situações interativas estabelecidas no blog entendam e saibam reconhecer as pistas relevantes, que devem ser tomadas como pressupostos para que os processos interpretativos ocorram despercebidamente. Do contrário, eventuais divergências na interpretação dessas pistas podem gerar reações em termos de atitude – como um participante ser rotulado de “antipático”, “grosseiro”, “impertinente” – e provocar situações de conflito. Uma preocupação nesse sentido se expressa na própria apresentação que Denise faz do blog, logo abaixo do seu “perfil” e antecedendo todas as sessões referenciadas até aqui:

---

<sup>99</sup> Conceito introduzido na teoria da comunicação por Gregory Bateson e desenvolvido por E. Goffman em sua obra intitulada *Frame Analysis* (1974).

<sup>100</sup> *Footing*: conceito que se desdobra do conceito de *enquadre* e se refere, especificamente, à "postura", ao "alinhamento", a "posição" de um indivíduo quando colocado diante do outro.

#### O Blog

Tenho o maior prazer em fazer esse blog, que eu costumo dizer que é nossa “pracinha” onde trocamos idéias, discutimos assuntos polêmicos ou falamos abobrinhas. Convido vocês a participar dessa “comunidade virtual”, sempre com o mesmo respeito que eu, e tod@s amig@s, temos pelos que vêm aqui.

Pode-se dizer que a ênfase no caráter “comunitário” do blog e o apelo pelo “respeito” mútuo convidam os leitores, em especial os recém chegados, a descobrir quais são exatamente as “idéias”, “assuntos polêmicos” e “abobrinhas” que alimentam o blog e, conseqüentemente, identificar os *modos de fala* (Hymes, 1972) privilegiados nessa “comunidade”, a fim de participarem apropriadamente das interações.

Complementando essa apresentação, Denise incluiu um ícone que aponta para um

Fotos dos leitores e leitoras do blog:



álbum de fotografias dos leitores do *Síndrome de Estocolmo*, onde cada um deles é identificado pelo nome e país<sup>101</sup> onde mora. Muitas destas fotos parecem ser propositalmente tiradas em locais que identificam os países ou regiões em que estes leitores se encontram, levando-se em consideração o fato do blog se constituir como um espaço de reunião entre “blogueiros imigrantes”.

Aqui, os aspectos do cotidiano de Denise trazidos para o blog para compor sua *apresentação* enquanto blogueira se misturam às experiências engendradas no próprio universo dos blogs ou na Internet de modo geral. Isto é, além de Washington, de Estocolmo, de Recife e de todos os lugares dos quais a blogueira costuma falar no blog, é também do blog e da sua “blogosfera” que muitas das experiências narradas emergem. Essa mistura se manifesta de modo especial na margem esquerda, na seqüência da “história” do blog, quando a blogueira dispõe todos os seus posts organizados em “temas” que incluem novamente “viagens”, “família”, “amamentação”, “feminismo”, “casamento”, “imigração” e vários outros elementos já abordados nos inúmeros links e ícones presentes na margem esquerda, além de temas como “blogosfera”, “blogagens coletivas”, “Internet”, “cibercultura”, etc. A sessão de “temas” é seguida, ainda, de um mecanismo de busca que permite aos leitores explorarem os “arquivos” dos blogs a partir de palavras-chave e de uma sessão dinâmica, atualizada diária e automaticamente, que contém os “permalinks” para os posts publicados no

<sup>101</sup> Assim como os outros, este álbum fica armazenado num serviço de hospedagem de imagens, o Flickr (<http://www.flickr.com>), onde o usuário cadastrado pode hospedar imagens numa página pessoal, bem como organizá-las em álbuns temáticos. Da página do usuário é possível acessar cada foto em uma página específica, com URL própria, legenda e espaço para comentários.

mesmo dia dos anos anteriores. Se o espaço dedicado aos posts é marcado pela atualidade, pela mudança contínua, essas sessões enfatizam a memória do blog, colocando-nos diante das múltiplas formas em que ela pode ser apresentada e explorada. Mais do que isso, são formas de colocar a memória sempre no presente, na atualidade do blog, na sua página de entrada e é assim que essa memória se soma à *biografia pessoal* que se constrói no blog e apresenta a blogueira; uma *biografia* cujo traçado depende tanto da ação do blogueiro na configuração do blog e na escolha do que contar e de como contar, quanto da ação dos leitores que percorrem diferentemente esses links, construindo suas próprias relações semânticas.

Dessa forma, os blogs tornam-se espaços privilegiados para a experimentação do hipertexto, e do “ciberespaço”, não como um agregado de informações autônomas, mas como um espaço de permanente adesão no qual cada ator cria seus arranjos particulares, ressignificando as informações a cada escolha, a cada link, a cada caminho percorrido ou revertido (Cunha, 2003, p. 198-199). Esta experiência, por si só, já transforma o leitor em *participante*, pois ele não só lê, mas interage com a informação ou, melhor dizendo, com a “história” contada no blog e sua atividade modifica, reconstrói o que é acessado. Segundo França (2002, p. 66), essa participação que intervém, estabelece conexões, faz escolhas, defende-se de alguns sentidos e persegue outros, é que faz da Internet algo que se constitui efetivamente no âmbito das experiências específicas e localizadas.

Em meio às múltiplas formas de apresentação da memória do blog colocadas à exploração e à experimentação dos leitores, uma última merece destaque. Dispondo “links permanentes” para alguns posts já publicados, a sessão representada ao lado atualiza trechos específicos da memória do blog, convidando o leitor a tomar conhecimento e comentar temas caros à identidade da blogueira, como o seu trabalho (“o que eu faço da vida” e “lutando contra o câncer de mama”) e a sua condição de imigrante. Se pensarmos estes posts enfatizados como centrais ao *enquadre* que situa o blog num contexto social singular, é importante percebermos que eles são lembrados junto de posts que enfatizam o caráter “comunitário” do blog e convidam os leitores a se integrarem, mandando fotos para o álbum de “fotos dos leitores e leitoras do blog” e contando como chegaram até o blog. O post intitulado *Como você chegou até aqui?*, o primeiro linkado nessa sessão, é freqüentemente republicado por Denise que,

*Permanentes*

Já passou, mas sempre é tempo de dar uma olhada e deixar seu comentário.

- ◆ Como você chegou aqui?
- ◆ Mande a sua foto!
- ◆ Amigos reais, num meio virtual
- ◆ O que eu faço da vida
- ◆ Lutando contra o câncer de mama
- ◆ Reflexões sobre a vida de imigrante - Parte I
- ◆ Reflexões sobre a vida de imigrante - Parte II
- ◆ Amo o Brasil, mas não sinto banzo
- ◆ Vivendo bem na sua segunda pátria
- ◆ Casando com estrangeiros

*Projetos*

- ◆ Nossas Bibliotecas
- ◆ Minha Biblioteca
- ◆ Amig@s Secret@s
- ◆ Natal no Blog
- ◆ Amig@s do Blog

pedindo aos leitores que falem dos caminhos que percorreram até chegarem ao *Síndrome de Estocolmo*, mostra-se como um apelo para que aqueles que nunca comentaram finalmente se apresentem. Na verdade, tanto o primeiro quanto o segundo – *Mande a sua foto!* – são imperativos nesse sentido e parece interessante que eles venham seguidos de um terceiro post, intitulado *Amigos reais, num meio virtual*. Nele, a blogueira fala da importância da Internet na construção e manutenção de suas amizades, tanto daquelas iniciadas “off-line”, no Brasil ou nos EUA e mantidas via “comunicação mediada por computador”, quanto daquelas iniciadas no universo dos blogs e que já extrapolaram, ou não, para o face a face. Citando quatro amigos especiais, uma que está no Brasil, outra que está em Washington e outros dois que estão “nos seus blogs”, Denise defende a “comunicação mediada por computador” como um “novo paradigma para a amizade”, onde “virtual” é algo que apenas qualifica o “meio” onde se constroem laços “reais” e estreitos, mesmo na impossibilidade de um encontro “cara a cara”. E o *Síndrome de Estocolmo* é apontado pela blogueira como sendo um lócus privilegiado para a construção e manutenção desses laços: um espaço onde cada um que chega é “um amigo em potencial”.

Interpretar tal sessão de “links permanentes” como uma forma de enfatizar o caráter “comunitário” do blog, que relembra as temáticas predominantes e constitutivas do espaço, convida os leitores a se apresentarem e eleva o status das amizades ali construídas, permite pensarmos a sessão seguinte como uma tentativa de demonstrar ou comprovar esse caráter. Sob o título “Projetos”, a blogueira fornece uma lista de links para uma série de álbuns de fotografias, criados a partir de eventos organizados por ela com o intuito de integrar os leitores do blog. No projeto “nossas bibliotecas”, por exemplo, ela convida seus leitores a mandarem fotos de suas estantes de livros, como forma de possibilitar que uns conheçam os outros a partir do compartilhamento de preferências literárias. Já os projetos “Amigos Secretos” e “Natal no blog” se referem aos momentos de confraternização organizados todo final de ano: no primeiro, os leitores são convidados a participar de uma brincadeira de “amigo secreto” via um site especializado, enviando suas lembranças pelo correio tradicional e, depois, enviando fotos com seus presentes para constar num álbum especial; no segundo, todos são convidados a enviarem, em fotografias, suas mensagens de natal para o blog, que também passam a constar no álbum do “Natal no blog”. Para finalizar a sessão, o álbum de “fotos dos leitores e leitoras do blog” é, pela terceira vez, referenciado.

Portanto, enquanto na margem direita do blog a blogueira se apresenta no âmbito geral de suas preferências e posicionamentos, na margem esquerda ela apresenta o blog em

relação a sua “história”, a sua memória e aos seus leitores e traz aqueles elementos anteriormente citados para o contexto das relações e interações circunscritas a este espaço. Na próxima sessão desta coluna – “Interessantes” –, ela amplia a apresentação dos projetos e campanhas das quais participa numa longa lista de links para outros projetos e campanhas relacionados às mesmas temáticas ou a outras que se tornam “interessantes” com o passar do tempo e, porque não, a partir das relações e interações estabelecidas no blog. E é somente após esses links que, finalmente, encontra-se o “blogroll” de Denise, que ela denomina “Blogosfera” e que possui quase duzentos e cinquenta links para blogs de brasileiros que estão no Brasil, no EUA e em vários outros países. Na verdade, todos os links estão organizados de acordo com os países em que os blogueiros se encontram, começando pelos blogs “em Pernambuco” e “no Brasil” em geral, passando pelos blogs “nos EUA” e “na Suécia” e terminando com os “blogs pelo mundo afora”, que incluem blogs “no Canadá”, em vários países da Europa e da Ásia.

Com isso é possível dizer que ao mesmo tempo em que a blogueira se insere definitivamente numa rede de “blogueiros imigrantes”, ela reapresenta, no desenho dessa rede, a sua própria trajetória, indo de Pernambuco à Suécia e aos Estados Unidos e passando pelos muitos países nos quais já esteve. A constituição do seu “blogroll” sintoniza-se, assim, com as experiências freqüentemente tematizadas nos posts e acrescenta-se à construção do sujeito coerente e contínuo que é apresentado no blog. Esta apresentação, na forma como se manifesta na configuração do “template”, traz a multiplicidade e diversidade de experiências que caracterizam a vida social contemporânea – o cotidiano em família, as atividades profissionais e políticas, os círculos de amizades, etc. – para um *lugar* de práticas e relações específicas, situado no espaço-tempo global (Hall, 2002). É esta multiplicidade e diversidade que alimenta os posts e as interações, num espaço em que é possível se relacionar com diferentes pessoas em torno de diferentes interesses e afinidades. Isto é, ao mesmo tempo em que o blog pode ser pensado no sentido da construção da *biografia pessoal* de um sujeito que examina e expõe suas experiências singulares, que não podem ser contadas por outro a não ser por ele mesmo (Jedlowski, 1990, p. 147), é também uma instância de manifestação da pluralidade individual que, como coloca Maffesoli (1998, 2004), está na base da constituição do sujeito contemporâneo.

Essas duas instâncias – a da compreensão do sujeito nos termos de sua *biografia* e a da manifestação do sujeito nos termos da sua *pluralidade* –, não se opõem, mas se combinam no processo de constituição do blogueiro: um processo relacional, determinado também pela

ação dos leitores, que traz novos elementos para a apresentação do blogueiro e constrói diferentes vieses para as interações que estabelecem no blog. Sendo assim, a *inteireza* do próprio blogueiro, nos termos de Maffesoli (2004), parece se construir sobre uma pluralidade, já que cada relação que ele estabelece nesse universo pode enfatizar diferentes elementos que compõem a *pessoa* que se apresenta no blog, seja a condição de imigrante, seja um determinado envolvimento político, sejam as experiências familiares e conjugais, e assim por diante. O link, por sua vez, alcança sua dimensão social na medida em que constrói e expõe as relações estabelecidas no decorrer das interações. A confecção desses links que, na verdade, remete para a confecção do vínculo social entre os blogueiros *linkados*, pode ser pensada como uma ação local compreendida, em termos nativos, como “linkania”. Na prática da “linkania”, pela confecção generalizada de links – nos “blogrolls”, posts e, até mesmo, nos comentários –, constroem-se redes sociais específicas, particulares, localizadas, num espaço de conexões globais (Estraviz, 2002).

O caráter “comunitário” do blog, tão enfatizado por Denise, constitui-se, portanto, mais pela convergência entre várias *densidades* de rede formadas pelas ligações comuns entre blogueiros com afinidades específicas, do que pela presença, no blog, de um grupo mais homogêneo e delimitado. Pois, em cada ponta de um link existem sempre muitos outros links que, no limite, remetem para outras redes de relações sociais, que se arranjam em outras densidades e assim por diante. Tomando como unidade básica de análise as relações diádicas entre as pessoas, é possível dizer que o universo dos blogs se constitui, como uma *rede social total* que fornece a forma estrutural de toda e qualquer porção dela extraída (Barnes, 1987). Nesses termos, a noção de “blogosfera”, com a qual os blogueiros descrevem o universo ao qual pertencem, alcança diferentes dimensões que se inscrevem na relação dialética, e dialógica, entre o global e o local, onde uma dimensão é sempre definida em relação à outra. Isto é, a depender das circunstâncias e dos propósitos específicos, a noção de “blogosfera” descreve dimensões mais globais ou mais locais: ela pode se referir ao conjunto total de blogs presentes na Internet, marcando a pertença a uma esfera de expressão e de sociabilidade específica em relação às demais que coabitam no “ciberespaço”; pode se referir também ao conjunto de “blogs brasileiros” (escritos por brasileiros, em português) em relação ao conjunto total de blogs, donde emerge a noção de “blogosfera brasileira”; e, finalmente, pode apontar o conjunto restrito de relações sociais das quais participa um blogueiro, marcando a pertença a um contexto social singular dentre os outros contextos engendrados entre os blogs. Pode-se dizer que na denominação do seu “blogroll”, foi nesse último sentido que Denise

empregou a noção de “blogosfera”. Na continuidade da análise pretende-se discutir como os diferentes empregos da noção se expressam no cotidiano da prática do “blogging”, evidenciando as tensões e multiplicidades constitutivas do universo em questão.

Enfim, do “perfil” da blogueira à definição do blog; da exposição da sua biografia – através de fotos e breves textos – às formas de disposição da memória do blog; das representações imagéticas das suas preferências, posicionamentos, características e desejos pessoais à apresentação, igualmente imagética, de seus leitores; da ênfase nas temáticas privilegiadas no blog à organização geográfica do seu “blogroll”, o *Síndrome de Estocolmo* é significativamente representativo das formas pelas quais os blogueiros se apresentam nesse universo e do apelo interativo contido nessas apresentações. Um apelo constante à exploração e participação na “história” que o blog se propõe a contar, que nos mostra, mais uma vez, que **estar na cena dos blogs é estar em rede**, encenando e compartilhando experiências. E isto permite pensarmos os blogs como formas de *expressão da experiência*, nos termos sugeridos por Edward Bruner (1986).

A partir da obra de W. Dilthey, Bruner conceitua a *experiência* como a forma pela qual uma dada realidade se apresenta à consciência do indivíduo, incluindo não só a razão ou a cognição, mas também os sentimentos e expectativas. É a experiência vivida como palavras, imagens ou impressões que constitui a primeira *realidade*: única, pessoal, que não pode ser compartilhada. Só podemos viver as nossas experiências, aquilo que é recebido pela nossa própria consciência, e nunca saberemos completamente sobre a experiência do outro. Baseando-se na metodologia hermenêutica de Dilthey, Bruner afirma que a chave para transcendermos essa limitação da experiência individual está em interpretar *expressões*, que são nada mais do que as articulações intersubjetivas das experiências em representações, performances ou textos, cada qual com um começo e um fim (ibid, p. 5). As brechas inevitáveis e as tensões entre a *realidade* – a vida enquanto vivida –, a *experiência* – a vida experienciada, a realidade que se apresenta à consciência –, e a *expressão* – a vida falada, performada –, constituem a problemática central da Antropologia da Experiência, perspectiva teórica que estará na base da continuidade dessa análise.

Sob essa perspectiva, uma *expressão* nunca é um texto fixo e isolado; ela envolve, sempre, uma atividade processual, uma forma verbal, uma ação enraizada e, sobretudo, uma situação social particular. Em outras palavras, uma *expressão* é a *experiência* falada, colocada em forma compartilhável, num ato interpretativo através do qual impomos significados sobre o fluxo da memória, iluminando algumas causas e descontando outras (ibid, p. 7). Portanto,

são *expressões* que circulam nos blogs; *expressões* que recolocam o significado das *experiências* no presente, no “aqui e agora” (ibid, p. 12). Dando voz e expressão ao significado da experiência, cada post ou outro elemento que compõe a *apresentação* de um blogueiro transforma-se num texto performado, vivo e animado que põe a experiência em circulação. Nesse sentido, as formas pelas quais os blogueiros se apresentam no cotidiano do “blogging”, organizando suas falas – suas *expressões* – e se colocando no âmbito das situações interativas que se estabelecem nos e entre os blogs, serão analisadas, no próximo capítulo, sob uma abordagem performática, reconhecendo-se a Antropologia da Performance como parte de uma Antropologia da Experiência.

Veremos que, ligados em redes, os blogueiros reconstroem, recontam e revivem suas experiências, enquadrando-as e impondo-lhes arbitrariamente começos e fins, e extrapolam os limites da experiência individual interpretando as expressões dos outros, numa realização permanente do ciclo hermenêutico em que “a experiência estrutura as expressões e as expressões estruturam as experiências” (ibid, p. 6). Os blogs se constituem, assim, como espaços de atualização da relação sempre dialógica e dialética entre *experiência* e *expressão*, segundo a qual as expressões dos outros são entendidas na base de nossas próprias experiências, assim como certas expressões têm o potencial de definir e iluminar o interior das nossas experiências. Isto coloca em jogo toda a teatralidade da vida pública que Sennet (1988) acreditou ter sido substituída pelo “culto à personalidade”, na emergência da esfera privada sobre o espaço público. Ao contrário de “atores despojados de sua arte” (ibid, p. 176), os blogueiros se apresentam de formas estilizadas e significativamente performáticas, engajando-se em jogos de *sociabilidade* onde, segundo Simmel (1983, p. 173), “faz-se de conta” que são todos iguais ao mesmo tempo em que cada um é reverenciado em particular. Eles encenam espécies de “espetacularização do eu”, buscando serem vistos e reconhecidos aos olhos dos outros e colocando em cena mecanismos específicos de construção e consumo identitário (Sibilia, 2003, p. 148/149). Dessa forma, ao contrário de um “esvaziamento da esfera pública” que dá lugar a visão “intimista” da sociedade, como diria Sennet (1988), o universo dos blogs nos coloca diante de pequenas “privatizações” de um espaço público que compõem, segundo Giddens (2002, p. 162), a vida cosmopolita experimentada em meio a uma diversidade de oportunidades para que os indivíduos cultivem uma pluralidade de interesses.

## — Capítulo 3 —

# Colocando experiências em circulação: performance e reciprocidade no universo dos blogs

---

### 1. *Performance narrativa*: uma perspectiva de análise

Pensar os blogs como modalidades de *apresentação do eu* e de *expressão da experiência* cotidiana, permite-nos situar a análise no âmbito da abordagem “orquestral” proposta por Yves Winkin (1998) para a análise dos processos comunicativos. Pela metáfora da orquestra, essa abordagem situa cada indivíduo como participante da comunicação, contrariando a concepção da comunicação como mera “transmissão de informações”, difundida pela teoria “matemática” de Shannon e Weaver (1949). Reagindo ao totalitarismo, ao segredo e à dissimulação que até certo ponto marcaram a Europa após a Segunda Guerra Mundial, a idéia de uma sociedade baseada na comunicação “transparente” foi determinante para a teoria da comunicação em meados do século XX. Isto é, pensava-se a comunicação como um processo linear, no qual a informação parte de um emissor, atravessa um “meio” e alcança um receptor. Esse modelo clássico ficou conhecido como “modelo telegráfico” e foi bastante criticado por vertentes mais recentes da teoria da comunicação por conferir-lhe uma objetividade e transparência que ela certamente não tem, ignorando as especificidades e determinações dos “meios” e os códigos e regras sociais singulares presentes em cada situação comunicativa.

Cabe lembrar, aqui, que uma das principais críticas à noção de “meio de comunicação” como um simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, ou mero veículo de transmissão de mensagens, deve-se a Marshall McLuhan (1967) que, afirmando que “o meio é a mensagem”, postulou uma espécie de determinismo mediático: sua tese central é a de que os “meios de comunicação”, pondo em jogo diferentes estruturas

perceptivas e mecanismos de compreensão específicos, constituem as formas comunicativas tanto quanto determinam o conteúdo das mensagens<sup>102</sup>. Winkin também se mostra atento às implicações dos “meios” para os processos comunicativos, centrando sua análise principalmente nas “novas” modalidades de comunicação surgidas com as redes de computadores. Contudo, é combinando conceitos do Interacionismo Simbólico e da sócio-lingüística que o autor lança a idéia de uma “nova comunicação”, concebida numa perspectiva que, em articulação com a antropologia, busca “distinguir os contextos no interior dos quais os atores participam da comunicação, (...), num processo permanente de confirmação das relações interpessoais” (Winkin, 1998, p. 119).

Compreender essa noção de *participação* implica em pensar a comunicação como *performance da cultura*, ou seja, como a soma das falas, dos gestos, das mensagens de todo gênero que os homens podem produzir para a realização permanente da sociedade (ibid, p. 205). Segundo essa abordagem social da comunicação, é nas relações sociais entre os sujeitos comunicantes, mais do que nas mensagens ou nos meios, que se dá a produção de significados (Rifiotis, 1999, p. 152). Concebida como uma atividade processual e essencialmente interpretativa, cujos significados emergem no contexto de cada situação social específica em que ela se estabelece, a noção de comunicação remonta a Bruner (1986) e ao seu conceito de *expressão*, enquanto experiência falada, comunicada, performada. Pode-se dizer que ambos os conceitos repousam sobre uma concepção da própria cultura como algo dinâmico, que emerge na interação social e que enfoca o indivíduo, o ator social, como um agente consciente, interpretativo e subjetivo que não só se engaja na, mas molda a ação e assim constrói a si mesmo e o seu mundo (Langdon, 1999, p. 17, 22 e Bruner, 1986, p. 5). Uma concepção formulada na aproximação do Interacionismo Simbólico com a Antropologia Simbólica e a Etnografia da Fala da qual surgiram, entre outros, os estudos da performance (Langdon, 1999, p. 17).

---

<sup>102</sup> A conhecida obra intitulada *The Medium is the Message: an inventory of effects*, vem na esteira de dois estudos anteriores sistematizados nos livros *The Gutenberg Galaxy* (1962) e *Understanding Media* (1964), formando a clássica trilogia de McLuhan. Analisando as propriedades diferenciadoras de cada meio de comunicação, o último estudo complementa o primeiro dos três, que se debruçou sobre a “evolução” mediática ao longo da História. Essa “evolução” foi compreendida pelo autor em três fases principais: a fase “oral” ou “acústica”, própria das culturas ágrafas; a fase “tipográfica” ou “visual”, correspondente às culturas que valorizam a escrita e, sobretudo, que foram marcadas pelo advento da imprensa (formadora da “galáxia de Gutenberg”); e, finalmente, a fase da “cultura eletrônica”, marcada pelo surgimento dos meios eletrônicos de comunicação e que configura aquilo que McLuhan posteriormente denominou de “aldeia global”.

No âmbito do estudo da literatura oral, principalmente da análise de mitos indígenas, uma preocupação central nesse campo interdisciplinar é, segundo Langdon, a de como fixar o oral na escrita etnográfica sem ignorar o contexto e a dinâmica de sua produção, em especial as implicações do evento em que a narração tem lugar para a constituição do texto narrativo. Essa preocupação se desenvolve a partir de uma concepção de *narrativa* não como um texto fixo, como ela é classicamente entendida na antropologia, mas como uma forma viva de comunicação, como algo que emerge da interação no contexto de sua produção e se dirige, com forças estéticas, poéticas e dramáticas a uma platéia (ibid, p. 19). Mais do que uma forma de representação, a narrativa se constitui, nesse sentido, como “uma maneira de falar sobre eventos, tanto reais como imaginários” (White, 1981, p. 23). É, portanto, uma forma de expressão simbólica que fornece um *modelo de* e um *modelo para* o mundo (Geertz, 1989).

Sob essa perspectiva, as formas de expressão que perpassam os blogs serão analisadas, a partir de agora, como narrativas integradas às demais práticas cotidianas e, ao mesmo tempo, situadas no centro de momentos especiais, estabelecidos em contextos específicos pela reunião de participantes de uma dada rede para a diversão e comunicação (Langdon, 1999, p. 20). Concebidas como “maneiras de falar”, as narrativas se aproximam das “maneiras de fazer” ou “artes de narrar” definidas por Certeau (1994), permitindo compreendermos a prática do “blogging” como uma modalidade específica de expressão das experiências cotidianas; como uma forma de traduzir o “saber” para o “contar” e de demonstrar que as experiências têm “coerência, integridade, plenitude e conclusão”, transmitindo uma imagem da vida que é e só pode ser imaginária (White, 1981, p. 23; Langdon, 1999, p. 20). Nesse sentido, busca-se enfatizar mais a dinâmica de produção das narrativas, nos contextos de interação, do que os conteúdos propriamente ditos, procurando-se captar os aspectos performáticos.

Contudo, como essa questão se coloca especificamente para narrativas escritas, como é o caso dos blogs? De acordo com Donald Rubin (1988), a produção e compreensão de mensagens escritas de todo tipo também emergem em contextos de engajamento, de interação entre escritores, leitores e textos e através de processos associados à “construção social da realidade” (Berger e Luckman, 1967). Seja nas interpretações que os escritores constroem acerca de suas audiências; seja nas estratégias de endereçamento à audiência que invocam cenários, propósitos ou tópicos particulares; seja nas modalidades de conversação escrita (as práticas epistolares, por exemplo) ou nas possibilidades de co-autoria; o autor destaca o caráter dinâmico e ativo dos textos, que agem na projeção, manipulação e negociação das

relações entre escritores e leitores, além de atuarem como produtores de contextos sociais. O fato é que tanto à produção quanto à compreensão de um texto, pressupõe-se a existência de uma dimensão compartilhada de regras, códigos, interesses e competências que possibilitam a comunicação das mensagens e seus significados. Ou seja, a escrita – seja um livro, uma carta ou um post em um blog – sempre implica numa *performance* contida num *evento* e situada num “universo de discurso” singular que pede de todos os participantes o reconhecimento de padrões e gêneros comunicacionais específicos (Rubin, 1988, p. 16).

Assim, a performance aparece como um viés para se analisar tanto a comunicação oral quanto a comunicação escrita. Inclusive, é possível situar a abordagem de Rubin acerca da “construção social da comunicação escrita” no mesmo campo interdisciplinar “cultural-linguagem-sociedade” em que se situam, segundo Langdon, os estudos que enfatizam os aspectos performáticos das narrativas. O conceito de performance implicado nesses estudos se desenvolve, por sua vez, a partir de dois paradigmas da antropologia atual: o primeiro deles, associado à Antropologia Simbólica e à obra de Victor Turner, conceitua performance no âmbito de uma concepção da vida social como dramaturgical ou, mais especificamente, como uma seqüência de *dramas sociais*; e o segundo, associado à Etnografia da Fala e à obra de Richard Bauman, concebe a performance como *evento*, enfocando as características e a produção dos eventos performáticos (Langdon, 1999, p. 21).

Remontando à análise dramaturgical de Goffman e considerando a interação social como uma negociação permanente entre atores que representam e realizam seus papéis para os outros, tentando persuadi-los de suas posições (ibid, p. 23), Turner (1981) pensa a vida social como uma tensão contínua entre a harmonia e o conflito, que coloca freqüentemente os atores em situações de expressarem seus interesses, lealdades e autoridades. O *drama social* é compreendido, por sua vez, como um elemento constitutivo desse processo, inerente a toda dinâmica cultural, e representa um desafio perpétuo às aspirações de perfeição na organização política e social de qualquer grupo (ibid, p. 148). Vistos como o processo que envolve o estabelecimento, a compensação e a resolução de situações de conflito – de crises –, os dramas guardam, de acordo com o autor, uma relação interdependente com os gêneros performáticos, colocados em cena especialmente em rituais de compensação quando os atores envolvidos – grupos ou indivíduos – escrutinam-se, retratam-se e entendem-se para, então, agirem sobre si mesmos. Desses contextos de *reflexividade social* emergem performances pelas quais se constroem interpretações que dão aparência de coerência e ordem aos eventos que constituíram uma crise (ibid, p. 149; 152). Concebida em relação aos dramas sociais a

performance, segundo Turner, é compreendida como um aspecto constitutivo da experiência social, do ciclo de desenvolvimento dos grupos que aspiram continuidade; como algo que emerge no fluxo da ação e interação social, pressupondo um conjunto de regras e um contexto específico, e que, dessa forma, participa da produção de símbolos e significados que poderão ser incorporados em performances subseqüentes (ibid, p. 156).

Mais preocupado com a relação da performance com a sociedade, especialmente com os processos de produção e transformação social, Turner não se deteve nos aspectos constitutivos da performance como um evento (Langdon, 1999, p. 24). O enfoque sobre as características e a dinâmica de produção dos *eventos performáticos* emerge no campo da Etnografia da Fala, constituindo o que Langdon denomina de “perspectiva performática”. Eis o segundo paradigma antropológico sobre o qual repousa o conceito de performance e é ele que conduzirá a análise que se segue aqui.

Cabe, aqui, uma breve consideração acerca da Etnografia da Fala, suas preocupações e principais conceitos. Impulsionada pela obra de Dell Hymes na década de 60, a Etnografia da Fala se constitui por influências multidisciplinares e se apresenta como uma abordagem preocupada em relacionar a linguagem aos valores sociais específicos do grupo estudado. Descartando uma visão da linguagem como uma estrutura fixa, anterior e acima do cotidiano das interações sociais num dado contexto, a Etnografia da Fala se detém nas situações e nos *padrões da fala* enquanto uma atividade produzida no seu próprio registro, que envolve *maneiras* (ou *modos*) *de falar* específicas construídas em relação aos valores sociais compartilhados num determinado grupo (Hymes, 1962, p. 101). Considerando-se a relação existente entre a produção desses padrões e modos de fala com os propósitos, paradigmas e necessidades compartilhadas pelos participantes numa dada situação interativa, é que se compreende, de acordo com essa abordagem, o potencial da linguagem para criar e reforçar fronteiras, unificando seus falantes em *comunidades de fala* singulares (Saville-Troike, 1982, p. 15). Uma comunidade de fala é definida, por sua vez, pelo compartilhamento de normas e regras para a condução e interpretação dos *atos de fala* e de, pelo menos, uma variedade lingüística<sup>103</sup>. Dessa forma, Hymes (1972b, p. 54) se mostra mais preocupado em descrever

---

<sup>103</sup> Segundo Hymes (1972b, p. 54), a diferença entre o conhecimento de uma variedade lingüística e o conhecimento da fala não é evidente dentro de uma comunidade, uma vez que ambos são normalmente adquiridos juntos. Deve-se considerar, no entanto, que estes conhecimentos constituem, respectivamente, o que um lingüista distinguiria como o que é gramaticalmente aceitável (o conhecimento da variedade) e o que

entidades sociais do que entidades lingüísticas, tomando como ponto de partida para a análise os grupos que, considerando suas variedades lingüísticas, são definidos nos termos das *normas e regras* compartilhadas para o uso da linguagem. A unidade básica de análise é, nesse sentido, o *evento de fala*, entendido como um segmento culturalmente, definido em relação a uma determinada comunidade de fala, que contorna o fluxo do comportamento e da experiência se constituindo numa situação significativa para a ação (Bauman, 1977, p. 27).

Nesse campo, a performance é concebida como um ato de fala diferenciado dos demais por modos de falar e agir específicos, que privilegiam as qualidades estéticas e poéticas da linguagem, e deve ser analisada no âmbito dos eventos em que tomam lugar. Como um ato de fala diferenciado, a performance instala, segundo Bauman, um *enquadre interpretativo* dentro do qual aquilo que está sendo comunicado deve ser entendido num sentido especial, e não num sentido literal (ibid, p. 9). Para isso, faz-se uso de um conjunto estruturado de recursos comunicativos disponíveis à comunidade de fala para sinalizar o quadro performático. Em outras palavras, a performance é, sob essa perspectiva, um modo de comunicação que consiste em assumir uma responsabilidade diante de uma audiência ou platéia disparada pela *competência comunicativa*, isto é, pelos conhecimentos e habilidades do falante para falar e agir de modos apropriados num determinado contexto social (ibid, p. 11).

Assim, a performance emerge na interação envolvendo, da parte do performer, a necessidade de assumir para a platéia um modo de comunicação acima de conteúdos referenciais e, da parte da platéia, a constante avaliação do ato de expressão colocado em cena. Isso nos coloca diante do caráter constitutivo da performance, que se apresenta como uma experiência social contextualizada e transforma o contar num momento de engajamento entre os participantes (Langdon, 1999, p. 25). Quando voltada para o estudo das narrativas, essa perspectiva performática desloca o foco dos *eventos narrados* para os *eventos narrativos*, compreendendo a performance como o elo de ligação entre as duas dimensões, que expressa a experiência ao mesmo tempo em que a transforma na experiência da platéia (Bauman, 1986, p. 2). Daí decorre a noção de *performance narrativa* que, por meios verbais formais, invoca os eventos narrados moldando-os e significando-os no contexto dos eventos narrativos (ibid, p. 6/7).

---

socialmente aceitável (o conhecimento da fala). Ambos os conhecimentos são, segundo Hymes, necessários para a definição de uma *comunidade de fala*.

Concebida não como um ato isolado e individual, mas como um evento interativo que combina vários fatores situacionais – identidades e papéis dos participantes, significados expressivos e regras interacionais para a realização, interpretação e avaliação das performances, seqüências de ações e cenários (Bauman, 1986, p. 4) –, a noção de performance narrativa torna-se particularmente elucidativa das formas expressivas observadas nos blogs. Neles, os eventos narrados emergem da interação no contexto das redes de relações sociais em que os blogueiros se inserem, o que implica num processo permanente de negociação das regras e dos critérios para a performance, para a interpretação das experiências expressadas e para a manutenção das trocas comunicativas. No universo dos blogs, todos são performers e ao mesmo tempo platéia, engajados em situações onde ora falam de suas experiências, assumindo diante da sua audiência a responsabilidade de expressá-las de modos socialmente aceitáveis em relação aos contextos em que estão inseridos, e ora interpretam e avaliam as expressões dos outros. Nas performances narrativas desenroladas nos blogs, eventos narrados e eventos narrativos se unificam, bem como o espaço e o tempo do narrador, do blogueiro, encontram-se com o espaço e o tempo da audiência em situações interativas, dialógicas e de troca de experiências que operam permanentemente na produção da cultura (Hartmann, 2004, p. 242). Assim, as performances dos blogueiros são construídas colaborativamente, no âmbito de eventos performáticos, e por isso serão analisadas contextualmente, considerando-se as dinâmicas de produção e as características específicas das situações em que os atos de fala se desenvolvem (Hymes, 1972b; Fasold, 1990).

Nesse sentido, a análise performática dos blogs será apresentada em duas partes. Na primeira delas, busco descrever e compreender as formas pelas quais os blogueiros elaboram suas “narrativas de experiências pessoais” e como essas se apresentam enquanto instrumento importante na operação da interação, incluindo uma apresentação do *self* e a comunicação de um sentido de realidade situacional (Bauman, 1986, p. 33). Veremos quais são os conhecimentos e habilidades colocados em cena pelos blogueiros no sentido de fazer de suas experiências pessoais algo compartilhável. Mais do que isso, pretendo mostrar que assumir uma responsabilidade diante de uma audiência implica em provocar o interesse no que está sendo contado pelo uso de recursos fáticos e estéticos, motivando a participação e o engajamento daqueles que lêem. Focalizando a realização das performances de narração – das performances das expressões –, procuro enfatizar seus aspectos emergentes e seus poderes retóricos e poéticos que fazem do contar um momento divertido e dramático para os participantes. Pensando a comunicação e a interação social em termos de complexidades e

contextos múltiplos, serão apresentados, em última análise, os principais aspectos da “gramática” interacional dos blogs, daquela “partitura invisível (que) orchestra os encontros fortuitos, as trocas espontâneas, as conversas banais” (Goffman, 1995; Winkin, 1998, p. 81).

Deve-se considerar, aqui, que a Etnografia da Fala também reconhece a pluralidade individual e a diversidade social constitutivas da vida em sociedades complexas, onde diferentes identidades estão associadas a diferentes contextos no interior dos quais se apresentam diferentes formas de expressão verbal e não-verbal (Saville-Troike, 1982, p. 20). Como coloca Langdon (1999, p. 21), o próprio conceito de performance tem sido desenvolvido nos últimos vinte anos no âmbito da antropologia “pós-moderna”, que compreende tanto as chamadas “sociedades complexas” quanto as “sociedades ágrafas” como inseridas em um mundo heterogêneo, caracterizado pelo imprevisível, pela multivocalidade, pelas relações de poder, subjetividade e transformações contínuas. Admite-se, contudo, que quanto maior o grau de complexidade de uma sociedade ou segmento social, maiores são as possibilidades de um indivíduo pertencer a várias *comunidades de fala* onde se compartilham de diferentes regras comunicativas (Saville-Troike, 1982; Fasold, 1990). Assim, é comum a formação de sistemas articulados de indivíduos que compartilham variedades e padrões de fala mesmo participando de diferentes comunidades de fala: esses sistemas são denominados *redes de fala* (Hymes, 1972b, p. 55). Mais uma vez, a noção de rede surge para dar conta da multiplicidade e fragmentação social característica da contemporaneidade, extrapolando os limites do grupo ou comunidade e contemplando os arranjos sociais mantidos enquanto os participantes operam numa mesma *província de significados*, compartilhando uma *definição comum da realidade* (Velho, 1994, p. 17).

A rede de relações sociais de um blogueiro se constitui como rede de fala na medida em que os eventos performáticos desenrolados em um blog envolvem regras e modos de fala reconhecidos e negociados entre aqueles que compartilham, mesmo que temporariamente, de um sentido de realidade situacional, ainda que participem simultaneamente de outros contextos ou estejam ligados a outras redes. Após compreendermos como os blogueiros organizam suas falas, decidindo “o que” e “como” falar em relação aos contextos sociais específicos dos quais participam, restará entender como eles invocam o compartilhamento de experiências e interação participando de circuitos de trocas de visitas, comentários e links. Num segundo momento a análise se atém, portanto, ao domínio das redes e à dimensão cotidiana da prática do “blogging”, discutindo como os blogueiros agem na manutenção das relações sociais nesse universo onde a vida social é encarada como uma realização

permanente, numa performance de todos os instantes (Winkin, 1998, p. 18). Veremos que a construção dos vínculos no universo dos blogs está fundamentalmente marcada por princípios de reciprocidade e repousa numa tensão permanente entre a liberdade e obrigação, entre ações espontâneas e programadas, entre o desinteresse e o interesse. Imbuídos da “liberdade de se prenderem” (Simmel, 1983, p. 178), os blogueiros fazem do universo dos blogs uma esfera social tipicamente contemporânea, construída num movimento constante entre a “liberdade individual” e as múltiplas possibilidades associativas, mesclando atitudes até certo ponto utilitaristas – calcadas principalmente no desejo de ser visto, de ter a maior audiência – com as trocas de “gentilezas” dirigidas acima e antes de tudo ao vínculo social. Pode-se dizer, enfim, que a análise desse fenômeno comunicacional sistêmico e circular, que envolve um conjunto complexo de atos de reciprocidade, permite alcançar a própria etimologia da palavra comunicação, onde **comunicar** é, acima de tudo, **pôr em comum, compartilhar, estar em relação**.

## 2. O cotidiano em performance no universo dos blogs

*Definição de blog: “(...) não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando”.  
Do blogueiro Eça de Queiroz, em 6 de janeiro de 1867.  
(Hernani Dimantas, no blog Marketing Hacker, 31/05/2005)*

Aprendemos com Bruner (1986), que expressões são experiências encapsuladas, subjetivamente articuladas e colocadas em circulação, e que é interpretando expressões que superamos as limitações de nossas próprias experiências, impossíveis de serem vividas por outro que não nós mesmos. E se é com base nas nossas experiências que interpretamos as expressões dos outros, os significados que emergem dessas interpretações retornam para o fluxo da vida estruturando novas experiências, num ciclo que explica a relação dialógica e dialética entre as experiências e suas expressões. Sendo assim, tratar as práticas expressivas engendradas nos blogs nos termos de “narrativas de experiências pessoais”, significa entender por “experiências pessoais” aqueles eventos em que o blogueiro – como narrador – esteve pessoalmente envolvido e/ou aqueles cujo ponto de vista em que estão sendo narrados é o do próprio narrador. Incluem-se, aí, o que Bauman (1986, p. 34) aponta como sendo duas formas distintas de administração do ponto de vista que acabam por sugerir tipos essenciais de “narrativas das experiências pessoais”: numa delas, o narrador minimiza seu papel na história

para enfatizar a natureza daquilo que acontece na narrativa (narrativas *other-oriented*), e, na outra, o narrador se empenha na construção da sua própria imagem enfatizando suas ações (narrativa *self-oriented*). Essa distinção contempla a diversidade temática que perpassa os blogs, permitindo considerarmos que eles se constituem como declarações de perspectivas pessoais, seja porque os blogueiros expressam suas próprias experiências, seja porque eles interpretam, em seus posts, as expressões das experiências daqueles que participam dos diferentes contextos sociais que compõem seu cotidiano.

Nesse sentido, tudo é tema para o “blogging”: ações, sentimento e expectativas, mas também reflexões sobre essas ações, sentimentos e expectativas, sejam elas próprias ou alheias, tudo se transforma numa declaração pessoal de um participante real ou potencial, que se situa no desenvolvimento temporal e dramático do evento narrado a partir de um determinado ponto de vista. Isso implica em dizer que **não há blog sem cotidiano**; que a ‘feitura’ do blog está essencialmente pautada naquela dimensão da *invenção* da qual, segundo Michel de Certeau (1994, p. 41), disseminam-se “maneiras de fazer” singulares que “proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre ‘detalhes’ do cotidiano”.

No capítulo anterior, procurei demonstrar como esse cotidiano emerge na configuração do blog, do “template”, como parte fundamental da apresentação do blogueiro e da constituição de sua rede de relações sociais. Agora, passo a analisar como as experiências cotidianas são trazidas para os posts, como elas são remodeladas, ressignificadas e revividas em expressões, no interior de eventos performáticos, de modo a se tornarem compartilháveis nos contextos sociais específicos em que os blogueiros se inserem. Para tanto, apresento dois blogueiros que se relacionam, possuem ligações comuns no âmbito de uma *zona de segunda ordem* (Barnes, 1987), mas abordam diferentemente suas experiências cotidianas, diferenças essas que estão intimamente ligadas às formas pelas quais esses blogueiros se apresentam e se relacionam no universo dos blogs. São eles, Fernanda, do blog *The Chatterbox*, e Gean, do blog *Meu Cantinho*.



No blog Fernanda é a Fer Guimarães Rosa ou, simplesmente, a Fezoca: brasileira de Campinas (SP), 43 anos, casada, um filho, já morou no Canadá e há muitos anos vive com a família em Davis, na Califórnia (EUA). É jornalista e

atua como “web worker”<sup>104</sup>. Criou o *The Chatterbox* em outubro de 2000, dizendo ter sido sempre “fã e adepta dessas coisas de diários” e que a descoberta do Blogger lhe inspirou a retomar de onde parou, ainda na adolescência, suas atividades de “escrevinhadora do dia-a-dia e memorialista”<sup>105</sup>. O *The Chatterbox* assume, com isso, a forma daquilo que os blogueiros costumam chamar de blog tipo “querido diário”, pois nele Fernanda privilegia estórias do seu cotidiano, das “experiências vividas”, contadas em primeira pessoa e permeadas por fotos que parecem ser tiradas exclusivamente para esse fim, como quem insiste em declarar que **viu, ouviu, fez e viveu** o que está contando. Já tendo apresentado diferentes *layouts*, todos construídos pela própria blogueira, hoje o *The Chatterbox* possui “domínio próprio” – o *fezocasblurbs.com* – e está hospedado num servidor pago. Inclusive, diante da caracterização do blog, é curioso pensar o “domínio” em associação com o nome, quando *blurbs* é uma expressão típica do inglês americano que significa “pequenas estórias” ou “sinopses” e *chatterbox* designa aquele que muito fala, o “tagarela”. Assim se apresentam blog e blogueira: um espaço para as estórias cotidianas de uma brasileira tagarela que mora nos Estados Unidos. Num antigo “perfil”, Fernanda definiu o blog como:

(...) um lugar. Não só metafórico ou virtual, mas um espaço físico. É como se ele fosse um quarto extra na minha casa – com um papel de parede cor-de-rosa esdrúxulo – onde eu entro toda manhã, ou às vezes a tarde ou a noite, e escrevo meus pensamentos. (...) Nele eu coloco coisinhas do meu dia-a-dia, o que eu vejo, escuto, penso e vivo. Ele é (...) uma extensão de quem eu sou. E escrever nele faz parte da minha rotina, como tomar banho, escovar os dentes, beber água, dormir, comer. Meu blog é um lugar localizado em downtown Davis, Califórnia, EUA. Meus visitantes vêm de muitos lugares diferentes e estão acostumados a várias línguas e culturas. Param para uma visita de minutos e se entretêm com o que encontram aqui. Podem conversar comigo durante a visita ou só entrarem e saírem calados – mas com um sorriso nos lábios, pois isso eu garanto, quase sempre.

---

Fernanda, *The Chatterbox*, “Fezoca, Who?”, 2003.

Nesse “perfil”, apresentar-se e dizer **quem se é** – *Fezoca, who?* – é, mais uma vez, apresentar e definir o blog, que se constitui como a própria *apresentação do eu* nesse universo. Sendo o blog uma construção dinâmica, que se transforma ao sabor do processo permanente de construção do próprio blogueiro, o “perfil” é frequentemente modificado. Contudo, essa apresentação continua sendo significativa quanto à caracterização do *The Chatterbox*, acrescentando ao que já foi discutido na análise do *Síndrome de Estocolmo* no capítulo anterior. Definir o blog como um espaço do indivíduo – “uma extensão de quem eu

---

<sup>104</sup> Uma das formas pelas quais se denominam os especialistas em programação na Web, que se dedicam principalmente ao desenvolvimento de “conteúdos digitais” e à criação e manutenção de *websites*.

<sup>105</sup> Trechos de um dos primeiros posts publicados no *The Chatterbox*, em 28 de outubro de 2000.

sou” – e, ao mesmo tempo, como um espaço social – aberto à visitação e ao entretenimento –, coloca-nos diante do caráter relacional da constituição do blogueiro e nos mostra que o blog é um **espaço de expressão** da experiência cotidiana, mas é também **uma experiência** do cotidiano. E ao “localizar” essas duas dimensões, a blogueira sugere uma perspectiva tanto para suas expressões quanto para sua experiência do “blogging”: o lugar onde mora e/ou sua condição de brasileira e imigrante são o ponto do qual ela fala, age e se relaciona no e através do blog. Mas, como isso se apresenta nas narrativas no sentido de entreter, como pretende Fernanda, os “visitantes” do blog? Como as experiências são articuladas em expressões, de modo a se transformarem em novas experiências, principalmente para os leitores? Quais recursos comunicativos utilizados na performance escrita sinalizam a natureza e a intensidade dos sentimentos da narradora, fazendo de uma experiência algo interessante de ser compartilhado? A análise performática de um post específico de Fernanda pode responder essas perguntas, evidenciando aspectos estéticos e retóricos que permitem pensar a prática do “blogging” nos termos de uma performance narrativa.

#### Dia de liquidação

A notícia corre de boca em boca. Um avisa o outro e a multidão se forma na frente da loja. É uma Good Will situada numa das áreas mais ricas do norte da Califórnia. Dizem os entendidos que somente a Good Will de Palo Alto é melhor que essa. Os ricos e as lojas doam as roupas, sapatos, acessórios e a patuléia ensandecida vai lá comprar tudo por preços de banana nanica. Os preços já são ótimos, mas em dias especiais a situação melhora, chegando ao ponto da insanidade. Acontece geralmente num domingo, quando tudo dentro da loja vai custar apenas **dois** dólares. Qualquer item, já pensou? Eu recebo um telefonema e já estou pronta, roupa quentinha, porém confortável, sapatos que não machuquem e me dêem estabilidade, creme hidratante nas mãos para não ralar a pele no puxa-puxa de cabides.

Chego na frente da loja faltando dez minutos para as onze da manhã. A loja abre suas portas as onze em ponto. Um grupo enorme de pessoas já está plantado à postos, se preparando para a maratona. Encontro minha companhia, um abraço rápido, tudo bem? As pessoas conversam entre si, tensas e excitadas, heii, tudo bem? que dia lindo, hein? parece que vai chover mais tarde, é mesmo, puxa. Enquanto conversam banalidades pra passar o tempo, arrastam as solas dos sapatos no chão, como num aquecimento para a corrida que se antecipa.

De repente uma funcionária da loja põe a cara no vidro da porta, destranca a fechadura, saúda a multidão ansiosa e finalmente abre as portas gerando um movimento único e coeso.

SAI DA FREEEEEEEEEENTEEEEEE!!!!!!!!!!!!!! ATACAAAAARRRRRRR!!!!!!!!!!

O grupo que até então esperava relativamente paciente a abertura das portas, entra correndo na loja, CADA UM POR SI, AGARREM O QUE PUDER, SEJAM RÁPIDOS!!!! Eu entro empurrada pelo grupo e fico uns cinco minutos rodando como uma barata tonta, sem saber por onde começar, o que ver, me sinto massacrada pela quantidade de gente e de coisas. Sempre esqueço de pegar a cestinha, item fundamental para a coleta das barganhas.

De cestinha em punho, vou circulando pelas araras, que são inúmeras e todas abarrotadas de roupas. Até que há uma organização, então eu vou por partes. Primeiro as saias – que eu adoro. Elas são separadas por comprimento e por cores. Duas araras de saias longas, um corredor de saias curtas. Você tem que ter dedos bem treinados, porque precisa olhar roupa por roupa, ver etiqueta de tamanho, marca e agarrar o que você gostar e for mais ou menos do seu número o mais rápido que puder. A cesta vai enchendo e todos seguem olhando as roupas, com a cesta no chão, que agora vai sendo arrastada com os pés transformando o cenário

da loja em um imenso balé de pés arrastando cestas em sincronicidade, caras excitadas pegando roupas, checando etiqueta e tendo mini-ataques histéricos de alegria. Um detalhe importante é que essas roupas bem pouco usadas e muitas vezes totalmente novas são na maioria de marcas relativamente caras e lojas famosas.

E como eu já disse, é cada um por si. Mesmo indo com outras pessoas, ninguém faz compras junto. Encontro com minhas companhias no meio da loja, mostro o que eu já encontrei até aquele momento, elas mostram os achados delas, nos elogiamos – cute! great! beautiful! calvin klein? uau! i like it! etceterá – e voltamos rapidamente ao nosso garimpo solitário. Experimentar algo? Nem pensar? Conseguir um provador vazio é tarefa hercúlea. Tem que esperar, esperar, então pulamos esse detalhe, afinal de contas se você está pagando apenas dois dólares por uma peça e ela não servir, você usa de pano de chão e ainda estará lucrando.

Passamos direto para a longa fila do caixa. Na fila as pessoas socializam, alegres. A tensão passou, mas a excitação triplicou, pois estamos voltando para casa com um sacão cheio de roupas.. quase novas.... com etiquetas que nos custariam o olho da cara se fossemos comprá-las nas lojas regulares.... e se alguma coisa não servir, já sabemos, não sentiremos nem um pingão de culpa!

Fer Guimaraes Rosa – [link it | talk about it \(12\)](#)

---

Fernanda, *The Chatterbox*, 17/01/2005

Bauman (1997) conceitua uma série de mecanismos comunicativos pertencentes àquilo que ele chama de “chaveamento da performance” (*keying of performance*), que permitem descrever a dinâmica produtiva de uma narrativa como essa, captando um estilo poético e um apelo interativo que a constituem como um evento performático. O primeiro aspecto a ser observado, nesse sentido, é o enquadre distintivo em que a narrativa é colocada logo no primeiro parágrafo, quando a blogueira se recoloca e situa seus leitores no tempo, no espaço e no desenvolvimento dramático do evento narrado. Compõe esse enquadre o estabelecimento de uma interlocução com a audiência: ela anuncia os preços em que as mercadorias estariam sendo vendidas na tal *good will* interrogando – “Qualquer item, já pensou? –, e assim invoca as experiências dos leitores, mobiliza suas expectativas, prendendo-os à performance. Trata-se de um recurso que remonta àquilo que Jakobson (1974 *apud* Hartmann, 2004, p. 251) chamou de *função fática* da linguagem, um apelo à audiência que cria uma relação dialógica entre o narrador e seus “ouvintes”.

O enquadre opera, aqui, como “metacomunicação”, incluindo um conjunto de mensagens implícitas e explícitas sobre como interpretar o que está sendo comunicado, sinalizando a performance para uma rede, uma rede de fala, supostamente habilitada para entendê-la e nela se engajar (Bauman, 1977, p. 15/16). A narrativa se desenvolve, assim, apresentando aspectos estilísticos, metafóricos, representativos e dialógicos que reconstituem o evento narrado e são “chaves” para a performance<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> A partir daqui, peço licença para utilizar o modelo de diagramação apresentado por Hartmann (2004, p. 253) em sua análise de narrativas, para realçar as estratégias performáticas utilizadas pelos blogueiros na elaboração

Chego na frente da loja faltando dez minutos para as onze da manhã. A loja abre suas portas as onze em ponto” [**paralelismos = repetições**]. Um grupo enorme de pessoas já está plantado a postos, se preparando para a maratona [**linguagem figurativa = metáforas**]. Encontro minha companhia, um abraço rápido, tudo bem? As pessoas conversam entre si, tensas e excitadas, hei, tudo bem? que dia lindo, hein? parece que vai chover mais tarde, é mesmo, puxa [**reported speech = representação das falas**] (grifos meus).

Em primeiro lugar, pode-se dizer que a representação das falas (*reported speech*) de outros personagens envolvidos no evento demonstra a competência comunicativa da blogueira, conectando o evento narrado ao evento narrativo e colocando em cena uma variedade de vozes, comportamentos e pontos de vista que atualizam a experiência (Duranti, 1992; Bauman e Briggs, 1990; Hartmann, 2004). Além disso, a competência comunicativa se apresenta na utilização de recursos que podem ser pensados nos termos de uma poética e da intensidade expressiva da narrativa, como o uso fluente de repetições de estruturas fonéticas, gramaticais, semânticas ou prosódicas e/ou de combinações de elementos variantes e invariantes na construção das elocuições. Apresentam-se, nesse sentido, as repetições que marcam a chegada ao local e a contextualização temporal de evento que, denominadas por Bauman (ibid, p. 18) de *paralelismos*, são “chave” para a performance e veículo importante de demonstração da competência comunicativa de um “falante” no interior de uma comunidade de fala. O mesmo se pode dizer do uso recorrente de metáforas que incluem componentes avaliativos na narrativa, sinalizando e dando intensidade aos sentimentos da narradora em relação ao que está sendo contado. Além de garantir a poética da narrativa, compreende-se que a densidade semântica desse tipo de *linguagem figurativa* é central à manutenção da intensidade expressiva da performance (ibid, p. 17/18). No caso deste post, a metáfora da “maratona”, utilizada na descrição do momento que antecede a abertura da loja, estende-se por toda a narrativa, dando um tom de “largada” para o início do evento, contornando a disputa e a escolha das roupas, até alcançar o momento da “chegada” ao caixa e sugerir o sentimento de “vitória” pelo que foi conquistado. Assim se apresenta esse terceiro

---

de seus posts. Ao analisar as performances narrativas dos contadores de causos na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, a autora se preocupou em realizar uma transcrição das narrativas que as aproximasse da forma como elas ocorreram oralmente e evidenciasse as diferentes estratégias performáticas utilizadas pelos contadores (*paralelismos*, apelo à audiência, *reported speech*, etc.). Para isso, utilizou-se de dispositivos como: mudanças de linha para indicar separação de sentenças relativas às pequenas pausas de respiração feitas pelos contadores; letras maiúsculas para indicar a pronúncia enfatizada em volume mais alto; repetição de vogais para indicar os prolongamentos silábicos; a grafia incorreta em algumas palavras para indicar sua pronúncia na oralidade (ibid, p. 253). Deve-se considerar que, no caso da escrita nos blogs, bem como nas demais modalidades de CMC predominantemente textuais, alguns destes dispositivos são utilizados pelos próprios participantes como uma forma de trazer a oralidade para a escrita e integram, portanto, a competência comunicativa necessária para atuar e interagir nos eventos comunicativos (Máximo, 2002).

parágrafo, intensificando a expectativa em torno do início e desenrolar do evento. Uma expectativa que se rompe, pelo menos em parte, com o “grito de largada”:

SAI DA FREEEEEEEEEEENTEEEEEE!!!!!!!!!!!! ATACAAAAARRRRRRR!!!!!!!!  
 O grupo que até então esperava relativamente paciente a abertura das portas, entra correndo na loja, CADA UM POR SI, AGARREM O QUE PUDE, SEJAM RÁPIDOS!!!! [letras maiúsculas, prolongamentos silábicos = oralidade]

As letras maiúsculas, os prolongamentos silábicos e as múltiplas exclamações trazem para a narrativa escrita aspectos da oralidade, colocando a “voz” da blogueira num volume, entonação e pronúncia que recriam o evento narrado, invocando a experiência e o sentimento daquele momento para transformá-los na experiência e no sentimento de quem lê e participa do evento narrativo. Deve-se considerar que tais estratégias se fazem presentes nas demais modalidades de “comunicação mediada por computador”, pertencendo a um conjunto de códigos comuns às situações interativas estabelecidas no “ciberespaço”. Somam-se a elas os “emoticons” – também conhecidos como *smiles*<sup>107</sup> –, que convencionam a expressão de emoção e de ênfase por meio de símbolos não verbais, criados a partir dos caracteres do teclado. Contudo, a análise dessas estratégias deve levar em consideração as especificidades e a dinâmica de cada situação interativa, pois a pertinência do seu uso e os seus significados são determinados e negociados no decorrer das interações em cada contexto particular (Máximo, 2003, p. 8). Aqui, elas acrescentam à poética e à intensidade expressiva da narrativa, operando na constituição do evento narrativo como um momento de engajamento e divertimento para os participantes.

Dada a “largada”, apresenta-se o centro do evento narrado – o momento das compras. A experiência é colocada em relevo pela ênfase nas suas qualidades expressivas, emotivas e sensoriais (Langdon, 1999, p. 26). Nesse sentido, o tempo e o espaço em que o evento teve lugar se mantêm atualizados pela riqueza descritiva: a organização das roupas, a circulação por entre os corredores, a forma como se dá a escolha das mercadorias, o

---

<sup>107</sup> *Smile* é como geralmente se denomina o símbolo ☺, que significa "sorriso" e é utilizado em inúmeras situações, tanto na Internet quanto fora dela. Quando do surgimento das primeiras modalidades de "comunicação mediada por computador", esse símbolo foi adaptado às possibilidades oferecidas pelo teclado para expressar estados de humor, sentimentos e ênfase na comunicação escrita: daí o termo "emoticon", uma contração da expressão *emotion icon* ou "ícone de emoção". Dentre os "emoticons" mais conhecidos e utilizados estão o :-), para expressão de alegria, felicidade, positividade; o :-(, para expressar tristeza, desgosto; o :-o, para o choro ou tristeza profunda; o :-D, para uma gargalhada ou felicidade exacerbada; o :-o, para a surpresa, etc. Com a evolução das ferramentas de "comunicação mediada por computador", a disposição horizontal desses ícones foi contornada e hoje, uma vez digitados, eles costumam ser automaticamente reposicionados na vertical para assumirem a mesma forma do *smile* original: ☺, ☹, e assim por diante.

enchimento das cestas, o tipo de situação interativa que se estabelece no espaço combinada com a ação solitária de cada participante até o momento final, da chegada na “fila do caixa” à volta para casa. E o abuso da linguagem figurativa faz com que o evento e os atores envolvidos sejam percebidos como uma intensidade especial: os “dedos bem treinados” para manipularem as roupas com a pressa e eficiência exigidas pelas circunstâncias, o “balé” dos pés e a movimentação “sincrônica” das cestas naquele “cenário” particular, as reações “históricas” diante dos “achados”, o esvaecer das “tensões” e a intensificação da “excitação” no final do evento.

As repetições, representações das falas e apelos à audiência voltam a se fazer presentes no penúltimo parágrafo:

E como eu já disse, é cada um por si [**repetição da expressão utilizada no quinto parágrafo = paralelismo**]. Mesmo indo com outras pessoas, ninguém faz compras junto. Encontro com minhas companhias [**repetição da expressão utilizada no segundo parágrafo = paralelismo**] no meio da loja, mostro o que eu já encontrei até aquele momento, elas mostram os achados delas, nos elogiamos - cute! great! beautiful! calvin klein? uau! i like it! [**representação das falas = reported speech**] eteceterá - e voltamos rapidamente ao nosso garimpo solitário. Experimentar algo? Nem pensar? [**apelo à audiência = função fática**] Conseguir um provador vazio é tarefa hercúlea. Tem que esperar, esperar, então pulamos esse detalhe, afinal de contas se você está pagando apenas dois dólares [**repetição da expressão usada no primeiro parágrafo = paralelismo**] por uma peça e ela não servir, você usa de pano de chão e ainda estará lucrando (grifos meus).

Além de manter a poética e o caráter dialógico da narrativa, esses elementos acabam criando uma espécie de elo com seu momento inicial e sinalizando seu momento final, conferindo coerência e integridade ao evento narrado. A “fila do caixa” é a “linha de chegada” desta “maratona”: pode-se dizer que o sentimento que se expressa e se cria no final do post é mesmo o da vitória e da conquista, quando a competição é substituída pela socialização, a tensão é sobreposta pela excitação acerca das aquisições e qualquer erro nas escolhas é, *a priori*, justificado pelas condições em que elas foram realizadas.

A recorrência às funções estéticas e fáticas da linguagem coloca o *modo de fala* acima dos conteúdos referenciais da narrativa, evidenciando o seu caráter performático na medida em que convida os leitores à participação e à colaboração (Bauman, 1977, p. 11). A competência comunicativa da blogueira é percebida no reconhecimento desse modo de fala como sendo socialmente apropriado no âmbito da rede de fala que ela mobiliza e engaja no post.

u-au  
 vai saber botar a gente dentro de uma história assim lá longe!  
 parecia que eu tava sentindo o aperto do povo!  
 stella - January 19, 2005 08:19 AM

---

**Comentário no post “Dia de liquidação”, The Chatterbox, 19/01/2005.**

O comentário feito ao post confirma a habilidade de Fernanda em fazer da sua experiência a experiência dos seus leitores. Deslocando os leitores para o espaço-tempo do evento narrado, provocando sensações e promovendo a reflexão, o post se transforma numa dimensão vivencial e dialógica onde todos são participantes. A expressão da experiência de Fernanda é interpretada à luz das experiências particulares de cada participante que também expressam suas experiências, trazendo novos elementos para a performance narrativa.

Fer, eu quero o endereço dessa loja, mesmo que seja para ir num dia sem liquidação! Aliás, acho que até prefiro um dia sem multidão, pois tenho pânico de lugares onde uma porta se abre de repente e fica todo mundo se afunilando para entrar.  
 Leila - January 17, 2005 03:00 PM

---

To curiosa pra saber o que voce comprou!  
 leticia - January 17, 2005 11:26 PM

---

Por que Meu Deus?! Por que não tem isso aqui no Rio????  
 Tb estou curiosa para saber o que vc comprou!  
 beijins  
 Cris  
 Cris - January 18, 2005 07:47 AM

---

Fer, eu simplesmente adoro essas liquidações, só a palavra me dá comichões.  
 Depois fale se valeu a pena!  
 Bjs  
 Katia - January 18, 2005 07:28 AM

---

Puxa, Fer, correndo o risco de ser antipática, preciso dizer que nunquinho da silva eu entrava numa loja num dia assim. Eu, que até em fila de supermercado, fico de mau humor!  
 Lys - January 18, 2005 09:02 AM

---

A Levi's faz aqui algo parecido. Um bazar para “queimar” os estoques. Em 2004 foi no Clube Pinheiros. Os preços são ótimos. E uma coisa engraçada. Não pode experimentar as peças. Solução: as moças, a maioria, vão de saias e fica fácil vestir as calças. Os rapazes, mais fácil ainda. Ficam de cueca mesmo...rs...  
 alvaro - January 19, 2005 06:59 PM

---

Leticia e Cris, minhas aquisicoes foram um casacao longo verde estilo anos 40 super funky [thank god por ser alta e poder usar essas ousadias!!], tres calcas - uma de veludo verde que ficou meio saco de batata, uma de lã verde que ficou perfeita e uma de corduroy burgundy que ficou meio apertada.... oh, well, faz parte. tambem comprei uma blusinha de lã preta e uma blusa de losangulos P&B pra usar de colete, alem de umas saias pra minha irma, que usa tamanho 8 que eh um tamanho super facil de achar coisas legais [nao no meu, que eh 12.. nunca tem nada, eu preciso garimpar muito].  
 Lys, esse eh o sacrificio que se faz pelo preco e qualidade das roupas.. ;-)  
 Stella, super beijo pra voce!  
 Fer - January 19, 2005 10:49 AM

---

Otima ideia, Alvaro!! :-)  
 Da proxima vez vou fazer isso.. Se bem que eu ja vi certas figuras fazendo pior e pedindo pra fazerem uma rodinha em volta dela e se trocar ali mesmo, num canto da loja. fiquei PASMA!!!!!! :-)  
 beijao,  
 Fer - January 20, 2005 10:11 AM

---

**Comentários no post “Dia de liquidação”, The Chatterbox, 18 e 19/01/2005.**

Em primeiro lugar, cabe destacar que a forma em que esses comentários se apresentam, onde o uso dos “emoticons” soma-se a um estilo coloquial permeado por abreviações, interjeições, exclamações e outras referências à oralidade, é igualmente comum às demais modalidades de “comunicação mediada por computador” e significativamente presente nas situações interativas produzidas nos blogs<sup>108</sup>. Inclui-se, aí, a despreocupação com a pontuação e com a grafia das palavras, principalmente em relação à acentuação que, em alguns momentos, é realizada de forma alternativa pela substituição do acento agudo pela letra *h* para a marcação das sílabas tônicas. Nos primórdios da Internet, formas alternativas de acentuação foram criadas para contornar as limitações daqueles programas de gerenciamento do correio eletrônico que não reconheciam alguns caracteres de acentuação, tornando as mensagens ilegíveis. Ao mesmo tempo, com o surgimento das modalidades “sincrônicas” de CMC, possibilitando a comunicação em “tempo real”, a supressão da acentuação ou a utilização de tais alternativas pareciam tornar as trocas comunicativas mais ágeis e instantâneas. É possível dizer que essa atitude de agilidade acaba sendo transportada para as modalidades “assincrônicas”, como num desejo de que a interação aconteça do modo mais instantâneo possível, instalando contextos conversacionais onde a comunicação é sentida como se fosse “em tempo real”. E essa é uma possibilidade interpretativa para o que ocorre nesses comentários e nos blogs em geral, não só pela acentuação alternativa ou ausente<sup>109</sup>, mas também pela presença das abreviações, reticências, ênfases e elementos de oralidade.

A configuração de um contexto conversacional nos coloca diante do poder que o apelo formal da performance tem de convidar a audiência à participação, criando aquilo que Bauman (1977, p. 16) chama de “atitude de expectativa colaborativa”. A qualidade emergente da performance é, assim, evidenciada. No encontro entre os recursos comunicativos colocados em jogo, as competências individuais e as metas compartilhadas – a focalização do performer,

---

<sup>108</sup> Sobre a ocorrência desses códigos em outras modalidades de CMC, ver Máximo, 2002.

<sup>109</sup> No caso específico de Fernanda e de outros “blogueiros imigrantes”, deve-se considerar, também, que muitos deles escrevem a partir de teclados formatados para a escrita nas línguas oficiais dos países onde moram, dificultando a utilização dos caracteres de acentuação próprios da língua portuguesa.

a iluminação da experiência, o diálogo, etc. –, emergem não só os textos, mas a própria estrutura do evento e das relações sociais. Salientando uma experiência cotidiana e trazendo-a com intensidade para a situação interativa, o performer dispõe, segundo Bauman (ibid, p. 45), de um potencial de transformação da estrutura social, emergindo na performance – pensada como um modo de comunicação – numa posição social diferenciada.

De fato, um post bem sucedido, que tem confirmado seu apelo formal na medida do engajamento e da participação dos leitores, tem o potencial de transformar blog e blogueiro, deslocando-o mais para o centro de uma rede de relações sociais que tende a se ampliar. Desse processo emergem as celebridades do universo dos blogs, aqueles considerados “überblogueiros”, o que será analisado em particular na continuidade deste capítulo. Por agora, cabe dizer que no âmbito do evento performático, a linguagem se transforma no meio através do qual as realidades sociais são intersubjetivamente construídas e comunicadas e a performance narrativa do blogueiro se apresenta como o viés por excelência através do qual a estrutura social é alcançada pelos participantes do evento (ibid, p. 43). Pensado como evento performático o post se constitui, enfim, como o lócus essencial de produção da cultura do “blogging”, pois nele estão sendo continuamente criados novos significados, novas práticas e novas experiências.



Enquanto alguns desejam entreter, como Fernanda, outros desejam informar a partir da expressão de suas experiências cotidianas, como é o caso do Gean, do blog *Meu Cantinho*. Gean é brasileiro, tem 32 anos, é casado e, em março de 2003 deixou Fortaleza (CE), sua cidade natal, para viver

como imigrante em Toronto, no Canadá, levando consigo sua esposa. Criou o blog em 2004 para falar do seu dia-a-dia na cidade, especialmente das descobertas, adversidades e especificidades da vida de imigrante, e partilhá-las, sobretudo, com outros “blogueiros imigrantes”. Privilegiando a perspectiva de quem chegava e enfrentava dificuldades com o idioma, esforçava-se para se adaptar ao novo ambiente – aos seus costumes, hábitos e recursos predominantes –, procurava por ajuda, moradia, emprego, etc., o *Meu Cantinho* se constituía como um testemunho pessoal da experiência imigratória. Mais do que isso, o blog

se apresentava como fonte diferenciada de informações sobre o processo de imigração, sobre Toronto, sobre o Canadá, oferecendo informações vivenciais, de quem **estava lá**, ao invés de informações objetivas, anônimas, disponíveis em guias turísticos ou veículos institucionais (de consulados, embaixadas, dentre outros). Assim a audiência se diversificava: de um lado, o blogueiro se integrava aos “blogueiros imigrantes”, que alcançavam o blog ou eram alcançados por Gean durante o processo de imigração e após sua chegada ao país; do outro, o blog atraía o interesse daqueles que desejavam conhecer e passar pelo mesmo processo e que o alcançavam principalmente pelos mecanismos de busca.

A percepção dessa diversidade levou Gean a inserir em seus posts um tom de quem conta a experiência, mas também de quem dá a “dica” para aqueles que eventualmente precisem dela. E é buscando combinar a subjetividade da expressão da experiência cotidiana com a objetividade da informação, da “dica”, é que o blogueiro apresenta seu blog:

Oi, tudo bem? Meu nome é Gean Oliveira e moro em Toronto – Canadá. Sou web developer e neste Blog divido com você fatos do dia-a-dia no Canadá, além de dar dicas para quem pretende imigrar para o Canadá, estudar no Canadá ou visitar o Canadá.

---

**Gean, Meu Cantinho, “Sobre o blog”, 2005.**

É importante atentar para a repetição da palavra Canadá apontando para o possível conhecimento, por parte do blogueiro, de uma lógica inerente ao funcionamento das buscas na Web: quanto mais repetidamente uma determinada palavra aparece na *home-page* de um site, mais o site se torna alcançável e relevante nas buscas por essa palavra em mecanismos como o Google, o Yahoo, etc. Sendo assim, mais do que como um enquadre interpretativo para as mensagens que estão sendo comunicadas no blog, essa apresentação opera como um catalisador de audiência, agindo na promoção do blog no nível da Rede global. A percepção de que o blog é alcançado para além do universo dos blogs, através de mecanismos que o referenciam como fonte relevante de informações sobre questões relacionadas à imigração e ao Canadá, é auxiliada por serviços que contabilizam os acessos e os detalham pela localização geográfica (país, cidade), procedência (mecanismos de busca, links), e tipo de busca (palavra-chave utilizada)<sup>110</sup>. São as estatísticas do blog que, acrescidas do

---

<sup>110</sup> As estatísticas de um blog podem ser fornecidas pelo próprio serviço de hospedagem pago pelo blogueiro ou por serviços gratuitos disponíveis na Internet que pedem, apenas, um cadastro prévio para passarem a contabilizar e disponibilizar os dados relativos aos acessos em um blog. Basicamente, as estatísticas possibilitam ao blogueiro saber quantas vezes seu blog foi acessado no período de uma hora, de um dia, de uma semana, de um mês, de um ano e durante todo o período desde o início da contabilização. Esses acessos são contados em

conhecimento diferencial da lógica interna da Web, evidenciam, mais uma vez, a dimensão técnica da competência comunicativa de um blogueiro.

Comparando números de acessos de um período em relação ao outro, identificando quais blogs ou sites contêm links que lhe trazem visitantes e conhecendo as palavras-chave que fazem o mesmo pelos mecanismos de busca<sup>111</sup>, o blogueiro pode explorar as estatísticas como uma espécie de “ibope” do blog, a partir do qual administra sua “grade de programação”. As estatísticas se apresentam, assim, como mais uma base para o lançamento de “mensagens na garrafa” (Rifiotis, 1999), que passam a circular na Internet à procura de internautas que por elas possam se interessar. Apesar da generalidade desses dados, que permitem inúmeras interpretações e questionamentos, eles se tornam um celeiro para criação de estratégias comunicativas que se integram, de diferentes formas e com diferentes níveis de importância, à performance dos blogueiros. No caso de Gean, é possível dizer que eles apontam universos de interesse e ligações, geralmente no nível da sua “estrela de primeira ordem”, que mobilizam e conduzem novos leitores ao blog. Nesse sentido, privilegiar determinadas temáticas, modos de fala e relações sociais, a começar pela insistência sobre a palavra Canadá na apresentação do *Meu Cantinho*, pode resultar numa ampliação da audiência e numa multiplicação dos vínculos sociais.

O resultado da interação com as estatísticas está presente em toda a constituição deste blog. Na medida em que percebeu seu alcance nos mecanismos de busca – que, pelos dados relativos a meados de 2005, representava aproximadamente 37% dos acessos –, o blogueiro investiu na criação de uma sessão exclusivamente dedicada às suas “dicas”, que ele denominou de “Guia”: uma guia sobre o processo de imigração do Canadá, as oportunidades que o país oferece aos imigrantes, as possibilidades de trabalho, estudo e turismo no país e especificamente em Toronto, além de outros aspectos da vida cotidiana nesta cidade (o que fazer ao chegar, como se localizar e se deslocar, onde comer, onde morar, como tirar a

---

termos de "visitas únicas" na página de entrada do blog: para o período consultado considera-se uma única vez cada número IP (o número de identificação dos computadores na Internet) de onde se originou um acesso. É a partir da identificação das "visitas únicas" que cada acesso é detalhado. Além disso, esses serviços possibilitam que o blogueiro se exclua das estatísticas, informando o(s) IP(s) dos computadores dos quais ele próprio costuma acessar seu blog. Além das "visitas únicas", as visitas totais também são contabilizadas, bem como os acessos ao conjunto de páginas de um blog ("permalinks", arquivos, etc.) calculados em termos de quantas páginas são, em média, acessadas em cada "visita única".

<sup>111</sup> Nesses casos, o serviço de estatística identifica a "porta" que se abriu para o blog: seja um link presente no "blogroll" de algum blogueiro, seja um link presente em qualquer outro site, seja um resultado de uma busca num mecanismo especializado. No último caso, o link contém, sempre, a indicação da "palavra-chave" utilizada na busca que, ao ser captado, permite ao blogueiro conhecer que tipo de busca traz o seu blog entre os resultados.

habilitação de motorista, etc.). Nos termos da dinâmica de “visitação”, pode-se dizer que um espaço como este se constitui como uma espécie de porto, de onde partem mensagens em busca de um destinatário ideal e onde atracam novos visitantes que passeiam pelo blog, deixando-o para nunca mais voltarem ou retornando com frequência para participar e criar vínculos sociais.

Acompanhando as estatísticas do blog, no sentido de conhecer melhor sua audiência quanto aos interesses mobilizados e às ligações privilegiadas, e utilizando-se de conhecimentos especializados acerca do funcionamento geral da Web, Gean acaba conferindo um contorno especial à sua competência comunicativa, disparada na performance. Os dados estatísticos, somados àquilo que se expressa através dos comentários e e-mails recebidos de leitores, constituem a base sobre a qual se dá a ação do blogueiro no blog. Assim sendo, ele manipula o “template”, cria sessões especiais, e elabora seus posts, buscando contemplar os vínculos sociais já criados e aqueles vínculos virtuais, existentes apenas potencialmente nas estatísticas e nas condições criadas no blog. Assumir uma responsabilidade para essa diversificada audiência significa se esforçar para dar a “dica” sem anular o tom subjetivo e vivencial da experiência, o que confere uma *forma* particular à boa parte dos posts. A análise performática de um desses posts permite captarmos, nesse sentido, as principais características da dinâmica produtiva da performance de Gean e do modo específico pelo qual ele *dá forma* ao seu cotidiano<sup>112</sup>, buscando engajar diferentes tipos de leitores.

Como descobrimos o Canadá

Não sei se já comentei com vocês como aconteceu nosso encontro com o Canadá. Tinha descoberto uma revista nova, chamada Você S/A. Adorei a revista e fiz a assinatura. As edições eram mensais.

Numa das edições encontrei o texto abaixo:



Setenta mil novos postos de trabalho foram gerados este ano. Muito bom mesmo, só que o índice é do Canadá - não por acaso o país que tem a melhor qualidade de vida do mundo. A economia por lá vai tão bem que, para atender a demanda, profissionais de outros países estão sendo recebidos com tapete vermelho. “Queremos levar aproximadamente 200 000 estrangeiros para viver no Canadá este ano”, afirma Jeremiah Shea, gerente do programa de imigração do consulado canadense no Brasil.

“Os canadenses estão atrás de profissionais da área de tecnologia de informação”, diz Bill Petron, consultor canadense para imigração radicado no Brasil. Segundo a Maclean’s, uma das mais prestigiadas revistas

<sup>112</sup> Hartmann (2004, p. 245) chama atenção para a etimologia da palavra performance, *par former*, de origem francesa, cuja primeira acepção já está ligada ao “dar forma”, seja ao conhecimento, à imaginação, à experiência, etc.

canadenses, os talentos de lá estão indo para os Estados Unidos atrás de salários mais altos e impostos mais baixos. Daí sobra lugar para engenheiros de computação, programadores, web designers e analistas de sistemas, entre outras funções. Há oportunidades também na agricultura, negócios de petróleo, biotecnologia, saúde e meio ambiente. O processo de aplicação para o visto de imigração pode ser feito no site do consulado: <http://www.cic.gc.ca>

Traduzindo:

- 01 - Li a Revista
- 02 - Fui ao site <http://www.cic.gc.ca>
- 03 - Encontrei o grupo de discussão [Canadalmigration](#)
- 04 - Conheci várias pessoas em Fortaleza que tinham o mesmo sonho, e hoje estão aqui
- 05 - Estudei o processo por muito tempo
- 06 - Conversei com a Vanuza, vimos os prós/contras e decidimos fazer o processo
- 07 - Entramos com a documentação em agosto de 2001
- 08 - Deixamos de lado passeio, diversão e só juntamos dinheiro e treinamos inglês
- 09 - Fui a São Paulo em Fevereiro de 2002 para a Entrevista
- 10 - Fomos a Recife em Março de 2002 para os Exames Médicos
- 11 - Pagamos a **ROLF** em Setembro de 2002
- 12 - Recebemos o visto em Dezembro de 2002
- 13 - Saí do Christus em Fevereiro de 2003
- 14 - Chegamos em Toronto em Março de 2003

Depois daí, nem preciso dizer o resultado né?

Se me permitirem dar um conselho a quem pretende vir:

- Aqui você é apenas mais 1 imigrante
- Junte dinheiro
- Pratique o Inglês/Francês
- Saiba que no começo será muito difícil
- Aprenda a receber o Não
- Tenha em mente que ao chegarem não encontrarão as mesmas posições que possuíam no Brasil
- Esqueça luxo
- Aprenda a cozinhar, lavar, passar, varrer
- Desça 3 degraus, pra depois subir novamente
- Seja humilde e procure auxílio quando precisar
- Isolar-se de brasileiros não é a melhor coisa, pois são os brasileiros que de uma forma ou de outra lhe ajudarão no início
- Não esqueça de quem te prestou auxílio quando você chegou

E pra terminar, lembre-se que foi você que escolheu o país pra morar. Portanto, o Canadá não vai mudar pra você, só pq você quer.

Se precisar de ajuda, conte com a gente. Não somente eu, mas as pessoas que já estão aqui podem te ajudar, tirar dúvidas e dar o ombro quando você mais precisa. Óbvio, escolha suas amizades ;) Existem boas e más pessoas, independente de sexo, religião, cor, raça. Mas Blogueiro é tudo de bom viu?

Acabei não falando de investimentos como tinha prometido ontem, mas me deu vontade de escrever um pouquinho como tudo aconteceu. Vou aproveitar pra estudar esse fim de semana a na próxima volto com os investimentos.

Bom final de semana.

Postado em 25 fevereiro 2005 | [50 Comentários](#)

---

**Gean, Meu Cantinho, 25/02/2005.**

O enquadre inicial da narrativa é sinalizado com um apelo à audiência, “não sei se já comentei com vocês (...)”, que pode ser pensado, a partir de Bauman (1977, p. 21), como uma “chave” para a performance. Esta forma de endereçamento sugere, a princípio, que o blogueiro se dirige à dimensão conhecida da sua audiência. Entretanto, o modo pelo qual a narrativa se desenvolve nos mostra que ela se dirige também aos visitantes potenciais, o que

coloca o blogueiro no centro de uma tensão entre o local e o global. Por um lado, é como se ele estivesse contando como “descobriu” o Canadá numa roda de amigos, onde muitos já viveram ou estão vivendo a mesma experiência. Por outro lado, ele se dirige também àqueles cuja existência é conhecida apenas em números e detalhes estatísticos, como quem informa, aconselha e convida à apresentação. E nesse sentido, ele próprio se apresenta e se constitui enquanto fonte de informação sobre um processo que, por já tê-lo vivido, conhece como ninguém.

A citação da reportagem opera, assim, como um recurso à narrativa, pois informa suas principais motivações para a imigração, apresenta-o como um “profissional da área de tecnologia da informação” e invoca o início de sua trajetória de imigrante. Segundo Bauman (ibid, p. 10), a *citação* pode ser pensada como um tipo de enquadre “não-performático”<sup>113</sup>, que figura em combinação com a performance e no qual as palavras devem ser interpretadas como sendo de alguém que não as do próprio falante. Nos termos da narrativa escrita que aqui se apresenta, a citação é sinalizada por códigos especiais como a frase introdutória – “numa das edições, encontrei o texto abaixo” –, o recuo na margem do texto e os links, que apontam para a matéria integral e para o site do consulado canadense. Desta forma, esse trecho da reportagem que chamou a atenção de Gean para as vantagens de imigrar para o Canadá é apropriado e ressignificado como parte constitutiva da sua própria narrativa e da sua apresentação como um “blogueiro imigrante”.

Na seqüência, é significativo que o blogueiro defina a forma como descreve sua trajetória de imigrante – da leitura da revista à chegada em Toronto – como sendo uma “tradução”: de fato, ele traduz esse processo de modo a torná-lo compartilhável e, sobretudo, de modo a transformá-lo em informação para quem dela precise, com links para o site do consulado, para o grupo de discussão específico do qual ele participou durante o processo, etc. Assim sendo, os quatorze passos listados na primeira fase da narrativa invocam a experiência da imigração apresentando-se como um roteiro a ser seguido. Encerrando esse primeiro

---

<sup>113</sup> No âmbito da literatura oral, coloca Bauman (1977, p. 10), outros *enquadres* podem ser identificados: a *insinuação*, dentro do qual as palavras devem ser interpretadas como tendo uma relação indireta com o significado da elocução; a *brincadeira*, dentro do qual as palavras podem ser interpretadas como não significando seriamente aquilo que elas parecem significar; a *imitação*, dentro do qual a maneira de falar deve ser interpretada como tendo sido modelada sobre a fala de outra ou outras pessoas; a *tradução*, dentro do qual as palavras devem ser interpretadas como o equivalente a palavras faladas em outra língua ou em outro código. Estes são, de acordo com o autor, apenas alguns possíveis enquadres dentro dos quais a comunicação pode ocorrer para além da performance, mas o importante é saber que eles podem, todos, ser usados em combinação.

momento da narrativa, o blogueiro recorre à função fática da linguagem com um novo apelo à audiência:

Depois daí, nem preciso dizer o resultado né?  
Se me permitirem dar um conselho a quem pretende vir:

Aqui, fica evidente que o evento performático se instala na fronteira entre uma dimensão conhecida da audiência, aqueles que supostamente acompanham o blog e conhecem o “resultado” do processo que acaba de ser narrado, e aquela dimensão que constantemente deseja se alcançar e ver participando do blog – os futuros imigrantes –, para a qual a experiência foi traduzida em termos mais utilitários. Situado num contexto local e dirigindo-se aos membros da rede de relações sociais na qual está inserido, Gean pede “permissão” para falar com aqueles que desejam imigrar. O apelo à audiência funciona, assim, como “chave” para uma mudança na condução da performance: instala-se, agora, um contexto conversacional onde a escrita em primeira pessoa é interrompida para que a experiência seja traduzida em termos de “conselhos”. “Junte”, “pratique”, “saiba”, “aprenda”, “tenha”, “esqueça”, “não esqueça”, “lembre-se”: abusando das fórmulas no imperativo o blogueiro se endereça aos seus leitores potenciais chamando-os a apresentarem-se e a participarem da rede de “blogueiros imigrantes”, numa espécie de encadeamento entre os dois perfis de audiência.

Se precisar de ajuda, conte com a gente. Não somente eu, mas as pessoas que já estão aqui podem te ajudar, tirar dúvidas e dar o ombro quando você mais precisa. Óbvio, escolha suas amizades ;) Existem boas e más pessoas, independente de sexo, religião, cor, raça. Mas Blogueiro é tudo de bom viu?

A princípio, Gean se coloca entre os demais brasileiros imigrantes como fonte de apoio para quem está imigrando. Contudo, ele faz isso atribuindo qualidades especiais aos blogueiros: ser blogueiro se transforma, portanto, num aspecto identitário a ser privilegiado na “escolha das amizades”. Com isso, mais do que para si, ele está chamando atenção para a rede de “blogueiros imigrantes” que perpassa o seu “blogroll”, convidando aqueles leitores que existem apenas estatisticamente a se engajarem no domínio dos vínculos sociais. O *Meu Cantinho* se constitui, ao final, como referência testemunhal e informativa sobre o processo de imigração para o Canadá e, também, como fonte de “boas amizades” para aqueles que passam pelo mesmo processo. Ou seja, não é só a sua experiência como imigrante que ele põe em circulação, mas também a sua audiência, oferecendo a rede àqueles que desejam fazer amizades. Evidenciam-se, aqui, as qualidades emergentes da performance. Procurando contemplar os diferentes perfis de sua audiência, o blogueiro demonstra a capacidade de transformar a estrutura social de que dispõe, emergindo da performance numa posição

diferenciada e central no âmbito da rede de relações sociais em que está inserido. Emerge, com isso, a própria estrutura do evento performático e interativo do qual participam os já amigos e aqueles que chegam em busca de informações e reagem ao apelo do blogueiro. Nesse sentido, os primeiros a comentarem o post são os próprios “blogueiros imigrantes”, num momento de realização da rede pelo compartilhamento de experiências, que coloca em cena o potencial reflexivo da performance.

Lucia comentou em 25 fev 2005, 6:23 PM:

Falou tudo!

Só não concordo com a parte do “aprenda a cozinhar”, mas tudo bem, hahahahahha.

Beijos!

===

Oi Lu,

Faz de conta que ninguém leu tá? :)

Beijo!

Luciana comentou em 26 fev 2005, 7:55 AM:

Gostei Gean, concordo com tudo. Apenas diria a quem esta imigrando que escolha bem a cidade e a provincia onde vai morar, pois no Québec a situação é muito particular e as oportunidades para imigrantes são menores e o mercado muito restrito, apesar do fato que viver perto da costa leste é uma boa pedida. Beijos para ti, tô indo lá atualizar os meus links. Beijos

===

Oi Luciana, também concordo com você. Precisamos avaliar cada ponto, principalmente a cidade onde morar. Acho que a cidade que todos sonhamos quando estamos aí é aquela pequena, pacata, com uma pracinha, biblioteca, cinema, etc. Porém, com certeza esta não é a ideal, principalmente para quem chega e precisa obter emprego. Daí a nossa decisão por Toronto a princípio. Quem sabe depois de alguns anos vivendo aqui conseguimos um emprego, e aí sim, encontraremos a cidade que tanto sonhamos.

Beijo!

Ana Paula comentou em 26 fev 2005, 5:07 PM:

Que post sensacional Gean...

Realista acima de tudo!

Isso mostra o outro lado para aqueles que ainda se iludem achando que aqui é o paraíso.

Só sei de uma coisa... tem muita coisa pela frente! muitas águas irão rolar... que Deus nos ajude...

Beijos

===

Oi Ana, com certeza não é um paraíso, afinal nenhum país é perfeito. Mas comparado com o que vivíamos, com certeza está melhor.

Beijo!

Idelber comentou em 27 fev 2005, 12:33 AM:

Belo post, experiência de todos nós expatriados, não é? Obrigado pela visita ao Biscoito, lamento que a casa tenha estado tão bagunçada no dia que você passou por lá... Abraços,

===

Oi Idelber, eu que agradeço a sua aqui.

Abraço!

**Comentários no post “Como descobrimos o Canadá”, Meu Cantinho, 25, 26 e 27/02/2005.**

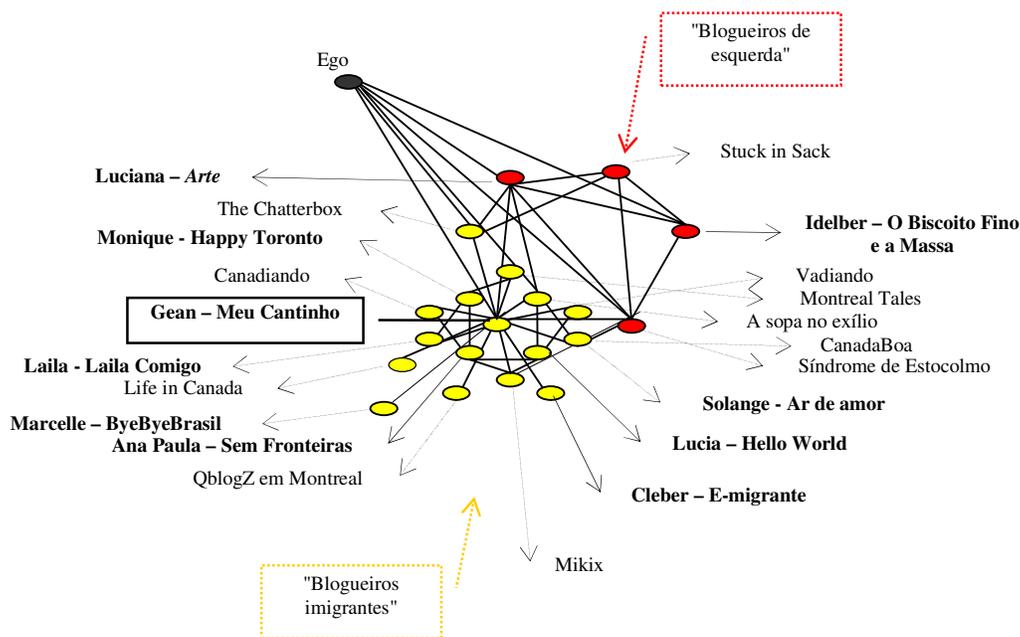
Assim, a expressão da experiência de Gean é interpretada sobre as bases da experiência de cada leitor, que contribui com a narrativa num ciclo que continua com as respostas do blogueiro. E este, ao invés de inserir suas respostas na própria caixa de comentários do post, como fez Fernanda no post analisado anteriormente, edita-as diretamente na ferramenta utilizada para a administração do blog (onde todos os comentários ficam armazenados, disponíveis à moderação), incluindo-as na seqüência de cada comentário. Sem que haja qualquer referência à data e hora de edição destas respostas, cria-se uma atmosfera de interação em “tempo real”. Isso acrescenta à competência comunicativa do blogueiro a habilidade de evidenciar e reforçar o caráter dialógico da situação comunicativa engendrada no post, imprimindo dinâmicas de alternância de turno (*turn taking*) conversacional para cada diálogo em particular. No âmbito das conversações faladas, Hymes (1972b, p. 64) compreende as regras de *alternância de turno* como aquelas regras, especificamente determinadas para cada situação interativa, que incluem pistas visuais, gestuais, etc. que orientam falantes e ouvintes quanto ao momento de tomar ou passar a palavra. De certa forma é esta a dinâmica que se cria aqui, onde, de um lado, os leitores endereçam seus comentários diretamente a Gean, numa atitude avaliativa acerca da performance do blogueiro, e, do outro lado, Gean dirige o seu “olhar” a cada leitor em particular, alimentando a interação numa atitude de preservação e manutenção dos vínculos sociais. Dessa ação colaborativa, resulta uma intertextualidade que combina *modos orais* e *modos escritos* numa espécie de *multi-diálogo*<sup>114</sup> (McCleary, 1996). Um *multi-diálogo* que atualiza uma rede de fala constituída como um sistema articulado de indivíduos que compartilham de vivências e padrões de fala, mas participam, em outros pontos da Rede, de outras *densidades* ou de outras *comunidades de fala*. Uma rede evidenciada de modo especial nos links que marcam o nome de cada leitor, mostrando-nos que todos são também blogueiros<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> *Multi-diálogo* é uma característica atribuída por McCleary à dinâmica conversacional em listas eletrônicas de discussão e foi detalhadamente analisada por mim em minha dissertação de mestrado, centrada na análise de uma lista específica, a Cibercultura-L (Máximo, 2002, p. 130-131).

<sup>115</sup> Para inserir um comentário num post, cada leitor é convidado a se identificar com um nome, um endereço de e-mail e uma URL. A princípio, a indicação de um endereço válido de e-mail era obrigatória para a publicação do comentário. Contudo, com a disseminação dos blogs pela Internet, as caixas de comentários se tornaram alvo privilegiado de *spammers* (como são conhecidos aqueles que utilizam listas de endereços eletrônicos, capturados sem autorização dos responsáveis, para fins publicitários). Com o desenvolvimento de outros recursos para a validação de comentários, a inclusão desse item tornou-se opcional na maioria dos blogs, independentemente da ferramenta utilizada. Já a URL sempre foi um item opcional, considerando-se de existem leitores que não possuem uma para informar. No entanto, uma vez informada, os sistemas de comentários associam-na ao nome

Retomando o mapa do campo da pesquisa, apresentado no capítulo anterior, e focalizando apenas os pontos de rede mobilizados no post de Gean, é possível termos uma idéia de como se configura essa rede de fala, onde ela se torna mais densa e a partir de onde ela se dispersa.



Em destaque estão aqueles que comentaram o post de Gean que, juntos dos demais, incluem-se na categoria de “blogueiros imigrantes” por estarem passando pelo processo de imigração ou por já viverem no exterior: nos Estados Unidos e, sobretudo, no Canadá, o que fica mais evidente se prestarmos atenção apenas nos nomes dos blogs – *Happy Toronto*, *Canadiando*, *Life in Canada*, *QblogZ em Montreal*, *Montreal Tales*. Entretanto, quando se fala na rede de “blogueiros imigrantes” se fala principalmente naquela porção em que as ligações se mostram mais numerosas e densas, mantidas por interações contínuas que se estendem às trocas frequentes de visitas, comentários e links entre os blogueiros. Gean vem para o centro dessa rede na medida em que consegue mobilizar, em seus posts, grande parte dessas ligações. Assim sendo, seu blog se constitui como ponto privilegiado de convergência da rede, onde uns encontram os outros seja nos posts, seja no “blogroll”, onde está presente a maioria desses blogs.

---

de quem comentou através de um link. A importância desse link na dinâmica social dos blogs será retomada adiante, ainda neste capítulo.

*O Meu Cantinho* se torna ainda mais central para a rede de “blogueiros imigrantes” quando, além dos seus membros, ele consegue mobilizar, mesmo que eventualmente, aqueles que participam mais intensamente de outras densidades. Como é o caso do Idelber, do blog *O biscoito fino e a massa*, e de Luciana, do *Arte*, “blogueiros imigrantes” que comentaram o post, mas que participam e estão mais estreitamente vinculados àquela rede que denominei como sendo de “blogueiros de esquerda”. É possível dizer que o salientar da experiência da imigração, trazida com intensidade pela performance para o contexto interativo, invoca as experiências particulares destes blogueiros, motivando-os à participação e ao compartilhamento. É pela articulação entre essas diferentes redes sociais, entre essas diferentes densidades de rede, que o post opera na construção de uma rede de fala no âmbito da qual se compartilha, temporariamente, um sentido de realidade situacional (Bauman, 1986). Tal diversificação acaba se constituindo como um canal por onde os participantes, todos eles, têm a possibilidade de multiplicar suas relações sociais, percorrendo outros caminhos e explorando outras redes. E esta acaba sendo uma possibilidade inclusive para aqueles recém chegados, que se apresentam motivados pelas “dicas” e apoio oferecidos pelo blogueiro. Aliás, é somente uma semana após a publicação do post que estes começam a se manifestar.

---

Edvaldo Vieira comentou em 31 mai 2005, 1:58 PM:

Gostaria de ser ajudado. Tenho sonhos (se é que a gente ainda pode sonhar), projetos. Estou sem nenhuma perspectiva no Brasil como profissional. Tenciono morar no Canadá, um país que sempre admirei.

Há alguma chance de eu me fixar aí?

Sou graduado em Administração e conluinte de Direito, além de Estudioso de teologia. Minha mulher é médica e tenho 3 filhos.

---

David Gonçalves comentou em 2 jun 2005, 2:11 PM:

Olá Gean,

Gostei muito de ler as suas colocações. Sou profissional da área de Finanças e gostaria muito de emigrar para o Canada más não sei nem por onde começar. estive nos USA más as coisas lá para visto de trabalho e os demais vistos de permanência são muito difíceis, quase impossíveis. No Canadá é mais fácil devido às notícias de falta de mão de obre por aí? Como devo proceder?

Abraços a todos

---

Gean comentou em 2 jun 2005, 9:02 PM:

**Edvaldo e David:** As chances existem. Sugiro que você faça o teste on-line no site <http://www.cic.gc.ca> para verificar sua pontuação e saber quais os requerimentos necessários.

O Canadá é um país construído com a força do imigrante, pois sem nós aqui seria muito difícil. Além do site descrito acima sugiro também que vocês façam um cadastro no grupo de discussão para troca de informações sobre Imigração. O endereço do grupo é <http://groups.yahoo.com/group/canadaimigration>

---

César Cavalcante comentou em 8 jun 2005, 12:47 PM:

Olá Gean, gostei muito do seu post, ele me tirou muitas dúvidas. Sou professor de Química e webdeveloper como você. Moro em Fortaleza. Meu inglês é razoável (leio e escrevo mais ou menos), falo o básico, sou casado (não tenho filhos), você acha que tenho chances aí no Canadá? Estou planejando com minha esposa tentar um

visto para o Canadá. Como devo proceder? Você recomenda alguma cidade? Obrigado.

---

Jader (jaderjhn@yahoo.com.br) comentou em 17 jun 2005, 7:07 PM:  
sou gaúcho de 20 anos e estou pretendendo morar no Canadá, estou perdido e gostaria de me corresponder, pelo meu e-mail, com brasileiros q residam por lá e possam me auxiliar tirando minhas dúvidas e é claro, fazer amizades!

---

Gean comentou em 18 jun 2005, 7:42 PM:

**Cesar:** Então mais uma coincidência. Também morávamos em Fortaleza. Chances todos tem, porém você vai precisar dedicar-se ao Inglês e também verificar a pontuação em <http://www.cic.gc.ca>

**Jader:** Fique à vontade, porém sugiro que você faça seu cadastro no grupo de discussão que falei acima para que dessa feita tenha muitas de tuas dúvidas respondidas.

---

**Comentários no post “Como descobrimos o Canadá”, Meu Cantinho, 25 e 26/02; 31/05 e 02/06/2005**

O outro apelo contido no post é, assim, respondido: aqueles que pretendem ir ao Canadá enfim se manifestam e, numa atitude igualmente avaliativa da performance do blogueiro, comentam as “dicas”, refletem sobre os “conselhos” e interpretam a narrativa a partir das suas próprias expectativas. Contudo, a forma pela qual a interação se desenvolve aqui é substancialmente diferente daquela estabelecida com os “blogueiros imigrantes”. Apresenta-se, aqui, uma audiência com outro perfil, tratada diferentemente pelo blogueiro e, desta interação, emerge um enquadre performático específico. Alguns aspectos evidenciam essas especificidades. O tom informal e dialógico que marcou a interação entre os “blogueiros imigrantes”, uma interação continuada que se refaz a cada post, é substituído pelo tom formal de quem se apresenta, expõe qualidades pessoais e profissionais, dilemas e planos, apostando no auxílio oferecido. Tal formalidade se estende nas respostas de Gean. Fora do domínio dos vínculos sociais estabelecidos, o blogueiro se exime da necessidade de respostas imediatas e particulares, que mantenham a idéia de um diálogo em “tempo real”, publicando suas respostas num tempo e num espaço marcadamente distantes daqueles em que os comentários foram realizados. Saudações iniciais (“Oi Lu”, “Oi Luciana”,...) e saudações finais (“Beijos” e “Abraços”) dão lugar aos nomes dos leitores que, destacados em negrito e sucedidos por dois pontos (:), sinalizam a quem se dirige cada resposta e reforçam o tom formal e objetivo das respostas. Estas, por sua vez, são realizadas em bloco e centradas nas questões colocadas, lembrando e detalhando as sugestões e indicações presentes no post.

Na fronteira entre os participantes da rede de “blogueiros imigrantes” e aqueles que acabam de chegar ao blog, um comentário e a resposta que a ele se segue chamam a atenção:

Mirela comentou em 25 fev 2005, 11:26 AM:

Oi Gean

Como sempre estou dando uma passadinha por aqui e adorei seu blog de hoje. Faz a gente refletir antes de fazer nossas malas..

E vou pegar firme no inglês para não sofrer tanto no começo

===

Oi Mirela, obrigado.

Faça isso sim. E quando vocês chegam? Kd o Blogue?

Beijo!

---

Comentários no post “Como descobrimos o Canadá”, *Meu Cantinho*,  
25/02/2005.

Aparecendo junto daqueles que sucederam imediatamente à publicação do post, este comentário se mostra como sendo de uma leitora reincidente no blog, que parece estar passando pelo processo de imigração, na iminência de chegar ao Canadá. Seguindo a perspectiva de análise adotada aqui, o tom informal, o dialogismo e a instantaneidade que marcam a troca comunicativa sugerem a anterioridade do vínculo entre Gean e Mirela. Contudo, o apelo que finaliza a resposta de Gean aponta para um critério fundamental para a consolidação dos vínculos e o pertencimento às redes de relações sociais no universo dos blogs: **ter um blog**. Remontando ao processo de constituição do campo desta pesquisa, Mirela está prestes a se tornar uma “blogueira migrante”. Quase chegando ao Canadá, resta-lhe criar um blog para colocar suas experiências em circulação e se integrar definitivamente à rede que converge para o *Meu Cantinho*. Parece ser preciso que seu nome se transforme num link para que seu elo na rede seja criado; para que Mirela esteja, enfim, **em rede**. A pergunta – “Quando vocês chegam? Kd o blog?” –, realizada na resposta ao seu comentário é significativa e determinante nesse sentido. Daí se pode pensar que a adesão de quem acaba de se apresentar depende essencialmente da criação de um blog, que o apresente na rede e o coloque em rede, constituindo-o enquanto *pessoa* num contexto social específico.

Como ponto de encontro dos “blogueiros imigrantes”, um encontro que em muitos momentos se estende por outras modalidades comunicativas e para o face a face, o blog apresenta, portanto, sua face comunitária construída, sobretudo, sobre as bases da circulação das experiências. Dessa forma, ele invoca uma experiência social próxima daquilo que Z. Bauman (2001) chamou de *comunidade dos sonhos*, onde predomina o entendimento compartilhado, a confiança, o engajamento, a solidariedade (ibid, p. 9). Por outro lado, a partir de conhecimentos e recursos comunicativos específicos, o blog é lançado na Rede e apresentado como um “porto seguro” de informações credíveis e relevantes, onde é possível encontrar apoio e “boas amizades”, para aqueles que navegam pelo espaço informacional global. O post *Como descobrimos o Canadá* foi especialmente bem sucedido neste sentido e, mesmo tendo se passado mais de um ano da sua publicação, ele continua recebendo comentários solicitando esclarecimentos sobre as possibilidades de emprego no país, sobre a

formação profissional e a validação de certificados de conclusão do ensino superior, sobre a educação básica e o estudo de idiomas, etc. Além daqueles analisados aqui, outros 45 comentários já foram publicados, todos devidamente respondidos por Gean com a mesma formalidade que marcou as respostas anteriores. Acrescido de tantos comentários e respostas, o post tornou-se especialmente relevante para o objetivo do blog de dar “dicas para quem pretende imigrar para o Canadá, estudar no Canadá ou visitar o Canadá”, o que justifica sua presença no “Guia” do blog. Tal presença se constitui, por sua vez, como mais um ponto de alcance para os mecanismos de busca, contribuindo para a diversificação da audiência do blog. Eis o ciclo que alimenta a especificidade do *Meu Cantinho*: quanto mais diversificadas são as “dicas” e as formas e instâncias em que elas se apresentam, mais alcançado é o blog; e quanto mais alcançado é o blog, mais motivação tem o blogueiro para diversificar suas “dicas” e criar novas formas e instâncias para apresentá-las.

Diferentemente de Fernanda, que se mantém no objetivo de entreter e divertir seus participantes abusando dos recursos à linguagem poética na elaboração de seus posts, a competência comunicativa de Gean se configura e é percebida em sua habilidade para mobilizar uma audiência diversificada e administrar diferentes interesses, expectativas e tipos de relações sociais. Para tanto, ele põe em cena diferentes modos de fala, endereçados a cada perfil de leitor, envolvendo recursos comunicativos específicos que conferem o tom vivencial ou mais informativo das suas expressões, e marcam a formalidade ou informalidade dos diálogos bem como sua apresentação temporal-espacial. No caso do post analisado, tal competência é acrescentada da habilidade em contemplar simultaneamente essas especificidades, no âmbito de um mesmo evento performático. Deve-se considerar, no entanto, que no cotidiano do blog esses modos de fala e recursos comunicativos específicos se apresentam em diferentes níveis de intensidade e prioridade, tendendo-se mais a um ou ao outro a depender de fatores situacionais e interacionais, incluindo a interpretação das estatísticas do blog. Seja como for, o fato é que o *Meu Cantinho* se legitima, para alguns, como testemunho e fonte privilegiada de informações sobre o processo e a experiência da imigração, e, para outros, como um lócus importante de construção e manutenção dos laços sociais, no interior de um contexto social específico.

Dadas as especificidades das formas de condução das performances, dos recursos comunicativos disparados e das estruturas sociais que emergem nos eventos performáticos, os blogs apresentados aqui se reaproximam enquanto espaços de expressão da experiência cotidiana dos blogueiros. A análise performática dos posts nos colocou diante de diferentes

formas pelas quais os blogueiros se constroem na rede e em rede, assumindo a **autoridade** da narração – fundada numa experiência única e singular – e adquirindo **legitimidade** diante de suas audiências ao demonstrar competência para reconhecer valores e modos que permitem contar suas histórias de formas socialmente apropriadas (Hartmann, 2004, p. 193). Colocando as experiências sempre na direção da expressão, da comunicação, a prática do “blogging” transforma indivíduos em seres sociais que, segundo Dilthey (*apud* Turner, 1986, p. 37), querem contar o que aprenderam com suas experiências. Transformadas em algo compartilhável e colocadas em circulação, as experiências são dessingularizadas no curso das interações sociais e da reflexividade promovida pelas performances, num processo de realização permanente da tensão entre a individualização e a inserção em categorias mais amplas (Velho, 1987, p. 27).

*Entre “pioneiros” e “überblogueiros”: a constituição do “bom blogueiro”*

Ambos os posts analisados anteriormente nos mostram, com base na perspectiva performática, o potencial de que dispõem os blogueiros de explicitar e transformar a estrutura das relações sociais que se constroem e se atualizam no blog. O controle do blogueiro sobre sua audiência depende, por sua vez, da sua competência ou habilidade em mobilizar as experiências e expectativas particulares dos leitores e trazê-las para a interação pela sua performance, pensada a partir de Bauman (1977, p. 43) como um modo de comunicação. Na medida em que tal habilidade contempla uma audiência mais e mais diversificada, como é o caso de Gean, mais central se torna o blogueiro para a sua rede de relações sociais. Afinal, a diversificação da audiência parece fazer de um blogueiro uma fonte privilegiada de novos contatos para aqueles que participam do blog, que percorrem comentários e “blogroll” em busca de outros interesses compartilhados e de novos vínculos sociais. A percepção desta centralidade acaba sinalizando aquele que, no universo dos blogs, é definido como sendo um “bom blogueiro”.

No âmbito dos grupos de interesses específicos em que os blogueiros se inserem, essa excelência é reconhecida em modos de expor determinadas temáticas ou posicionamentos e/ou em habilidades para a expressão de experiências pessoais, onde a combinação estratégica entre recursos estéticos, fáticos, poéticos e metafóricos confere aos posts um contorno especial e diferenciado. O mais importante, contudo, é que os critérios de definição do que é um “bom blogueiro” extrapolam a dimensão das avaliações individuais e se integram às variações lingüísticas, padrões de fala, códigos, regras e valores sociais cujo

compartilhamento unifica os blogueiros em *comunidades de fala* singulares. Nesse sentido, cada contexto social engendrado no universo dos blogs conta com seus “bons blogueiros”, os mais proeminentes e melhores performers, que possuem habilidade para agir entre diferentes temáticas, salientar diferentes experiências, expectativas e interesses mobilizando amplas e diversificadas audiências. A centralidade desses blogueiros decorre, portanto, do seu potencial em promover arranjos e articulações em termos de *redes de fala*, através das quais os participantes de diferentes densidades de rede – aquelas regiões onde as ligações comuns são mais numerosas e densas – se entrecruzam e interagem.

Das observações realizadas em campo é possível apontar duas categorias que estão na base da identificação de um “bom blogueiro”: aqueles considerados os “pioneiros”, sobre os quais pesam valores de certa forma mitológicos ligados à origem da “blogosfera brasileira”, e aqueles considerados “überblogueiros”<sup>116</sup>, cuja superioridade se deve às habilidades especiais que lhes são conferidas, seja pelos modos em que se apresentam, seja pelos índices diferenciados de audiência que mobilizam, dentre outras. E um lócus privilegiado de emergência e constituição desses “bons”, ou “übers”, é aquilo que chamo de **narrativas de gênese** dos blogs, onde alguns blogueiros remontam às suas origens, às motivações e ao momento da criação de seus blogs e, sobretudo, àqueles blogueiros especiais que lhes influenciaram e os conduziram em sua inserção no universo dos blogs. É possível compreendermos o processo de emergência e constituição desses “especiais” na análise de dois posts que se apresentam diferentemente como narrativas de gênese, um porque constrói o momento de constituição do blog e do blogueiro, outro porque aponta para a ascensão deste mesmo blogueiro a um status especial, à posição de um “überblogueiro”. Estou falando de Idelber, do blog *O biscoito fino e a massa*, que, ao contar *como virou um leitor de blogs*, conta, na verdade, como se tornou um blogueiro. Assim sendo, é a própria narrativa que nos conduz à sua apresentação:

Como virei leitor de blog

Como milhões de outros residentes dos EUA, eu cheguei aos blogs via campanha de Howard Dean. [Daily Kos](#) e [Atrios](#) foram nossa dieta, nosso permanente ‘open thread’ e farrapozinho de esperança miserável. Com suas centenas de milhares de visitas diárias (na casa do milhão na reta final da eleição), mobilizaram um movimento cuja importância só agora começa a ser compreendida. Pode se ter qualquer teoria sobre a derrota de Kerry para Bush, menos duas: 1. de que perdemos por falta de mobilização; 2.

---

<sup>116</sup> *Über*: prefixo de origem germânica sinônimo de *super*, também traduzido como algo ou alguém que está *acima*, que é *superior*.

de que perdemos por falta de dinheiro. Esses fatores, decisivos na derrota fraudada de 2000, não o foram este ano graças aos blogs.

Num encontro de uma força-tarefa da [Modern Language Association](#) em setembro de 2004, fico sabendo que [Michael Bérubé](#) (amigo e antigo colega em Illinois) tinha um blog e entrara 'undercover' na convenção republicana para 'blogá-la' (o que multiplicou o número de visitas). São posts hilários, de voz satírica, que me ganharam para a leitura de blogs. Na ordem: [este](#), [este](#), depois [este](#) e [este](#). Aí descobri que havia blogs em português além de diários de adolescente ou sites de puro jornalismo. Tal era a extensão da ignorância. Pesquisando a história, não tardou para que eu encontrasse [Por um Punhado de Pixels](#). Fiquei boquiaberto – tanto e tão maravilhado com o negócio que num fim de semana de novembro li todos os arquivos de quase 4 anos, tudo de uma vez. Terminei e havia lido um romance, conhecido um personagem – com a diferença sensacional que no blog a coisa continua, sabe-se que haverá um post amanhã. Falei, pô quero mais desse negócio. Aí eu caí no [Catarro Verde](#). Eu já era fã do [Rude Pundit](#). Falei, putz o Sérgio faz o mesmo que Rude mas muito melhor, com petardos de uma frase, duas frases. O fato de que o cara assina nome e sobrenome me fez gostar mais ainda. Devorei o [Catarro](#), a porra toda em uma só talagada. Falei, é melhor eu me orientar nessa selva aqui. Não tardaram em pipocar [Pensar Enlouquece](#) e [LLL](#) grandes na tela. Nas primeiras três clicadas nos links da esquerda lá no [Inagaki](#) eu comecei a ter uma dimensão do tamanho da selva. Mas aí ignorância já havia virado vontade de entrar na brincadeira – e aqueles links ainda hoje são um mapa prá mim. Quando saiu o texto do Inagaki sobre a [TV Pirata](#), pensei 'porra, não tem texto sobre televisão publicado nos jornais por aí que se compare ao desse cara.' Tem que respeitar. Aí eu já lia o [LLL](#) diariamente – concordando com quase nada, mas curtindo o jeito despojado do blog – e gostei muito do romance do Alexandre. Apareceram [Smart](#), [Nelson](#), [Rafael](#) e outros que se converteram em diárias, além de escritores cujo trabalho passei a acompanhar. Falei, putz já há semanas que eu não leio nada encapado, só telinha.

Começar a escrever um blog a sério foi uma forma de ler essas pessoas. Com os blogs eu tenho a sensação borgeana de orgulhar-me mais dos textos que leio do que dos que escrevo. Sensação maravilhosa, antídoto contra as pragas da arrogância e do umbigocentrismo.

**Idelber, O biscoito fino e a massa, 20/01/2005.**

Idelber é Idelber Avelar, brasileiro de Minas Gerais, escritor, pesquisador e professor



universitário, que vive nos Estados Unidos desde o início dos anos 90, onde atualmente leciona Língua e Literatura Hispânica e Portuguesa numa universidade de Nova Orleans. Seu blog foi ao ar em 29 de outubro de 2004, com uma seqüência de posts intitulada *Diário da Campanha de Kerry*, onde ele se mostrava

fortemente envolvido no apoio à campanha do candidato democrata à presidência dos Estados Unidos. Apresentando e comentando os números das últimas pesquisas de intenção de voto divulgadas na imprensa americana que, naquele momento, apontavam vantagem de John Kerry, Idelber contava sobre os preparativos para uma viagem à Flórida: lá ele participaria de uma campanha de “boca de urna”, cuja intenção era agir na contramão do que estava sendo

chamado de “movimentos de supressão de votos”, liderados pelos republicanos para intimidar o voto no Partido Democrata. Os blogs – ou a “blogosfera” – eram citados, nesses posts, como fonte privilegiadas de informações sobre a campanha presidencial americana – cobrindo de forma “independente” todo o processo – e, sobretudo, como esfera de ação e divulgação do movimento anti-republicano.

Eis a mobilização citada logo no início da narrativa, a mesma que consta na introdução do primeiro post do blog: aquela que contou massivamente com inúmeros blogs na cobertura, organização e arrecadação de fundos para a campanha democrata nas eleições presidenciais americanas em 2004, colocando em cena aqueles princípios definidores do “jornalismo open-source”, que idealizam a abertura generalizada dos meios de produção e de acesso à informação. Ou seja, essa campanha não se constituiu apenas como a porta de entrada de Idelber para o universo dos blogs; ela se constituiu, sobretudo, na base de construção do blogueiro Idelber e do seu blog, que naquele momento também passava a cobrir a campanha, compartilhando o seu próprio envolvimento. Contudo, essa construção se realizada **em e para** um contexto social específico, predominantemente lusófono, já que todos os seus posts são escritos, desde sempre, em português. É este o contexto desenhado na narrativa, na medida em que o blogueiro faz referência a todos os outros blogueiros que influenciaram sua emergência no universo dos blogs. A cada referência, mais uma temática ou mais um estilo é explicitado como tendo determinado a entrada de Idelber no universo dos blogs, que vai sendo situada num contexto cada vez mais local e restrito.

Na seqüência da narrativa, o percurso iniciático do blogueiro é trazido para um terreno mais íntimo, quando a campanha levada a cabo pelos blogueiros americanos é recolocada na referência ao blog de Micheal Bérubé, seu “amigo” desde sua passagem pela Universidade de Illinois: foi o tom “hilário” e “satírico” dos posts do amigo, que fazia uma cobertura independente da convenção republicana nos EUA, que convenceram Idelber a ler blogs. Nesse momento, ele expressa uma identificação com um estilo específico de “blogging”, mas também relaciona sua iniciação no universo dos blogs a uma outra instância da sua vida cotidiana: o universo acadêmico e, sobretudo, a área dos estudos da linguagem e da literatura. Na fronteira entre dois envolvimento, dois interesses – a política e a literatura –, ele percebe que existem “blogs em português além de diários de adolescentes ou sites de puro jornalismo”. Pode-se dizer, assim, que é num campo que inclui esses interesses e exclui um estilo de escrita mais confessional, ligado ao diarismo tradicional, e o estilo mais objetivo do jornalismo tradicional, que Idelber passa a apresentar cada um dos blogs que lhe apontaram o

caminho – a “selva” – pelo qual ele se guiou e no qual ele se inseriu. Aqui, considerada a organização temporal do evento narrado, uma nova linha de tempo é incluída: a seqüência em que os blogs são apresentados parece refazer a gênese da chamada “blogosfera brasileira”. Traçando uma espécie de linha genealógica, ele vai dos seus antecessores aos seus contemporâneos, começando por aquele recorrentemente citado como o primeiro – o “pioneiro” – blogueiro brasileiro: o Nemo Nox que, atualmente, apresenta-se com o seu blog *Por um Punhado de Pixels*<sup>117</sup>.

Vale abrir um breve parênteses para apresentar esse personagem que se transformou numa espécie de referência mitológica da “blogosfera brasileira”. Em 1998, recém retornado de um período na Europa, Nemo Nox criou o *Diário de uma Megalópole*, onde começou a contar estórias do seu cotidiano na cidade de São Paulo.

Sampa, aqui me tens nemonoxiando pela dura poesia concreta de tuas esquinas (thanks, Caetano!). Desde a última semana de março de mil novecentos e noventa e oito, sou mais um habitante desta megalópole pulsante, insignificante indivíduo numa coletividade de mais de dez milhões de pessoinhas. (...)

---

**Nemo Nox, Diário de uma Megalópole, 31/03/1998.**

Assim ele inaugurou seu primeiro blog, considerado o primeiro escrito por um brasileiro, em português. É possível atribuir esse pioneirismo a dois movimentos interdependentes. Um deles se realizava na medida em que o blogueiro se constituía como referência importante para muitos outros blogueiros brasileiros que surgiam depois dele e que acabavam divulgando-o através de links e comentários pela Internet. Esta divulgação contribuiu para sua emergência na mídia, justamente num momento em que os blogs se disseminavam e chamavam atenção dos meios de comunicação. Dessa forma, ele passou a ser reverenciado como uma “personalidade”, uma espécie de celebridade da Web, que figurava em veículos especializados praticamente ao lado de outras celebridades do *show biz*. A exposição na mídia servia, por fim, como mais um canal através do qual ele ficava conhecido, na posição de “primeiro”, no âmbito do universo dos blogs.

Este processo de reconhecimento do pioneirismo de Nemo Nox se tornou independente do seu “primeiro blog”. Em menos de um ano após sua criação, o *Diário de uma Megalópole* deixou de ser atualizado, outros projetos foram testados pelo blogueiro, até que ele inaugurou, em janeiro de 2001, o seu *Por um Punhado de Pixels*, também chamado

---

<sup>117</sup> Segundo conta o próprio blogueiro, o nome do blog presta homenagem ao filme *Por um punhado de dólares*, de Sergio Leoni e Clint Eastwood.

apenas de *PPP*. Nesse processo, o próprio Nemo Nox passou a se reconhecer como “pioneiro”. Numa entrevista à revista *Isto É Gente*<sup>118</sup>, quando perguntado sobre isso, ele se colocou numa posição *avant la lettre*, dizendo ter criado um blog antes mesmo de saber da existência do termo e antes, também, do surgimento das ferramentas para criar blogs. Disse ter criado o *Diário de uma Megalópole* a partir dos seus conhecimentos em HTML<sup>119</sup>, motivado pelo desejo de escrever descompromissadamente sobre suas “descobertas na cidade”. A forma de fazê-lo em forma de “diário” lhe pareceu “natural” e, hoje, seu *Diário* é mantido no ar mesmo sem atualizações, apenas como “curiosidade histórica”<sup>120</sup>. Enfim, pode-se dizer que o caráter de “pioneiro” se acrescentou à própria performance do blogueiro, não só como uma posição na qual ele foi colocado, mas como um lugar privilegiado no qual ele se via e de onde ele passou a “blogar”. Um lugar que se tornou ainda mais importante e enfatizado com a indicação do *PPP* para concorrer, na categoria “melhor blog”, à primeira edição do prêmio *The BOB's – Best of the Blogs Awards*, organizado pelo *Deutsche Welle Internacional Weblog* em 2004<sup>121</sup>. Inúmeros blogs se mobilizaram na divulgação desta indicação, chamando os blogueiros brasileiros a votarem, já que os indicados poderiam ser premiados tanto pelo “júri técnico”, quanto pelo “júri popular”. Como resultado de toda a mobilização, o *Por um Punhado de Pixels* foi efetivamente eleito como o **melhor blog do mundo** pelo “júri popular”.

Portanto, mostrar que conhece o Nemo Nox, que já leu o Nemo Nox e/ou que se influenciou por Nemo Nox aparece como um elemento essencial da iniciação de um blogueiro que, reverenciando o “pioneiro” e o “melhor” de todos os blogueiros, liga-se ao momento de gênese e à dimensão global da “blogosfera brasileira”. Acima de tudo, trata-se de um personagem mitológico, considerado antecessor e principal representante do momento em que surgia a primeira geração de blogueiros brasileiros; o momento que antecedeu a multiplicação dos blogs em proporções imensuráveis freqüentemente lembrado numa espécie de bonomia

---

<sup>118</sup> Realizada e publicada em fevereiro de 2004 por Marina Monzillo. Disponível em: [http://www.terra.com.br/istoegente/236/diversao\\_arte/internet.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/236/diversao_arte/internet.htm).

<sup>119</sup> Ele já atuava na Web desde 1995, em projetos profissionais e pessoais. Atualmente, ele mantém um portal na Internet que agrega todos os projetos desenvolvidos desde essa época, incluindo todos os blogs.

<sup>120</sup> Declaração dada em entrevista concedida a Rafael Reinehr, e publicada no blog *Escrever por Escrever* em 14/04/2005.

<sup>121</sup> Além do prêmio de “melhor blog”, há prêmios para a “melhor temática”, “melhor design”, “melhor inovação” e “melhor blog jornalístico”, sendo que na última categoria são premiados blogs escritos nas línguas árabe, chinês, inglês, alemão, português, russo e espanhol. Fonte: <http://www.thebobs.de/thenbobs04/bob.php?site=info>.

do passado, de nostalgia de um breve período marcado pela camaradagem, onde todos visitavam e linkavam todos, onde todos se conheciam e interagiam. E outros que se identificam ou são identificados como tendo participado desse momento – dessa primeira geração de blogueiros – são também elevados à posição de “pioneiros” e considerados de uma forma especial.

É o que ocorre com Sérgio Faria, do blog *Catarro Verde*, citado na seqüência da narrativa de Idelber. A proeminência e o pioneirismo deste blogueiro pode ser creditada, principalmente, a um “furo jornalístico”<sup>122</sup> sobre os bastidores do Congresso Nacional que, após veiculado no seu blog em meados de 2001, repercutiu fortemente nos meios de comunicação, reverberando na divulgação da “blogosfera brasileira”<sup>123</sup>. Contudo, é o tom excessivamente humorístico e satírico que caracteriza o blog, permeando a maioria dos posts sobre fatos da atualidade e cenas do seu cotidiano. Parece ser esta a característica reverenciada por Idelber, uma característica que faz do *Catarro Verde* um representante brasileiro daquilo que ele já havia encontrado na “blogosfera” internacional, no blog do seu amigo e colega Michael Bérubé, que já no início da narrativa apontava a “selva” na qual ele se orientava e se inseria. Nesse sentido, a referência ao *Catarro Verde* desempenha um papel interessante na reconstituição do percurso iniciático do blogueiro: se antes, o link para *Por um Punhado de Pixels* o ligava ao personagem primeiro, à pré-história da “blogosfera brasileira”; agora, o link para o *Catarro Verde* traça este elo apontando o domínio específico em que se deu sua inserção, que privilegia determinadas temáticas e contempla um *modo* de escrever mais ou menos específico e especial.

É neste traçado que seguem os outros blogs reverenciados por Idelber, o *Pensar Enlouquece*, de Alexandre Inagaki, e o *Liberal Libertário Libertino* (ou *LLL*), de Alexandre Cruz Almeida. Inaugurados respectivamente em outubro de 2002 e em março de 2003, estes blogs podem não pertencer à geração considerada “pioneira” da “blogosfera brasileira”, mas possuem os índices mais altos de audiência e estão sob o alvo de outros meios de comunicação que não raramente os referenciam como representantes emblemáticos do

---

<sup>122</sup> Trata-se da notícia de que o senador Antônio Carlos Magalhães apresentou, em junho de 2001, seu discurso de renúncia ao mandato no Senado Federal plagiando um discurso realizado, em 1954, pelo deputado federal Afonso Arinos. O post com o “furo” repercutiu na Internet e acabou caindo nas mãos do apresentador Marcelo Taz, que o divulgou em seu programa na da *TV Cultura*, por onde escoou para outros meios de comunicação.

<sup>123</sup> O fato, já bastante conhecido entre os blogueiros brasileiros, é listado pelo blogueiro Alexandre Inagaki como um dos “25 momentos da blogosfera brasileira”, em texto publicado na *Época Online* em março de 2006 (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html>).

universo dos blogs<sup>124</sup>. Sendo frequentemente citados como “überblogueiros”, como celebridades da “blogosfera”, Alexandre Inagaki e Alexandre Cruz Almeida apresentam certa erudição nos assuntos abordados e na forma de abordá-los, demonstrando habilidade para transformar diferentes temáticas – de ordem pública ou pessoal, fatos extraordinários ou cotidianos, da atualidade ou do passado – em crônicas singulares que despertam interesse geral. Assim sendo, a popularidade desses blogueiros parece se sustentar num movimento circular e espiral produzido na relação com os leitores. Por um lado, seus altos índices de audiência, expressos principalmente nos links e referências que pululam nos blogs, são percebidos como o reflexo de uma competência comunicativa diferenciada. Por outro lado, são estes mesmos links e referências que alimentam constantemente seus índices de audiência, levando mais e mais leitores para os seus blogs e os legitimando como os melhores performers, os mais bem relacionados e aqueles que mobilizam as maiores audiências.

Quanto mais comentado, referenciado e linkado, maior é a “reputação” de um blogueiro (no sentido mesmo da “fama”, do “conceito”) e, conseqüentemente, maior é o seu potencial de influência e a sua credibilidade num âmbito mais global da “blogosfera”. Dessa forma, blogueiros como Alexandre Inagaki e Alexandre Cruz Almeida podem ser pensados como anfitriões, como cicerones por excelência da “blogosfera brasileira”: estão entre aqueles que melhor recebem seus visitantes, em seus blogs bem arrumados e com seus posts bem escritos. Tais blogs são como *points*, lugares onde “todo mundo” se encontra e por onde é possível encontrar “todo mundo”; seus “blogrolls” são canais privilegiados para se conhecer outros blogueiros e, sobretudo, outros “bons blogueiros”, operando como “mapas” para os iniciantes, como considerou Idelber. Afinal, é como se os links transferissem o prestígio de quem linkou para aqueles que foram linkados.

A “blogosfera” se constitui como uma rede multicêntrica na medida em que as interações tendem a se densificar em torno e a partir desses personagens que conquistam e sustentam, por um determinado tempo, certa proeminência e reputação que lhes colocam no centro de um conjunto de redes de relações sociais. Deve-se considerar, contudo, que tais arranjos estão, em última análise, relacionados a conjuntos de interesses e estilos mais ou menos específicos que prendem as audiências a esses centros e determinam a preferência e

---

<sup>124</sup> A exemplo do jornal *O Estado* que, no início de 2004, solicitou de Alexandre Cruz Almeida a indicação daqueles que ele considerava serem os cinco melhores blogs escritos em língua portuguesa, e da recente matéria de capa da *Revista Época* (31/07/2006) sobre os blogs, que citou Alexandre Inagaki como sendo um dos oito blogueiros que “ditam o rumo da Internet nacional”.

reverência a uns “überblogueiros” em detrimento de outros. Assim, a referência ao Alexandre Inagaki e ao Alexandre Cruz Almeida como figuras centrais na passagem de Idelber de um estado de “ignorância” à “vontade de entrar na brincadeira”, apresenta-se como um momento de especificação do domínio em que ele se insere e se constitui como blogueiro. A narrativa de como se tornou um “leitor de blogs” se transforma, portanto, numa narrativa de como ele se tornou um blogueiro. Nesta altura, o blog surge, acima de tudo, como uma forma de se colocar **em relação** com os blogueiros reverenciados, e a expressão de quem se orgulha mais dos textos que lê do que dos textos que escreve não deixa de ser uma forma de se afirmar e se identificar no âmbito desse **contexto relacional** que o constitui. É nesse contexto que *O biscoito fino e a massa* se apresenta como sendo um “um weblog de política, música, futebol e literatura”.

Portanto, não se trata, aqui, da narração de um evento que antecede a própria narrativa. Como diria Bauman (1986, p. 5), é a estrutura de significação da narrativa que constrói o evento, dá-lhe coerência e nos capacita, na relação dialógica entre a narração e a interpretação, a construir um processo de inter-relações que chamamos de *evento*. É nesse sentido que o surgimento do blogueiro Idelber emerge nesse post: como um processo contextualizado onde seu percurso iniciático pela “blogosfera brasileira” expõe, simultaneamente, características, interesses, posicionamentos, preferências e afinidades particulares que constituem o blogueiro e seu blog. O hipertexto opera, por sua vez, como um recurso comunicativo essencial à experiência invocada na narrativa. Um recurso essencial a essa modalidade de comunicação, que leva o leitor aos espaços onde tais personagens atuam e apresentam seus estilos de escrita. Assim, os links remontam à *função fática* da linguagem, na medida em que trazem o evento narrado para o domínio da interação, convidando os leitores a experimentá-lo navegando pelo post, conhecendo cada um dos personagens citados, retraçando e explorando, à sua moda, o percurso narrado. Na verdade, essa é a própria experiência do leitor de blogs: uma experiência hipertextual, fragmentada e participativa, que permite a cada participante construir uma imagem singular do seu interlocutor.

Dessa experiência, o próprio Idelber pode emergir como um “bom blogueiro” que, situado entre os melhores, convida seus leitores a conhecerem *pessoalmente* os personagens e estilos reverenciados, que compõem o contexto em que ele se insere e que o constitui. Assim, o blog pode ser compreendido em sua acepção original que alude à expressão do escritor modernista Oswald de Andrade que, nos anos 20, respondia às acusações de que sua produção vanguardista não atingiria as massas, dizendo “a massa ainda comerá do biscoito fino que eu

fabrico”<sup>125</sup>. O blog surge, portanto, como mais um *biscoito fino* a ser consumido pela *massa*; como um *über* blog, em meio ao supra-sumo da “blogosfera brasileira”, cujos textos de excelência pretendem alcançar os maiores índices de audiência. E é se colocando novamente entre os melhores blogueiros, refazendo o contexto relacional que o constitui que, um mês após contar como se tornou blogueiro, ele narra seu percurso em direção às “massas”, numa narrativa elaborada sobre as bases das estatísticas do blog.

#### **Drops de felicidade blogosférica**

Quando a seminal revista argentina Punto de Vista me pediu um balanço da experiência dos primeiros seis meses do governo Lula, eu ainda estava disposto a escrever isto aqui. 18 meses depois, junto com milhares de outros brasileiros progressistas, eu já tinha chutado o balde com o governo do PT e Pedro Doria, atento, linkou. O \*Biscoito\* passou de 5 a uns 20 leitores diários.

\*Mientras tanto\*, o líder legislativo deste governo empurrava um projeto de lei que nos proibia, nos proíbe, na verdade, de usar palavras estrangeiras. Sendo do ramo, eu berrei e o maior blogueiro do mundo apoiou minha defesa da liberdade linguística. \*En aquel entonces\*, o blogueiro mais escrachado, mais original, mais anfitrião, mais divertido, começou a falar do \*Biscoito\*. Com esses hiperbólicos links, o **Biscoito** passou de umas 20 para umas 100 visitas diárias.

\*En ese mismo entonces\*, aconteceu o ritual de passagem para o blogueiro brasileiro: pela primeira vez Alexandre Inagaki, guru de todos nós, comentou no \*Biscoito\*, papeando comigo sobre García Márquez. Eu, que fui lido por todas as pessoas que eu um dia quis que me lessem, me senti como o menino da 5a série elogiado pela professora. Aconteceu ali uma renovação absurda do desejo de que o outro me lesse. Convicção de que a experiência do texto do blog é outra. Admiração infinita por Inagaki. Vejo que Ina me colocou na lista de blogs da semana. O \*Biscoito\* passa de 100 para umas cento e cacetadas, sei lá, quase duzentas visitas diárias, e eu paro de contar a brincadeira.

Ali, eu já tinha dado aula via blog pela primeira vez, com carinho por alunos que estavam - Deus entendeu de dar-lhes toda a magia, a primazia, tudo mais - na Bahia. Naquele momento eu me convenci da importância de uma conversa bacana entre as correntes de pensamento mais à esquerda, como aquelas que eu tinha habitado, e o secularismo racionalista liberal, filosófico, inteligente, de blogueiros como o Smart Shade of Blue.

Ali já haviam me deturpado em alemão, haviam já me citado mal em francês, quando eu descobri que alguém havia me parafraseado mal em húngaro, eu simplesmente eu chutei o balde e disse, não é Nelson, melhor relaxar e gozar. Toda citação é falsa, em toda alusão há imperfeição. Ainda tentando entender a dimensão e a dinâmica da blogosfera eu descubro, num blog que amo, que para defender o que é justo na causa palestina eu armo balacobaco\_mesmo. Depois de ser citado no Estadão, pelo Alexandre, como um dos 5 melhores blogs em língua portuguesa, o \*Biscoito\* chega a seu primeiro dia de quatro dígitos de visitas.

\*Thanks blogosphere\*. Not that I'm counting.

---

**Idelber Avelar, *O biscoito fino e a massa*, 24/02/2005.**

Em primeiro lugar, é interessante perceber como, novamente, são seus posicionamentos e atuações político-acadêmicas que enquadram a narrativa e o situam em meio e uma rede de relações sociais, numa seqüência temporal que antecede a própria criação

---

<sup>125</sup> Quase cinco meses após a publicação do post *Como virei um leitor de blogs*, Idelber declarou que foi esta a frase e a idéia que inspirou o nome do blog, numa entrevista concedida ao colunista do *O Globo*, Luis Antônio Gravatá, que a publicou em seu blog: <http://oglobo.globo.com/blogs/gravata/default.asp?periodo=200505>.

do blog e só pode ser plenamente compreendida pela experimentação do hipertexto. Assim ele remonta a dezembro de 2003, quando da publicação de um balanço positivo do “governo do PT” na citada revista argentina, para contextualizar a primeira referência que lhe rendeu um aumento significativo no número de leitores. A postura política “progressista” que marcou seu envolvimento na campanha presidencial nos EUA em outubro de 2004 é então recolocada numa crítica ao governo brasileiro, publicada no *Info Brazil*<sup>126</sup> em janeiro de 2005. Foi esta crítica, contendo um link para o *Biscoito*, aquela reconhecida e linkada por Pedro Dória<sup>127</sup>, responsável pelo blog do site jornalístico *no Mínimo*.

Do blog *no Mínimo* ao artigo no *Info Brazil*; do *Info Brazil* ao *Biscoito Fino e a Massa*: foi este caminho que levou novos leitores ao blog na época reconstituída na narrativa; o mesmo caminho que esse hipertexto possibilita refazer. E é no blog que a narrativa se concentra a partir do segundo parágrafo, naqueles posts publicados por Idelber que foram comentados e referenciados por “überblogueiros”. Como sempre, cada post, cada comentário, cada referência é colocada à experimentação do leitor pelos “permalinks” que trazem para a superfície do *evento narrativo* a memória do blog e o contexto relacional que constitui o blogueiro. Agora, no entanto, algo se evidencia no modo como a performance escrita do blogueiro invoca essa experiência: os links compõem a narrativa sem serem necessariamente referências diretas e literais sobre o que está sendo citado, incitando o leitor a clicar, a participar do post para saber do quê e de quem se está falando. Somente nessa dimensão participativa é possível conhecer, na seqüência do post, os termos em que o projeto de lei do governo brasileiro, aquele que procura restringir o uso de palavras estrangeiras na língua portuguesa, foi contestado pelo blogueiro e em que termos tal contestação foi “apoiada” pelo “maior blogueiro do mundo”. Aliás, para muitos leitores, somente aceitando o apelo fático do hipertexto é possível saber que o “maior blogueiro do mundo” é Nemo Nox e que foi ele

---

<sup>126</sup> O *Info Brazil* (<http://infobrazil.com>) é publicado e editado por Adhemar Altieri e Richard Hays com o objetivo de disponibilizar, em língua inglesa, informações, opiniões e análises “independentes” sobre o Brasil, desenvolvidas por uma série de colunistas convidados. A crítica de Idelber foi realizada no artigo intitulado *Stum de right, Outrage the left: two years of PT rule in Brazil*, acessível pelos índices de artigos do site.

<sup>127</sup> O jornalista Pedro Dória atua em vários espaços da Internet desde o início dos anos 90, quando participou de iniciativas de introdução da Internet no Brasil no período da Eco-92. Além disso, é autor do *Manual para a Internet*, publicado em 1995 pela editora Revan e considerado o “primeiro livro brasileiro sobre a Internet”. Atualmente, além do blog do site *no Mínimo*, é responsável pela coluna *Navegar Impreciso*, focada nas tendências de comportamento e consumo diante da tecnologia e na “vida on-line”. A coluna está presente no caderno *Link* do jornal *O Estado de São Paulo*, tanto na sua versão impressa quanto na sua versão on-line (<http://www.link.estadao.com.br>), e também no *Jornal da Tarde*.

Fonte: [http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=5234](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=5234).

quem reverenciou a crítica de Idelber no seu premiado *Por um Punhado de Pixels*. Da mesma forma aparece Alexandre Cruz Almeida, o blogueiro “escrachado”, “original”, “anfitrião” e “divertido” que falou do “*Biscoito*” em seu *Liberal Libertário Libertino*, rendendo-lhe um aumento “hiperbólico” no número de visitas diárias.

O poder da performance de transformar a estrutura das relações sociais se apresenta, por sua vez, na medida em que aqueles personagens que antes mostraram ao blogueiro como e por onde seguir no seu percurso iniciático pela “blogosfera”, agora são reposicionados e ressignificados na sua trajetória em direção à “massa”. Uma trajetória na qual cada “überblogueiro” contribuiu de maneira singular e compartilhando sua numerosa audiência, até que o “*Biscoito*” alcançasse o marco de 1.000 (mil) visitas em um único dia. É assim que Alexandre Inagaki, do blog *Pensar Enlouquece*, emerge na posição de iniciador – de “guru” –, como o responsável pelo “ritual de passagem” do blogueiro. Diante do reconhecimento daquele que é considerado, nos mais diferentes contextos, como um representante de alto escalão da “blogosfera brasileira”, o blogueiro se vê finalmente iniciado. Pois, na medida em que **um blog existe para ser visto**, ser visto e reconhecido por essa espécie de embaixador, que se faz presente e ativo no blog justamente num tópico que lhe é tão caro – a literatura –, é como ser visto e reconhecido por todos os demais blogueiros. Como quem conhece seus índices de audiência e se reconhece nessa posição de representante privilegiado da “blogosfera brasileira”, Alexandre Inagaki mantém em seu blog uma lista de “blogs da semana”, semanalmente atualizada com aqueles blogs que o blogueiro recomenda aos seus leitores. Para além da presença do “überblogueiro” no “*Biscoito*”, a presença do “*Biscoito*” no *überblog* **forma** o blogueiro, confere-lhe existência, apresentando-o como *pessoa* na “blogosfera brasileira”.

Narrado nos termos de uma *iniciação*, de um modo semelhante à narrativa sobre “como virou um leitor de blogs”, o que está em cena, agora, é o processo de constituição de um blogueiro que ascende a uma posição diferenciada na sua rede de relações sociais, mostrando-se finalmente **em relação** com o supra-sumo da “blogosfera brasileira”. Uma posição que parece se confirmar no momento em que ele é indicado, por aquele que ele considera o “mais anfitrião” dos blogueiros, como o autor de “um dos 5 melhores blogs em língua portuguesa”. O fato de ter sido uma indicação veiculada num jornal de grande circulação – *O Estado de SP* – confirma a proeminência e credibilidade de quem indicou e a visibilidade do indicado. Esse processo de ascensão se realiza, portanto, na tensão entre as dimensões globais da “blogosfera brasileira” e o contexto restrito do qual Idelber participa e

no qual ele interage cotidianamente: uma tensão que está na base da constituição de todo o blogueiro. Os índices de audiência, sobretudo os altos índices, definem, pelo menos em parte, o lugar e o modo pelo qual o blogueiro atua e é reconhecido no interior de um contexto social específico. A cada aumento significativo do número de leitores renova-se, como expressou Idelber, o desejo de ser lido pelo Outro. E mesmo que tais números permaneçam como estatísticas, não sendo inteiramente contemplados na dimensão interativa do “blogging” – com visitas e comentários diários e recíprocos –, eles conduzem *modos de fala* e estratégias comunicativas com as quais se pretende, com “bons” posts, conquistar audiências cada vez maiores. Assim Idelber deu “aula via blog”, aceitou a discussão com blogueiros que se posicionam em outras tendências políticas ou “correntes de pensamento”, e celebrou citações “deturpadas” em outras línguas como uma forma de reconhecimento. É importante considerar que todo esse percurso em direção às “massas” é reconstituído sem escapar do conjunto de interesses que definem o blog. Da sua crítica ao governo brasileiro à contestação de um projeto de lei em “defesa da liberdade lingüística”, das conversas sobre literatura e política à identificação das referências aos seus posts feitas em outros idiomas, o blogueiro mantém a narrativa no âmbito das suas especialidades e das relações em que cada uma dessas especialidades é privilegiadamente mobilizada.

Nesse sentido, como nos outros eventos narrativos analisados aqui, o post constrói uma rede que articula os diferentes contextos sociais dos quais participa o blogueiro. Considerando que sempre há com quem se fale mais de política, com quem se fale mais de literatura, ou de música, ou de futebol, ou de outros assuntos, surgem eventos onde grupos de blogueiros se reúnem como que em “comunidade” para o compartilhamento desses interesses



e afinidades específicas. A participação nesses eventos se integra à *apresentação* do blogueiro e à caracterização do blog, tal como indicam os ícones ou “selos” dispostos no “template” do *O biscoito fino e a massa*. Assim o blog conduz ao *Bombordo*, um blog coletivo criado com o objetivo de reunir um grupo de blogueiros dispostos a posicionarem-se e debaterem politicamente os mais diferentes assuntos. Com esse nome estrategicamente escolhido<sup>128</sup>, o blog surgiu no início de 2006 na esteira das mobilizações que, há quase um ano, vinham sendo

---

<sup>128</sup> *Bombordo* é como se denomina o *lado esquerdo* de uma embarcação.

organizadas por blogueiros que se identificam politicamente “à esquerda” e que, a partir das interações desenroladas em seus blogs, criaram a lista *Blog-left* como primeiro foro de discussão política do grupo<sup>129</sup>. Idelber, por sua vez, atuou como fundador da *Blog-left* e participa do *Bombordo* escrevendo e se engajando nas discussões. E se no *Bombordo* o blogueiro compartilha posicionamentos e afinidades políticas, é no *Clube de Leituras* que ele compartilha seu interesse e preferências no campo da literatura.

A iniciativa desse *Clube de Leituras* partiu originalmente de Alexandre Cruz Almeida que, em seu blog *Liberal Libertário Libertino* resolveu promover, ao final de 2004, uma “eleição dos 30 melhores livros de ficção” entre seus leitores. Como consequência desta “eleição”, o *Clube de Leituras* surgiu com o propósito de estimular a leitura conjunta de algumas das obras mais citadas pelos leitores e promover o debate sobre elas no *Liberal Libertário Libertino*, sob a regência do blogueiro. Aos moldes do evento promovido por Alexandre Cruz Almeida, que se limitou à discussão de uma única obra<sup>130</sup>, Idelber reativou o *Clube de Leituras* em junho de 2006, com o objetivo de ampliar a discussão sobre literatura no *O biscoito fino e a massa*. Os debates discorrem, agora, a partir de análises do blogueiro sobre as obras e autores em foco, comentadas pelos participantes na “caixa de comentários”. Dessa forma, o *Clube de Leituras* se constitui num espaço privilegiado onde Idelber se apresenta do alto de uma das principais especialidades que o definem enquanto blogueiro. No bojo da discussão literária que ele promove no blog, deve-se considerar ainda seu apoio e participação no *Bloom Blogsday* que, por iniciativa de Leandro Oliveira, do blog *Uma Odisséia Literária*, integra-se às atividades e comemorações do *Bloomsday*, celebrado em 16 de junho em homenagem ao escritor irlandês James Joyce<sup>131</sup>.

---

<sup>129</sup> Fundada com propósitos de diversificar e disseminar o debate político na Internet sobre temas atuais (como a “descriminalização do aborto”, o “sistema de cotas” para afro-descendentes, as “políticas de desarmamento”, dentre outros), a *Blog-left* centralizava, para além da discussão entre seus membros, a organização de “blogagens coletivas” no quadro do que foi batizado de *Nós na Rede*. Num dia pré-determinado, os participantes publicavam em seus blogs posts sobre temas igualmente pré-determinados, numa tentativa de ampliar os debates iniciados na lista. Os dias e temas das “blogagens coletivas” eram divulgados com antecedência pelos blogueiros em seus blogs, para que outros blogueiros também se “mobilizassem” com posts e comentários, o os “permalinks” para todos os posts eram linkados num site do *Nós na Rede*. O *Bombordo* se constitui numa tentativa de concentrar essas “mobilizações” em um único blog, mas as “blogagens coletivas” continuam sendo organizadas, mesmo que mais raramente, por alguns blogueiros.

<sup>130</sup> *Crime e Castigo*, de F. Dostoiévski.

<sup>131</sup> No *Bloom BlogsDay*, blogueiros admiradores da obra de James Joyce costumam se dedicar exclusivamente às análises, críticas, memórias e outros comentários e homenagens ao autor e, especialmente, à sua célebre obra *Ulisses*, protagonizada pelo personagem Leopold Bloom que dá nome à data comemorativa. A iniciativa de Leandro Oliveira é das mais conhecidas e citadas no âmbito da “blogosfera brasileira”. Em seu blog dedicado

O fato é que esses eventos específicos apontam o contexto relacionam e plural do qual emerge *O biscoito fino e a massa*, como um espaço de cruzamento entre diferentes contextos sociais e onde são tecidas, dia a dia, post a post, redes de fala compostas por blogueiros que compartilham experiências e padrões de fala negociados no decorrer das interações. Assim sendo, a leitura dos posts se desenvolve como um processo dinâmico de produção de textos cujos significados não podem ser compreendidos fora desse contexto relacional. Trata-se de *performances narrativas* construídas “num ativo processo de negociação no qual os participantes examinam reflexivamente o discurso na forma como ele está emergindo” (Bauman e Briggs, 1999 *apud* Hartman, 2004, p. 247). Sob essa perspectiva, pode-se dizer que não há “blogging” fora da relação dialógica e colaborativa estabelecida nos blogs e atualizada a cada post. Posts como os que analisamos constituem-se, portanto, como **hipernarrativas** que, apresentadas como hipertextos e colocadas à experimentação dos leitores, integram-se àquilo que, em termos nativos, é conhecido por “webwriting” ou “hiperliteratura”. Ou seja, elas devem ser compreendidas não como transposições de formas tradicionais de escrita e produção literária para o “meio on-line”, mas como formas singulares fundadas nos potenciais interativos do hipertexto e da “comunicação mediada por computador”.

A performance de Idelber deve ser compreendida, nesse sentido, pela sua habilidade e competência para invocar a experiência do leitor, para incitá-lo a participar do post, perfazendo seus caminhos e explorando o contexto relacional construído pela narrativa, num esforço de quem interpreta uma expressão. Nessa dimensão participativa, em que o texto se apresenta como algo vivo e ativo, é que emerge um “überblogueiro”: um blogueiro bem recomendado, bem relacionado e bem lido. O post é elaborado de modo a convencer o leitor de que se trata de um blog que vale a pena, porque é lido pelos melhores blogueiros e conseqüentemente é lido por muitos; de que participar desse blog é uma forma de também ser visto pelos melhores e pelos muitos que nele se fazem presentes. Assim, o blogueiro surge como mais um importante “anfitrião”, um cicerone da “blogosfera brasileira” que domina a **arte de bem receber** seus visitantes, de promover a interação, de apresentar uns aos outros multiplicando os contatos daqueles que freqüentam o blog. E não é só com bons posts que se apresenta essa *arte de fazer*, como nos diria Certeau (1994), mas também com um bom

“template”, localizado num endereço nobre e de fácil localização. Isto é, a ascensão de Idelber à posição de um “überblogueiro” se percebe, também, na sua mudança do UOL – que proveu inicial e gratuitamente a hospedagem e a ferramenta para a publicação do blog – para um domínio próprio (*idelberavelar.com*), o que incluiu a inauguração de um “template” exclusivo, criado por ninguém menos que Nemo Nox, o blogueiro “pioneiro” e “melhor do mundo”. Uma mudança igualmente narrada no blog, numa série de posts que incluíram contagem regressiva para a entrada no ar do seu “pontocom”, “considerações finais” sobre sua estada no UOL, agradecimentos especiais à “equipe” de blogueiros que lhe auxiliaram na mudança (na confecção do “template”, na compra do domínio, na aprendizagem da nova ferramenta de publicação, etc.), e um post especial de inauguração. Em todos eles, a rede de relações tecida nos posts analisados foi, de uma forma ou de outra, reconstituída. Não por acaso, Idelber inaugurou sua “nova casa” com um *Decálogo dos Direitos do Blogueiro*, onde enumerou princípios de “liberdade” que segundo ele devem nortear a prática do “blogging”, atuando como alguém que se vê na posição de representante, de embaixador da “blogosfera brasileira”, autorizado a falar pelos demais blogueiros. Tal autoridade se confirma na medida



em que o *Decálogo* é amplamente comentado e reverenciado por outros blogueiros, merecendo um “selo” exclusivo<sup>132</sup> que, associado ao seu “permalink”, foi adicionado ao “template” de vários blogs.

Ora, na medida em que o “*Biscoito*” emerge como um blog cada vez mais *fino* e consumido por *massas* ainda maiores, ligar-se a ele é mais uma forma de se colocar entre os bons e de estar bem representado na “blogosfera brasileira”.

A ascensão de Idelber à posição de um “überblogueiro” – que com bons posts e boas relações alcança grandes audiências – mostra-se, enfim, como um fenômeno **processual e performado**, que se expressa **narrativamente** e **relacionalmente** e se realiza na **dimensão interativa** do blog, na relação dialógica com seus leitores. A manutenção dessa posição, por sua vez, é também processual e depende essencialmente da cotidianidade do “blogging”, isto é, da criação constante de circunstâncias favoráveis à interação, nas *maneiras* de expressar as experiências, de rearranjá-las e reconstituí-las de modo a torná-las coerentes e compartilháveis. O blogueiro, como um performer, deve demonstrar competência no controle permanente de sua audiência, assumindo a responsabilidade de levá-la a um outro plano no

---

<sup>132</sup> O “selo” foi confeccionado por Mauro Amaral, do blog *Carreira Solo*.

fluxo do cotidiano, seja para o divertimento, reflexão e outras sensações. Assim sendo, seja qual for o tamanho da audiência o “blogging” se constitui como uma prática cotidiana; uma prática subordinada ao *estilo* das táticas onde a expressão das experiências se apresenta como uma *arte do dizer e de fazer*, uma “maneira de repetir séries e combinações de operações formais, com uma arte de fazê-las concordar com as circunstâncias e com o público” (Certeau, 1994, p. 154/155). Portanto, se por um lado podemos dizer que **sem cotidiano não há blog**, pois o blog se constitui como um espaço de expressão da experiência cotidiana, por outro lado podemos dizer que **não há blog fora do cotidiano**, pois ele instaura uma performance cotidiana, num contexto social e situacional específico, que envolve toda uma rotina de atividades.

#### *Vivendo para contar: o blog como experiência e performance cotidiana*

A principal instância de expressão da cotidianidade do “blogging” é a própria lógica de atualização de um blog. Um entendimento compartilhado no universo dos blogs é o de que um blog sem atualizações é um blog fadado ao esquecimento. Deve-se considerar, contudo, que cada blogueiro estabelece a sua dinâmica de atualização; uma dinâmica negociada, pelo menos em parte, no interior do contexto social em que se está inserido. A interpretação das estatísticas – sobretudo da variação do número de leitores nos dias da semana e nos posts (ou assuntos mais bem sucedidos em termos de audiência) –, também pode ser considerada na definição de um ritmo de postagem, mas, seja como for, a regra para a atualização de um blog emerge sempre na interação do blogueiro com sua audiência. É em relação a um contexto social específico que as dinâmicas de atualização são construídas e consideradas apropriadas, tendendo a se manter coerentes e estáveis.

Consideradas as particularidades de cada blog, um aspecto se evidencia diante desse imperativo da atualização: na medida em que o blog se apresenta às experiências cotidianas como um reduto de *narratividade*, expondo-as em performances e as tornando compartilháveis, o cotidiano passa a ser vivido na perspectiva de ser contado. É preciso ter sempre algo “novo” para ser contado e, assim, a idéia de que determinadas vivências (sejam elas fatos, expectativas, pensamentos, etc.) podem “dar bons post” parece se acrescentar à vida cotidiana dos blogueiros e pautar a prática do “blogging”. A análise de um post publicado por Denise Arcoverde, no seu *Síndrome de Estocolmo*, expõe uma das formas em que essa antecipação do desejo de compartilhar as experiências se expressa no blog e permite dizer que o “blogging” não só se integra ao cotidiano do indivíduo, mas também o constrói.

In Sync...



Uma coisa que acontece, muitas vezes, quando a gente começa a viver com alguém é uma sincronia que eu acho muito interessante... sabe quando a gente acaba dizendo as mesmas coisas? adivinhando o que o outro tá pensando?

Agora há pouco, eu estava ajudando Ted a fazer o dever de casa de Português (foto) e pensando com meus botões... “acho que vou lá no blog postar aquela música ‘Can’t take my eyes off of you’, e escrever o quanto ela me lembra Ted...”

Minutos depois de eu pensar isso, ele olha pra mim e diz: “I can’t take my eyes off of you...” (não consigo tirar os olhos de você) e continua dizendo (em inglês, claro hehehe...)... “assim não dá pra estudar...”. Bonitinho, né??? E a música é essa...

**Can’t take my eyes off of you** (Gloria Gaynor) [Ouça aqui.](#)

[transcrição da letra da música]

denise às [06:46 PM](#) | [mais Ted & eu](#) | [Está todo mundo comentando](#) (37)

**Denise Arcoverde, Síndrome de Estocolmo, 10/08/2005.**

Em primeiro lugar, deve-se considerar que, tendo como personagem principal o marido da blogueira ou, ainda, a sua vida conjugal, o post reconstitui o evento que, como já vimos, é fundador do blog: a *Síndrome de Estocolmo* ou a paixão que fez Denise abandonar o Brasil para morar e se casar na Suécia. A expressão desta “sincronia” da qual fala Denise pode ser pensada, nesse sentido, como uma atualização da caracterização do blog, da forma como a blogueira se apresenta e se coloca em rede. Trata-se, contudo, de uma experiência que emerge na dinâmica de produção do post, na relação entre o momento vivido, a perspectiva de contá-lo e o evento narrativo. Vejamos como a narrativa se apresenta. O primeiro parágrafo instala um enquadre interpretativo: está-se falando sobre a “sincronia” que acomete duas pessoas que vivem juntas. Dirigindo-se à audiência, a blogueira invoca essa experiência da “sincronia” como quem diz “é sobre isso que vou falar”. No entanto, esta temática só surgiu porque havia uma motivação anterior para o post. Foi contemplando o marido, no momento trazido para a narrativa pela foto, que Denise teve a idéia: “acho que vou lá no blog postar aquela música (...), e escrever o quanto ela me lembra Ted ...”. A interferência de Ted, representada no post nos termos de um *reported speech*, modifica a perspectiva inicial. E aquilo que antes originaria um post – o momento com o marido, a letra da música e a lembrança que ela suscita – se expressa na representação do pensamento da blogueira dentro de um outro evento, aquele da “sincronia”, construído na relação entre o momento vivido e a produção do evento narrativo. É no contexto desse evento que a música é, enfim, transcrita e a lembrança por ela suscitada é explicitada.

Trata-se, portanto, de uma narrativa em que dois momentos são relacionados: quando Denise contempla o marido, lembrando da música e desejando compartilhar sua lembrança, e aquele da “sincronia”, surgido no instante em que seu marido interfere. Na performance

narrativa da blogueira esses dois momentos são encadeados como partes de uma única experiência, coerente e repleta de sentido. A representação das falas – da blogueira (em pensamento) e do seu marido – conecta os dois momentos à narrativa, e uma espécie de *paralelismo* entre as falas representadas evidencia o “estilo poético” da performance. Em outras palavras, pode-se dizer que é na performance da expressão, que a *mera* experiência (a aceitação passiva dos eventos) é transformada em *uma* experiência, cujas emoções e significados são trazidos para o presente (Bruner, 1986, p. 6; Turner, 1986, p. 35). A forma pela qual a blogueira se endereça à audiência logo no início do parágrafo, na primeira pessoa do plural, invoca uma experiência supostamente compartilhada, trazida com intensidade para a interação e salientada pelas qualidades expressivas e sensoriais da narrativa: a foto, a sincronia entre o evento narrado e o evento narrativo (onde um parece ter se seguido quase que imediatamente após o outro), e a possibilidade de se ouvir a música enquanto se acompanha a letra. É assim que a experiência singular da blogueira se transforma na experiência dos leitores, que se apresentam nos comentários motivados pelas reflexões, sensações e sentimentos suscitados pelo post.

Denise,  
O meu namorado tem até medo de nossa sintonia ... as vezes ele sente perdido em mim ... a sintonia é tanta que eu já não sei mais onde eu começo ou onde ele termina ... Eu simplesmente digo o que ele iria dizer ... ele coloca a música que eu estava pensando em ouvir ...e por aí vai ... em sincronia e sintonia o amor vai sendo alimentado!!!  
Bom demais!!! Viva tudo isso !!!  
Beijos

Raquel em agosto 11, 2005 08:22 PM

---

A música é maravilhosa!! Amo essa música!! E o amor é lindo, né? hehe

kmi em agosto 11, 2005 08:41 PM

---

Que lindo, **Raquel!** como diz minha mãe, “que Deus os conserve assim...” beijos!!!  
É, sim, **camila**, o amor é lindo, mesmo... ai ai...

Denise Arcoverde em agosto 11, 2005 10:56 PM

---

**Comentários no post “In Sync...”, Síndrome de Estocolmo, 11/08/2005.**

Aqui a narrativa, como uma estória da experiência pessoal, apresenta seu potencial de conduzir a interação, envolvendo uma apresentação do *self* e, ao mesmo tempo, comunicando um sentido de realidade situacional (Bauman, 1986, p. 33). Na interação, refaz-se a relação dialógica entre a expressão e a experiência onde, de um lado, a expressão ilumina e reestrutura a experiência e, de outro, as experiências dos participantes estruturam a expressão na medida em fornecem a base para sua interpretação. No entanto, nessa altura da

análise o mais importante é que o post expressa de um modo significativo a presença do “blogging” no cotidiano desses indivíduos, como uma prática, dentre outras, que coloca constantemente o vivido na perspectiva de ser contado e que transforma esse contar num momento de experimentação para todos os atores envolvidos.

As imagens desempenham, por sua vez, um papel fundamental nesta prática; sem serem meras ilustrações, elas se acrescentam à estética e à poética das narrativas, integrando-se às expressões das experiências. Posts como esse de Denise, nos colocam diante de uma forma de registro dos instantes vividos que marca a prática do “blogging” e parece visar quase que exclusivamente a elaboração dos posts. Ou seja, se entendemos que o “blogging” coloca o vivido na perspectiva de ser contado, isso inclui a produção de imagens que também possam contar, narrar experiências. Desse modo, o olhar implicado na produção de fotografias para um blog é o mesmo olhar particular que enquadra as experiências e produz as narrativas. Combinada ou não com a escrita, essa linguagem visual se apresenta, nos posts, com o potencial de reconstruir ativamente as experiências, reconstituindo processos, como a seqüência de passos na execução de uma receita culinária; percursos, como o deslocamento de um ponto a outro de uma cidade; movimentos, como o de um carro, de uma bicicleta ou de um simples caminhar; etc.

As tecnologias digitais e as ferramentas de publicação atendem e correspondem a este aspecto constitutivo da prática do “blogging”. As câmeras digitais, inclusive aquelas acopladas aos telefones celulares e assistentes digitais; os formatos de compactação de imagens e vídeos; e os recursos oferecidos pelas ferramentas de publicação, incluindo programas para a publicação de textos e fotografias nos blogs diretamente dos telefones celulares permitem a produção de séries de imagens que são dispostas nos posts como animações, expondo o tempo e o espaço dos eventos narrados e conectando-os sincrônica e simultaneamente aos eventos narrativos. Assim, menos como *imagens-ícones* e mais como *imagens-texto* essas imagens produzidas para os blogs nascem *das* e revelam *as* tensões presentes no processo de “fabricação” do mundo desses sujeitos e pressupõem um olhar, uma montagem, uma concepção, um processo que passa essencialmente pela intenção deles de dizerem algo sobre si e sobre suas experiências (Rocha e Eckert, 2000, p. 43)<sup>133</sup>. Em outras

---

<sup>133</sup> Esta reflexão é originalmente dirigida, pelas autoras, ao uso da linguagem visual na Antropologia e, especificamente, na produção da narrativa etnográfica (Rocha e Eckert, 2000; Rocha, 1995; Rocha, 2001). Segundo Rocha (1995), pensar o lugar da linguagem visual na etnografia é, antes de tudo, pensar de modo mais amplo o domínio complexo de significação da imagem na construção do pensamento científico. A autora

palavras, elas denunciam e personificam os sujeitos, apresentando-se como mais uma marca de suas singularidades. Elas compõem a performance das expressões que se constituem como construções imagéticas, como “secreções cristalizadas” das experiências vividas (Bruner, 1986, p. 5), antes mesmo de serem produzidas pelas lentes de uma câmera fotográfica.

Enfim, em imagens, textos e links cada post traz para o tempo e o espaço presente dos blogs uma experiência do passado, seja de um passado recente ou de um passado mais distante, criando novas experiências que fazem do presente uma interconexão entre o passado e o futuro que ainda não é. Pode-se dizer, nesse sentido, que a vida cotidiana se realiza no blog tal como é concebida por Simmel, como uma moção que constantemente se reproduz; como um *processo contínuo* para o qual não existe outro tempo senão o ponto de intersecção entre duas linhas no espaço e onde o presente é sempre composto por um pequeno segmento do passado e um pequeno segmento do futuro (Weingartner, 1959, p. 35). Afinal, a prática do “blogging” consiste em se deixar reticências, em se criar e manter a expectativa acerca do que está por vir. Portanto, a competência comunicativa de um blogueiro envolve tanto sua habilidade para despertar no leitor o interesse pelo passado – pelos “arquivos” do blog –, quanto, e principalmente, sua habilidade para manter certa ansiedade em torno do amanhã, do daqui a pouco, do que vem a seguir. No âmbito de uma rede de relações sociais, um blogueiro será tão bom e tão mais lido quanto maior for sua capacidade de amarrar sua audiência no *processo contínuo* em que se constitui o blog, num fluxo temporal em que cada momento se dissolve virtualmente no próximo. Isto se traduz no esforço do blogueiro em engajar sua audiência no **cotidiano do blog** procurando, inclusive, transformar os leitores de uma única visita, aqueles que povoam as estatísticas, em leitores habituais. Para tanto, ele deve manter constantemente ativo – no apelo hipertextual e interativo ou no ritmo de atualização – um componente *virtual*, algo a ser *atualizado* pelo leitor, seja um novo caminho, um laço social ou uma nova estória.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que o “blogging” se integra à vida cotidiana dos indivíduos colocando suas experiências na perspectiva de serem contadas no blog, a dimensão cotidiana dessa prática também produz experiências passíveis de serem contadas. Surge, daí,

---

defende, nesse sentido, a anterioridade do símbolo sobre toda significação intelectual acerca do mundo e das coisas, o que permite dizermos que todo pensamento científico opera com imagens, obedecendo a um modelo de formas simbólicas (ibid, p. 89/90). Extrapolando o campo intelectual e científico, essa perspectiva compreende, contudo, o processo por meio do qual qualquer sujeito (e não só o etnógrafo) transforma os dados opacos da realidade em representações e formas simbólicas, em *expressões*.

aquilo que alguns blogueiros chamam de “metablogagem”: a prática de “blogar” sobre o próprio “blogging”. Isso inclui a descoberta de novos blogs; as referências que os blogueiros fazem uns aos outros; a celebração de marcos especiais como, por exemplo, o aniversário de um blog ou de um blogueiro, o alcance de um número significativo de visitas, a mudança de “domínio” ou do *layout* de um blog; a divulgação de fatos e eventos envolvendo blogs e blogueiros; etc. A análise do post publicado por Idelber no seu *O biscoito fino e a massa* – intitulado *Suruba de blogs* – objetiva conduzir a compreensão da forma como as experiências do “blogging” geralmente se expressam nos blogs e, sobretudo, da produtividade social que essa expressão tem o potencial de desencadear. A idéia é a de mostrar como a expressão dessas experiências opera de modo privilegiado na apresentação do blogueiro, retomando temáticas e posicionamentos que perpassam a caracterização do blog e refazendo a rede de relações sociais da qual ele participa. Simultaneamente, incita o engajamento da audiência, abusando dos recursos ao hipertexto e surgindo como uma **hipernarrativa** que expõe o blogueiro – com quem e por onde ele anda na “blogosfera” – e se oferece à experimentação dos leitores.

Suruba de Blogs  
Hoje tem link prá surfar uns três dias:

**Parabéns:**

1. A [Cora Rónai](#) completou um milhão de visitas. Não é prá qualquer um não. Congrats!
2. A pioneira [Meg Guimarães](#) completou mais uma primavera. Happy birthday!
3. O [Bereteando](#), amigo do Biscoito desde a primeira hora, completa o segundo ano de vida. Parabéns, Tiagón!

Recomendo:

1. O excelente blog político de Maurício Santoro, o [Conspiradores](#). Ver também o [texto](#) de Maurício no Globo sobre o governo Lula, bem na linha do que eu venho argumentando aqui.
2. O bellissimo blog literário-filosófico argentino [Rizomas](#), influenciado por um dos meus heróis intelectuais, Gilles Deleuze.
3. O melhor fotolog do Brasil, o [Escrúpulos Precários](#). O que eu mais admiro não são nem as fotos fantásticas. É a grande arte do título que tem o Iraldo. Dá para passar horas naquele blog.

Sessão É Imperdível:

achamos que o Ronaldo tem que ser banido da seleção, que o Santos não deve ganhar tudo só porque tem o Robinho, que o Kaká é maloqueiro, que o Denilson é pereba, que o Cafu é arrogante, que o Roberto Carlos é o pior lateral da história, que o Parreira é demagogo, que as torcidas organizadas devem ser liberadas e que o Maracanã deve ser implodido. E vamos com muita tiração de sarro do futebol paranaense, não temos culpa por termos nascido neste lugar! Gostou? Visite o sensacional [de canela!](#), uma espécie de [Jair Beirola](#) do futebol. Putaria com estilo.

4. O blog da minha conterrânea e amiga Cynthia Semíramis, co-autora do clássico [Manual de Sobrevivência na Selva de Bits](#), está de [cara nova](#).

Sessão História da Blogosfera Brasileira:

A palavra **linkania** circulou por aí, nos primórdios da blogosfera brasileira, para designar os fluxos, encontros, redes que se armam (precisamente o que Gilles Deleuze chamava de **rizomas**). Ela começou a circular a partir deste belo [texto](#) do Marcelo Estraviz, que foi muito discutido na época. Mais coisas do Marcelo [aqui](#). Pouco a pouco eu vou descobrindo a história desta joça. Link, cortesia **dela**.

**Leia blogs e evite vexame:**

Se o Zé Dirceu lesse o [Catarro Verde](#), já em 2003 ele teria recebido um [recadinho](#) importante.

O Terror:

Queira Deus que o tal Delúbio não tenha ex-mulher! É o assunto no PT. Grande sacada de [Tutty Vasques](#).

**Música:**

1. Não dá para deixar de recomendar esta [matéria](#) sobre a nova safra de cantoras brasileiras. A Mariana Nunes eu já conferi e gostei (via o indispensável [BMTH](#)).

2. Mais um belo blog sobre música: [Eclectismo Musical](#).

Vem por aí:

O [Burburinho](#) completa quatro anos de existência (parabéns!) e eu fui convidado a contribuir um texto à edição de aniversário. Minha contribuição será, salvo engano, o primeiro texto sobre **futebol** publicado nessa já clássica revista eletrônica. Obrigado ao [Nemo](#) pelo convite.

Escrito por Idelber às 02:23 | [link para este post](#) | [Comentários \(20\)](#)

---

**Idelber Avelar, O biscoito fino e a massa, 28/06/2005.**

Depois de reconstituir sua iniciação e ascensão na “blogosfera brasileira”, contando “como virou um leitor de blogs” e como foi alcançando índices cada vez mais altos de audiência, agora Idelber organiza o seu cotidiano como blogueiro. Esse post é informado de ponta a ponta pela vivência fragmentada e múltipla do hipertexto, remontando aos sites *link-driven* que se apresentavam como diários de navegação na Web e aos quais se atribui, pelo menos em parte, a origem dos blogs. O mais importante, no entanto, é que ele coloca essa vivência numa forma coerente e, como performance, realiza e concretiza uma experiência passando algo que se *reconhece* da virtualidade para a atualidade (Hymes, 1975 *apud* Hartmann, 2004, p. 246). Neste processo, o blogueiro volta a construir sua rede de relações sociais, trazendo velhos e novos personagens e recompondo, assim, uma genealogia que o liga aos “pioneiros” e aos contemporâneos, aos “überblogueiros” e aos blogueiros iniciantes, àqueles responsáveis pela sua popularidade na “blogosfera” e àqueles que podem ser popularizados a partir da sua referência. Portanto, se a idéia de um “suruba de blogs” sugere inicialmente uma mistura, a análise atenta da ordem seqüencial em que blogs e posts são citados sugere outra interpretação.

Em termos gerais, o post se inicia parabenizando blogueiras que freqüentemente são citadas como “übers” e como “pioneiras”, segue com as recomendações de Idelber e é finalizado com uma referência ao convite recebido do principal “pioneiro” e “melhor blogueiro do mundo”, o Nemo Nox. Refinando-se a análise, a sessão inicial aponta uma

reconstrução temporal da “história da blogosfera brasileira” na referência aos três blogueiros que surgiram entre os anos de 2001 e 2003. Cora Rónai e Meg Guimarães, respectivamente com seus blogs *InternETC* e *SubRosa*, são habitualmente reverenciadas como estando entre as primeiras e mais conhecidas blogueiras da “blogosfera brasileira”. A primeira – jornalista e colunista do jornal O Globo na área de tecnologia –, porque ostenta uma das maiores e mais participativas audiências e o número de visitas comemorado por Idelber atesta, de certo modo, sua popularidade. A segunda, porque é freqüentemente colocada entre aqueles que melhor representam a “blogosfera brasileira” e, como já foi discutido anteriormente, acabam sendo elevadas à posição de “pioneiros”. Num post publicado no *InternETC* em celebração aos dois anos do *SubRosa*, a própria Cora Rónai se referiu à Meg Guimarães como sendo a “fada-madrinha da blogosfera BR”, como aquela que “está sempre atenta a todos os blogs”, comenta aqui e ali, apresenta um ao outro, avisa aniversários e datas especiais, dá uns toques”<sup>134</sup>. O *Bereteando*, do Tiagón, aparece como um blog que antecede mais diretamente o “*Biscoito*”, quase como um contemporâneo com o qual o blogueiro se relaciona desde sua iniciação nos termos de uma amizade. Assim interpretada, a primeira sessão deste post recoloca o blog numa espécie de rede genealógica e novamente, através de outros personagens, constrói o contexto relacional no qual ele se insere e se constitui.

O caráter processual e contínuo da constituição do blogueiro pode ser percebido na expressão do caráter igualmente processual e contínuo do elo com a “história”, com a gênese da “blogosfera brasileira”. Nesse sentido, Idelber compartilha seu encontro com o termo “linkania” como quem está, de certo modo, sendo constantemente iniciado pela descoberta de novos elementos e personagens que o colocam diante dos “primórdios” desse universo. Ao mesmo tempo, outros personagens ligados a esta iniciação e já conhecidos por aqueles que acompanham o blog também são lembrados, como o blog *Catarro Verde*, novamente citado pela sua veia política, e, ao final do post, o blogueiro *Nemo Nox*, agora saudado pelo quarto aniversário da revista eletrônica por cuja edição ele é responsável.

Portanto, pode-se dizer que o blogueiro dá forma à experiência cotidiana do “blogging” sem abandonar a posição que ele vem construindo e conquistando no âmbito de um contexto social específico. Suas recomendações são dispostas de modo a tecer, do início ao final do post, a sua *linhagem*, pelas referências àqueles blogueiros que o situam numa linha

---

<sup>134</sup> O post levava o título de *Dois anos de SubRosa* e foi publicado em 20/09/2003 em <http://www.cora.blogspot.com>.

de descendência cuja duração vai além da sua existência como blogueiro. E mostrando que também está atento a todos os blogs, que também apresenta um ao outro, que também avisa os aniversários e datas especiais, etc., o blogueiro se coloca, com este post, como mais um entre os “bons” representantes da “blogosfera brasileira”. Atentando para sua organização temática veremos, ainda, que o post atualiza o blog na sua definição primordial: como “um weblog de política, música, futebol e literatura”. Dessa forma, Idelber oferece o seu *biscoito fino à massa* construindo contextualmente sua credibilidade para, então, recomendar um “excelente blog político”, um “belíssimo blog literário-filosófico”, “mais um belo blog sobre música” e assim por diante. Uma credibilidade reafirmada na interação com os leitores, também blogueiros, que se expressam nos comentários a respeito dos links mostrando que aceitaram o convite para o *surfing* concretizado logo no início do post.

Grande suruba! é link prá ninguém colocar defeito. Alguns deles já visito. Dos outros, vou virar freguês. Bom dia!

Cláudio Costa em junho 28, 2005 09:39 AM

---

Idelber, blog bom é assim. Abrange vários assuntos agradáveis. Beijocas

Yvonne em junho 28, 2005 12:22 PM

---

Belas horas navegando em seus links...

Fernando Henrique em junho 28, 2005 04:48 PM

---

Sempre pego otimas dicas quando visito seu site! Cada clique abre as portas de tantos temas diferentes, tantos mundos diferentes... Confesso que me da ate preguica de sair por ai pesquisando por blogs, venho aqui e ja estou com informacao suficiente para o resto do mes... :). Parabens!:)

Luciana em junho 28, 2005 07:11 PM

---

Tô indo...tomará que não fique perdida por aí. Boa semana!

Luma em junho 28, 2005 07:58 PM

---

As dicas aqui são sempre ótimas então vou viajar pelos links e volto daqui a 3 dias...

Viva em junho 29, 2005 01:25 AM

---

Você sempre nos indicando o que há de melhor na blogosfera. Alguns eu já conheço, outros vou conhecer agora. Um beijo e um cheiro.

Alcinéa Cavalcante em junho 29, 2005 04:44 AM

---

Idelber: estou sem palavras pra explicar o que esse post me causou... digamos que foi uma escancarada de porta prum mundo novo de muita inteligência, cultura e informação. Vc não faz idéia do impacto. Grandicíssimo abraço!

sidnei em junho 29, 2005 07:01 PM

---

Muito bom!!!!!!

Estou adorando passear pelos links! Beijocas, Beth

Beth Lucchesi em junho 30, 2005 12:40 AM

---

**Comentários do post “Suruba de Blogs”, O biscoito fino e a massa, 28 a 30/06/2005.**

Ou seja, se por um lado Idelber sugere sua credibilidade colocando-se entre os “bons” e “conhecidos” para recomendar novos blogs, por outro lado, reagindo ao apelo

contido no post, os leitores afirmam essa credibilidade numa atitude avaliativa da performance do blogueiro. Essa avaliação positiva aponta, por sua vez, para os modos de fala e os interesses compartilhados no âmbito da rede de relações mobilizada no post. Dessa forma, a excelência do blogueiro é continuamente negociada, a cada post, a cada comentário, como parte de um processo permanente de construção do contexto relacional no qual se insere seu blog. Também participam deste processo os blogueiros recomendados no post, que agradecem o reconhecimento e, assim, reconhecem a importância de uma recomendação no “*Biscoito*”. Esse foi o caso de Cynthia Semíramis, de cujo blog o novo *layout* foi anunciado por Idelber; de Iraldo, do *Escrúpulos Precários*, considerado pelo blogueiro como “o melhor fotolog do Brasil”; e do blogueiro responsável pelo blog *Ecletismo Musical*. Finalmente, cabe destacar a presença de Meg Guimarães que atua especificamente na reconstituição da tal “história da blogosfera brasileira”. Saudando o blogueiro pela sua referência ao termo “linkania”, Meg desenvolve uma reflexão acerca de aspectos que, segundo ela, são definidores dos blogs e da prática do “blogging”. Para ela, a referência à “linkania” é o que há de mais importante no post de Idelber por se tratar de uma prática essencial e constitutiva dos blogs:

Só existe mesmo um blog, o que se pode chamar de blog, se houver a prática generosa e sábia da linkania, e de todos que viveram/blogaram nessa época, devemos muito não só ao Marcelo, mas também ao Hernani Dimantas, do Marketing Hacker e do Mercado Hype.

A concepção da “linkania”, termo cunhado por Marcelo Estraviz (2002), apresenta-se como um dos principais elos de ligação entre o universo dos blogs e aqueles princípios fundadores da “ética hacker”, baseando-se na substituição do princípio da “obrigação” e da “restrição” contido na idéia de *copyright* pela “generosidade” e “liberdade” que define a prática do *copyleft*, do “deixar copiar”. Assim, o valor atribuído aos links é o da “gentileza”, de algo que se oferece mediante a apropriação de uma dica, de uma idéia, etc. Na continuidade deste capítulo, veremos como esse valor permeia a prática do “blogging”, permitindo pensarmos a dinâmica de manutenção dos vínculos sociais nesse universo nos termos da *reciprocidade*. Por agora, importa mostrar que, no âmbito da reflexividade e da experiência invocada pela performance, Meg oferece a sua perspectiva sobre a gênese da “blogosfera brasileira”, acrescentando novos elementos e personagens à narrativa de Idelber, mas também apontando para o caráter contextual da definição dos “pioneiros”. Nesse sentido, ela rejeita o título de “pioneira” para reverenciar especificamente aqueles que foram **seus**

antecessores, que lhe “deram régua e compasso” na **sua** iniciação, colocando-os nos mesmos termos de uma linhagem.

Meus \*blogs fathers and mother\* são, entre outros, o The Chatterbox, da Fer Guimaraes Rosa, que me ajudou em tudo; o Nemo Nox que me ensinou bastante do que eu sei, desde as primeiras letras do meu primeiro post, sempre gentil e sempre generoso em nos dar apoio, e obviamente, o InternETC da Cora que foi sempre a primeira a RTFM<sup>135</sup> para todos nós; a “gang do Hernani” de que fazia parte Ana Maria Gonçalves, escritora e dona do blog Udigrudi, e mais o Mário AV e o Zamorim. Foram esses que me deram régua e compasso e se alguém se propuser a uma desconstrução do movimento blogger, como vc bem sabe, necessariamente terá que (re)/(vol)/ver essas \*escrituras\* e essas \*traduções\*;-)

---

**Comentário de Meg Guimarães no post “Suruba de Blogs”, O biscoito fino e a massa, 29/06/2006.**

Ao mesmo tempo em que remonta à sua ascendência, referindo-se àqueles que a iniciaram direta e particularmente na prática do “blogging”, ela universaliza esses mesmos personagens definindo-os como iniciadores de toda uma geração de blogueiros, que compartilharam um *saber-fazer*, seus procedimentos e táticas próprias (Certeau, 1994, p. 143; 152). Assim universalizados, esses personagens têm o potencial de ligar os blogueiros que os consideram como iniciadores, como inspiradores, como “pioneiros” às dimensões mais globais do universo dos blogs. Compartilhar uma “história”, uma ascendência, aparece aqui como a forma por excelência de pertencer a um mesmo universo, a uma mesma “blogosfera”. Isso explica o modo pelo qual o comentário de Meg é recebido por Idelber. Reafirmando o pioneirismo da blogueira e colocando-a como “madrinha” e “inspiradora” do seu blog, Idelber diz em sua resposta: “Obrigado pelo relato, ele me ajuda a tecer essa história que quero tecer”. O comentário soma-se, assim, ao post, numa intertextualidade que refaz um *contexto*.

Na verdade, isso se estende para todas as participações mobilizadas no post. O fato é que o “suruba de blogs” foi organizado de modo engajar todo tipo de participante – dos que chegam e/ou comentam pela primeira vez aos “amigos” e “inspiradores” do blog –, num evento performático que, mais uma vez, tem o potencial de rearranjar a estrutura das relações sociais, seja pela reflexão, pela interação ou pela experimentação do hipertexto. Uma vez

---

<sup>135</sup> RTFM é o acrônimo da instrução *Read The Fine Manual* ou, pejorativamente, *Read The Fucking Manual*. Na Internet, ele aparece como uma gíria que marca uma assimetria na relação entre iniciantes e iniciados no uso de um serviço ou num determinado espaço social. Costuma ser dada em resposta a questões que, da parte de quem é perguntado, são consideradas óbvias ou facilmente respondidas pela leitura de um “manual” ou de um “FAQ” (*Frequently Asked Questions*). Em suma, é uma forma de chamar atenção para o reconhecimento das regras básicas de “etiqueta” que norteiam a participação e definem a pertença a um determinado grupo social. No comentário acima o uso da gíria aponta para o compartilhamento de um *saber-fazer*, responsável pela iniciação de uma geração de blogueiros na qual a própria Meg se inclui.

realizada no blog, a experiência singular do blogueiro se transforma na experiência singular de cada um daqueles que participam do evento e que têm a possibilidade de se aventurar por novos caminhos ou revisitar caminhos já conhecidos, de construir novos laços sociais ou atualizar vínculos já existentes. Por outro lado, na medida em que promove essas experiências, demonstrando saber controlar a audiência, o blogueiro emerge numa posição diferenciada, como o centro de uma rede de relações sociais, como uma referência nos campos da política, música, futebol e literatura. Dessa forma, a expressão da experiência cotidiana do “blogging” desencadeia a atualização e, porque não, a ampliação do contexto social do qual participa e no qual se constitui o blogueiro. Um contexto permanentemente construído na interação, a cada post, onde velhos e novos participantes se engajam na negociação dos modos de fala, dos interesses e dos laços sociais que definem o blog e a rede sociais que nele se inscreve.

Finalmente, ao lado da associação do “blogging” às demais práticas cotidianas – que coloca as experiências continuamente na perspectiva de serem contadas – e da sua expressão como uma experiência cotidiana específica e também passível de ser contada, há uma terceira instância em que a cotidianidade do “blogging” se manifesta: quando ele se transforma numa experiência “off-line”, isto é, em algo para ser vivido também no face a face, na forma de “encontros de blogueiros”. Das observações realizadas no trabalho de campo, destacam-se três conjuntos de iniciativas que, em situações e contextos distintos, voltaram-se à realização desses encontros.

Centralizando um primeiro conjunto de iniciativas está o próprio Idelber que, na iminência de retornar ao Brasil, propôs uma série de “encontros de blogueiros” em Belo Horizonte, onde esteve sediado durante sua estada no país, e em São Paulo e Rio de Janeiro, onde esteve em função de compromissos de trabalho. Destacam-se, nesse sentido, três encontros realizados a partir de março de 2005: um em Belo Horizonte, seguido da participação do blogueiro em uma mesa redonda sobre blogs e literatura durante o 6º Salão do Livro; outro em São Paulo, por ocasião da sua participação num congresso na cidade de Araraquara; e outro no Rio de Janeiro, por ocasião de uma palestra que proferiu na Escola de Música da UFRJ. Num segundo conjunto está Denise Arcoverde, do blog *Síndrome de Estocolmo*, que costuma organizar “encontros de blogueiras e simpatizantes” (considerando que sua audiência é predominantemente feminina) tanto nas proximidades de Washington DC, onde mora, quanto em Estocolmo e em Recife, sempre que vai à Suécia ou vem ao Brasil. Partindo da sua iniciativa foram realizados, entre janeiro de 2004 e dezembro de 2005,

um encontro em Washington, três em Estocolmo e cinco em Recife. Finalmente, centralizando um terceiro conjunto de iniciativas está Gean, do blog *Meu Cantinho*, que propôs o “encontro de blogueiros e simpatizantes de Toronto”, realizado em março de 2005 e novamente em março de 2006.

Analisando-se a forma pela qual esses encontros se organizam nos e pelos blogs, é possível dizer que eles se realizam num processo que envolve o cotidiano do “blogging”, a apresentação dos blogueiros e a mobilização das redes de relações sociais num duplo movimento. Na direção do face a face, a “blogosfera” se estende e se realiza em outras esferas, extrapolando o universo dos blogs e envolvendo outras modalidades de “comunicação mediada por computador”, acionadas principalmente para a negociação de detalhes como o dia, a hora e o local do encontro. No caminho contrário, o que se concretiza fora do blog, até o face a face, tende a ser expresso nos blogs em termos de uma narratividade. Da proposição à narração de um encontro, tudo perpassa os blogs em performances que disparam a competência comunicativa dos blogueiros para uma dupla tarefa: de um lado, a de motivar a participação dos leitores – blogueiros e não blogueiros (os chamados “simpatizantes”) – no encontro face a face; e, do outro lado, a de transformar a narração desses encontros em eventos interativos que prendam a audiência ao blog, provocando a participação até mesmo daqueles que não se fazem presentes no face a face.

Nesse sentido, os blogs estão antes e para além do face a face, de modo que os “encontros de blogueiros” revertem como mais uma experiência para ser contada, envolvendo a apresentação dos blogueiros e a atualização das suas redes de relações sociais. É o que se pode compreender da análise deste post de Idelber, onde ele conta sobre o “encontro de blogueiros” realizado em São Paulo em meados de 2005.

Na Vila Madalena

Há muito tempo eu não tomava tanta **cachaça com chopp** em tal obliúo da necessidade de ingerir uma **agüinha** de vez em quando.

Depois da reunião de blogueiros no sábado o **tylenol** reinou incontestemente no domingo. Nada que uma coca-cola, um almoço e uma rebatida na própria Vila Madalena não curassem.

Todo mundo era ainda mais **divertido** que o esperado. Calculo que umas 25 a 30 pessoas tenham aparecido, quase todos blogueiros.

Com o blogueiro pioneiro e meu ídolo **Alexandre Inagaki** falei de filmes, de livros, de spam, de comentários, de blogs.

Com o escritor **Luiz Biajoni** fala-se sempre de Sexo Anal<sup>136</sup>, mas também falamos de imprensa, de rock, de pingas.

---

<sup>136</sup> Referência ao romance escrito pelo blogueiro Luis Biajoni, intitulado *Sexo Anal*.

Com a genial blogueira e minha ídola **Bibi** falei de guglagem, de internet, de cinema. Com o co-organizador do encontro **Marcos Donizetti** papeei sobre certas péssimas bandas mineiras e o Tricolor na Libertadores.

Com o simpático e sorridente **Homem Baile** (e esposa) falei de BH e da volta do casal às Alterosas para a próxima visita.

Com o **Marmota** falei de perder-me em São Paulo e por onde começar; também falei de futebol e de um dia visitar a Rua Javari. **Marmota** ainda não comeu o tropeiro do Mineirão.

Momento **especial** da noite: conhecer **Alê Felix** (e maridón) e falar de propriedade intelectual, da experiência de seu blog, de outros casos juridicamente interessantes na blogosfera brasileira.

No meio da noite, esbaforido, chega da rodoviária, vindo do Rio, **Alex Castro**, a tempo de reclamar da hora em que os bares fecham em São Paulo.

Com a **Roberta Febran**, papos divertidos e deliciosas fofocas.

Foi também especial conhecer a **Patrícia** e a **Ana**, com quem papeei sobre psicanálise e otras cositas más.

E eis que de repente aparece o **Iraldo**, pronto para fazer as mais alucinantes fotos.

E todos pensávamos que o namorado de Bibi era o **André Kenji**, até que o verdadeiro **Kenji** apareceu, contando histórias da imprensa americana que só ele sabe mesmo.

Com o João do **Nababu** também falei de coisas internéticas já num grau bem alto de caos etílico.

O **Gravataí Merengue** também apareceu, mas as mesas começaram a formar estranhas letras como S ou Z, e não consegui papear com ele.

E muita gente mais, blogueiros e não blogueiros, pintou por lá.

A brincadeira, no melhor estilo paulistano, amanheceu na padaria.

PS: Meu muito obrigado a Paulo Fontes, historiador do trabalho - um dos mais importantes especialistas no tema no Brasil - pela hospedagem generosa na Vila Romana. A partir desta segunda, começo a participar do congresso sobre **Jacques Derrida** em **Araraquara**. Tentarei dar notícias de lá.

Escrito por Idelber às 03:22 | [link para este post](#) | [Comentários \(20\)](#)

---

**Idelber Avelar, O biscoito fino e a massa, 20/06/2005**

É significativa a aproximação deste post com aquele anteriormente analisado, o *Suruba de Blogs*, de modo que ele contém implicitamente o mesmo apelo inicial que antes foi concretizado: o convite para o “surfing”. Analisando a estrutura desta hipernarrativa, alguns aspectos evidenciam o papel do encontro face a face na constituição do blog e do contexto social onde ele está inserido. Destaca-se, primeiramente, a ordenação das referências aos participantes do encontro, que aponta uma priorização das relações já construídas nos blogs e, sobretudo, remonta a ordem de importância de cada blogueiro no âmbito do contexto relacional que constitui o blog. Mais uma vez, são os “pioneiros” e “ídolos” os primeiros a serem citados e reverenciados e, na seqüência das referências, as adjetivações parecem colocar cada um no seu devido lugar na rede de relações sociais do blogueiros: dos já “conhecidos” àqueles que o encontro possibilitou “conhecer”, daqueles com os quais se conversou àquele com quem não se pôde conversar.

A forma pela qual o encontro foi reconstituído nesse post permite dizer que ele representa, na verdade, uma continuidade, um novo espaço onde antigos conhecidos se encontram e onde é possível ser apresentado a pessoas de quem “já se ouviu falar”. Trata-se, portanto, de uma oportunidade de se construir novas afinidades, mas também de retomar os interesses compartilhados que *linkam* os blogueiros uns aos outros. Nesse sentido, ao resgatar os assuntos que permearam suas conversas com os blogueiros, Idelber mostra que falou sobre música, futebol e literatura – temas constitutivos do seu *O biscoito fino e a massa* –, mas também falou sobre aqueles temas que definem o “perfil” de cada um dos blogueiros citados. Há, no entanto, um outro tema parece ter dominado o encontro, fazendo-se presente em grande parte das conversas: os blogs e, de um modo mais geral, a Internet. Agora são as experiências vividas na “blogosfera” que encontram no face a face um reduto de expressão.

Contudo, no momento em que o face a face se desfaz, é nos blogs que essas experiências continuam sendo engendradas e é também nos blogs que as relações sociais se mantêm. No que se refere à forma como os blogueiros se apresentam nesses encontros, isso aponta para a importância em se manter coerente, nos termos de Goffman (1995), com as definições projetadas nos blogs, nos contextos sociais dos quais eles participam. Tal coerência é fundamental tanto para que o encontro se realize nos termos de uma continuidade, como para que as relações se restabeleçam no cotidiano dos blogs, revitalizadas pela vivência do face a face. Portanto, como extensões efêmeras, transitórias e circunstanciais dos laços sociais estabelecidos e mantidos cotidianamente nos blogs, esses “encontros de blogueiros” são marcados pela *sociabilidade*, que atua com forças éticas sobre eventuais rupturas ou conflito aberto de definições, transferindo a seriedade das tensões para o jogo simbólico e lúdico da *reunião sociável* (Goffman, 1995, p. 18; Simmel, 1983, p. 178).

É como uma reunião sociável, voltada para o divertimento, que os “encontros de blogueiros” são reconstituídos nos blogs. O post de Idelber é, nesse sentido, emblemático da forma como esses encontros se expressam nos blogs. Além da estrutura hipertextual, a linguagem visual costuma estar significativamente presente na expressão dessas experiências face a face. Dessa forma, na performance das expressões, as experiências face a face são revividas, remodeladas e ressignificadas nos blogs, pelo engajamento da audiência. Para aqueles que participam dos encontros, posts como esse são uma oportunidade de continuar o “papo”, rememorando situações, trocando impressões e, sobretudo, expressando a expectativa por novos encontros. Essa mesma expectativa é criada naqueles que não participaram, mas que interagem a partir das sensações que o post provoca. “Maravilha!”. “Deu pra sentir a

animação...”. “Parece que foi divertidíssimo...”. “Pena não ter ido”. “Pareceu-me bem animado...”. Estas são algumas das reações expressas nos comentários, quase sempre sucedidas da proposição de outros encontros, em outras cidades, que contemplem aqueles que não puderam estar em São Paulo. O hipertexto, por sua vez, amplia essa dimensão interativa na medida em que remete para outras expressões, considerando-se que os outros que participaram do mesmo encontro também estão, em seus blogs, postando as suas impressões e avaliações.

Enfim, na relação que a experiência face a face estabelece com o cotidiano dos blogs cria-se um *lugar simbólico* para a realização das práticas sociais específicas com as quais as identidades desses sujeitos blogueiros estão ligadas (Hall, 2002). Um lugar onde as “artes de dizer” ligam-se às “artes de fazer” por cumplicidades e homologias de procedimentos, permitindo que as mesmas práticas se reproduzam ora no campo verbal, ora no campo gestual, fazendo trocas entre si e alternando “das astúcias da história vivida às astúcias das histórias narradas” (Certeau, 1994, p. 153). Considerando-se, contudo, que é no “blogging” que os eventos face a face emergem, mais importante que os “encontros de blogueiros” em si é a possibilidade de narrá-los, de recriá-los nos blogs invocando a participação de toda a audiência. Desta relação entre a experiência e a sua expressão emerge, portanto, o processo relacional de constituição dos blogueiros. De um lado, a efemeridade dos encontros faz deles eventos *liminares*, onde o cotidiano e a estrutura das relações sociais são suspensos para que se viva o *happening*, a *reunião sociável*, a *interação entre iguais* (Turner, 1969; Simmel, 1983). Do outro lado, a narrativização desses encontros nos blogs cumpre o importante papel de restabelecer a estrutura das relações sociais, revitalizadas na vivência face a face. Alguns voltam refeitos nos seus papéis – o “pioneiro”, o “ídolo”, o “amigo” –, outros são iniciados na rede; antigos interesses compartilhados são reafirmados, novas afinidades são assinaladas e o cotidiano das interações é retomado.

### 3. Trocando visitas, comentários e links: a performance da reciprocidade no universo dos blogs

*No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (Mauss, 1974b, p. 71)*

Nos blogs tudo opera na direção da manutenção dos laços, da construção de alianças, numa renovação contínua da vida social. Da configuração do “template” à elaboração dos posts, tudo se apresenta como performance, como um modo de comunicação que constrói contextos sociais, redes de relações sociais. Cada imagem, cada ícone, cada sessão, cada narrativa que compõe um blog aparece como uma declaração pessoal – **quem sou eu, o que faço, do que gosto, com quem ando...** – e, ao mesmo tempo, como um convite para que o outro partilhe desse **ser**, desse **fazer**, desse **gostar** e participe, assim, de uma esfera relacional, da “blogosfera” à qual se integra o blog.

Contudo, no mesmo ponto em que se é convidado a participar de um contexto local, também se é convidado à dispersão, pois no blog reina incontestemente o hipertexto, o link que conduz aos pontos mais distantes da rede que, por sua vez, aponta outros pontos, outras “blogosferas”. De certa forma, isso coloca a experiência do “blogging” no âmbito de uma tensão permanente entre a *fragmentação individual* e a *totalização social* (Velho, 1987; 1994). Pensado como uma dimensão das sociedades complexas, a dinâmica do universo dos blogs e, no limite, do próprio “ciberespaço”, constitui-se pela coexistência de diferentes ‘mundos’ entre os quais os indivíduos transitam de formas mais ou menos contraditórias e conflituosas. Ou seja, imersos num universo heterogêneo e caracterizado por extrema mobilidade, blogueiros e internautas em geral movem-se constantemente entre múltiplos interesses e propósitos e operam como ponto de interseção entre diferentes contextos locais, entre distintas *províncias de significados*.

A construção e manutenção das redes de relações sociais dependem, por sua vez, de um processo permanente de *negociação da realidade*, principalmente se considerarmos que essas redes se transformam o tempo todo pela entrada e saída de participantes. Este processo reconhece as diferenças, as identidades particularizadas que integram essas redes, e apontam para a construção de pequenas unidades sociais construídas na gramaticalidade da interação e

recriadas a cada visita, a cada comentário, a cada experiência colocada em forma compartilhável. Como coloca Velho (1994, p. 22),

O fenômeno da *negociação da realidade*, que nem sempre se dá como processo consciente, viabiliza-se através da linguagem no seu sentido mais amplo, solidária, produzida e produtora da *rede de significados*, de que fala Geertz. Em outras palavras, a cultura, nos termos de Schutz, enquanto comunicação, não exclui as diferenças mas, pelo contrário, vive delas.

Nos blogs, esse processo remete a uma instituição fundamental: trata-se da **presença** do blogueiro **na** “blogosfera”. Na performance cotidiana do “blogging”, essa presença se instaura na atualização de um blog e, também, pela circulação do blogueiro na esfera das suas relações sociais ou, mais amplamente, da sua audiência. Isso transforma os blogueiros simultaneamente em **anfitriões** e **visitantes**, que devem estar sempre prontos e dispostos a *receber* seus convidados e a *retribuir* as visitas que recebem. Instituem-se, assim, práticas de reciprocidade traduzidas na troca de **cortesias** e **gentilezas** que envolvem os três elementos essenciais do “blogging”: as visitas, os comentários e os links.

O grau de adesão e de comprometimento nos contextos sociais – nas “blogosferas” – está, portanto, diretamente relacionado à participação em circuitos de trocas de visitas, comentários e links que ligam blogueiros em redes locais, estelares, e permitem situar a experiência cotidiana do “blogging” no âmbito da reciprocidade como *troca-dádiva*, nos termos de Mauss (1974b). A compreensão dessa dimensão da dinâmica social dos blogs é possível a partir da análise de uma série de códigos e estratégias comunicativas específicas mobilizadas na performance dos blogueiros. São códigos e estratégias que invocam a participação da audiência – toda ela – nas trocas, realçando as relações sociais em detrimento de conteúdos e propósitos objetivos e colocando a dinâmica social estabelecida nos blogs no seio das tensões constitutivas da *dádiva*, que se realiza entre a liberdade e a obrigação, a espontaneidade e o interesse, a gratuidade e a expectativa do retorno.

#### *Entre anfitriões e visitantes: relações de hospitalidade nos blogs*

Como vem sendo correntemente pontuado nesta tese, os blogs são mais que lidos, eles são visitados. A visita é algo a mais que a mera leitura; ela institui a **presença** concreta e pessoal do outro, que reage ao apelo contido na performance do blogueiro e se engaja, participa, comentando e/ou navegando pelo blog, nos links dispostos nos arquivos, sessões especiais, nos posts. Por isso, todo aquele que chega ao blog é um visitante em potencial e,

nesse sentido, cabe rever o tratamento dado pelos serviços de estatísticas aos acessos de um determinado blog. Contabilizados em termos de “visitas únicas”, tais acessos são personificados, singularizados no detalhamento: onde se encontram, quais caminhos percorreram até chegarem ao blog, por quanto tempo permaneceram no blog, por onde andaram no blog (quais os “permalinks” acessados), etc. Assim, as estatísticas apontam um caminho para que um blogueiro alcance seus leitores e refaça, pessoalmente, o convite para retornarem ao blog. E quanto mais visitantes, melhor! Os números são sempre comemorados: das mil visitas num único dia ao um milhão de visitas ao todo, criam-se inúmeros marcos para serem celebrados e, ao mesmo tempo, ostentados e exibidos.

Quem quer visitantes precisa, porém, manter a casa de portas abertas e se fazer presente para receber. Essa hospitalidade remete, novamente, para o imperativo da atualização de um blog. Antes se dizia que um blog não atualizado está fadado ao esquecimento, o que faz do “blogging” uma prática que coloca as experiências cotidianas constantemente na perspectiva de serem contadas e, também, uma experiência passível de ser contada, incluindo a narrativização das vivências face a face quando estas ocorrem. Agora, é possível se dizer ainda que um blog não atualizado é como uma casa aberta a visitas, mas sem o seu anfitrião. Pois, a presença de um blogueiro na “blogosfera” se atualiza, em primeira instância, pela sua atividade no seu blog, colocando suas experiências em circulação.

Como acompanhar essa constante atualização? O “blogroll” cumpre em parte essa função, criando um atalho permanente para aqueles que um blogueiro costuma visitar freqüentemente. Entretanto, diante da intensidade característica do “blogging”, pois há sempre muitos a serem visitados, muitos posts a serem comentados, muitos comentários a serem respondidos e assim por diante, o risco de se chegar a um blog e não encontrar nada de “novo” parece algo realmente indesejável. E isto não vale apenas para os blogs. A instantaneidade que domina a produção de informações nos portais e sites de notícias também está implicada nesse apelo pelo atual, pelo “novo”, para o qual a notícia de ontem ou de poucas horas atrás pode ser considerada ultrapassada, “notícia velha”. Em favor da expressão da atividade da atualização se desenvolveram, portanto, ferramentas específicas que informam os visitantes habituais de um blog e os freqüentadores dos portais e sites de notícias sobre cada nova postagem, sem que seja preciso acessar os endereços diretamente ou através de um link. Mais do que isso, tais ferramentas têm a capacidade de “agregar” num único espaço o conteúdo atualizado de todos os sites que alguém costuma acompanhar. Isto é possível pela

subscrição dos “feeds” de blogs e demais sites de notícias nas chamadas “ferramentas de agregação de conteúdo”, ou “feedreaders”. O que tudo isto quer dizer?

Resumidamente, um “feed” é uma versão parcial do texto de programação de um site periodicamente atualizado, como os blogs e portais ou sites noticiosos, e possui uma URL própria associada à URL do blog ou site. É elaborado numa linguagem técnica derivada do HTML, criada para contornar algumas limitações desta última na tarefa de “descrever” os dados que compõem um site para um *browser*, o programa com o qual navegamos pela Internet. Essa linguagem foi denominada de XML, um acrônimo de *eXtensible Markup Language*, por se tratar de um padrão de linguagem que “estende” o HTML, *HiperText Markup Language*, pela ação do programador<sup>137</sup>. Ou seja, é um padrão que flexibiliza o processo de construção de um site, pois possibilita ao programador criar os códigos – as *tags* – necessários para compô-lo: cores, disposição dos conteúdos, aparência dos links, apresentação dos textos (fontes, alinhamento, etc.), padrões de atualização, e assim por diante. Um “feed”, por sua vez, é um documento elaborado em XML que contém apenas o conteúdo estrutural relativo às últimas atualizações de um site, sendo que o número de atualizações é determinado pelo próprio programador. Associado ao texto integral de um site, àquilo que pode ser compreendido como o seu “código-fonte”, o “feed” é realimentado a cada nova atualização, podendo ser decodificado por uma ferramenta de “agregação de conteúdo”, que exhibe o conteúdo das atualizações sem menção à forma como elas se apresentam na sua fonte original, sites ou blog. Isto é, não há cores, não há diferenciação de fontes, ou qualquer outro elemento distintivo; há somente textos moldados ao padrão instituído pela ferramenta, pelo “feedreader” (o “leitor de feeds”).

Este último está disponível na Internet na forma de um site, mais ou menos nos mesmos moldes que as ferramentas de publicação de blogs, tal como descritas no capítulo 2. Uma vez inscrito na ferramenta, pela definição de um “nome de usuário” (*login*) e “senha”, o “usuário” está autorizado a registrar na sua conta quantos “feeds” desejar, pela subscrição da URL desses documentos num espaço especificamente destinado para esta ação. Por exemplo: a URL do blog *O biscoito fino e a massa* é [www.idelberavelar.com](http://www.idelberavelar.com) e o “feed” deste blog é, conseqüentemente, [www.idelberavelar.com/index.xml](http://www.idelberavelar.com/index.xml)<sup>138</sup>. Uma vez subscritos na conta, os “feeds”

---

<sup>137</sup> Fonte: Galvez, Jonas. <http://jonasgalvez.com.br/blog/2004-05/syndication-rss-atom>, 14/05/2005.

<sup>138</sup> Nesse exemplo, é clara a associação entre a URL (o endereço) do blog e a URL do “feed” como um documento XML. Em outras palavras, o “feed” desse blog foi criado no próprio “domínio” do blog. No entanto,

são exibidos pelo “feedreader” tal como demonstra a imagem abaixo, que representa a conta criada no *Bloglines* (uma das “ferramentas de agregação” mais utilizadas e conhecidas no universo dos blogs) para agregar o conteúdo atualizado dos blogs acompanhados no decorrer da pesquisa.

The screenshot shows the Bloglines website interface. On the left, there is a sidebar titled "Lista de subscrições: 'feeds'" containing a list of subscribed blogs with their update counts in parentheses. The main content area displays a feed of posts from the "awake" blog, including titles like "Sai Bloqger", "Sim, eu quero mudar o mundo", and "Devia ser sempre assim". Red arrows point to specific elements: the user's name "elisamaximo", the subscriber count "1 subscriber", the blog title "awake", and individual post titles. A vertical label on the right side of the feed area reads "Atualizações: posts".

A lista de blogs cujos “feeds” foram subscritos está disposta à esquerda da tela que destaca, em negrito, aqueles blogs que continham atualizações não lidas no momento da captura da imagem. O número contido entre os parênteses indica quantas são essas atualizações. Quando um desses itens destacados é acionado pelo usuário, as últimas atualizações são exibidas à direita da tela numa ordem que inclui o “nome do blog”, o título de cada post, o texto do post, o link para a “caixa de comentários” e, finalmente, as indicações da data e hora em que o post foi originalmente publicado. O título de cada post exibido está associado ao seu “permalink” no blog, o que possibilita o trânsito entre os “feeds” e os blogs

essa não é a única forma de criar um "feed" para um blog ou qualquer outro site. Atualmente, existem serviços na Internet desenvolvidos principalmente para a criação automática de "feeds", bastando que o responsável por um blog, por exemplo, acesse o serviço e digite a sua URL num espaço específico para que o conteúdo estrutural da página principal do blog seja capturado e o "feed" seja gerado. Assim sendo, a URL desses "feeds" contém a indicação dos serviços que os gerou. Além disso, algumas ferramentas de publicação de blog dispõem de recursos para a criação automática de "feeds" que apresentam, em seus endereços, as mesmas indicações presentes nos endereços dos blogs criados nestas ferramentas. Fonte: Viva o Linux. <http://www.vivaolinux.com.br/verArtigo.php?codiqo=1801&pagina=3>, 29/11/2004.

aos quais eles correspondem, seja para a realização de comentários ou para a navegação pelos arquivos, sessões temáticas e demais instâncias que compõem um blog.

Tais ferramentas ainda permitem aos seus usuários que cada post exibido seja encaminhado por e-mail a qualquer pessoa, colecionado numa sessão de “clippings” para uso futuro e/ou mantido como “não-lido”, para ser acessado em outro momento. Após exibidos, os “feeds” são zerados pela ferramenta e só serão novamente colocados em destaque quando houver outras atualizações nos blogs.

Diante desses recursos e características, a prática da “agregação de conteúdo” ficou conhecida especialmente no universo dos blogs por “sindicalização”. Sindicar um blog, através da subscrição do seu “feed”, é uma forma de divulgá-lo, de distribuir seu conteúdo mais relevante: o conteúdo inédito. Nesse sentido, uma conta num “feedreader” é como uma vitrine para os blogs nela subscritos através de seus “feeds”. Isto porque o usuário dessa ferramenta pode tornar uma parte ou a íntegra da sua conta pública, de modo que a subscrição do “feed” possa ser entendida como mais um endosso, uma anuência, uma recomendação do blog. Um entendimento que pode ser reforçado diante do número de subscritores de um “feed”, indicado no topo da tela precedendo a exibição dos posts. Da mesma forma que posso chegar àqueles que subscrevem os mesmos “feeds” e conhecer suas outras subscrições, outros poderão chegar até minha conta e conhecer as minhas subscrições criando-se, assim, mais uma instância de circulação de conteúdos e recomendações.

Daí o interesse de muitos blogueiros em ter o seu blog “sindicado”.



Links para os “feeds” são disponibilizados nos blogs geralmente através de “selos” elaborados especialmente para a divulgação desses documentos também identificados pela extensão *RSS*, sigla para *Realy Simple Syndication*. Esses “selos” apontam a URL de um “feed” para que ele seja subscrito num “feedreader”. No entanto, algumas ferramentas disponibilizam “selos” especiais que associam o seu endereço ao endereço do “feed” e que, uma vez adicionados ao “template” de um blog, remetem o interessado diretamente para sua conta, onde a URL do “feed” já estará disposta no espaço destinado à subscrição. Ao inserir “selos” como estes no “template”, o blogueiro oferece o conteúdo do seu blog para a “sindicalização”. *Syndicate this blog*: uma outra expressão geralmente associada ao link para o “feed” e que explicita de forma significativa o apelo contido nesse fenômeno. Afinal, cria-se, com isso, uma instância de marketing, de divulgação de um blog que, em última análise, atesta a **presença** do blogueiro, a sua atividade do blog, oferecendo constantemente aos visitantes

suas mais recentes atualizações. A recriação de um “blogroll” numa dessas ferramentas agrega, portanto, não só o conteúdo de blogs, mas a própria dinâmica de uma rede de relações sociais, comunicando a atividade daqueles que já estão linkados e se integrando a um conjunto de estratégias comunicativas criadas no âmbito da cotidianidade da prática do “blogging”.

Trazendo para um mesmo espaço as atividades de uma rede de blogueiros, a prática da “agregação de conteúdo” enfatiza o imperativo da atualização na medida em que multiplica as possibilidades comparativas entre aqueles que atualizam mais e aqueles que atualizam menos os seus blogs. Uma queda no ritmo de atualização estabelecido por um blogueiro pode ser sentida pela audiência, levando a uma diminuição no número de visitas ou, no limite, ao afastamento definitivo de alguns visitantes caso o ritmo menos intenso insista em se manter. Nesse sentido, para que um blog se mantenha atualizado até mesmo uma eventual impossibilidade de postar vira tema para post. Comentar sobre o excesso de trabalho, uma doença, uma viagem ou qualquer outro acontecimento em função do qual o blog possa ficar temporariamente sem atualizações é, assim, uma forma de mantê-lo atualizado. Dois posts nos colocam especialmente diante de *modos* singulares de falar sobre a impossibilidade de postar, o primeiro publicado por Fernanda Guimarães Rosa, no seu *The Chatterbox*, e o segundo publicado por Denise Arcoverde, no *Síndrome de Estocolmo*.

mas o pulso ainda pulsa

A vida sobeja e abunda, criativa e energética, mas aqui as palavras estão usando máscara de oxigênio, saem empurradas, puxadas, se locomovem apoiadas em bengalas, muletas. A sensação é de paralisia, esclerose, derrame. O mundo escreve, são todos malabaristas da informação, proprietários da opinião, investidores da história. Mas aqui percebe-se apenas os arquejos de uma respiração fraca e ofegante.

Fer Guimaraes Rosa - [link it](#) | [talk about it](#) (11)

---

**Fernanda, The Chatterbox, 05/03/2005.**

A gente volta já...



A partir de amanhã, começamos a trabalhar na conferência. Volto quando der... Enquanto isso deixo vocês com uma dica...

Descobri, recentemente, o blog do jornalista Jorge Pontual, [New York On Time](#), jornalista que faz os programas Milênio e Sem Fronteira, da Globonews.

Adoro suas entrevistas, assisto todas, sou fãzoca, tenho link aí do lado direito e até escrevi sobre os programas há mais de um ano [nesse post](#).

O blog do Jorge é muito legal, com links pra músicas incríveis, texto gostoso e muita sensibilidade.

Visitem o [New York On Time](#), vocês não vão se arrepender...

denise às **08:04 AM** | mais [Blogosfera](#) | [Está todo mundo comentando](#) (16)

---

**Denise Arcoverde, Síndrome de Estocolmo, 02/07/2005.**

Fernanda fala da falta do que falar. Denise anuncia um breve afastamento, deixando sua “dica” aos visitantes. Assim, ambas *performam* mantendo a atividade interativa em seus blogs. Denise age na tentativa de entreter sua audiência até a publicação de um novo post. Para isso, sugere o blog do jornalista Jorge Pontual e o site do *New York Times* sem deixar de contextualizar sua sugestão em relação ao blog, dando o link para um post onde já havia comentado sobre aquele jornalista, as entrevistas por ele realizadas, etc. A foto, mais uma vez, marca a presença da blogueira no blog e se apresenta como um outro elemento a ser comentado. A estratégia se mostra bem sucedida na medida em que, nos comentários, os visitantes reagem ao apelo contido no post, expressando suas impressões sobre o jornalista e os sites linkados, desejando “bom trabalho” à blogueira e à sua companhia, uma amiga chamada Graça cuja presença em Washington já vinha sendo abordada no blog.

Enquanto isso, sem links e sem fotos, Fernanda aborda sua “falta de inspiração” carregando no “estilo poético” do post, enfatizando a *linguagem figurativa* no uso de metáforas que descrevem sua dificuldade para escrever no blog. A sofisticação da sua escrita é percebida pelos visitantes que, nos comentários, expressam as sensações e reflexões invocadas pelo post, atestando não a “falta de inspiração”, mas a própria competência comunicativa da blogueira.

...deu até falta de ar...

[Luciana](#) - March 6, 2005 02:53 PM

---

Mas esse post tá muito bem escrito, viu?

[Leila](#) - March 7, 2005 01:56 PM

---

Compartilho dos sentimentos descritos, mas jamais seria capaz de reproduzir tanta exatidão e elegância.

Ninguém clona a Fer.

Beijo.

[cath](#) - March 7, 2005 02:40 PM

---

Oi Fer!

Até para falar da falta de inspiração você é inspirada! :)

Eu já disse que você escreve muito bem? Pois bem, você escreve muito!

Não se sinta abrigada a escrever. Escrever em um blog deve ser exercício prazeroso. Mas saiba que quando você escreve, o dia de muita gente fica melhor.

Bjao =)

[Daniela](#) - March 8, 2005 10:39 AM

---

Assino embaixo das palavras da Daniela. Blog não deve se tornar obrigação, e essa é uma lição que aprendi com a Claudia Letti, que, assim como eu, raramente atualiza o blog diariamente. Em tempo: você pode até dizer que sua inspiração anda arquejando, mas esse seu post é um dos mais belos que já li no Chatterbox.

[Inagaki](#) - March 8, 2005 04:11 PM

---

Assino em cima e em baixo do que todos escreveram sobre esse post. Essa é a Fer que eu conheço e admiro. Inspiradíssima até para falar na falta de inspiração. Beijós,

[qutoqalli](#) - March 9, 2005 07:56 AM

---

também concordo com todos: esse seu último post tá matador.  
piano, piano se va lontano, já dizia o nonno.  
[alberto](#) - March 10, 2005 05:15 AM

---

Mas esse teu texto tá ótimo!  
[Mina](#) - March 10, 2005 09:40 AM

---

Nem me fale. Eu idem. Estou achando até que meu pulso nem está mais pulsando...  
[Wagner](#) - March 10, 2005 02:16 PM

---

**Comentários no post “O pulso ainda pulsa”, The Chatterbox, 06 a 10/03/2005.**

Ou seja, o modo pelo qual a blogueira fala da sua falta do que falar apresenta-se, na verdade, como uma expressão bem sucedida em termos performáticos, pois promove a interação fazendo emergir uma dimensão vivencial constituída pelas sensações e reflexões provocadas na audiência.

Assim, tanto o post de Denise quanto o post de Fernanda mantêm em curso as trocas comunicativas, colocando em cena alguns aspectos essenciais da dinâmica social estabelecida nos blogs. É preciso lembrar, antes de tudo, que em cada blog se realiza uma rede de relações sociais singular. Em outras palavras, as unidades sociais criadas entre os visitantes habituais de um blog, recriadas a cada post pelo vaivém constante de participantes, dificilmente se realizam sob a mesma configuração em outros blogs. E por mais que aqueles que se encontram num blog possam também se cruzar em outros, nestes outros eles se integram a diferentes arranjos, que incluem outros participantes, contemplam outros interesses e constituem densidades distintas.

Institui-se, assim, uma tensão entre a obrigatoriedade e a espontaneidade do “blogging”. De um lado, a ausência do blogueiro no seu blog, representada pela falta de atualizações, pode interromper um circuito único de trocas comunicativas – de sociabilidade – estabelecido entre aqueles que aceitam diariamente o seu convite à participação. É como uma casa de portas fechadas para os visitantes, que não podem mais entrar e conversar, interagir. Do outro lado, qualquer cobrança pelas atualizações contraria um entendimento tacitamente compartilhado no universo dos blogs, o de que o “blogging” é uma prática essencialmente gratuita e espontânea, desinteressada, movida, sobretudo, pelo desejo e pelo prazer de se partilhar experiências. Esta tensão se expressa de um modo especial nos comentários ao post de Fernanda onde de um lado se diz “não se sinta obrigada a escrever”, pois “escrever num blog deve ser um exercício prazeroso”, e do outro se diz, “mas saiba que quando você escreve o dia de muita gente fica melhor”. As palavras de Daniela dão o tom desses comentários que, dominados pelos elogios ao texto da blogueira, reverterem a dificuldade expressada no post transformando aqueles simples “arquejos de uma respiração fraca e ofegante” numa

demonstração de grande inspiração, na descrição “bela”, “exata” e “elegante” de um sentimento.

É exatamente isso que os visitantes do *The Chatterbox* desejam encontrar diariamente no blog, não importa se Fernanda esteja contando aquilo que tem pra contar ou se esteja falando sobre a falta do que contar. O que importa é que aquele espaço que um dia ela definiu como sendo *um quarto extra da sua casa, com um papel de parede cor-de-rosa esdrúxulo*, permaneça aberto *aos seus visitantes de muitos lugares*, seja para uma conversa ou para o divertimento. A obrigatoriedade da atualização vai, assim, na direção das relações sociais, antes e acima de qualquer interesse ou propósito objetivo. É enquanto um espaço relacional, interativo, que um blog deve se manter ativo e um blogueiro deve se manter presente. Portanto, um blog é pensado como uma “casa”, sim, mas como uma casa aberta à visitação. Os visitantes, por sua vez, sempre deixam rastros: sejam nas estatísticas, seja nos comentários, há sempre indício de sua passagem, há sempre uma marca de sua presença que sugerem uma retribuição. Isso nos coloca em pleno domínio da reciprocidade onde as visitas, como os convites, “se retribuem”, e nessas trocas há sempre algo mais do que coisas trocadas (Lévi-Strauss, 1982).

Cabe considerar, aqui, o que há de central no célebre *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss (1974b), obra fundadora da teoria da reciprocidade na Antropologia. Comparando sistemas de troca de bens, riquezas e serviços constitutivos da economia das chamadas “sociedades primitivas”, especialmente da região da Polinésia, Melanésia e do noroeste americano, Mauss buscava concluir sobre a natureza das transações humanas, analisando aquilo que ele considerava serem suas formas mais elementares. Nesse esforço, ele procurou mostrar que as “trocas primitivas” se dão menos como transações econômicas, utilitárias, realizadas no decurso de um mercado entre indivíduos, e mais em forma de prestações e contraprestações, de *dons* (ou *dádivas*) *recíprocos*, feitas voluntária, livre e gratuitamente entre coletividades – clãs, tribos, famílias – que contratam e se obrigam mutuamente “sob pena de guerra pública ou privada”.

Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente (ibid, p. 45).

A chave para a compreensão desses sistemas estava, portanto, na identificação da regra de *interesse* e de *direito* que faz com que um presente recebido seja obrigatoriamente retribuído. E foi buscando conhecer essa regra que ele descreveu-nos uma forma de troca que

extrapola o caráter meramente econômico e se apresenta como um *fato social total*: um fenômeno simultaneamente religioso, mágico e econômico, jurídico, moral e subjetivo, sobre o qual se funda a própria vida social. Do *potlatch*<sup>139</sup> praticado entre tribos do noroeste americano aos tipos mais elementares de prestações totais, como o sistema de presentes contratuais em Samoa<sup>140</sup>, Mauss destacou um “mecanismo espiritual” essencial que obriga a retribuir-se um presente recebido: o fato de que na coisa dada há sempre algo daquele que a deu. Conseqüentemente, aceitar algo de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma, o que impinge a retribuição daquilo que é, na verdade, parte da natureza e substância de quem presenteou (ibid, p. 56). E não menos importante que a obrigação de *retribuir*, é a de *dar* de um lado e a de *receber* de outro.

Tem-se, então, a fórmula da tripla obrigação – *dar, receber, retribuir* – sobre a qual se fundam as economias de trocas primitivas e onde Mauss acredita ter encontrado “uma das rochas humanas sobre as quais estão erigidas nossas sociedades” (ibid, p. 42). Fazendo circular “bens” cujo valor social ultrapassa o valor econômico, comercial, o jogo dessas *trocas de dádivas* em que homens e coisas se misturam consiste, como coloca Lévi-Strauss (1982, p. 94), “em um conjunto complexo de manobras, conscientes e inconscientes, para adquirir garantias e prevenir-se contra riscos no duplo terreno da aliança e das rivalidades”. Em outras palavras, é postulando um entendimento da vida social como um constante *dar e receber*, onde recusar-se a dar ou deixar de receber é, acima de tudo, recusar a aliança e a comunhão, que o *Ensaio* de Mauss permite-nos pensar a *troca de dádivas* como fundamento de toda a sociabilidade e comunicação humana (Lanna, 2000).

Contudo, extrapolando o universo dos sistemas de trocas do tipo “arcaico” que fundamentaram sua teoria, Mauss se limitou a enxergar a *troca-dádiva* como uma tradição que apenas “sobrevive” em meio às instituições ocidentais capitalistas – como o mercado e o

---

<sup>139</sup> O termo de origem *chínook* - que quer dizer "alimentar", "consumir" - é empregado por Mauss para designar o sistema de prestação tipicamente praticado entre tribos indígenas do noroeste americano que consiste, basicamente, na destruição santuária de riquezas acumuladas com fins de eclipsar o chefe rival e ao mesmo tempo associado. Trata-se, em outras palavras, de sistemas de *prestações totais do tipo agonístico* através dos quais tribos se aliam numa *"inextricável trama de ritos, de prestações jurídicas e econômicas, de fixações de posições políticas"*, perpassadas por princípios fundamentais de rivalidade e antagonismo (Mauss, 1974, p. 46).

<sup>140</sup> Consiste na circulação de "bens masculinos" e "bens femininos" (*oloa* e *tonga*) entre duas famílias por ocasião do nascimento de uma criança. Oferecida para criação à família do tio uterino, a criança, ela mesma, é um *tonga*, um bem uterino, e se constitui como um canal por onde os *tonga* – bens de natureza indígena – continuam escoando desta família para a família da criança. Do outro lado, a mesma criança também é meio para que seus pais obtenham bens de natureza estrangeira, *oloa*, e este circuito se mantém por todo tempo de vida da criança (Mauss, 1974, p. 50/51).

Estado –, à qual poderíamos e deveríamos voltar caso desejássemos reencontrar o “princípio mesmo da vida social moral”: o de *sair de si e dar livre e obrigatoriamente* (ibid, p. 170).

Partindo justamente do lugar onde Mauss interrompeu sua análise, às portas da “modernidade”, Jacques Godbout (1999) se esforça na formulação da hipótese de que a dádiva está presente nas sociedades modernas não apenas como uma sobrevivência de sistemas antigos, mas como um sistema singular que coexiste com o mercado e o Estado. O autor critica a tendência, da qual nem mesmo Mauss se libertou totalmente, em fazer da dádiva um sistema econômico e argumenta que *a dádiva está em toda parte* se a enxergarmos não como uma *coisa*, mas como uma *relação*. Nesse sentido, é preciso considerar as características dos vínculos sociais e sua relação com o que circula, se eles são desejados por si mesmos ou se são apenas um meio para se atingir um fim<sup>141</sup> (ibid, p. 34). Isso porque a presença dos outros sistemas de intercâmbio pode modificar a própria dádiva, principalmente sob a influência da liberação das relações sociais introduzidas pelo mercado.

A partir de Godbout é possível dizer, portanto, que a dádiva reina nas chamadas sociedades complexas justamente onde há *sociabilidade*: onde a relação instaurada é muito mais importante do que aquilo que a originou e onde o vínculo social é mantido enquanto cada ator acreditar receber mais do que dá e se sentir mais em dívida com o outro do que o contrário. É assim que as trocas estabelecidas entre os blogueiros podem ser pensadas sob a perspectiva da dádiva, uma vez que estão essencialmente na direção das *alianças* envolvendo, nos termos do autor, *seqüências de dádivas* dadas, recebidas e retribuídas espontânea e obrigatoriamente, gratuitamente e por interesse na manutenção das relações sociais. Tudo vira tema para o “blogging” desde que exposto num modo especial, capaz de atrair a audiência e provocar a participação, a troca.

A força que mobiliza essa participação está, por sua vez, nos nomes, nas personalidades, nas histórias, na unicidade de cada experiência que circula nesse universo tecendo redes de relações sociais. Enquanto o mercado conduz a “utopia de uma sociedade sem relações”, onde as coisas se trocam entre si pelo mecanismo dos preços e as relações entre os indivíduos são despersonalizadas, o vínculo social se refugia no “resto da sociedade”, na esfera da dádiva. Nesse sentido, ainda segundo Godbout, a formação de redes sociais é um *locus privilegiado* de manifestação da capacidade da dádiva de suscitar e alimentar os

---

<sup>141</sup> Godbout remonta, aqui, à distinção entre vínculos sociais “primários” e vínculos sociais “secundários” introduzida pelos pesquisadores da Escola de Chicago.

vínculos, de provocar e promover alianças. As redes colocam os indivíduos em condições de interagir em torno de princípios de confiança e de fidelidade, independentemente do grau de constância e solidez das relações. E a dádiva (a “dádiva moderna”), circulando entre indivíduos, opera para lembrá-los que eles se situam “numa rede formada por seres únicos uns para os outros, ao passo que, nas organizações onde trabalha ou junto aos comerciantes com quem negocia, desempenham papéis intercambiáveis” (ibid, p. 171). Nos blogs, tudo circula de modo a lembrar os blogueiros que eles são singulares; cada visita, cada comentário, cada referência (cada link) realizada atua no sentido de lembrar o outro que ele é *pessoa* numa rede de relações sociais.

Ou seja, mais do que palavras, são *pessoas* que se trocam e se obrigam nas visitas recíprocas estabelecidas nos blogs e tudo o que circula nessas trocas – comentários, referências, links – serve para lembrar que cada um é único e singular numa rede de relações sociais. Eis que o terceiro termo da tripla-obrigação é radicalmente minimizado: “dá-se e recebe-se o tempo todo, flertando continuamente com o retribuir” (ibid, p. 226). Afinal, a mesma troca que torna um blogueiro anfitrião, o torna também um visitante (um hóspede) em potencial, pois quem comenta deixa estrategicamente um link como quem lembra que ali também há um blogueiro, igualmente anfitrião, ávido e pronto para receber seus visitantes. Assim sendo, pode-se dizer, de certo modo, que são trocas espirituais que se expressam nos blogs e se realizam pelo compartilhamento de experiências, de opiniões, de impressões, de sentimentos expressos, etc. Aquele que recebe, seja um comentário ou uma visita, aceita algo de quem deu e deixa, mesmo que temporariamente, de ser um “outro” para ser um “semelhante”. E isso pressupõe uma etiqueta social segundo a qual ao dar algo preciso me colocar no lugar do outro (do visitante, do hóspede) e entender que este, quando recebe, recebe algo de mim mesmo (Lanna, 2002, p. 176). Na performance das expressões, comunicando suas experiências, os blogueiros partilham um pouco de si mesmos e, dessa forma, misturam-se, enlaçam-se e se **linkam** uns aos outros numa renovação constante das redes de relações sociais.

Algumas características específicas da dinâmica social estabelecida nos blogs devem ser consideradas para a compreensão da forma que o “blogging” se apresenta enquanto uma manifestação da “dádiva moderna”. Uma delas diz respeito ao “tempo” de realização das trocas. Ao analisar o sistema de dádivas compreendido pelo *potlatch* praticado entre as tribos indígenas do noroeste americano, Mauss (1974, p. 97) destaca uma noção constitutiva da dádiva: a noção de crédito, de prazo. Nas palavras do autor, “em toda sociedade possível, a

dávica tem por natureza criar uma obrigação a prazo”. Isto quer dizer que o “tempo” é necessário para executar toda contraprestação, seja na retribuição de uma visita ou de um serviço ritual e de honra, na manifestação de “respeitos recíprocos”, etc. Esse “tempo” está relacionado aos *juros*, ao *a mais* contido na contraprestação que lhe garante a não-equivalência e mantém vivo o ciclo de trocas. Ou seja, nos sistemas analisados por Mauss a retribuição nunca pode ser imediata sob o risco da *troca-dávica* ser facilmente reduzida ao escambo<sup>142</sup>. No “blogging” essa lógica temporal parece se inverter. Aqui, pode-se dizer que o *a mais* está justamente no imediato, no instantâneo, no “tempo real”. Tem crédito aquele que atualiza diariamente o seu blog e aquele que comenta todos os posts, aquele que visita com frequência e retribui todos ou grande parte dos comentários que recebe. É entre aqueles que se engajam nessas trocas de visitas cotidianas – diárias e intensas – que permanece a influência das coisas trocadas e se criam os vínculos sociais mais consistentes.

Sendo no domínio dos vínculos sociais que se adquire prestígio e credibilidade no universo dos blogs, a expressão desses atributos em comentários e reverências – especialmente quando vindos de “überblogueiros” –, conduz um blogueiro a posições mais elevadas e proeminentes no âmbito de uma rede de relações sociais, como já foi analisado anteriormente. Entretanto, será que a ênfase no desejo de expandir a audiência não descaracteriza a *troca-dávica*, tão marcada por expressões de espontaneidade e gratuidade? Não enquanto a chave para a compreensão da experiência do “blogging” passar ao largo das práticas meramente utilitárias e objetivas<sup>143</sup>. Nesse sentido, pode-se dizer que a expansão da audiência de um blogueiro, acompanhada da sua ascensão a uma posição de destaque, tem o

---

<sup>142</sup> Para Mauss, o fato de a dávica acarretar necessariamente a noção de crédito coloca esses complexos sistemas de prestações totais na base da edificação do escambo, por simplificação e aproximações, e igualmente na base das economias baseadas na compra/venda, a prazo e a vista, e das práticas de empréstimos (Mauss, 1974, p. 98).

<sup>143</sup> Este é o argumento apresentado por Apgaua (2004) em relação à expansão do “fenômeno Linux”. Segundo a autora, houve um momento em que a produção e utilização deste “software livre” difundiram-se no ambiente corporativo de grandes empresas, do comércio, dos provedores de acesso à Internet, todos interessados na sua gratuidade e flexibilidade como alternativa às restrições impostas pelos sistemas proprietários da Microsoft. Um processo que incluiu a comercialização do software aceita pelo próprio Linus Torvalds desde que fosse mantida a lógica original de produção: “código-fonte” aberto e retorno dos aperfeiçoamentos para a “comunidade Linux” (ibid, p. 232/233). Contudo, essa entrada do Linux no mundo corporativo levantou alguns questionamentos entre alguns daqueles que participaram do projeto desde sua gênese, que avaliavam essa nova configuração como um sinônimo de perda da sua “pureza” original. Baseando-se na abordagem de Jacques Godbout (1999) acerca da presença da lógica da dávica da vida social contemporânea, a autora sustenta, diante disso, que é possível pensar uma coexistência entre a *dávica* e o *mercado* uma vez que a primeira não possui localização; ele emerge nas relações, nos contextos, nos imprevistos. Portanto, a entrada do Linux em ambientes corporativos e comerciais não exclui a presença da dávica desde que a chave para a sua compreensão não seja o pensamento mercantil, mas sim os vínculos sociais engendrados e a sua variabilidade contextual.

potencial de rearranjar a dinâmica das trocas. Da posição de “pioneiros”, de “überblogueiros”, de “padrinhos” ou “madrinhas”, esses blogueiros compartilham suas audiências com seus visitantes, aquelas cujos números são revelados nas estatísticas e freqüentemente exibidos nos posts, na forma de celebração. Assim sendo, o processo de ascensão de um blogueiro ao centro de um dado contexto social o situa horizontalmente no domínio das trocas, liberando-o em parte do circuito de visitas e comentários recíprocos que se amplia na medida em que a audiência cresce. No lugar de retribuir cada uma das inúmeras visitas e comentários recebidos, ele atua, então, como um anfitrião privilegiado, ciceroneando seus muitos visitantes, apresentando uns aos outros no “blogroll” e com suas recomendações e referências facilitando, assim, a multiplicação dos contatos daqueles que se fazem presentes no seu espaço. E basta uma recomendação, um elogio, um link, para que o fluxo de visitantes aumente consideravelmente na direção daqueles reconhecidos e citados por esses personagens, criando uma assimetria permanente nas relações sociais.

A presença nesses blogs centrais mobiliza, da parte dos visitantes, competências comunicativas e modos de fala diferenciados para se agir de formas socialmente apropriadas sob o risco de ser considerado um “blogclimber” ou, ainda, uma espécie de “alpinista social da blogosfera”. A categoria de “blogclimber” descreve, num termo nativo, um tipo de comportamento geralmente associado a uma **participação negativa** que, entende-se, foi movida apenas pelo interesse de se tirar proveito da audiência do blogueiro anfitrião. Num post reverenciado por alguns blogueiros durante o trabalho de campo, Zel, cujo blog leva este mesmo nome, descreveu aquilo que ela considera como sendo o *modus operandi* dos chamados “blogclimbers”. Reproduzo apenas os trechos mais representativos dessa descrição.

(...)

sabe aquele negócio de coluna social, que neguinho paga pra sair na foto e tenta desesperadamente ficar amigo das celebridades do momento pra ter seu nome citado? esses são os alpinistas sociais; no mundo blog temos os “alpinistas blóguicos”, e deus me livre de saber o que move essa gente. vou tentar iluminar um pouco seu *modus operandi*, quem sabe não salvo as próximas vítimas:

**a) a celebridade-vítima é eleita:** geralmente a vítima eleita já deu entrevista em alguma revista/jornal/tv sobre blog e recebe muitas visitas diárias de ilustres desconhecidos. Outro critério importante é ser um blog linkado em muitos blogs desimportantes—muitos desimportantes citando um desimportante específico determinam que esse desimportante subiu um degrau na escala de desimportância, percebem?

**b) o blog climber inicia os trabalhos:** a vítima começa a receber emails ou comentários com rasgação de seda desmedida, em geral elogiando em excesso o texto do blog ou ela mesma (que o climber desconhece).

**c) as artimanhas do blog climber:** logo que a vítima deixa uma fresta aberta, o climber pede pra ser linkado, como demonstração de amizade, algo como um pacto de sangue na vida real. A tática mais comum, no entanto é dizer “olha, eu tomei a liberdade de incluir seu link no meu blog, então pode incluir o meu no seu também, que tal?”.

**d) estratégias alternativas:** comenta todo e qualquer post, incluindo o link para o seu blog, na esperança que isso aumente seu índice de desimportância na escala blóguica.

(...)

Posted by zel at **03:24 PM** | [Comments \(25\)](#)

---

**Zel, “Blogclimbers, o raio-X de uma espécie em proliferação”, blog Zel, 05/01/2005.**

Em primeiro lugar, cabe destacar a estratégia utilizada para desmerecer o comportamento descrito: a de insistir sobre a “desimportância” de ser uma “celebridade” do “mundo blog”. Afinal, se ser uma “celebridade” é algo “desimportante”, menos importante ainda é tentar se aproximar de uma “celebridade” para se tirar proveito da sua fama e audiência. É jogando com essa “desimportância” que a blogueira se afirma como uma “celebridade” que já foi vítima de “blogclimbers” situando-se, assim, num dos dois extremos que englobam a estrutura das relações sociais no universo dos blogs. De um lado, aquele blogueiro que recebe muitas visitas diárias de ilustres (“des”) conhecidos e é linkado em muitos blogs (“des”) importantes. Do outro, o blogueiro anônimo que procura visibilidade pela inserção em uma rede de relações sociais. E o comportamento típico do “blogclimber” é descrito nos termos do não reconhecimento de códigos de linguagem em torno do “o que falar”, “como falar” e “quando falar” (Saville-Troike, 1982, p. 21) nessa situação interativa específica que envolve a blogueira conhecida e o blogueiro anônimo.

O comportamento condenado implica, portanto, numa aproximação “interesseira” explicitada na atitude excessivamente elogiosa, na solicitação da retribuição de um link e numa presença na caixa de comentários considerada abusiva. Ora, até aqui tudo indicava que os comentários eram indistintamente desejados pelos blogueiros. Contudo, a fala da blogueira indica que é, sobretudo, a relação que autoriza a troca comunicativa. Segundo Godbout (1999), um dos indícios da perenidade da dádiva entre os modernos é aquele que repousa sobre o estatuto e a função da palavra, pois, para além de bens e serviços são principalmente palavras e discursos que os seres humanos produzem e trocam. Assim, as palavras circulam como os *vaygua's* do *kula* trobriandês<sup>144</sup>; elas vão e voltam, são dadas e retribuídas, sem

---

<sup>144</sup> O termo *kula* denomina o "sistema de comércio inter e intra-tribal" que se estende sobre as ilhas Trobriand, na Melanésia, descrito por B. Malinowski (1922) como parte de um esforço fundador da "observação-participante" como método de investigação característico da Antropologia. Nas trocas circulares dos *vaygu'as* - objetos sem valor utilitário, mas de grande valor simbólico, apresentados na forma de colares e braceletes - entre chefes tribais, circulam também, em expedições marítimas altamente ritualizadas, um conjunto de prestações e contraprestações que englobam a totalidade da vida econômica e social dos trobriandeses (Mauss, 1974, p. 83). É

terem a princípio um valor utilitário (ibid, p. 21/22). Entretanto, diz o autor, da mesma forma que os bens preciosos trocados entre os melanésios, as palavras só circulam se, entre um e outro tiver sido criada e simbolizada a própria relação que autoriza a palavra e dela se alimenta.

Sob esta perspectiva, pode-se dizer que a atitude identificada ao perfil de um “blogclimber” é aquela que se manifesta fora da relação social. Nesse sentido, a principal advertência de Zel repousa sobre o modo de fala, a forma pela qual se espera que um visitante recém chegado se apresente. Explicitando aquilo que não é esperado em termos de comportamento comunicativo ela cria um momento especial de definição das regras para uma aproximação e para o reconhecimento desses critérios por parte daqueles que se aproximam. Trata-se, sobretudo, de uma etiqueta social que implica em modos de se tomar e agradecer a palavra, pois, como coloca Godbout, é preciso agradecer ao outro pela dádiva que ele nos faz ao falar e indicar que, ao falar, colocamo-nos à mercê do outro, tornamo-nos “obrigados”. É pressupondo essa etiqueta ou, ainda, a *competência* para agir comunicativamente de modos social e contextualmente apropriados, que a troca de comentários torna-se um dos principais alimentos das relações sociais no universo dos blogs.

### *Os comentários e a participação nos circuitos de trocas*

Se a presença do blogueiro, como anfitrião, concretiza-se na atualização permanente do blog, a presença do leitor, como visitante, concretiza-se nos comentários. Quanto mais visitantes melhor e quanto mais comentários, melhor ainda. Afinal, o apelo interativo é inerente à performance dos blogueiros, como tem sido enfatizado até aqui. Como uma “casa” sempre aberta para receber e cujo anfitrião está constantemente animando os visitantes e promovendo a interação, o blog constitui-se como um espaço do sujeito, que apresenta o blogueiro, mas que não faz sentido sem o Outro e contém a rede. Assim sendo, a “caixa de comentários” representa o convite permanente à participação do visitante e aceitá-lo significa, antes de tudo, aceitar a relação, a *aliança* e a *comunhão*.

“Comente”; “*Talk about it*”; “Está todo mundo comentando”. Estas são algumas das formas de apresentar o link para esse espaço, a “caixa de comentários”, que apontam o caráter

---

assim que Mauss define o sistema descrito por Malinowski, acreditando ser ele mais uma manifestação significativa e peculiar do *sistema de dádivas*.

convitativo colocado, muitas vezes, no modo imperativo. A indicação do número de comentários já postados junto ao link reforça o convite, invocando uma adesão, um engajamento num evento interativo em curso como quem anuncia: *aqui tem gente conversando e você está convidado (senão convocado) a participar*. Nesse sentido, compete ao blogueiro garantir as condições básicas à interação, começando pela manutenção/administração da “caixa de comentários” no nível da interface, do serviço que disponibiliza esse recurso no blog. A persistência de um problema técnico que obstrua esse espaço, impossibilitando os comentários, leva alguns blogueiros a se explicarem diante dos visitantes em atitudes que parecem tentar contornar qualquer interpretação indesejada e restabelecer o cotidiano das interações. É o que sugere este post de Fernanda:

back on track

**Não sei se alguém reparou, mas este blog ficou inacessível para comentários e posts por mais de vinte e quatro horas.** Foi um problema no meu servidor, que afetou também meus e-mails. Felizmente, parece que tudo está se normalizando. Dá uma raiva quando isso acontece, mas nessas horas o melhor a fazer é não estressar e guardar as histórias pra escrever em outro momento....

Fer Guimaraes Rosa - [link it](#) | [talk about it \(0\)](#)

---

Fernanda, *The Chatterbox*, 05/02/2005 (grifo meu).

Antes Fernanda falava da sua falta de inspiração para escrever, da falta do que falar, e desta forma continuava falando e mantendo ativa a interação com seus visitantes. Agora, um problema de ordem técnica e, segundo ela, alheio às suas competências, impossibilita não só a atualização do blog como também os comentários. A ausência de atualizações e a obstrução da “caixa de comentários” podem ser sentidas, por quem chega ao blog, como uma situação em que se “dá com a cara na porta”. O post apresenta, assim, o potencial de restituir a presença da blogueira e reabrir as portas do blog, refazendo o convite à participação.

Atitudes como esta remetem ao significado que o *silêncio* adquire no contexto em que as trocas comunicativas se estabelecem. Segundo Saville-Troike (1985, p. 10), o silêncio só pode ser efetivamente significado em contraste com o não-silêncio, seja qual for a situação interativa. Ao mesmo tempo, coloca a autora, o espaço-tempo ocupado pelo silêncio é sempre uma presença ativa (e não uma ausência) na comunicação; isto é, ele tem valor comunicativo. Nos blogs, ele se emerge como um elemento indesejado tanto da parte dos leitores, em relação à atividade do blogueiro, quanto da parte do blogueiro, em relação à participação dos seus leitores. Ou seja, não há espaço para o silêncio nos blogs; ao contrário, há uma espécie de compulsão pela fala que se expressa no imperativo da atualização e no apelo constante à participação. Falar sobre a falta do que falar, explicitar uma eventual ausência deixando uma

“dica” para os visitantes e justificar um problema técnico que suspendeu o cotidiano do blog se apresentam, portanto, como estratégias dirigidas à redução do espaço do silêncio e a manutenção das atividades de fala no blog. Em meio a estas estratégias, destaca-se aquela de criar uma oportunidade para participação do “leitor que nunca comentou”.

Trata-se de uma atitude que acabou, de certo modo, sendo institucionalizada no universo dos blogs e consiste na publicação de um post imbuído especialmente do propósito de invocar a participação daqueles visitantes que ainda não se apresentaram concreta e pessoalmente no blog. Entre os blogs de língua inglesa ou, mais especificamente, na chamada “blogosfera americana”, a publicação desses posts instituiu o “*Lurker’s Day*”, entendido como um “convite formal” para aquele que está “à espreita” do blog finalmente se introduza, fale. Para tanto os blogueiros se baseiam fundamentalmente nas estatísticas do blog, que lhes mostram, como já foi discutido, a presença de visitantes que vêm ao blog, percorrem suas sessões e arquivos, mas não se apresentam nos comentários. Diante dos detalhes revelados e/ou ignorados pelas estatísticas, surgem questões como *Quem são esses visitantes?; Porque lêem o blog?; Gostam do que lêem?; Como chegaram ao blog?*. Estas são apenas algumas perguntas expressas nesses posts e que criam o apelo neles contido. Colocadas muitas vezes no nível da “curiosidade”, estas atitudes se dirigem, ao final, à construção dos vínculos sociais, constituindo-se como um momento ritualizado de criação da reciprocidade, da relação de troca. E a análise de como isso se realiza no blog revela, sobretudo, um momento importante na construção do contexto relacional no qual se insere o blogueiro. Vejamos, então, a situação que se estabelece quando Ibelber publica, no *O biscoito fino e a massa*, o post intitulado *Dia do leitor que nunca comentou!*.

Dia do leitor que nunca comentou!

Eu vou ali na Pampulha pegar um avião para Santiago do Chile e já volto, logo que eu estiver plugado em terras transandinas.

Para os comentaristas regulares, fica o lembrete da [discussão abaixo](#), sobre o desarmamento.

Enquanto isso, uma brincadeirinha, seguindo o exemplo do meu camarada Chris Clarke, que inventou na blogosfera americana o [Lurker’s Day](#), ou seja, o dia-do-leitor-que-só-fica-sapeando-e-nunca-comenta.

Se você é leitor deste blog e não costuma comentar, este é o post para que você se apresente, diga de onde lê o blog, do que gosta, do que não gosta, como chegou aqui, etc. Os blogueiros morremos de curiosidade.

É fácil: é só clicar na palavra “comentários” abaixo, escrever seu nome ou nick (o email neste blog não é obrigatório) e deixar o seu recado. Se você lê português, mas não escreve, tudo bem: qualquer língua vale.

Escrito por Ibelber às 05:14 | [link para este post](#) | [Comentários \(52\)](#)

---

**Idelber Avelar, O biscoito fino e a massa, 03/10/2005.**

Deve-se considerar inicialmente que este post se insere no âmbito de uma estratégia já analisada: a de anunciar a ausência temporária, em razão de uma viagem, sugerindo uma atividade que mantenha a audiência ligada ao blog. O blogueiro remete à discussão desencadeada no post anterior aproveitando que o tema – o “desarmamento” – que estava na “ordem do dia”, a poucas semanas da realização do Plebiscito onde os brasileiros seriam consultados sobre a mesma questão. Uma questão que vinha sendo recorrentemente abordada no blog, engajando em especial os blogueiros que integram, com Idelber, aquele grupo de “blogueiros de esquerda” que atua nos blogs, na lista de discussão, *blog-left*, e no blog coletivo, o *Bombordo*. Isso explicita, em parte, o contexto em que ele sugere a discussão para os “comentaristas regulares” do blog, invocando a continuidade da interação em curso e contornando sua ausência até o próximo post. É mantendo os visitantes habituais em uma discussão já em curso, que ele dirige este post especialmente à participação inicial do “leitor que nunca comentou”.

Neste sentido, é importante atentar para a forma pela qual o post é endereçado. Em primeiro lugar, mostra-se que não se trata de uma atitude isolada fazendo-se menção àquele que supostamente cunhou a idéia de um *Lurker’s Day*, pouco mais de dez dias antes da publicação deste post. O link para o post que lançou a proposta funciona, deste modo, não só para atribuir os devidos créditos ao pioneiro dessa iniciativa, mas como forma de apontar uma iniciativa bem sucedida reforçando o convite à participação. “Introduce yourself!”. Foi com este apelo encerrando seu post que Chris Clarke, o blogueiro mencionado por Idelber, mobilizou quase 70 (setenta) participações no seu *Lurker’s Day*. E fez isso insistindo sobre o direito dos leitores de permanecerem como “não-anunciados” (*unanounced*), mas, sobretudo, convidando “formalmente” a apresentarem-se aqueles que aguardavam apenas uma “desculpa” para fazê-lo.

Mais ou menos nos mesmos moldes de Clarke, Idelber lançou o seu *Dia do leitor que nunca comentou*, suscitando questionamentos semelhantes que, justificados como mera “curiosidade”, têm o potencial de munir os leitores para a participação. Ou seja, para aqueles que não sabem o que falar, como falar e nem quando falar no blog, é criado um momento ideal e fornecido um roteiro básico para a expressão. O blogueiro ainda elimina dois possíveis impeditivos da participação: o desconhecimento sobre como operar a “caixa de comentários” e a questão do idioma. No primeiro caso, por mais remota que possa ser a possibilidade de alguém não saber como deixar um comentário num blog, a advertência de Idelber evidencia um aspecto geralmente reclamado pelos leitores de blogs: a não obrigatoriedade da

informação de um endereço de e-mail, devido às freqüentes capturas desses endereços para a ação de *spammers* (que fazem publicidade anônima na Internet através de listas de endereços). No segundo caso, somando-se ao apelo central do post, que pede para que os leitores digam “de onde lêem o blog”, o blogueiro demonstra conhecer (pelas estatísticas) as procedências e, conseqüentemente, os idiomas falados pela sua audiência. Assim, atestando mais uma vez suas competências em vários idiomas, ele elimina mais esse eventual empecilho para a participação.

A situação criada pelo post mobiliza, portanto, diferentes tipos de participação expressos nos cinquenta comentários deixados no post. O mais freqüente, é claro, configura-se entre aqueles que seguem o roteiro fornecido pelo blogueiro e se apresentam dizendo onde estão, o que gostam e o que não gostam no blog e como chegaram até ele. Abaixo estão alguns dos comentários mais representativos nesse sentido, que permitem considerações importantes para a compreensão do papel que esse evento cumpre na constituição da dinâmica social que se estabelece no blog.

Cheguei até “O biscoito fino e a massa”, através do seguinte caminho: Fiteiro, Soy Loco por Ti, Os Conspiradores.  
Moro em São Paulo - SP e adorei o blog.  
Abraço,  
Harif  
**Harif Miguel Daniel Filho** em outubro 3, 2005 10:20 AM

Acho que cheguei ao biscoito fino via o Pedro Doria. Fiz o doutorado nos USA, sou do Rio e gosto de seus comentários sobre política, música, Tulane, etc.  
**Lucia** em outubro 3, 2005 04:45 PM

Cheguei aqui através dos posts do Alexandre e do Biajoni sobre o encontro de blogueiros em Belo Horizonte. Aí, fui ficando, ficando... vc escreve muito bem. :)  
**Luciana** em outubro 3, 2005 05:44 PM

Idelber,  
Como eu cheguei aqui é uma incógnita, via Biajoni, via Inagaki, Alex Castro, ou algum outro grande blogueiro... mas a verdade é que vini, vidi, viciei no seu blog como no dos acima citados e mtos outros... um abraço e parabéns!  
Moro em Santa Catarina e sou torcedor da Mulambada, além do Marinheiro aqui de SC...  
Abs  
**Thiago** em outubro 4, 2005 06:45 PM

**Comentários no post “Dia do leitor que nunca comentou!”, O biscoito fino e a massa, 3 e 4/10/2005.**

Uma primeira consideração a ser feita diz respeito à geografia da audiência desenhada nos comentários: há leitores de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e de Santa Catarina. Nos demais apareceram ainda leitores de Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Recife, Brasília, da Holanda, dos EUA. Houve, inclusive, aqueles que aceitaram o convite de Idelber e se apresentaram em outros idiomas, como o inglês e o espanhol. Mas, porque é

relevante saber de onde estão lendo o blog? Talvez esta pergunta deva ser precedida por uma outra: porque escrever um blog ou, ainda, porque escrever na Internet? O fato do blog se constituir como uma modalidade de expressão da experiência pessoal praticada num espaço de conexões globais, o “ciberespaço”, está essencialmente relacionado a uma intenção de alcance global. Uma intenção que se soma a uma outra, àquela da expansão da audiência evidenciada, pelo próprio Idelber, na comemoração do marco de 1.000 visitas diárias. Em outras palavras, um dos sentidos do “blogging” está justamente em se poder atingir e interagir cotidianamente com pessoas que estão em diferentes cidades e países, algo que, supõe-se, é mais difícil ou impossível de se fazer face a face. Assim sendo, o interesse em se saber de onde os leitores lêem o blog é uma forma de confirmar e refinar, pela interação, aquilo que as estatísticas insistem em apontar todos os dias.

No entanto, a intenção de alcance global que se expressa nessas diferentes procedências articula-se, na verdade, num contexto local marcado por identidades e práticas sociais definidas e compartilhadas localmente. Um contexto que é recriado na medida em que os visitantes se manifestam sobre o que os atrai no blog, no conjunto de temas abordados pelo blogueiro, e expõem aqueles que os conduziram ao blog. Isto remete a dois eventos analisados anteriormente: aquele em que Idelber contou sobre *como virou um leitor de blogs* e o outro em que organizou seu percurso em direção às 1.000 visitas diárias, lembrando daquelas narrativas construídas em reverência aos personagens que o iniciaram na “blogosfera” e o conduziram em direção à *massa*. Aqui, no *Dia do leitor que nunca comentou*, na forma como ele foi proposto, são os visitantes que contam sobre como *viraram leitores do “Biscoito”*. Apresentando-se como sendo alguns daqueles tantos visitantes trazidos para o blog pelos tais “überblogueiros”, eles se integram ao contexto relacional que está contido no blog e que constitui o blogueiro. Enfim, as redes de relações sociais de cada um dos visitantes que se apresenta nesse post, que certamente incluem outros membros e apontam outros contextos, imbricam-se na rede de relações sociais de Idelber, ampliada nesse momento pelo engajamento de novos participantes.

Por outro lado, não são somente aqueles que “nunca comentaram” que se engajam no post. Aparecem, também, aqueles que já haviam participado no blog, mas que são levados a se apresentarem nos moldes da proposta do post dizendo onde estão, como chegaram ao blog, do que gostam e do que desgostam. Assim, o *Dia do leitor que nunca comentou* se torna um momento igualmente propício para antigos participantes explicitarem afinidades, divergências e ligações em comum com o blogueiro, complementando a situação criada pelas novas

participações. Finalmente, um último tipo de participação suscitada pelo post chama especial atenção: quando um visitante que já participa do blog reclama do blogueiro uma retribuição dos seus comentários, em forma de respostas e/ou agradecimento.

Olá, cheguei aqui faz tempo, nem sei mais qual foi o caminho... Não sou visitante diária, mas comento sempre que venho. Até linkei vc no meu... Mas é que vc nunca responde! nunca dá um sinal de vida de que leu o que a gente escreveu... Na época do Katrina vim aqui muitas vezes, sempre comentando, dando uma força, até mandei uma música sobre a cidade de Biloxi, linda, na voz do Ted Hawkins, pra você ficar mais alegre...  
Nunca tive sinal de vida, viu? Ai deixei de comentar...  
Seu blog é maravilhoso e tem muitos e muitos admiradores, eu inclusive.  
Só queria deixar de ser invisível, é assim que rola, não é?  
Beijo grande, volte logo.  
**BethS** em outubro 5, 2005 01:44 PM

---

Um comentário como este se apresenta como uma espécie de inversão da iniciativa do blogueiro. Se o propósito do post era, de certa forma, o de reclamar uma retribuição em forma de comentário daqueles que sempre vêm ao blog, lêem os posts, vasculham os arquivos, percorrem os links e tudo mais, como quem obriga o outro a se engajar num circuito de trocas, o comentário da Beth inverte esse propósito obrigando o próprio blogueiro. Explicita-se, aqui, a lógica complexa das trocas engendradas nos blogs onde, de um lado, os visitantes estão obrigados a se fazer presentes, retribuindo a hospitalidade, e, de outro lado, os blogueiros estão obrigados a retribuírem as visitas, agradecendo-as e quase sempre aceitando a hospitalidade de seus visitantes. Tudo parece estar compreendido no fato de que *dádivas engendram dádivas*: posts geram comentários, comentários geram respostas, visitas geram visitas, permitindo compreendermos, como sugere Godbout (1999, p. 35), que *dar e retribuir* são uma única e mesma coisa e que freqüentemente se tem a impressão de *dar e retribuir* ao mesmo tempo. É como se a ação de *retribuir* não representasse nada mais do que *dar novamente*.

Ora, mas o modo como essas mútuas obrigações são expressas neste post não vão de encontro à gratuidade e à espontaneidade próprias da natureza da dádiva? Esta questão coloca-nos diante da dialética central à dádiva que, como já foi mencionado, também está no centro do “blogging”: aquela que se realiza entre a *espontaneidade* e o *interesse*; entre a *gratuidade* e a *obrigação*. Segundo Godbout, essa dialética só pode ser resolvida e suplantada por um saber compartilhado que é, na verdade, uma “ignorância comum necessária” acerca da obrigatoriedade da dádiva. Isto é, se anunciadas as regras da retribuição, da circulação de dons recíprocos, a dádiva vira equivalência. Afinal, encontrar uma linguagem para a dádiva é contraditório na medida em que o fato de ter de explicá-la significa, de antemão, que sua

mensagem não foi compreendida (ibid, p. 218). À dádiva subjaz, portanto, aquilo que P. Bourdieu (1996, p. 8) chamou de *common knowledge*, um conhecimento que todos sabem que todos têm e que não pode ser publicamente declarado, pois a regra do jogo consiste justamente em “fazer de conta que se ignora a regra”. A atitude caracterizada na definição de um “blogclimber” está, nesse sentido, dentre as mais significativas do rompimento da espontaneidade da dádiva pela formulação das regras, acrescentando-se o fato essencial de se tratar de indivíduos não iniciados no contexto das relações sociais.

Sendo assim, o *Dia do leitor que nunca comentou* não representaria também uma ruptura com essa espontaneidade? No apelo do blogueiro à participação daqueles que ainda não se fizeram presentes no blog e na reclamação da visitante pela retribuição de seus comentários não estaria contida uma explicitação das regras que orientam as trocas no “blogging”? O elo com a atitude condenada dos “blogclimbers” conduz a interpretação da situação criada no post em questão. Como se viu, não faz parte da etiqueta social dos blogs reclamar abertamente a retribuição de uma visita, de um comentário ou de um link previamente colocado num “blogroll”; pois visitas, comentários e links são *dados* espontaneamente no processo de construção das relações sociais. Contudo, a obrigação de *dar* e *retribuir* pesa constantemente sobre os blogueiros, enquanto anfitriões, enquanto visitantes, enfim, enquanto *participantes* da “blogosfera”. Diante disso, no *Dia do leitor que nunca comentou* formula-se uma oferta, um pedido, um convite para se iniciar uma relação de troca. Cada comentário deixado é a via por excelência para a realização dessa relação, afinal, eles contêm o link para que as visitas possam ser finalmente retribuídas. E não é de qualquer forma que esses visitantes, cuja existência não passava de um dado estatístico, são convidados a se apresentar. Eles chegam “bem recomendados” e se inserem num circuito de trocas já em curso, mas que se amplia e se diversifica pela adesão desses que aceitam a *aliança* e a *comunhão*.

Enfim, é enquanto um momento ritual, de criação da reciprocidade, que o *Dia do leitor que nunca comentou* acata um comentário como aquele da visitante que reclama “visibilidade”. Se o blogueiro reclama dos seus visitantes sua inserção no circuito de trocas, o mesmo parece valer para os visitantes em relação ao blogueiro. Nesse sentido, o blogueiro responde:

Beth, email eu respondo sempre. Não chegou nenhum email seu com canção não... Quanto a responder os comentários na caixa, eu tento pelo menos assegurar os leitores de que os comentários foram lidos. Responder um por um seria não só impossível, como contra-producente: entupiria a caixa de “oi, fulano, valeu”, etc. Mas

pode ter certeza de que todos são lidos com muito, muito cuidado e carinho, e que o contato está feito. Portanto não suma!  
 Abraço forte para todos,  
Idelber em outubro 5, 2005 07:13 PM

---

**Comentários no post “Dia do leitor que nunca comentou!”, O biscoito fino e a massa, 5/10/2005.**

Configura-se, aqui, um restabelecimento da espontaneidade e gratuidade das trocas. Responder cada comentário recebido, um por um, transformaria a *troca-dádiva* em trocas equivalentes. No entanto, mais do que equivalências, o que está em jogo nos blogs são as relações sociais e o *interesse desinteressado* de compartilhar e interagir através de visitas e comentários recíprocos. O post em questão se constitui, assim, como um lócus privilegiado de construção da reciprocidade. É possível dizer que as regras da reciprocidade são *performadas* nesse post, entendendo-se, a partir de Bauman (1997, p. 9), que a performance instala um enquadre interpretativo dentro do qual as mensagens comunicadas devem ser entendidas num sentido “especial”, e não “literal”. Ou seja, trata-se de um momento em que a etiqueta das trocas, com suas regras e códigos implícitos, é negociada sem ser explicitada. Tem-se, ao final, uma situação em que um *se deve* ao outro: os visitantes *se devem* ao blogueiro, o blogueiro *se deve* aos visitantes e se torna ainda mais obrigado àqueles que lhe trouxeram e continuam lhe trazendo tantos leitores.

### *Os links e os vínculos sociais: quando “gentileza gera gentileza”*

Linkania

Visitando a Zel fui apresentada, sobretudo, a um “cinquentão precoce” - de lá fui saber do Marcelo e ele me apresentou prá Divina, onde reencontrei o Profeta: “Gentileza gera gentileza!”

@ 11: 10 AM

---

**Claudia Letti, Afrodite sem Olimpo, 12/03/2002.**

É em favor do processo de construção das redes sociais que as dádivas circulam no universo dos blogs: dão-se e retribuem-se palavras e, junto com elas, dão-se e retribuem-se “respeitos” e “gentilezas” numa geração permanente dos vínculos, dos links entre os blogueiros. E o link é a “gentileza” por excelência praticada no universo dos blogs: link gera link porque “gentileza gera gentileza”. É este o mecanismo significativamente expresso no post de Claudia Letti, do blog *Afrodite sem Olimpo*. A expressão cunhada pelo Profeta

Gentileza<sup>145</sup>, que por mais de vinte anos circulou na cidade do Rio de Janeiro pregando a “não-violência” e professando a idéia de que *gentileza gera gentileza*, é freqüentemente utilizada para definir a lógica e o entendimento subjacente à prática da “linkania”, pensada como uma “espécie de retomada da espontaneidade e da solidariedade”.

É como voltar ao paraíso. É como deixar o inferno da “coisificação”. Ficamos muito tempo deslumbrados com a máquina enquanto que o humano era algo obsoleto. Sou um otimista que enxerga o mundo novo como a volta à conversa, ao link. A possibilidade nunca foi tão presente (Estraviz, 2002).

Assim, o discurso que funda o termo “linkania” coloca o link no domínio da dádiva e se apresenta como um *modelo de* e um *modelo para* a prática do “blogging”, como um discurso que *forma e informa* o modo como os blogueiros concebem e praticam o “blogging”. Eis que o link emerge como o último e mais importante elemento constitutivo da reciprocidade que marca a dinâmica social estabelecida nos blogs. Pensado como a essência do “blogging”, o link é um gesto freqüentemente associado aos princípios da “ética hacker”, ao *copyleft*, enquanto forma privilegiada de se “deixar copiar” e “distribuir” idéias, experiências e posicionamentos pessoais e singulares.

Acima de tudo, os links colocam pessoas em circulação. Organizados nos “blogrolls” ou situados na base das visitas e dos comentários eles convidam e apresentam uns aos outros, tecendo as redes, traçando e mantendo os caminhos entre os únicos, simbolizando e significando as relações sociais. E se de um lado eles operam na *densidade* das redes, convergindo e contribuindo para a reprodução de *unidades sociais* compostas por grupos de indivíduos que se movem no campo do entre si, do outro lado eles operam na *fragmentação*, dando a “dica” e apontando outros possíveis trajetos e experiências. Como a análise performática do “blogging” procurou demonstrar até aqui, esta ambivalência está no centro das formas expressivas apresentadas nos blogs e se evidencia na presença incontestável e constitutiva do hipertexto.

Como uma dádiva que constrói e, ao mesmo tempo, expõe e oferece o vínculo, o valor do links está no *gesto* realizado desinteressadamente apenas pelo “prazer”, pelo “gosto” de linkar aquele que se tem “prazer” e “gosto” de visitar. Por outro lado, como sugere a descrição da atitude “blogclimber”, a reclamação da reciprocidade através de “pedidos” de

---

<sup>145</sup> O Profeta Gentileza (1917-1996) ficou conhecido principalmente pelos seus grafismos nas pilastras do Viaduto do Caju, situado à entrada da cidade e associados ao tema da “gentileza”.

links se expressa freqüentemente nos blogs. Assim sendo, para compreendermos os princípios e tensões fundadoras do gesto de “dar um link” nos blogs, proponho a análise de dois posts: um deles se apresenta, digamos assim, nos termos de uma **reciprocidade positiva**, onde o link é vivido pelos atores envolvidos como um gesto livre e incondicional; e o outro se apresenta nos termos de uma **não-reciprocidade**, onde o link recíproco é reclamado e tal reclamação reverte, na interação, em expressões da própria “liberdade” que deve pautar a “gentileza” do gesto. Ao final, ambas as situações operam no sentido de lembrar que é espontânea e gratuitamente que os blogueiros se linkam e, assim, se obrigam e divulgam uns aos outros.

A primeira situação é criada a partir deste post de Gean, do blog *Meu Cantinho*, onde ele “apresenta” os novos integrantes do seu “blogroll”.

#### Novos Blogs

Criei vergonha e atualizei a minha listinha de Blogs. Ela está crescendo à medida que este Blog é conhecido, como também pelos cliques e mais cliques da vida, descubro o pessoal.

Portanto, gostaria de pedir licença e apresentar para vocês:

- **Blogólogo** (O pessoal tem uma proposta super interessante sobre o estudo dos Blogs. Como me interesse pelo assunto, sempre estou me informando. De lá, já conheço a **Elisa** e a **Su**).
- **Calangos Congelados** (Do Artur, escrevendo de Vancouver. Conheço o Artur deste os tempos do **Canadalmigration**).
- **Canada aí vamos nós** (Da Luciana, que ainda está no Brasil mas já já chega em Montreal).
- **Double Fantasy** (Da Ketley, que também está em Toronto). Conheci a Ketley aqui do Blog. Certa vez ela foi ao **Centro Brasil Angola** e aí nos conhecemos pessoalmente.
- **Flocos de Neve** (Da Ana Rúbia, que já já chega em Toronto). Ultimamente tenho conversado com a Ana Rúbia e assim mais uma nova amizade está nascendo.
- **O mundo de Aninha** (Da Ana, que também está em Toronto). Conheço a Ana desde os tempos do **Orkut**.
- **(P)arte** (Da Luciana, que voltou com o Blog a todo vapor, falando pra gente lá de Quebec).
- **Vem Canada comigo** (Da Deise, também de Toronto). Quer encontrar passagens baratas? Fala com a Deise!
- **Viver não dói** (Da Eva, escrevendo também de Vancouver. A Eva é amiga da minha amigona e conterrânea Anelise).

Viram como a quantidade de Blogs brasileiros espalhados pelo país está aumentando? Maravilha! Dêem uma passadinha por lá, vocês vão gostar!

Postado em **22 março 2005** | **13 Comentários**

**Gean, Meu Cantinho, 22/03/2005.**

Em primeiro lugar, deve-se considerar que é da experiência fragmentada do “blogging” que emerge esse post. De um lado, multiplicam-se os links para o blog, trazendo-lhe mais e mais visitantes e, do outro, são as andanças do blogueiro pela “blogosfera” – de visita em visita, de link em link –, que lhe permitem encontrar e interagir

com outros blogueiros. Considerando-se todos os encontros possivelmente realizados nesse duplo movimento deve-se atentar, em segundo lugar, para o critério que pautou a seleção apresentada no post: o compartilhamento do aspecto identitário privilegiado na apresentação do blogueiro, isto é, a condição de imigrante no Canadá. Diante da rede de “blogueiros imigrantes” que converge no seu blog, Gean pede “licença” para executar o papel de anfitrião, apresentando os recém-chegados aos que já pertencem à rede e convidando os últimos a se tornarem visitantes dos primeiros, de modo a engajá-los no contexto dos vínculos sociais. Enquanto catalisador de contatos cabe a ele, especialmente a ele, a realização dessas apresentações e desse convite, numa atitude que o re-situa no centro daquela rede de relações sociais.

Portanto, é a própria rede, fundada num contexto vivencial específico, que é reconstruída nesse post pela possibilidade de multiplicação dos vínculos de amizade que a constituem e garantem sua densidade. Nesse processo, refaz-se o “blogroll” de cada participante que aceitar o convite para atravessar os links e conhecer esses “novos blogs”, as histórias e relações que eles encerram. Se pudéssemos comparar o gesto de Gean com os atos de reciprocidade que constituem o *kula* trobriandês, tal qual descrito por Malinowski (1922 *apud* Mauss, 1974b, p. 82), diríamos que ele opera como um *opening gift*, isto é, como um presente que inaugura uma relação de troca comprometendo aquele que é apresentado no post a uma dádiva de retorno: um retorno que seria esperado tanto por quem o apresentou quanto por quem aceitou o convite para visitá-lo. Contudo, supondo que as sociedades complexas permitem que todo indivíduo libere-se mais facilmente dos vínculos de amizade, e até mesmo dos vínculos familiares, se assim desejar, pode-se dizer que aqui se tem uma manifestação da *dádiva livremente consentida*, mais voluntária e menos obrigatória (Godbout, 1999, p. 38).

Esse ponto de vista oferece uma base para a compreensão das trocas de “respeitos” e “gentilezas” configuradas nos comentários. De um lado, aqueles que foram sujeitos das apresentações agradecem os links, mostrando-se “lisonjeados” com o gesto. Do outro lado, Gean recusa a gratidão, afirmando a gratuidade e o prazer de *dar* o link, de *dar* a dica: “Não tem porque agradecer. O prazer é meu”, diz o blogueiro em resposta aos comentários. Ao mesmo tempo, ele explica o post como uma espécie de endosso do ato de visitar esses blogs, o que já vinha fazendo antes da incorporação dos links ao seu “blogroll”. Desta forma, ele nos mostra que todos os visitantes do blog são donatários dos links, os sujeitos das apresentações e aqueles convidados a visitar os blogueiros recém-chegados. Estes últimos também se

manifestam para agradecer as “dicas” e são igualmente retribuídos pelo blogueiro com a afirmação da gratuidade do seu gesto.

Enfim, a situação configurada no post coloca links, comentários e visitas juntos numa cadeia ininterrupta de dádivas onde tudo o que circula está a serviço não de vínculos isolados, mas de uma rede de vínculos de amizade que se realiza nos blogs e através dos blogs. Nesse sentido, a situação age na reafirmação do critério definidor da pertença à rede: antes e acima de ser imigrante, deve-se ser blogueiro. A resposta do blogueiro a um comentário vindo de uma visitante “não-blogueira” torna ainda mais evidente essa condição:

Eva Juca comentou em 28 mar 2005, 1:49 PM:

Oi Gean..

Realmente a lista dos blogs só cresce.. eu tb passo parte do meu dia só lendo os blogs.. É engraçado como a gente se torna íntimo sem nunca ter nos visto né..

Abrços

Eva

===

Oi Eva, é sim. Mas essa intimidade toda só é possível na medida do que falamos e contamos de nossas vidas né?

Já imaginou que legal um encontro de Blogs em Vancouver? :)

Beijo!

---

**Comentários no post “Novos Blogs”, Meu Cantinho, 22/03/2005.**

Gean reclama por reciprocidade, associando a construção da “intimidade” à possibilidade de compartilhamento de experiências pessoais no universo vivencial da imigração. Ou seja, o seu desejo é que na outra ponta do link embutido no comentário de Eva houvesse um blog, onde ela contasse sua vida em Vancouver da mesma forma que ele e os demais que se manifestaram no post estão contando suas vidas em Toronto e em outras cidades do Canadá. No entanto, aquele link conduz somente a um endereço de e-mail e isso inviabiliza o compartilhamento. Afinal, o que está em jogo é a construção de uma rede de “blogueiros imigrantes”, onde ser imigrante e ser blogueiro são termos indissociáveis na constituição da identidade que funda a rede. Aqui, os vínculos se estabelecem na medida em que os indivíduos colocam suas experiências em circulação. Daí o fato de serem os “novos blogs” os sujeitos das apresentações realizadas no post, blogs daqueles que estão chegando ao Canadá, blogs daqueles que já estão no Canadá. E quando estes se reúnem face a face têm-se os já mencionados “encontros de blogueiros”: o encontro daqueles que já se conhecem, daqueles que já se têm como “velhos amigos”. Portanto, quando Gean propõe à visitante a organização de um encontro em Vancouver ele está, na verdade, chamando-a a se integrar no lócus privilegiado de construção dos vínculos sociais entre esses imigrantes, de modo que ela possa estar entre os próximos a serem apresentados por ele e incorporados ao seu “blogroll”. Deve-se considerar, nesse sentido, a possibilidade da visitante não desejar o vínculo e os

compromissos que ele engendra, favorecendo-se apenas das dádivas voluntárias e livremente consentidas que permeiam o universo dos blogs.

De forma semelhante ao *Dia do leitor que nunca comentou*, pode-se dizer que o post de Gean constitui-se num momento propício para tal reclamação de reciprocidade: a apresentação dos recém-chegados à rede de “blogueiros imigrantes” cria a oportunidade para convidar outros imigrantes a se tornarem blogueiros e, assim, participarem desta rede íntima e personalizada tecida entre indivíduos que compartilham experiências únicas e singulares. A importância dada à reciprocidade mostra-se intimamente imbricada no desejo, da parte do blogueiro, pelo vínculo social. Um vínculo que pode se somar ao contexto relacional no qual o blogueiro se constitui e se apresenta. Diante desse desejo, tudo passa pelo *modo*, pela *arte de dizer*, pelo “tato”<sup>146</sup> para reclamar a reciprocidade e agir na direção do vínculo, mostrando que o interesse está acima de tudo na relação, na “intimidade” que a troca de experiências pode instaurar.

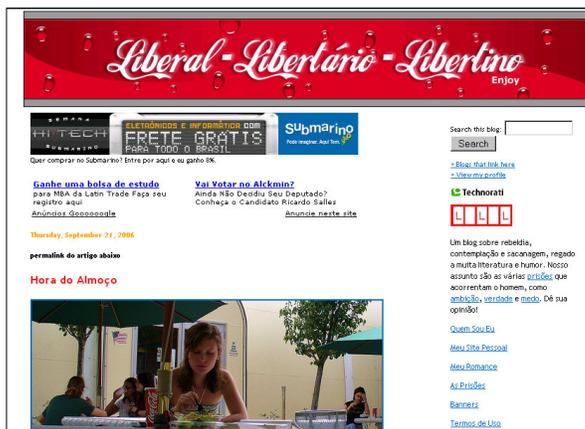
É justamente esse “tato” que parece ter faltado a Alexandre Cruz Almeida quando lançou a sua *Campanha Gentileza*, reclamando a retribuição dos links incorporados ao seu *Guia de Blogs* e colocando o seu desejo de ser lido, de ter ampliada a sua audiência, acima das relações sociais. A forma pela qual tal campanha foi recebida pelos leitores do blog *Liberal Libertário Libertino* sugere que o pedido explícito dos links vai de encontro ao princípio da “gentileza”, fundada sobretudo numa ação espontânea e gratuita. A compreensão dessa situação pede, no entanto, que seja desenhado o contexto mais amplo em que ela se desenvolve.

Com seu *Liberal Libertário Libertino*, Alexandre Cruz Almeida é frequentemente citado como um dos blogueiros mais visitados da “blogosfera brasileira”: lembremos de quando ele foi reverenciado por Idelber como “o blogueiro mais escrachado, mais original, mais anfitrião, mais divertido” que, quando começou a falar do *O biscoito fino e a massa*, trouxe-lhe dezenas de novos visitantes. Ao se apresentar como um *liberal, libertário, libertino* o blogueiro se define como sendo “liberal em costumes, em práticas, em pensamentos”, o que

---

<sup>146</sup> A questão do “tato” é considerada por Simmel (1983) no bojo da sua definição da *sociabilidade*. Se a natureza da sociabilidade está no desligamento com propósitos e conteúdos objetivos em favor da interação por ela mesma, da *reunião puramente sociável*, ela demanda qualidades pessoais como a amabilidade, o refinamento, a cordialidade e outras fontes de atração que dependem de uma redução da autonomia e da exacerbação pessoal. Isso não quer dizer, segundo Simmel, que na sociabilidade não há espaço para o que há de peculiar e singular aos atores envolvidos, mas sim, que se faz necessário tato para regular e limitar as reivindicações, impulsos e desejos individuais (ibid, p. 170).

o torna “liberal em termos culturais, morais, sexuais e religiosos” e também “em termos políticos e econômicos”<sup>147</sup>. É assim que ele informa a respeito *do que é* e do que os outros devem entender por *é* (Goffman, 1995). Sua apresentação opera, portanto, como um *enquadre*



*interpretativo* para sua performance enquanto blogueiro, dentro do qual suas ações individuais podem ser vistas e interpretadas como fazendo sentido.

O apelo comercial contido no blog está entre as ações que podem ser situadas nesse enquadre. A presença constante e repetida do “banner” do *Submarino*, uma espécie de loja de departamentos “on-line”

que comercializa vários tipos de produtos, é uma das parcerias que reverte em dinheiro para o blogueiro<sup>148</sup>. A cada compra efetivada na loja a partir de um clique no seu blog ele recebe 8% do valor do produto vendido. Sendo a literatura a categoria temática privilegiada pelo blogueiro, não são raras as vezes em que ele publica resenhas dos últimos livros que leu, anuncia e comenta lançamentos, ou cria outras formas de linkar para o *Submarino*, exatamente para a página referente ao livro ou outro produto citado, como quem convida o leitor a realizar a compra<sup>149</sup>. No blog ainda há um espaço para os anúncios do *Google*, que funcionam mais ou menos nos mesmos moldes dos anúncios do *Submarino*: a cada compra realizada através do blog, uma porcentagem do valor do produto é revertida para o blogueiro. Finalmente, Alexandre Cruz Almeida é também um romancista e já escreveu dois livros. Ambos não foram publicados na forma impressa, mas estão disponíveis para *download* a partir do *Liberal Libertário Libertino*. Diante da disponibilização “gratuita”, o blogueiro sugere uma troca: àqueles que aprovarem seus romances, ele pede que acessem sua “lista de

<sup>147</sup> Apresentação do blogueiro na sessão *Quem sou eu?* do seu blog.

<sup>148</sup> Estas parcerias são oferecidas por várias empresas anunciantes como o *Submarino*, a *Livraria Cultura*, o *Google*, entre outras. Uma vez concretizada a parceria, através de um cadastro no site da empresa, o blogueiro deve inserir um “banner” específico no “template” do seu blog (cujo código HTML lhe é fornecido no ato do cadastro). A partir daí, as remessas em dinheiro são realizadas a cada período ou valor acumulado (por exemplo, a cada três meses com o valor acumulado no período ou a cada US\$ 100 acumulados em vendas).

<sup>149</sup> Nesse sentido, todo o “template” do blog é permeado de anúncios. À margem direita dos posts, o blogueiro mantém uma lista de livros recomendados onde a imagem da capa de cada livro é um link para sua página de venda no *Submarino*. Na seqüência dessas recomendações, ele mantém ainda um “diário de leitura”, onde lista as referências completas de cada livro lido, referências estas igualmente linkadas.

presentes” no *Submarino* e lhe presenteiem com um dos livros indicados, retribuindo-lhe o “prazer” proporcionado pela leitura<sup>150</sup>.

No blog, são muitas as situações em que Alexandre demonstra prezar pelos seus altos índices de audiência. Uma delas teve especial repercussão, tendo sido comentada e debatida por outros blogueiros, em outros blogs. Configurou-se a partir de fevereiro de 2004, quando ele passou a publicar posts sobre a mulher que estivesse na capa da Revista Playboy do mês em questão. Com isso ele pretendia alavancar sua audiência, apostando nos acessos provenientes dos mecanismos de busca, especificamente da procura por fotos de mulheres nuas na Web. Como parte dessa estratégia, a qual denominou de “treta”, ele alterava o título da página<sup>151</sup> para uma espécie de anúncio – “Fotos da Luiza Tomé Nua na Playboy!” –, como forma de aumentar a relevância do seu blog nessas buscas. Quando questionado sobre a validade destes acessos, com base na suposição de que a maioria que chega dessa forma ao blog não retorna uma segunda vez, o blogueiro argumentou que “cada leitor conta” se considerar seu desejo de “ser lido”. E fez os cálculos:

(...) No primeiro dia em que botei essa treta (eram fotos da Joseane do BBB), o blog teve 9.000 pageviews. Se somente 1% desses punheteiros parasse pra olhar o blog com mais cuidado, já seriam 90 novos leitores em um dia. Aliás, se tiver sido só uma única pessoa, dentre essas 9.000, já teria valido a pena, ainda mais porque a treta não me custa nada e não me incomoda em nada.

(...)

---

**Alexandre Cruz Almeida, “Cada leitor conta. A bronca com a treta”. *Liberal Libertário Libertino*, 15/09/2004.**

Essa declaração constou no post publicado em resposta às reações de outros blogueiros acerca deste tipo de estratégia popularizada pelo *Liberal Libertário Libertino*.

Tem-se assim o cenário e um plano de ações que contextualizam a *Campanha Gentileza*, lançada pelo blogueiro em meados de novembro de 2004. Uma campanha mobilizada na esteira de uma discussão na qual o blogueiro se envolveu em outros blogs,

---

<sup>150</sup> As “listas de presentes” são serviços oferecidos por várias lojas on-line semelhantes ao *Submarino*. Elas são montadas no próprio site da loja com os produtos disponíveis para a venda e são divulgadas por blogueiros através de um “permalink” colocado no blog. Através dessas listas, é possível comprar um presente e encaminhá-lo automaticamente ao endereço do donatário. No caso de Alexandre Cruz Almeida, ele sugere a troca dos seus romances por um dos itens da sua lista de presentes diretamente na sessão dedicada ao *download* dos livros.

<sup>151</sup> Não se trata do “nome do blog”, mas do título que identifica a “janela” do *browser* em que um blog ou outro site está sendo exibido para um internauta. É comum que esse título coincida com o “nome do blog”. No entanto, no texto de programação (o texto em HTML lido e decodificado pelo *browser* para a visualização do internauta), esse título é descrito por uma marcação específica, podendo ser alterado isoladamente.

especialmente com dois outros blogueiros<sup>152</sup>. De um lado Alexandre argumentava pela reciprocidade na concessão dos links, julgando “ingratos” aqueles que não retribuem um link concedido: “Eu tenho por hábito linkar de volta para todos que me linkam e, sério, quem não linka pra quem linka é um tremendo ingrato”, dizia o blogueiro. Do outro lado, os dois blogueiros defendiam a gratuidade dos links, entendendo o ato de linkar como um ato livre, unilateral, sobre o qual não se cobra retribuição: “Pra mim, fazer o link pensando em receber um recíproco é vender o ato – deturpa a mensagem”, dizia um deles. A *Campanha Gentileza* foi, a princípio, a forma que Alexandre encontrou de trazer a discussão para seu blog, reafirmar seu argumento perante a sua audiência e reivindicar reciprocidade nos links concedidos em seu *Guia de Blogs*.

Introduzindo o post que lançou a campanha, o blogueiro insistia sobre sua popularidade afirmando que muitos daqueles linkados no tal *Guia* – definido por ele como uma “seleção dos melhores blogs do Brasil” – atestaram o aumento no fluxo de visitantes nos seus blogs após a concessão do link. Isso justificava, sob o ponto de vista do blogueiro, a retribuição do link ou, pelo menos, um “agradecimento” público na forma de um post. Isto é, fosse num “blogroll” ou num post, ele reclamava um link daqueles blogueiros reconhecidos no seu *Guia de Blogs*. É assim que ele esperava ser reconhecido pelo seu reconhecimento; é assim que ele entendia a expressão “gentileza gera gentileza”. Assim sendo, ele apresentou sua *Campanha Gentileza* na seguinte forma:

(...)

Mais uma vez, agora com botão, inicio uma nova campanha na Web brasileira: a Gentileza. Eis o [Manifesto da Gentileza Bloqueira](#):

- Seja gentil.
- Linke para quem te linka.
- Se você despreza o blog que te linka e jamais conseguiria linkar pra ele, tenha hombridade de pedir pra ele retirar o link.
- Clique nos banners de quem vive de publicidade.
- Quando ler um post muito legal, cite e dê link, para que outras pessoas também vejam.
- Aliás, SEMPRE cite a fonte e dê o link. Senão, é plágio.
- Se encontrar um post que não gosta, pule.
- Se encontrar vários, não volte mais.
- Se voltar, não reclame.
- Não xingue ninguém. Nunca.



<sup>152</sup> Trata-se de Jonas Galvez, do blog que levava o seu nome, e de Ronaldo, do *Superfície Reflexiva*. A discussão teve origem nas críticas à atitude de um outro blogueiro, o Alex Castro do blog *Usabilidade e Arquitetura da Informação*, que anunciou ter desabilitado seu "feed" argumentando que os leitores que liam o blog nos "feedreaders" não deixavam comentários, não clicavam nos anúncios do blog e, finalmente, não colocavam links para o blog em seus "blogrolls".

- Se quiser aderir à Campanha Gentileza, pode copiar o botão, mas diga de onde tirou. Senão, você não entendeu nada do espírito da coisa.  
(...)

#### 15 comentário e crescendo

---

**Alexandre Cruz Almeida, Liberal Libertário Libertino, 14/11/2004.**

Esta é a síntese da campanha apresentada num post longo, onde Alexandre retomou os principais argumentos da discussão desenrolada nos outros blogs para situar e desenvolver seu ponto de vista. O próprio post é linkado aí como sendo o *Manifesto da Gentileza Blogueira*. Ainda, ele se apropriou da imagem-símbolo da atitude relacionada à “ética hacker” e entendida como constitutiva da prática do “blogging” para divulgar sua campanha<sup>153</sup>, desde que associado ao “permalink” do tal *Manifesto*. Tudo isso, somado ao modo imperativo pelo qual o blogueiro se expressa no post, parece romper com a gratuidade e liberdade inerentes ao ato de linkar tal como ele costuma ser compreendido no universo dos blogs. E não são somente *links, cliques e citações* que ele pede em retribuição ao que faz e ao que escreve no seu blog. Para aqueles que não se sentem em condições de retribuir porque não aprovam o conteúdo do blog, ele pede que solicitem a retirada dos seus links e que não voltem mais ao blog. Pela afirmação do dever e do interesse na retribuição, pela busca de equivalência e pela atitude de “auto-promoção”, a campanha foi rechaçada pela maioria que comentou o post.

---

15/11/2004 • 09:56:27 Paulo Polzonoff Jr | [m@il](#) | [www](#)

(...) Gentileza nada tem a ver com blogs, ou melhor, até tem, mas não no sentido de self-marketing que vc tenta aplicar. Vc está usurpando a idéia da gentileza, misturando as coisas e colocando aí no meio uma visão muito particular de gratidão e retribuição. (...)  
Grande abraço.

---

15/11/2004 • 11:12:27 Harry Letterx | [m@il](#) | [www](#)

(...) Meus links são simplesmente para ajudar a minha navegação e dizer quem são os caras que eu gosto - isso diz algo a meu respeito. Não espero nenhuma gratidão porque não me sinto fazendo nenhum favor quando linko alguém. (...)

Bom, não concordo com você.

---

15/11/2004 • 15:44:04 Kitagawa | [m@il](#) | [www](#)

O problema é que estabelecendo regras voce quebra o “encanto” da gentileza, o qual faz crermos que estamos diante de um gesto de espontanea e/ou boa vontade. Não queremos crer que quem postou algo da gente, o tenha feito unicamente objetivando a nossa retribuição? Se não, Isso seria puro interesse, isso seria feio. (...)

---

16/11/2004 • 00:56:43 DaniCast | [m@il](#) | [www](#)

<sup>153</sup> A imagem é a reprodução digital de um dos grafismos do Profeta Gentileza.

Concordo com o Iraldo, com o Polzonoff e com o Harry. Eu linko no meu blog quem eu acho que tenho que linkar. Não consigo linkar um blog idiota só porque o dono do blog idiota me linkou. Não vou passar atestado para um conteúdo que eu não gosto só porque quem é dono daquilo me linkou. Eu me reservo o direito de só linkar o que eu gosto. (...)

---

**Comentários no post “Campanha Gentileza”, Liberal Libertário Libertino,  
15/11/2004.**

Aqui, a prática do “blogging” e, sobretudo, da “linkania” parece ser recolocada no domínio da dádiva. Resgata-se o prazer de se *dar um link* para quem se gosta, o caráter espontâneo e desinteressado do gesto, enfim, resgata-se o encantamento da dádiva em oposição à “feição” da equivalência. O valor dos vínculos é colocado acima do valor dos links trocados, afinal que “dizer quem são os caras que eu gosto, diz algo a meu respeito”(sic). Nesse sentido, os links não somam apenas, eles personalizam o indivíduo no âmbito de uma rede de relações sociais que o lembra constantemente da sua singularidade. Além disso, entende-se que a reivindicação da retribuição e a explicitação do interesse aniquilam a surpresa da “verdadeira gentileza”, o *a mais* da dádiva, a crença de que se está diante de um gesto espontâneo e de “boa vontade”. Reafirma-se, assim, a regra do jogo: *fazer de conta que se ignora a regra*. A regra que sustenta a *dupla verdade* da experiência da dádiva que tem, de um lado, a experiência vivida como rejeição do interesse e do cálculo, como exaltação da generosidade e da gratuidade e, do outro lado, a consciência nunca completamente excluída da lógica da troca. Trata-se de uma contradição permanente entre a “verdade vivida” do dom, como um ato generoso que não espera retribuição, e a “verdade do modelo”, que faz da troca um momento que transcende os atos singulares que a instituem (Bourdieu, 1996, p. 7/8).

Insistindo na necessidade da retribuição, Alexandre enfatizou a segunda verdade e reduziu a primeira, colocando o valor de troca do link acima do seu valor social, ligado ao vínculo. Uma atitude compreendida como utilitarista por ter reduzido a complexidade das trocas comunicativas estabelecidas nos blogs a um mero “toma-lá-dá-cá” de links. Entretanto, podemos pensar que esse mesmo tom utilitarista é de certo modo legitimado pela apresentação do blogueiro, pelo seu perfil *liberal, libertário, libertino*, que situa sua performance num plano coerente de ações. E é o próprio blogueiro que reconstitui essa identidade ao fazer um balanço da repercussão da sua campanha, identificando o ponto que o distingue daqueles que o criticaram. Num post intitulado *Gentileza: egoísmo ou carência?* e publicado vinte dias após o lançamento da campanha, ele conclui:

(...)

Eu pensei que as pessoas não linkavam umas às outras por egoísmo ou preguiça, agora vejo que talvez seja por carência. Vai ver o grande mal-entendido da

Campanha Gentileza foi esse: não se chegou a um acordo porque eu e meus leitores desejamos coisas muito diferentes.

**Eles querem ser amados. Eu só quero ser lido.**

---

Alexandre Cruz Almeida, *Liberal Libertário Libertino*, 05/12/2004 (grifo meu).

É possível dizer que a idéia de “carência” remete, aqui, à necessidade do vínculo social colocada em oposição à necessidade do blogueiro de apenas “ser lido”. O significado da retribuição dos links encontra-se, portanto, no desejo do retorno do fluxo de audiência que o blogueiro diz promover na direção daqueles por ele linkados. De certo modo, ele alcançou seu intento: a *Campanha Gentileza* mobilizou uma rede de blogueiros que dedicaram espaços em seus blogs para se posicionarem em relação ao argumento de Alexandre e que, mesmo divergindo, remeteram suas audiências para o *Liberal Libertário Libertino*. Ou seja, ao gerar a polêmica ele se pôs em pauta para além do seu próprio blog, numa situação onde o conflito se apresentou como um elemento constitutivo do social (Simmel, 1983, p. 159) gerando um efeito coletivizante traduzido num instante de intensa troca de visitas, comentários e links. Cada referência feita à campanha de Alexandre rendeu a cada blogueiro uma citação no *Liberal Libertário Libertino*, de modo a permitir o fluxo de leitores de um ponto a outro da rede ativada no evento e provocar a reciprocidade que ele tanto reclamou.

Se por um lado a atitude de Alexandre teve esse efeito agregador, mesmo sendo visto como desviante em relação aos princípios amplamente aceitos como fundadores do “blogging”, por outro lado ela remete às possibilidades contemporâneas de liberação dos vínculos sociais e da submissão à lógica do mercado. Nesse sentido, o blogueiro *liberal, libertário, libertino* aponta a possibilidade de seleção, de escolha dos vínculos. Numa lista de links à margem direita dos posts leva o título *Amigos* e contém uma série de links, dispostos lado a lado, que apontam para 7 (sete) blogs. Este é o “blogroll” de Alexandre que guarda suas relações mais próximas, aquelas que ele mesmo define como relações de amizade. O *Guia de Blogs* – o ponto de partida da *Campanha Gentileza* – não é o espaço dos “amigos”, mas sim, um espaço que o blogueiro enxerga como uma vitrine, onde ele “gentilmente” expõe alguns blogs que considera merecedores de divulgação diante da sua privilegiada audiência. É um dos espaços de anúncio publicitário em meio aos tantos outros presentes em seu blog. E de cada link exibido nesse *Guia* ele espera uma retribuição equivalente, ou quase equivalente, da mesma forma que espera ter retribuída em livros a disponibilização “gratuita” de seus romances.

Portanto, para além da campanha pela retribuição dos links, o *Liberal Libertário Libertino* – com suas parcerias publicitárias, sua ênfase no ganho monetário e seu apelo comercial e à troca de livros – se apresenta como uma expressão da possibilidade de generalização da relação mercantil em detrimento da relação puramente social. “Cada leitor conta”, eis o “mantra” do blog, tal como Alexandre definiu um dia. Isto é, há uma dimensão da performance do blogueiro cuja ênfase está sobre o *resultado*: “tretas” e links trazem leitores, anúncios trazem dinheiro, livros gratuitos trazem mais livros e tem-se, assim, o *indivíduo moderno*, cheio de direitos e bens e mais livre dos vínculos sociais, cuja importância é minimizada no interior da troca. Como coloca Godbout (1999, p. 219), “(...) não somos obrigados a nos amar para fazer negócios, para que os bens circulem: é uma grande liberação. Devemos tão somente pagar o preço, se quisermos e se pudermos”.

No entanto, a preocupação com os *resultados* não anula a dimensão da performance que enfatiza os *gestos*, as *maneiras*. Para que haja quem linkar e de quem receber links, para que venham leitores que se rendam aos anúncios e comprem livros, é preciso se manter *na* rede e *em* rede, é preciso se *dar* constantemente aos outros – com visitas e comentários, posts e links – para *receber* os outros. Recuperando a cotidianidade do “blogging”, a necessária presença do blogueiro no contexto de realização de uma rede de relações sociais, recupera-se, então, a linguagem da dádiva. Isso quer dizer que o blogueiro comerciante, negociante, não exclui o blogueiro anfitrião, que partilha sua experiência e cria diariamente situações para receber seus visitantes até mesmo rompendo com a própria lógica da hospitalidade em favor da mera troca de links. Tampouco exclui o blogueiro visitante que, atento ao que andam falando a seu respeito, retribui referências e avalia a repercussão das suas ações com vistas à sua continuidade. Refaz-se, assim, o momento em que as “coisas” que circulam entre pessoas e suas singularidades são significadas segundo sua capacidade de expressar e alimentar as relações sociais. Esse momento inclui o *reconhecimento*: dos outros na direção de Alexandre, que reconhecem sua atitude mesmo divergindo dela, que clicam nos seus anúncios porque é ele quem está recomendando, que lhe presenteiam livros *obrigados* justamente pelo gesto da disponibilização gratuita das suas produções; e de Alexandre na direção dos outros, que mantém o blog constantemente atualizado, reconhece aqueles que o referenciaram e, vez ou outra, agradece as compras realizadas através do seu blog e os livros recebidos pela sua “lista de presentes”.

Enfim, o *Liberal Libertário Libertino* constitui-se como um lócus privilegiado de expressão da especificidade da *dádiva moderna*, que se funda na coexistência com as lógicas

mercantil e burocrática que também marcam as sociedades contemporâneas. A performance do blogueiro e os eventos interativos que ela produz combinam gestos livres e gratuitos, que se movem pelo prazer e pelo gosto, carregam o *valor do vínculo* e operam acima de tudo na produção da *sociabilidade*, com atitudes utilitárias, fundadas no interesse pelo lucro – seja ele em dinheiro ou em número de leitores –, e facilmente liberadas dos vínculos sociais. E isso remete para outras tensões que parecem estar na base da constituição do sujeito blogueiro: aquela que se realiza entre a possibilidade do *link* e a possibilidade do *exit*; entre as múltiplas possibilidades associativas e a liberdade de escolher a quem se vincular e/ou não se vincular; entre a possibilidade de alcançar dimensões mais globais e igualitárias – onde só se é *mais um* entre tantos – e a inserção em redes locais, onde o sujeito se singulariza na medida em que se dispõe ao outro, pertencendo a algo mais do que a si mesmo.

## — Capítulo 4 —

### A vida social na “blogosfera”:

### Dramas sociais e experiência de comunidade nas densidades das redes

---

Já foi considerado aqui que a utilização do termo “blogosfera” pode implicar em vários visionamentos do universo dos blogs, desde aquele que encerra todos os blogs existentes na Internet até aquele que aponta os conjuntos de relações sociais mais ou menos restritos dos quais os blogueiros participam. Esses diferentes visionamentos se expressam com frequência nos blogs, evidenciando a tensão fundamental que perpassa o processo de constituição do blogueiro, entre a intenção do alcance de uma audiência de grandes proporções e a experiência cotidiana, inscrita em círculos sociais específicos e fundada em atos de reciprocidade. Como foi analisado no capítulo anterior, para um blogueiro, estar presente na “blogosfera” é, antes de tudo, se manter ativo num circuito de visitas, comentários e links recíprocos, situando sua performance num conjunto de interesses, pontos de vista e modos de fala compartilhados e constantemente negociado no âmbito da *sua* rede de relações. Ao mesmo tempo, a pertença, o link com uma “blogosfera” de dimensões mais globais é constantemente performado, seja na exposição das estatísticas do blog, na celebração de índices hiperbólicos de audiência ou, ainda, nas estratégias especialmente voltadas à promoção de novas participações.

No entanto, face ao esforço de construir um entendimento geral acerca do universo dos blogs, parte da literatura acadêmica e jornalística toma a “blogosfera” apenas nos seus sentidos mais gerais, como a totalidade de blogs existentes na Internet ou a totalidade de blogs escritos numa determinada língua ou por nativos de um determinado país. Foi nesses termos que N. Packwood (2004) buscou compreender a “geografia cultural da blogosfera” e que F. Shaap (2004) analisou, segundo uma abordagem interacionista, a “blogosfera holandesa”. Sem que seja o caso específico desses estudos, cujas contribuições para a compreensão das práticas sociais engendradas nos blogs já foram consideradas neste trabalho, o fato é que a

constatação do caráter fragmentado e de certa forma impessoal desses arranjos globais acaba frustrando aqueles que os concebem *a priori* como sendo unidades coesas, de caráter quase “comunitário”.

Com o propósito de mapear quantitativamente o universo dos blogs, um *survey* realizado pela *Perseus Development Company* (2003) constatou que cerca de dois terços dos blogs rastreados nos serviços gratuitos de hospedagem se encontravam “abandonados”, tendo sido atualizados uma única vez ou se mantido “ativos” por menos de seis meses. Enquanto isso, os poucos blogs freqüentemente atualizados, comentados e linkados formavam um núcleo conversacional baseado em redes pessoais. Diante desses dados, a pesquisa concluiu que a “blogosfera” assume a forma de um *iceberg*, cuja área mais vasta encontra-se submersa e invisível enquanto apenas aqueles que emergem na superfície – os blogs “ativos”, amplamente comentados e linkados – representam e definem os blogs para o imaginário público. Como coloca Graham Lampa (2004)<sup>154</sup> em sua reflexão acerca dos resultados desta pesquisa, para aqueles que pensam a “blogosfera como um todo” enquanto “comunidade” esses dados não são, realmente, nada estimulantes. Afinal, como pode uma comunidade ser formada por indivíduos cuja vasta maioria dificilmente se encontra ou se comunica um com o outro? A resposta mais fácil a essa questão seria, segundo o autor, a de que a “comunidade” efetivamente não existe, pois, nesses termos, a “blogosfera” não se constitui como um grupo coeso no qual se partilha propósitos e valores comuns. Contudo, diz ele, essa resposta não dá conta do sentimento compartilhado entre os próprios blogueiros de pertencer a uma “blogosfera” de proporções globais e que, ao se expressar através da linguagem, cria uma *comunidade discursiva, transnacional e imaginada*<sup>155</sup>. Este sentimento estaria fundado na experiência comum do “blogging” enquanto modalidade de publicação e/ou “comunicação mediada por computador” específica. É como se de blog em blog, de link em link, pudesse ser tecida uma “comunidade” de *publishers* cujos textos estão circulando, sendo reproduzidos e “consumidos” por outros. E a especificidade desta “comunidade” estaria numa rejeição generalizada à lógica do mercado em favor da lógica da reciprocidade, do não-lucro, propiciada pela hipertextualidade, interatividade e liberação das instâncias de produção e

---

<sup>154</sup> Como N. Packwood e F. Shaap, esse autor também integra o conjunto de pesquisadores reunidos no site *Into the Blogosphere* (Gurak, *et al.*, 2004).

<sup>155</sup> Lampa baseia-se no mesmo referencial teórico-conceitual que inspirou Ribeiro (2002) em sua análise da Internet como um *espaço-público-virtual* e base para o surgimento de diferentes *comunidades transnacionais imaginadas-virtuais*, comentada no primeiro capítulo deste trabalho.

consumo de textos. Ou seja, a “blogosfera como um todo” forma uma “comunidade imaginada” na medida em que reúne seus membros pela crença de que, de link em link, é possível se engajar numa conversação e/ou partilhar uma identidade comum com o outro. Nesse sentido, todo núcleo interativo fundado em relações sociais mantidas em torno de interesses comuns, é sempre um ponto de partida para que uma comunidade mais ampla seja imaginada e, assim, experienciada.

A reflexão de Lampa reforça, assim, a idéia de que a experiência do “blogging” se constitui num trânsito permanente entre dimensões mais globais, alcançadas pelos múltiplos caminhos do hipertexto, e a inserção em um contexto relacional marcado pelas práticas cotidianas e recíprocas. Contudo, a análise desenvolvida aqui permite dizer que a experiência no global parte essencialmente do local, dali onde os blogueiros desempenham e são reconhecidos em papéis sociais distintos como o “überblogueiro”, “pioneiro”, os “padrinhos” e “madrinhas”, os “gurus”, etc. Como procurei mostrar, é através desses personagens, construídos relacionalmente e narrativamente nas interações cotidianas, que os blogueiros se ligam a domínios como a “blogosfera brasileira” ou a “blogosfera como um todo”. Em cada contexto específico há sempre aqueles que possuem maior legitimidade e poder representativo para apresentar outros caminhos a serem percorridos.

Isso permite afirmarmos que a vida social no universo dos blogs transcorre nas *densidades* das redes: ali onde o “blogging” se constitui numa prática cotidiana, onde as relações sociais se mantêm por atos contínuos de reciprocidade e onde a pertença a domínios mais globais é performada e significada. No entanto, isso não se dá sempre na harmonia e na perfeição. Foi possível identificar momentos em que os blogueiros são levados a se expressar acerca de certos valores, princípios e códigos interativos constitutivos dos contextos aos quais eles estão ligados. E isso ocorre quando há uma ruptura, a quebra de uma norma, e a conseqüente instalação de uma crise. Tais momentos se desenvolvem como *dramas sociais* (Turner, 1981) e desafiam os atores a demonstrar o que fazem e a apontar soluções, promovendo situações de intensa negociação das relações sociais. Configuram-se, então, eventos liminares onde o fluxo das interações cotidianas é suspenso dando lugar a mecanismos compensatórios voltados à reintegração e ao fortalecimento das relações ou ao reconhecimento de um cisma. Nesses eventos a experiência do “blogging” adquire contornos de experiência comunitária.

Dois desses eventos chamaram especial atenção no decorrer da pesquisa e serão analisados neste capítulo. O primeiro deles foi o *Chá entre amigas*, um blog criado pelas

participantes do blog coletivo *Ligeiramente Grávida (LG)* visando uma ação solidária, num momento em que a expansão da chamada “comunidade *LG*” parecia facilitar o não reconhecimento dos princípios e valores constitutivos do grupo. O segundo se estabeleceu a partir do desentendimento entre duas “blogueiras imigrantes”, envolvendo um conjunto de relações comuns numa disputa que ativou diferentes gêneros performáticos. Situando-se num tempo liminar, esses eventos evidenciaram as qualidades emergentes da performance como um *evento interativo* e agiram significativamente na produção da reciprocidade. Assim sendo, de uma maneira ou de outra, em ambos a experiência da comunidade foi ritualizada, dramatizada. E a análise desses eventos permite compreender, nesse sentido, que a vida social na “blogosfera” é um processo dinâmico que se desenvolve numa contínua tensão entre a harmonia e o conflito, entre a unidade e a fragmentação e cujo resultado nunca está determinado, havendo sempre a possibilidade de transformação.

### 1. O *Chá entre amigas*: solidariedade e reciprocidade entre as *Ligeiramente Grávidas*



O blog coletivo *Ligeiramente Grávida* – usualmente referido apenas por *LG* – foi criado em 2002 visando reunir mulheres dispostas a compartilhar suas expectativas e experiências relativas à gravidez e à maternidade. Como já foi mencionado no segundo capítulo, durante o trabalho de campo esse blog se apresentou como

ponto de convergência para uma rede de blogueiras que se articulavam, com seus blogs pessoais, em pequenas densidades de rede. Como ponto de encontro entre várias redes estelares, o blog coletivo era percebido como um espaço de caráter comunitário que colocava mais de cem blogueiras em situação privilegiada para compartilhar um conjunto de experiências comuns: o desejo de engravidar, a gravidez e, enfim, a maternidade. Nos laços de reciprocidade e de solidariedade criados nesse compartilhamento sustentava-se, assim, a chamada “comunidade *LG*”, uma comunidade formada pelas “meninas” *Ligeiramente Grávidas*.

Contudo, o aumento do número de participantes no *LG* parece ter colocado em risco a “comunidade”, ampliando as possibilidades para o não reconhecimento da lógica fundadora

do grupo original. Este risco constituiu-se na força-motor para a criação do *Chá entre amigas*, uma campanha iniciada no *LG* em favor de uma participante que enfrentava dificuldades durante sua gravidez.

Na época da pesquisa, Vânia, com trinta anos, tinha três filhos e estava grávida de trigêmeos. Um de seus filhos possuía uma deficiência medular que afetava seriamente seu sistema imunológico e precisava realizar um transplante. As outras duas filhas, por serem adotivas, não eram doadoras compatíveis. Foi assim que Vânia decidiu realizar uma *fertilização in vitro (fiv)*, visando ter filhos que pudessem ser doadores de medula para o irmão. As condições financeiras de Vânia agravavam sua situação, pois ela e o marido encontravam-se desempregados. No *LG* ela partilhava sua história e encontrava apoio: conselhos, promessas de orações e de ajuda material. Esta última vinha em forma de doações por parte daquelas que já haviam dado à luz seus filhos.

Sempre que conseguia um acesso à Internet, Vânia vinha ao blog dar notícias da gravidez e da família e agradecer todo apoio recebido no *LG*. No entanto, esta sua atitude acabou sendo interpretada como um pedido explícito de ajuda: um leitor ou leitora do *LG* enviou-lhe anonimamente um e-mail, questionando-a por ter realizado a *fiv* mesmo em condições financeiras desfavoráveis e criticando-a por estar supostamente pedindo ajuda. Ao reverberar no *LG*, essa crítica foi rechaçada e revertida em favor de Vânia, mobilizando a “comunidade” no sentido de ajudá-la. A iniciativa da mobilização partiu de Lila, participante do *LG* desde o ano de sua fundação. Foi ela quem tornou público o ocorrido, repudiou a crítica e chamou as demais participantes a se engajarem num “chá de bebê virtual” para Vânia. A idéia era, basicamente, a de arrecadar doações que fossem entregues no “encontro do *LG*”: um encontro face a face que se realizaria em fevereiro e já estava agendado. Este post de Lila foi o ponto de partida para o surgimento do *Chá entre amigas*.

DESABAFO

Olá todas.

Bem, eu sei que não venho muito aqui, mas acompanho muitas histórias, mesmo não estando sempre presente. Tive o grande privilégio de conquistar amizades que para mim são muito preciosas, conheci mulheres guerreiras, fortes, enfim: realmente admiráveis.

Já tenho quase dois anos de Ligeiramente Grávida, e já vivi muitas histórias junto com amigas daqui. Infelizmente não posso dizer que sempre foi perfeito, talvez isso seja impossível, ainda mais hoje, na comunidade tão grande em que se transformou o *LG*, houveram decepções sim, mas foram ínfimas, então posso dizer que foram insignificantes. Graças à Deus, nunca tive problemas diretos com relação à minha pessoa, mas vi muitas pessoas queridas serem atacadas, magoadas, deixadas de lado e até mesmo injustiçadas, e apesar de sentir também, nunca me intrometi, tenho isso meio que como regra de vida. Mas dessa vez não consegui ficar quieta.

Talvez eu até me arrependa, talvez também seja atacada e magoada, mas vou em frente, vou me manifestar:

Não queria entrar no mérito da questão, mas não tem jeito: existe uma das amigas do LG que está passando por diversas dificuldades, e na realidade não pediu “ajuda” especificamente aqui, e apesar disso se sentiu mal interpretada ao receber um e-mail ( sem identificação, claro, afinal, esse tipo de atitude sempre vem de pessoas que não têm coragem de assumir o que fazem ), questionando a sua gravidez, a sua condição financeira, enfim. Sim, é a Vânia.

Gente, quem somos nós para julgar, analisar ou criticar a situação de qualquer qualquer um? Se hoje o seu marido está empregado, você está empregada, tem a sua mãe pra te ajudar, tem boa relação com a sogra, tem uma casa pra morar, QUEM te garante que terá tudo isso amanhã?? Também vou tentar não julgar a pessoa que enviou o e-mail, talvez essa pessoa tenha os seus motivos para fazer o que fez, mas o que quero levantar é: que diferença faz COMO a pessoa, seja quem for, (pode ser uma vizinha, uma pessoa qualquer) chegou à uma situação em que precise da ajuda de estranhos? **O que importa é o FATO: se a pessoa está precisando ajuda e você pode ou quer ajudar: ótimo! Ajude. Se não pode, ou não sente vontade de ajudar, simplesmente não o faça!**

Além de todos os problemas de saúde, financeiros, com os filhos já grandinhos e os que estão para nascer, ela ainda tem que passar por isso? Não acho justo. Ela me ligou e pediu só pra eu postar aqui que não está pedindo nada além de orações ( aliás, chequem o post dela mais abaixo, eu também chequei ). Ela disse que teve uma oportunidade de acesso à net e veio nos contar como está. Não é isso que amigas fazem? Se importam? Querem saber uma da outra? E ela disse também, que deixou o endereço para que se alguém quisesse entrar em contato, que escrevesse, porque ela não tem mais telefone, foi isso. **Ela está precisando de ajuda sim, isso fica, isso fica claro no post, e eu posso até estar enganada mas sinceramente acredito que não foi para pedir ajuda que ela veio postar. Talvez isso tenha se perdido, como agora tem muita gente, os laços talvez não sejam mais tão fortes... não sei. Só sei que isso não está certo.**

Bom, agora, mesmo sem consultar a Vânia ( pois acho que depois disso tudo ela não aprovaria ) **eu decidi organizar um chá de bebê virtual para eles, se alguém QUISER e PUDER participar, entre em contato comigo.** Não vou falar nada, simplesmente vou fazer o que puder e levar pra ela. Junto com as amigas que vão ao encontro, tenho certeza de que vamos conseguir bastante coisinhas para ajudá-la.

Um beijo triste, Lila

---

**Lila, *Ligeiramente Grávida*, 11/02/2004 (grifos meus).**

Primeiramente, deve-se ressaltar que esse post guarda aspectos fundamentais de um padrão comunicativo<sup>156</sup> e de um modo de fala que delineiam a ênfase comunitária da dinâmica interativa estabelecida no *LG*. As saudações iniciais e finais colocam o grupo – as “meninas”, as “amigas” – no alvo da situação comunicativa. Aqui, qualquer intenção de alcançar uma audiência mais ampla está reduzida em favor da manutenção do grupo. Isso pode explicar, também, a raridade de referências linkadas no interior dos posts. Sem os links, os posts no *LG* costumam se apresentar como narrativas “corridas”, sem muitos cortes e sem muito rigor formal com a grafia e a pontuação. Mais uma vez, esse aspecto de oralidade coloca em cena a dinâmica de produção desses textos que parecem querer dar conta da velocidade das experiências e criar uma situação de “tempo real”, de simultaneidade entre *evento narrado* e *evento narrativo*.

---

<sup>156</sup> Padrão semelhante foi identificado na análise das trocas comunicativas em listas eletrônicas de discussão (Máximo, 2002).

Se o foco era o grupo – a articulação de uma ação coletiva de solidariedade –, compreende-se que não haja lugar para referências que remetam para fora do *LG*. Este se constituía, até então, como o espaço por excelência para a realização de uma “comunidade” fundada na reciprocidade, na ajuda mútua. A iniciativa de Lila remete, então, para uma tentativa de resgate dessa lógica fundadora, colocada em risco na medida em que o *LG* expandia suas fronteiras, aumentando sua visibilidade e número de participantes. Para tanto, ela própria colocou-se na posição de fundadora, como alguém que nos seus “quase dois anos de Ligeiramente Grávida” conquistou “amizades preciosas”, acompanhou e vivenciou “muitas histórias” e experimentou os dissabores do crescimento da “comunidade”. Uma posição que lhe conferia legitimidade e autoridade para enfatizar a necessidade de se ajudar gratuitamente a “amiga” em dificuldades.

Uma vez apoiada por algumas participantes, que lançaram sugestões à sua proposta inicial, Lila voltou ao *LG* para dar detalhes sobre como se realizaria o “chá de bebê para a Vânia”. Para que a possibilidade de participação se estendesse àquelas que não pudessem estar presentes no “encontro do *LG*”, Lila sugeriu que fossem feitas doações em dinheiro, através de depósitos bancários, para a compra de itens de enxoval para os trigêmeos. Paralelamente, manteve-se a proposta de doações de alimentos, roupas e utensílios novos e/ou usados. Apostando no sucesso da sua campanha, Lila se colocou à disposição para apanhar as doações nas proximidades da sua casa, centralizar o recebimento dos depósitos, realizar as compras, levar o que seria comprado e arrecadado até a cidade onde Vânia morava com sua família e, ao final, prestar contas a todas as participantes. Desse modo, as doações em dinheiro foram condicionadas ao fornecimento de um nome, para constar na lista de doadores, e de um endereço, para posterior envio de notas fiscais que comprovassem os gastos.

Desenhou-se, assim, um evento onde os princípios de reciprocidade julgados perdidos no processo de expansão do *LG*, emergiram na direção da reconstituição e fortalecimento dos laços constitutivos da “comunidade *LG*”. Ou seja, tratava-se de uma questão para ser resolvida e compartilhada por poucos. Com o intuito de reunir apenas aquelas dispostas a ajudar Lila criou, então, o blog *Chá entre amigas*, inaugurado com uma espécie de reconstituição histórica que recuperou do *LG* a seqüência de posts que originou o evento: o post de Vânia (aquele que foi criticado), o “desabafo” de Lila e o detalhamento da proposta do “chá de bebê”. Nessa fronteira com o *LG*, o *Chá entre amigas* foi apresentado:

O objetivo deste blog é deixar público o andamento da nossa campanha para o chá de bebês da Vânia, que como todos sabem, está esperando trigêmeos e passando por dificuldades.

Serão colocados relatórios detalhados sobre tudo o que for sendo arrecadado e comprado. Aceitamos idéias, sugestões e até mesmo críticas, desde que estas sejam realmente construtivas, ou seja: se não for para ajudar, não precisa, ok? Desde já, agradeço à todos que de alguma forma puderem participar do nosso chá.

---

***Chá entre amigas, Perfil, fevereiro/2004.***

O *Chá entre amigas* se constituiu, assim, numa ação pública e coletiva, que se realizou em diferentes instâncias e temporalidades, articulando posts e comentários, e-mails e telefonemas, envio de correspondências, transações bancárias e encontros face a face na construção de uma rede de solidariedade. O blog, por sua vez, configurou-se como uma central, um ponto de chegada e de partida para as agentes e um espaço de apelo constante a novas adesões. A idéia era a de que cada participante mobilizasse seu círculo de relações mais próximas na doação de quantias em dinheiro, utensílios e alimentos. Ao mesmo tempo, o blog servia à publicação de notícias sobre Vânia, sua família e os bebês que estavam para nascer. Tais notícias chegavam por e-mail e/ou por telefone e eram trazidas para o blog por Lila e pelas demais participantes que se engajaram na organização e na atualização do *Chá entre amigas*.

As primeiras adesões se apresentaram no mesmo dia da criação do blog e em menos de uma semana já estavam listadas mais de quarenta pessoas que se declararam dispostas a fazer e arrecadar doações. Essa lista foi integrada ao “template” do blog, à margem esquerda dos posts, de modo que pudesse ser constantemente atualizada com o nome e endereço eletrônico de cada participante e cada doação realizada ou prometida. O blog tornou-se, então, não só uma via de prestação de contas, mas, sobretudo, um espaço de supervisão e controle coletivo da campanha, onde todas podiam estar atentas a tudo: a cada nova adesão, a cada nova doação, aos valores em dinheiro depositados, ao que era arrecadado e comprado. Precedendo a lista de participantes, encontravam-se também listadas as modalidades de ajuda, incluindo o endereço residencial de Vânia para o envio direto de doações pelo Correio. Para o conhecimento dos detalhes para a realização de depósitos bancários e da arrecadação de doações na cidade de São Paulo, era preciso entrar diretamente em contato com Lila. Finalmente, permanecia o convite para a participação no “encontro do LG”.

Nesse momento, aparentemente não se distinguia mais quem vinha ou não do *LG* para o *Chá entre amigas*. No entanto, a permeabilidade entre os dois espaços se manteve na preservação de uma forma de apresentação em que as “meninas” se associavam aos seus filhos e/ou à condição de gestantes, identificando-se ou sendo identificadas como a “Andréa

da Anabella”, a “Rita do Ângelo” ou a “Leila do Lipe (na barriguinha)”. A preservação dessas identidades, construídas **em relação** e como **expressão** da vivência da gravidez e da maternidade, evidencia o fato de que aquelas que se reuniam na realização do *Chá entre amigas* eram as próprias *Ligeiramente Grávidas* agindo na reconstrução da “comunidade LG”. Reunindo o que passou a ser chamado de “galera do bem”, o *Chá* promoveu, com intensidade, o compartilhamento das experiências constitutivas da participação no *LG*, resgatadas agora no processo de escolha do que doar, na discussão sobre as possíveis necessidades de Vânia e dos seus bebês, na priorização dos itens a serem comprados, etc.

Mais de 30 pessoas estiveram presentes no “encontro do LG”, realizado em 28 de fevereiro de 2004, inclusive Vânia, cuja presença foi bastante comemorada nos relatos publicados no blog. Neste momento Vânia recebeu parte dos presentes que seriam entregues diretamente na sua casa, juntamente com as compras que estavam para ser realizadas com o dinheiro arrecadado na campanha. Assim o *Chá entre amigas* teve continuidade: as doações levadas ao “encontro” foram contabilizadas para que fossem definidas as prioridades acerca do que comprar. Através de Lila, Vânia agradeceu no blog todas as doações recebidas durante o “encontro” e também aquelas que começavam a chegar em sua casa pelo correio, motivadas pela campanha.

Olá, meninas espero que todas estejam bem, quero agradecer o enorme carinho que estou recebendo desta grande família LG, não tenho palavras para descrever o que sinto, peço desculpas por ter chego atrasada no encontro e lamentavelmente não tive o prazer de conhecer e rever minhas irmãs do coração. Já faz quase um ano que participo desta grande família e a energia positiva que recebo vem operando milagres, as novenas, correntes de orações, vibrações positivas muito contribuíram para chegar onde cheguei. Então meninas jamais percam as esperanças, nunca desistam creiam em Deus, pois a hora de cada uma vai chegar. Agradeço a Deus minha experiência de vida pois aprendi, que tudo tem seu tempo, nada acontece no tempo que queremos tudo acontece no tempo de Deus.

Conheci o LG divagando na net, e aqui encontrei apoio, amizade carinho de pessoas que realmente sabem o que é o sonho de ser mãe, VOU CONTAR UM SEGREDO, aqui neste cantinho minhas irmãs, existem anjinhos mandados por Deus, disfarçadinhos, escondem as asinhas, mas no abraço, no olhar, na palavra amiga estão sempre trazendo as bênçãos de Deus, não é Lila?

Apesar do atraso foi maravilhoso chegar ao encontro. Encontrei a Rita Célia e o Ângelo, nossa como eles estão lindos, ficamos grávidas quase ao mesmo tempo, e a lindona da Li com a Rafa e a Gabi, que ao me ver chegar já começou chorar. Foi muito emocionante e gratificante, hehehe, meus gatinhos já tem duas gatinhas para namorar, conheci a Flavinha e o seu baby (na barriguinha), a Nadja com o gato do Edu, a Patrícia gravidinha, e nossa gente quantos presentes!!!!!!

(...)

Gente, este post vai dar um livro, mas como demoro muito pra postar vou aproveitar hehehehe!!! Quero agradecer à todas, obrigado pelas fraldas que estão chegando a através do correio, Raquel, Rita Achkar, Vânia sonhadora, Andréa Cipriano seus cadernos chegaram em ótima hora, Jessica, Joyce e Jean Rodrigo agradecem, gente não tenho palavras para agradecer MUITO OBRIGADA à todas, obrigada obrigada, que Deus abençoe todas vocês, foi maravilhoso receber o abraço da minha anjinha Lila, a emoção da Li, a euforia da Flavinha e da Rita, a energia

positiva de todas vocês, cheguei em casa cansadinha, mas muito feliz, valeu cada passo (de tartaruga) que dei para encontrá-las, pois tenho certeza que comigo veio muita energia e luz divina.  
Bom gente vou ficando por aqui né, os meus babys estão chutando.

Beijos e abraços  
Vânia & Cia  
Lila - 2:14 PM | [Deixe um recadinho 4](#)

---

Vânia (publicado por Lila), *Chá entre amigas*, 01/03/2004.

É possível dizer que esta narrativa de Vânia surge como um primeiro momento culminante para as motivações originais do *Chá entre amigas*. Mais do que a gratidão pelos presentes recebidos, ela colocou em cena aquilo que parecia ter se perdido na ocasião da crítica à sua decisão por engravidar novamente: o espírito de amizade e de ajuda mútua que cria o que ela chamou de “família LG”, unida acima de tudo pela troca de “apoio”, “carinho”, “energias” e “vibrações positivas”, “orações”. Nesse contexto de obrigações recíprocas, marcado pelo apelo religioso, ela *se deve* ao grupo antes e para além dos presentes recebidos e é nele que ela situa o encontro. Portanto, de um lado, Vânia agradece cada presença e cada presente como dádivas que obrigam porque, e somente porque, carregam consigo o *valor do vínculo*, significando e atualizando as relações sociais. Do outro lado, é ela que *se doa* ao grupo na medida em que se constitui, com sua história e necessidades peculiares, como o elemento motivador do resgate dos laços e princípios fundadores da “comunidade LG”.

Nesse sentido, recuperando-se as tensões constitutivas da dádiva, o interesse do grupo em ajudar gratuitamente Vânia era tão verdadeiro quanto era o interesse desinteressado de Vânia em ser ajudada. Isso explica, pelo menos em parte, o porquê do grupo ir até ela e/ou trazê-la para o blog na figura de porta-vozes, mais do que ela própria vinha até o blog para dar notícias e publicar diretamente seus posts. Nesse processo em que um se deve constantemente ao outro, o *a mais*, a não-equivalência da *troca-dádiva* também é constantemente gerada. Conseqüentemente, o *Chá entre amigas* não se esgotou no encontro face a face. Não só porque ainda faltava realizar as compras com o dinheiro arrecadado e entregá-las juntamente com todas as outras doações, mas, sobretudo, porque o evento operou na realização de uma comunidade sustentada para além daquele encontro específico e para além do face a face. Relatos e fotos se apresentavam, assim, também como forma de atualizar o encontro, transformando-o na experiência daquelas que não estiveram lá, mas que integravam a “família LG” e estavam presentes no blog como participantes do *Chá entre amigas*.

Revitalizada pelo encontro, a campanha se intensificou em torno da arrecadação das doações e da realização das compras. À medida que Lila listava o que era adquirido, outras

participantes opinavam, em e-mails e comentários no blog, sobre o que ainda poderia ser comprado. Houve quem sugeriu a inclusão de latas de leite em pó (especial para recém nascidos) nos itens a serem comprados. Houve, também, quem chamou atenção para a necessidade de privilegiar a compra e a doação de roupas de inverno, já que os bebês nasceriam nas proximidades desta estação. Houve, ainda, uma discussão sobre tipos, tamanhos e marcas de fraldas a serem compradas de modo a satisfazer a quantidade necessária, sem desconsiderar a qualidade do produto. Enquanto isso, Lila manteve-se em contato com Vânia, atualizando o blog com notícias sobre ela, seus bebês e sua família e transmitindo periodicamente seus agradecimentos às doações que chegavam pelo correio ou pessoalmente pelas mãos daqueles que conheciam sua história no blog.

A quantia arrecadada com os depósitos foi gasta na compra de roupas, artigos de cama, banho e higiene, fraldas descartáveis e utensílios específicos para os bebês. Já as doações contemplaram toda a família de Vânia, incluindo roupas e calçados usados, cestas básicas e material escolar. Lila anunciou o fim da sua participação no *Chá entre amigas* reafirmando o compromisso de prestar contas a todas aquelas que contribuíram com dinheiro na campanha, de entregar todo o que foi doado e comprado diretamente à Vânia e de continuar trazendo notícias dos bebês que estavam para nascer.



Na entrega das doações, Lila e Vânia estiveram novamente em contato e, mais uma vez, a primeira veio em nome da segunda agradecer o “carinho” recebido durante a realização do *Chá* e ambas se fizeram devedoras da solidariedade das participantes, dizendo-se surpresas diante da quantidade de doações.

(...)

Ela não imaginava que ganharia tanta coisa e disse que com certeza não vai ter que se preocupar em comprar nada para eles por um bom tempo. E disse também, que depois que as roupinhas não servirem mais para os bebês, ela vai doar com o mesmo amor com que as recebeu, e pela quantidade de coisas, vai poder ajudar muita gente. Se Deus quiser, né? A vida é assim, hoje você precisa, amanhã você ajuda, e vice-versa...

E que com toda essa provação, sua fé nunca foi abalada, ela tem consciência de que Ele não lhe dá uma cruz que não possa carregar, e com a sua fé e perseverança, conseguiu tudo o que precisava, que Deus proveu, e está provendo. Assim como nós (palavras dela), estão aparecendo em sua vida outros anjos de Deus para ajudá-la, como vizinhas que vão ajudar a lavar as roupinhas, outros que a levam para o hospital quando precisa, etc.

Eu fiquei muito contente em poder ajudar. Acredito que isso tudo nos faz muito bem.

Essas atitudes, sem dúvida alguma são retribuídas por Deus, talvez hoje, talvez daqui alguns anos, quem sabe? O que eu sei, é que Ele se encarrega de abençoar à quem nos faz bem. E eu peço à Ele, que abençoe à cada uma de vocês, infinitas vezes mais, por todo o carinho e empenho em ajudar à nossa amiga Vânia e seus três rapazinhos que estão à caminho, e que segundo o médico: estão três “tourinhos”, super fortes e saudáveis, Graças à Deus. Ah! E ainda não têm nomes definidos, estou super curiosa e perguntei isso hoje à Van, e ela disse que eles ainda estão “em discussão”, hihihi, quando souber, venho lhes contar.

Ótimo final de semana a todas.

Lila - 6:06 PM | [Deixe um recadinho 4](#)

---

Lila, *Chá entre amigas*, 03/04/2004.

Como mais um momento culminante para as motivações originais do *Chá entre amigas*, a expressão de gratidão de Lila e Vânia se acrescentou aos pronunciamentos posteriores ao encontro face a face, com destaque para o apelo religioso que perpassou toda a campanha. A gratuidade que pautou a campanha emerge, aqui, à medida que se eleva a garantia da retribuição de “todo carinho e empenho em ajudar a amiga Vânia” a Deus, suas bênçãos e graças. E a principal graça esperada e desejada pelas participantes do *Chá* era o nascimento dos trigêmeos: estes sim, uma vez nascidos “fortes e com saúde”, retribuiriam o engajamento e as doações. Conseqüentemente, eles constituíam-se na motivação central para a continuidade do *Chá*, não mais como campanha, mas como um grupo de amigas ligadas pelo espírito da solidariedade e de mães ou futuras mães unidas pelo compartilhamento do desejo e da experiência da maternidade.

Nesses termos, é significativo que a “comunidade” tenha emergido no evento como “família” que, como coloca Godbout (1999), funda-se substancialmente na criação de um vínculo de dádiva<sup>157</sup>. No resgate da reciprocidade, do valor dos filhos e da maternidade, na direção da renovação dos vínculos constitutivo da “comunidade”, o *Chá entre amigas* acabou transformando aquilo que poderia parecer um conjunto de relações entre estranhos naquilo que é a própria definição do que não é estranho: a família, como o lugar básico para se aprender *a dar sem pedir nada em troca* e onde, portanto, a dádiva circula com intensidade<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> O autor responde, com essa afirmação, às análises que excluem a dádiva da família em nome da divisão, da partilha, e também, às teorias econômicas neoclássicas que, baseadas em pesquisas sobre o divórcio e a contabilidade familiar, reduzem os diferentes fenômenos de circulação nas redes familiares ao utilitarismo (Godbout, 1999, p. 40).

<sup>158</sup> Segundo Godbout (1999, p. 41), o encontro entre dois estranhos que, transformados num casal, produz o núcleo da família é o “centro incontornável da relação de dádiva”. Essa abordagem remete diretamente a Lévi-Strauss (1982) que, em *As estruturas elementares do parentesco*, define a exogamia não só como base de qualquer modalidade de troca matrimonial, mas sobretudo como o “arquétipo de todas as outras manifestações

E numa família, tal como na “família LG”, a gravidez, o nascimento e, acima de tudo, os filhos são as *dádivas por excelência*, são dádivas de vida; aos filhos, somente a eles, se aceita dar tudo sem receber nada em troca. Quanto às doações, estas deveriam continuar circulando, ajudando outras mães em dificuldades e mantendo, assim, a reciprocidade em curso. Para a “família LG” importava, agora, o nascimento e a saúde dos trigêmeos.

Encerrada a campanha, a frequência das atualizações no blog diminuiu, mas manteve-se a expectativa pelas notícias sobre Vânia. As primeiras chegaram dez dias após a entrega das doações, com destaque para a escolha dos nomes dos bebês, mas foi no final do mês de abril de 2004 que a notícia mais aguardada chegou com um tom de preocupação: Vânia havia sido internada e cogitava-se a possibilidade de um parto prematuro. Nesse momento, Lila pediu que todas as “títias” se unissem numa corrente de torcidas e orações para que o parto ocorresse com tranqüilidade, sem qualquer prejuízo às crianças. Recuperava-se, assim, mais um código compartilhado entre as “ligeiramente grávidas” que, na iminência de cada nascimento, tratavam-se como “tias” do recém-nascido, unidas por um explícito sentimento de fraternidade. Um sentimento agora fortalecido uma vez que os trigêmeos estavam no centro da re-união das “ligeiramente grávidas” na “família LG”. E foi justamente com esse sentimento que a notícia do nascimento dos bebês foi recebida e partilhada: “Extra! Extra! Extra! Os meninos nasceram! Já somos títias!”, anunciou Lila no *Chá entre amigas* em 05 de maio de 2004.

Todas souberam, então, que Vânia passava bem, apesar das dores na região da cesariana, e que os bebês – Luan, Bruno e Gabriel –, nascidos nessa ordem, permaneciam na UTI respirando normalmente e sendo alimentados através de uma sonda. O peso, a estatura e a hora exata do nascimento de cada um deles também foi anunciada, além da possível compatibilidade com o irmão mais velho para um futuro transplante de medula. Contudo, o que há de mais significativo no anúncio do nascimento foi, creio eu, a atitude de Lila de tornar público o fato de ter sido considerada, por Vânia, como a “dinda” dos bebês.

(...)

E olha o recadinho pra mim:  
Mandou dizer que meus afilhadinhos procuram: cadê a Dinda, e manda muitos beijos para mim e para todas que torcem por eles.  
Ai, que emoção gente!?

Assim que eu tiver mais notícias venho postar.

Lila - 1:06 PM | [Deixe um recadinho 12](#)

---

Lila, *Chá entre amigas*, 06/05/2004.

Se as “amigas” já haviam sido elevadas ao estatuto de “titias”, Lila, que idealizou o *Chá entre amigas* e esteve no centro do andamento da campanha, foi elevada à posição de madrinha dos trigêmeos. Assim, os laços entre ela e Vânia, que se estreitaram durante o evento, solidificavam-se na forma do compadrio. No âmbito da “família LG”, fundada essencialmente sobre relações de dádiva, esse laço de compadrio emerge como o supra-sumo de uma relação não utilitária, baseada na reciprocidade e constitutiva não só dos sujeitos nela implicados, mas da própria comunidade. Pois, ao tornarem-se dádivas e serem recebidas pelo padrinho, no caso aqui pela madrinha, as crianças nascem socialmente no seio da comunidade; elas nascem como *pessoas*. É assim que Lanna (1995), em sua análise das relações de troca e patronagem no nordeste brasileiro, define a instituição do compadrio: como um elemento fundamental na vida comunitária, que opera na intensificação das relações sociais e na produção de uma sociabilidade “não-capitalista”. Segundo o autor, “as pessoas se aproximam por meio de laço de compadrio, ao mesmo tempo em que os laços de compadrio aproximam as pessoas” (ibid, p. 198/199). Sob essa perspectiva, o apelo religioso presente em toda a campanha pode ser pensado como estando nas bases do *dever sagrado* que vincula os compadres nas relações mais horizontais de compadrio (ibid, p. 204). E sendo a religião um elemento unificador da “família LG”, essa compreensão pode ser estendida aos demais vínculos criados e fortalecidos no *Chá entre amigas* e significativamente traduzidos em categorias de parentesco.

O estreitamento da relação entre Lila e Vânia, que culminou com a criação do laço de compadrio, aponta, por outro lado, para a heterogeneidade das relações construídas no decorrer do evento. Por trás do blog, construíram-se relações sociais com diferentes graus de intensidade e intimidade, diferenças estas que se expressavam nas constantes referências aos telefonemas, e-mails e reuniões face a face realizadas para a combinação, arrecadação e administração das doações. Em torno de Lila e Vânia criou-se, assim, um conjunto de relações mais próximas que operou na realização do evento para além do blog e que se manteve ativo após o encerramento da campanha e o nascimento dos trigêmeos. Diante disso, o blog passou a ser mais o espaço para a transmissão de notícias de Vânia e seus filhos para o conjunto total de participantes do *Chá*, do que propriamente o espaço para a realização das relações sociais, que ocorria em outras instâncias. A diminuição da frequência das atualizações não significou,

nesse sentido, um esfacelamento da “família LG”. Ao contrário, significou uma espécie de divisor de águas no *Chá entre amigas*, onde algumas se liberaram do compromisso com o blog, mostrando que se engajaram exclusivamente na campanha, e outras consolidaram seu compromisso, reafirmando sua pertença à “família LG”. Nesse processo, algumas pessoas se aproximaram, saindo dos bastidores e vindo à cena, aparecendo no blog.

Foi o que aconteceu com Rosana, que conheceu a história de Vânia visitando o blog pessoal de Eliana que, por sua vez, também era participante do *LG* e se engajou no *Chá* levando suas doações ao “encontro” face a face. Em meados de junho, Rosana visitou Vânia e levou-lhe algumas doações, voltando preocupada com as condições em que Vânia e sua família viviam e, principalmente, com os trigêmeos que apresentavam problemas de saúde. Eliane traduziu o cenário descrito por Rosana num e-mail encaminhado à Lila. E esta imediatamente voltou ao *Chá* mobilizando uma nova campanha.

URGENTE URGENTE URGENTE!

PRECISAMOS INICIAR UMA NOVA CAMPANHA, TÃO OU MAIS IMPORTANTE QUE A PRIMEIRA, E CONTAMOS COM A AJUDA DE TODOS!

Aqui, vou anexar o e-mail que acabei de receber da Eliana. Já dá pra vocês terem uma idéia da situação, e ver com precisamos começar a nos mexer o mais rápido possível. Sei que posso contar com vocês:

(e-mail de Eliana...)

---

**Lila, *Chá entre amigas*, 15/06/2004.**

A idéia partira originalmente de Rosana: uma ação coletiva voltada à arrecadação de leite para os bebês e a compra de uma casa para Vânia. Para tanto, ela investigou a existência de alguns imóveis nas imediações de onde a família já morava e que poderiam ser facilmente adquiridos. Lila, Eliana e Rosana se articularam na divulgação da campanha, feita inicialmente através de uma carta-post contendo o relato de Rosana que deveria ser distribuída em listas e e-mails, publicada em blogs e enviada à imprensa.

Esta é a carta que preparamos para divulgar:  
PEDIDO DE AJUDA URGENTE!

Trigêmeos, fruto de fertilização assistida para salvar irmão que precisava de doação de medula, passam necessidade; de LEITE principalmente.

(carta-post...)

---

**Lila, *Chá entre amigas*, 15/06/2004.**

A história da gravidez de Vânia foi narrada nesta carta, introduzindo o apelo à doação de leite e desdobrando-se na idéia da compra da casa. Para isso, propôs-se que a

divulgação da campanha se estendesse também aos programas de televisão que supostamente poderiam se interessar pela história de Vânia e oferecer-lhe ajuda. Sites e endereços eletrônicos de programas veiculados em emissoras como a Bandeirantes, o SBT e a Record foram listados no final da carta.

Rosana e Lila, auxiliadas por Flávia e Eliana, apresentaram-se como as principais referências para quem desejasse participar da campanha e a configuração desse núcleo central de relações sociais, formadas pelas idealizadoras de um e de outro evento, deu o tom de continuidade ao *Chá entre amigas*. E, desta vez, foi Rosana quem assumiu gradativamente a centralização, fazendo-se de principal porta-voz de Vânia e preservando a preocupação com a transparência acerca do que era arrecadado. Nesse sentido, solicitou que cada doador enviasse um e-mail informando o valor do depósito, para que nomes e doações fossem divulgados na lista de participações permanentemente atualizada no blog.

A nova campanha se iniciou, então, no mesmo ritmo intenso que marcou o lançamento da campanha anterior, assumindo uma forma que também já estava dada. Como centro realizador da campanha, o blog passou a ser um espaço para a discussão sobre como proceder na arrecadação de leite e dinheiro e para a notificação de cada decisão, nova adesão e doação recebida. O “template” foi alterado somente de modo a comportar os propósitos específicos desse novo momento: mantendo-se o endereço residencial de Vânia para a remessa de doações, criou-se um espaço para a divulgação permanente do tamanho das fraldas e do tipo de leite consumidos pelos trigêmeos, para aqueles que desejassem doar esses produtos. Para os depósitos, dados de duas contas bancárias foram publicados à margem esquerda dos posts, uma de Lila e outra de Vânia.

O estado de saúde dos trigêmeos tornou-se determinante na definição das prioridades da campanha, acrescentando-se aparelhos como inaladores e aquecedores na lista de possíveis doações. À medida que cada participante divulgava a campanha em blogs, listas de e-mails, vizinhos, colegas de trabalho, grupos e entidades beneficentes, etc., no *Chá entre amigas* noticiavam-se as primeiras aquisições: um doou o aquecedor, outro doou o inalador e teve alguém que realizou uma compra de alimentos numa rede de supermercados e encaminhou-a diretamente ao endereço de Vânia. Houve também quem se comprometeu a levar pessoalmente latas de leite, roupas e alimentos arrecadados em mobilizações locais: uma num grupo de ajuda a mães em dificuldades – o grupo *Apoio Mãe* –, outra no seu local de trabalho e outra no seu próprio chá de bebê, onde cada convidada foi solicitada a contribuir com a campanha.

Enfim, houve quem contribuiu com sugestões para facilitar a realização e entrega das doações. Dentre essas sugestões, uma mereceu especial atenção por parte das principais envolvidas na campanha, pois partiu da própria Vânia. Esta sugeriu rifar uma aliança e um urso de pelúcia novo, presentes ganhados do marido anos atrás, e uma cesta de doces feitos por ela mesma em prol da compra da casa. Lila lançou a proposta de Vânia no blog para que as demais participantes opinassem sobre como realizar a rifa de modo que o maior número de pessoas possível pudesse comprá-la. Foi assim que a idéia de uma “rifa virtual” surgiu: propôs-se a criação de um blog que funcionasse como uma “cartela virtual”, contendo números de 00 a 99. Nos comentários, os interessados indicariam os números desejados, o nome e um contato (e-mail, telefone ou endereço residencial), tendo um prazo de 24h para efetuar o pagamento através de depósito bancário. Comprovado o depósito por e-mail ou fax, os números seriam dados como comprados. Por fim, o sorteio deveria ser realizado conforme o calendário da Loteria Federal, fazendo valer os dois últimos números do primeiro, segundo e terceiro colocado.

A chamada *Rifa Solidária* foi ativada no início de julho, num blog com estrutura semelhante a do *Chá entre amigas*<sup>159</sup>. No link para os comentários, o apelo constante: “compre um número”. As atualizações do blog ficaram por conta das informações sobre o andamento da campanha, como os números que restavam serem comprados e/ou os depósitos que precisavam ser confirmados. Contudo, o blog da *Rifa Solidária* comportou também as notícias sobre a campanha de arrecadação de leite e alimentos e sobre Vânia e os trigêmeos.

O sorteio foi realizado na data prevista, os vencedores divulgados nos dois blogs, os prêmios foram entregues e os R\$ 800,00 resultantes da venda dos números somaram-se aos quase R\$ 3.000,00 arrecadados durante a campanha. O dinheiro que faltou para complementar o valor da casa escolhida para a compra acabou sendo doado na própria campanha e, em parte, pelos familiares de Vânia, tal como Rosana anunciou:

BOM DIAAAAAAAAAAAAAAAAAA

Gente do bem... estou tão feliz, venho aqui pedir a todos que façam um pensamento positivo pra Vania e para o Moreira, marido dela , para que consigam comprar a

---

<sup>159</sup> Ou seja, o blog que fez a função de “cartela virtual” continha, à margem esquerda dos posts, um pequeno perfil explicitando os propósitos da rifa, detalhes sobre a realização do sorteio, agendado para 14 de agosto, a relação dos prêmios e as informações sobre como realizar o pagamento (preço dos números, dados da conta bancária e endereços para as confirmações dos depósitos). Essas mesmas informações introduziram o post inaugural da rifa, seguidas da lista dos números que foi sendo preenchida com o nome dos participantes na medida em que estes faziam suas escolhas.

casa que existe proxima ao local onde eles já vivem. Aqui no blog, conseguimos com a Rifa R\$ 800,00 reais + as doações de R\$2.825,80 ,( o total esta no Blog) a familia do marido da Vania conseguiu mandar a eles + um pouco , e uma anja chamada Priscila, doou o que faltava para a Vania conseguir negociar a casa. Porem o dono da casa, estava negociando já com outra pessoa , então peço... POR FAVOR , façam pensamento positivo para que este homem entre em contato com o marido da Vania e aceite fechar o negocio. Eles precisam muito desta casa. Depois que der certo, **tenho fé que vai dar**, vou até lá tirar foto da casa antes e depois , pois ela estava abandonada, e precisa de uma reforma basica, tipo trocar portas, pintar , colocar vaso sanitario e pia , enfim... estamos perto de comemorar o nosso objetivo.

Um beijo bem grande a todos

Postado Por: [Rosana](#) às 2:03 PM | [Deixe um recadinho 5](#)

---

**Rosana, *Chá entre amigas*, 24/08/2004.**

Mesmo mantendo a expectativa acerca do fechamento do negócio, pode-se dizer que com esse post encerrou-se mais um ciclo de atividades do *Chá entre amigas*. Por mais de um mês o blog ficou desatualizado e somente em outubro Rosana voltou a postar confirmando a compra da casa e contando detalhes sobre ela. Disse que a casa localizava-se “num bom bairro, com asfalto, esgoto e luz elétrica”, mas que havia sido “saqueada” e precisava de uma reforma que a tornasse apta para ser habitada. Diante disso, Rosana recuperou, mais uma vez, a história de Vânia e das campanhas realizadas no âmbito do *Chá entre amigas*, apelando para a doação de materiais de construção. Publicou fotos da casa, chamando atenção para a necessidade da reforma, e listou o material necessário para que a casa ficasse em condições de receber a família de Vânia. E foi ela própria a primeira a fazer doações nesse sentido, oferecendo a terra para a regularização do terreno e o material para a melhoria do sistema elétrico. Houve quem se manifestou nos comentários dispondo-se a doar o conjunto de louças para o banheiro e outro que foi pessoalmente levar-lhe peças de esquadria.

Entretanto, desta vez foi Vânia e seu marido que mais se empenharam: ela vendendo seus doces em feiras da cidade e ele trabalhando em troca de materiais de construção. A casa foi, então, reformada e a mudança da família realizada em janeiro de 2005. No período de quase três meses entre a compra da casa e a mudança, o blog passou às mãos de Vânia, que eventualmente postava dando notícias da família, especialmente dos trigêmeos, e do andamento das reformas. Até que, em maio, as crianças completaram o primeiro ano de vida comemorado com a ajuda fundamental de Rosana e devidamente narrado no blog.

Oi pessoal!!!!

Espero que todos estejam bem, meu dia das mães foi maravilhoso, pois meus pimpolhos estavam todos com saúde graças a Deus.

Comemorei o dia das mães junto com o aniversario de 01 aninho dos meus bebês, a comadre Rosana ajudou um montão, foi ela literalmente a responsável por nossa feliz festa familiar.

O bolo eu mesma fiz, decoramos a sala com desenhos do Nemo tirados de folhetos de propaganda de locadora, enfeitei a mesa como saioite de tule azul de uma

fantasia antiga de carnaval, e não é que ficou legal, foi lindo ver os olhinhos dos meus bebês brilhando e vendo tudo muito colorido.  
 No mais só posso dizer que tive um maravilhoso dia das mães..... e vejam só meus filhotes não são lindos????



Um ótimo fim de semana para todos e até breve.  
 Beijos  
 Vania e Cia

Postado por [Vania](#) | [15:52](#) | [Recadinhos: 16](#)

---

**Vânia, *Chá entre amigas*, 11/05/2005.**

A comemoração do primeiro aniversário dos trigêmeos, justamente no Dia das Mães, rememorou a trajetória e o sucesso do *Chá entre amigas*, celebrando os valores fundadores da “família LG”: os filhos e a maternidade. Mais do que isso, é possível dizer que o episódio reuniu a “família LG” na presença solidária de Rosana que, como madrinha dos bebês, contribuiu para a realização da festa. Por sua vez, o post trouxe a festa para o blog, possibilitando que as “amigas” do *Chá* festejassem, nos comentários, o cumprimento dos propósitos de todas as campanhas e “correntes de oração”. As felicitações e votos de prosperidade endereçados à Vânia e aos trigêmeos, marcaram, então, um momento conclusivo para o *Chá entre amigas*. Um momento que culminou com um gesto de solidariedade significativo dessa conclusão: Rosana decidiu oferecer à Vânia o custeio de um curso profissionalizante, para que ela se especializasse na atividade que exercia antes do nascimento dos bebês, a de cabeleireira. Depois de dar o peixe, ensinava-se a pescar – foi neste tom que a atitude de Rosana foi reverenciada no blog.

Vânia deixou de ser o centro da ação solidária para ressurgir enquanto blogueira na “família LG”, num processo que dissolveu o *Chá entre amigas* para dar lugar à *Vânia e os trigêmeos*. A rede *Ligeiramente Grávida* perdeu, assim, seu ponto de convergência, aquele criado numa tentativa de resgatar os princípios fundadores da sociabilidade no blog *LG*, colocados em risco com a expansão da participação. E o *LG*? De certo modo, a criação do *Chá entre amigas* antecipou o que estava para acontecer, pois após inúmeros problemas

decorrentes do excesso de postagens e comentários, que levaram a sua interdição e posterior mudança de serviço de hospedagem, o *LG* saiu do ar. No entanto, Vânia continuou contando, numa média de dois ou três posts por mês, sobre sua vida cotidiana, o crescimento dos bebês e dos seus outros filhos, seu curso e seu trabalho. E continuou, também, sendo visitada pelas “amigas” do *Chá*. Dentre elas, a “Rosana do Nuno”, a “Lelê e Tavinho”, a “Rita do Ângelo”, a “Alessandra e Otávio”, a “Cristiane e Rodrigo” e outras “mamães” que vez ou outra se fazem presentes no blog de *Vânia e os trigêmeos*. Ou seja, à medida que o *Chá* se dissolveu e que o grupo aparentemente se dispersou, configurou-se uma rede que se realiza no blog de Vânia: uma nova formação que traz uma porção daquela rede heterogênea que convergia no blog *Ligeiramente Grávida* e contempla as relações mais próximas construídas durante o *Chá entre amigas*, preservando identidades, valores compartilhados e toda a memória do processo que restituiu a “família LG”. Sim, pois o blog de Vânia preservou, além de todos os arquivos de posts, os principais detalhes das campanhas realizadas no *Chá*.

Com base em Velho (1994), pode-se dizer que o *Chá entre amigas* desenvolveu-se num processo complexo de negociação e construção de um contexto social, de uma *província de significado*, que colocou em cena tensões e a comunicação entre diferentes planos e esferas da realidade. Mais que isso, o evento assinalou um *potencial de metamorfose* que, segundo Velho (1994, p. 28/29), está implicado na possibilidade permanente de trânsito entre contextos sociais diferentes e planos distintos da realidade socialmente construída cujas fronteiras podem ser tênues, assim como o próprio trânsito pode ser quase imperceptível. Isso porque o *Chá*, da sua erupção à sua transformação, envolveu as participantes em passagens mais ou menos sutis entre domínios e experiências sociais diferenciadas sem que, no entanto, as identidades fossem desvinculadas de um grupo de referência e dos seus âmbitos constitutivos, como a família (em especial os filhos) e a religião.

Tratou-se, portanto, de um evento que possibilitou a reconstrução dos sujeitos envolvidos; os quais emergiram como *pessoas* em dois movimentos complementares, apresentando-se em relação aos seus filhos e colocando-se em relação num contexto marcado pela sociabilidade e solidariedade em torno de valores e experiências específicas. O *Chá* reconstruiu uma “comunidade” apelando à incondicionalidade e à segurança dos vínculos familiares, transformando as “amigas” em irmãs e comadres, e os filhos, por sua vez, no motor da solidariedade e ajuda gratuita, no centro de toda a fé e “boa vontade”. Foram os filhos que estiveram na base da reciprocidade fundadora da “família LG”; foi por eles que as participante se obrigaram mutuamente, reconstruindo um núcleo mais ou menos seguro de

relações sociais como um antídoto ao isolamento. Esta é a perspectiva apresentada por Godbout (1999, p. 46), que diz ser o vínculo familiar aquele vínculo de dádiva que mais supõe um limite à liberdade, tão valorizada na modernidade. Enquanto a liberdade traz constantemente o risco do abandono, do isolamento, a família é o lugar da falta de escolha, das obrigações e por isso inspira segurança.

Seguindo nessa perspectiva, a análise do *Chá entre amigas* aponta, ainda, para uma relação particular entre a dádiva e a mulher, como se esta pudesse ser pensada, em certa medida, como um núcleo de resistência à invasão dos sistemas mercantis e estatais na sociedade moderna<sup>160</sup> (ibid, p. 48). Consciente dos diferentes posicionamentos que tal afirmação pode suscitar, quero apenas chamar atenção para o fato de que, entre as *Ligeiramente Grávidas*, as ocupações profissionais foram significativamente eclipsadas sob a ênfase na gravidez, na maternidade e no cuidado com os filhos. Mais do que isso, a própria existência ou importância dos homens (como maridos e pais) também foi subjugada à relação mães/filhos, extensível à relação “tias”/sobrinhos, comadres/afilhados. Como *dádivas por excelência*, aos filhos tudo se dá sem nada pedir em troca e, no evento que acaba de ser apresentado, isto se mostrou como uma competência única das mulheres reunidas na “família LG”.

Deve-se considerar, no entanto, que pertencer à “família LG” era paradoxalmente uma questão de escolha. Isto é, ao mesmo tempo em que sugeriam a incondicionalidade e a segurança do vínculo familiar, os laços criados no *Chá entre amigas* encerraram também a liberdade dos vínculos de amizade que podem ser escolhidos, não escolhidos ou facilmente desfeitos. Essa não obrigatoriedade foi assinalada na constante afirmação da gratuidade, da generosidade e do prazer em doar e em se doar ao outro, à amiga, à “irmã de coração”. E se é gratuita, escapa ao cálculo, ao interesse, à lógica utilitária. Isso explica o porquê da idéia inicial de angariar o apoio de programas de televisão ter sido descartada por Vânia e as participantes do *Chá*: estes demonstraram mais interesse nos seus índices de audiência do que na ajuda propriamente dita. Dois dos programas contatados pelas participantes procuraram por Vânia na figura de suas equipes de produção impondo-lhe, como condição para o apoio, modificações na casa onde morava de modo que sua situação parecesse pior do que era.

---

<sup>160</sup> Godbout (1999, p. 48) trata esta questão como um assunto “delicado”, que provoca debates polarizados no âmbito dos movimentos feministas, uma vez que esta relação entre as mulheres e dádiva pode ser compreendida como sinônimo de exploração e dominação.

Quanto a isso, disse Lila certa vez no blog: “... Ela tem tido muita ajuda de pessoas que realmente têm BOA VONTADE e estão ajudando sem esperar nada em troca, por isso não precisamos desse tipo de ‘ajuda’ que esses programas querem oferecer”.

Ao mesmo tempo em que as ofertas consideradas constrangedoras e exploratórias foram rejeitadas, preocupou-se também em não transformar as campanhas num “acerto de contas”. Valorizando-se a transparência, cada doação recebida foi publicizada e agradecida no blog. No entanto, as doações anônimas, que inicialmente se pretendeu evitar, acabaram aparecendo e sendo aceitas, mesmo que de forma não preponderante, em depósitos não identificados ou através de doadores que preferiram não ter seus nomes divulgados. São doações unilaterais, voluntárias, que não contêm a expectativa do retorno, nem da gratidão ou reconhecimento e, sobretudo, que não implicam no vínculo social. Elas assumem a forma de doações de caridade, de beneficência e circulam externamente à lógica do mercado, mas, no caso do *Chá entre amigas*, através do elemento fundador do mercado: o dinheiro. No âmbito da liberdade dos vínculos essa modalidade de doação guarda, ainda segundo Godbout (ibid, p. 78/79), os traços típicos das *dádivas entre estranhos* que, longe de ser um resíduo dos sistemas de dádivas “primitivos”, é uma característica essencialmente moderna que coloca a dádiva em relação com instituições mercantis e estatais.

O importante, porém, é que essas doações unilaterais e voluntárias só puderam existir na medida em que se colocou em circulação a *dádiva entre amigas*. Ao final, as relações instauradas na solidariedade tornaram-se muito mais importantes do que aquilo que as originou, motivando a emergência de Vânia enquanto blogueira numa rede renovada e revitalizada pela experiência do *Chá*. Nesse sentido, o *Chá entre amigas* apresentou características de um evento *liminar*, desenvolvido no contexto de um *drama social*. A crítica dirigida à Vânia, acerca da sua opção pela *fiv* mesmo em situação financeira desfavorável, representou o não reconhecimento de uma norma de interação e de um valor moral da “comunidade LG”. Sem que houvesse tempo para o prolongamento da quebra e de uma crise, um mecanismo de compensação foi colocado em operação por Lila, que assumiu a liderança resgatando seu tempo de *Ligeiramente Grávida* e se colocando numa posição de membro “fundadora” de grupo. O *Chá entre amigas* deu forma e lugar a esse mecanismo de compensação, suspendendo o cotidiano das interações no *LG* para enfatizar a mobilização de uma rede de solidariedade. Segundo Turner (1981, p. 152), assim se apresenta a fase *liminar* de um *drama social*: um momento em que o cotidiano do grupo é suspenso para que os atores sociais representem papéis distintos daqueles ocupados ordinariamente. Para o autor, trata-se

de um momento essencialmente propício à irrupção de performances na medida em que os atores procuram demonstrar (aos outros) o que estão fazendo e o que fizeram por meio de uma linguagem dramática. A reflexividade, como um elemento inerente à performance, também emerge na medida em que o grupo se escrutina: mostra-se a si mesmo para, então, agir sobre si mesmo.

Na tentativa de compensar a ruptura resultante da extrema diferenciação no interior do LG, o *Chá entre amigas* significou um momento de divisão de interesses e lealdades. Ele convocou as “amigas” – e somente as “amigas”, aquelas dispostas a ajudar – a se unirem em favor de Vânia e seus trigêmeos. Desse modo, apesar das relações construídas durante a campanha terem se mostrado distintas em seus graus de intensidade e proximidade, o *Chá* operou na produção da sociabilidade como *interação entre iguais*; iguais na intenção de ajudar, apenas de ajudar. Tratou-se de um momento em que o “inteiramente pessoal” e o “inteiramente objetivo” esteve subjugado a um modo de relacionamento social entre *pessoas* em totalidade, onde cada um experimentou o ser do outro não só nas relações diádicas, mas também no nível do “estar-junto”, de um “nós essencial” transitório e liminar (Simmel, 1983; Turner, 1974). Ao criar uma área de vida comum, constituindo-se como um lócus de criticismo, reflexão, expressão e reciprocidade imediata que resultou num rearranjo da estrutura das relações sociais, o *Chá entre amigas* propiciou uma experiência de *communitas*.

De acordo com Turner (1969), o principal a ser aprendido da fase liminar de um *drama social* está na emergência da *communitas*: um modelo de sociedade relativamente indiferenciada que se contrapõe ao sistema hierarquizado de posições sociais que compõe a *estrutura social*<sup>161</sup>. Tais conceitos estão na base da abordagem processual do autor, que concebe a vida social como um processo dialético que coloca indivíduos e grupos em sucessivas experiências de *communitas* e *estrutura*, ou seja, de homogeneização e diferenciação, de igualdade e desigualdade, de transições e status, de harmonias e desarmonias. Assim, a experiência da *communitas* está intimamente associada à dinâmica e à transformação social: é transitória, momentânea, e se dissolve obrigatoriamente na *estrutura* para onde indivíduos e grupos retornam revitalizados pela experiência performática e reflexiva da *communitas*. O *Chá entre amigas* apresentou esse caráter transitório e

---

<sup>161</sup> Deve-se considerar que o conceito de *estrutura social* empregado por Turner está associado ao conceito desenvolvido no âmbito da Antropologia Social britânica, ou seja, "como uma disposição mais ou menos característica de instituições especializadas e mutuamente dependentes e a organização social de posição e atores que elas implicam" (Turner, 1974, p. 201/202).

transformador da *communitas*, promovendo a vivência comunitária, resgatando experiências e valores compartilhados, transformando os vínculos e promovendo o restabelecimento de uma rede de relações sociais. As ações solidárias mantêm-se como princípio, memória e potencialidade dessa rede, podendo ser reativadas a qualquer momento.

## **2. Uma “cruzada contra as pafúncias”: drama, criatividade e transformação numa rede de “blogueiros imigrantes”**

Tomando-se as quatro fases constitutivas do *drama social* – a quebra, a crise, a fase de compensação (a *liminaridade*) e a reintegração do grupo ou reconhecimento do cisma, pode-se dizer que o processo que constituiu o *Chá entre amigas* não deu espaço ao prolongamento da crise. Ao reconhecimento da quebra de uma norma interacional e moral do grupo seguiram-se imediatamente os mecanismos de compensação que conduziram parte das participantes à reunião pela solidariedade. Num outro episódio, no entanto, foi a vivência teatralizada, dramatizada, do conflito que contornou o desenvolvimento do *drama*.

O episódio teve lugar no contexto do rompimento entre duas blogueiras ligadas entre si e que possuíam algumas ligações em comum: Luciana, do blog *Arte*, e Denise, do *Síndrome de Estocolmo*. Desenvolvendo-se no contexto formado pelos “blogueiros imigrantes”, isto é, num contexto fundado no compartilhamento da condição e da experiência da imigração, esse episódio, irrompido numa seqüência de quebras na etiqueta social, provocou a divisão de uma rede de relações. Suspendido o cotidiano das interações, competências comunicativas e diferentes gêneros performáticos foram disparados colocando em cena performances altamente formalizadas que apresentaram características associadas ao que Bauman (1977, p. 28) denomina, a partir de Singer (1972), de *performances culturais*: os contextos performáticos mais proeminentes numa comunidade de fala, claramente definidos e amplamente publicizados, que envolvem os melhores performers. E diferentemente do *Chá*, esse episódio esteve marcado por um forte aspecto competitivo, onde as relações comuns entre as blogueiras envolvidas estavam, de certo modo, sendo disputadas. O início dessa disputa se deu com o seguinte post que, publicado em novembro de 2004, tornava público um desentendimento já em curso:

### **Aviso**

Gostaria de pedir para a pessoa desagradável, fantasiada de benfeitora que vem visitar este blog deixando comentários venenosos, que colocou um link para cá no seu blog e que se prestou para enviar um e-mail meu a uma outra pessoa (que não tem nada a ver com os recalques dela) uma mensagem: não venha mais aqui, não me deixe mais comentários e retire o link do Arte do seu blog. Você já tem bastante

leitoras que precisam da sua « preciosa » ajuda, então deixe o meu blog em paz e deixe em paz quem não te incomoda. Minha senhora vá cuidar da sua família, vá trabalhar um pouquinho, vá limpar a casa, vá dar uma volta no shopping, vá fazer um cursinho de línguas, mas me deixa em paz peloamordedeus ! Se você fosse tão santinha como quer aparentar não perderia o seu tempo a vir aqui várias vezes por dia (vide as estatísticas do blog) me encher o saco e encher o saco dos outros. Aproveite também para fazer um post daqueles bem melosos e bem verborrágicos para que todo mundo fique com pena de você porque é disso que você precisa. Boa noite ! P.S : Esse post vai ficar aqui por bastante tempo pois você não me engana e não engana muita gente. Se da última vez que você cutucou onça com vara curta você pensou que se deu bem, saiba que dessa vez você se deu muito mal.

Nov 16, 2004 in [wonderful world](#) | [Permalink](#) | [Comments \(9\)](#) |

---

**Luciana, Arte, 16/11/2004.**

O link logo no início do post anunciava um rompimento, a quebra da reciprocidade, a negação da hospitalidade: “não venha mais aqui, não me deixe mais comentários e retire o link do Arte do seu blog”, ordenou a blogueira. Nesse momento, a relação cordial entre as duas blogueiras foi definitivamente suspensa para dar lugar a uma relação de conflito. A “pessoa” em questão era Denise, do blog *Síndrome de Estocolmo* e o post trouxe à superfície do *Arte* uma série de episódios que produziram o rompimento entre as duas blogueiras: “comentários venenosos”, o repúdio ao envio de um e-mail a uma terceira pessoa e o indício da existência de um conflito anterior. Além disso, pode-se dizer que o rompimento se construiu, também, através de uma distinção de performances, à medida que Luciana ironizava e menosprezava a atuação de Denise enquanto blogueira – como alguém escreve posts “melosos” e “verborrágicos”.

A compreensão das motivações deste rompimento só foi possível através de uma incursão pelos arquivos dos blogs e, sobretudo, pela memória da interação entre as duas blogueiras. Nessa incursão, um post publicado dias atrás no *Síndrome de Estocolmo*, onde Denise respondeu a uma série de críticas à sua visão da experiência da imigração, apontou um primeiro indício de desendimento. Tratava-se de um post em que a blogueira afirmava a singularidade da sua experiência como imigrante na Suécia, em Estocolmo, e insistia, nesse sentido, na relatividade do seu ponto de vista. O post intitulado *O país que a gente vive e o país que a gente vê* se apresentava como um aviso – um *disclaimer*, como ela própria denominou – àqueles que a criticavam e não compreendiam o caráter “pessoal” das suas histórias.

Neste post, Denise reescreveu a história do próprio blog, da sua *Síndrome de Estocolmo*, resgatando sua experiência com e na Suécia: falou das viagens a trabalho, do encontro com aquele que veio a ser seu marido, do seu casamento, de fatos que antecederam a imigração e da forma como foi recebida no país, destacando a qualidade das amizades

travadas e a assistência recebida pelo governo sueco. Tudo isso para responder, segundo ela, àqueles que questionavam o seu “amor” pelo país e a sua afirmação de nunca ter sido vítima de discriminação por ser brasileira e/ou latino-americana. Nesse sentido, a blogueira insistia na especificidade da sua experiência naquele país, vivida no cenário “cosmopolita” e “moderno” de Estocolmo, onde os imigrantes são recebidos diferentemente em relação a cidades menores. Assim respondia também às críticas por nunca ter aprendido o idioma sueco. Ter morado em Estocolmo, disse ela, permitiu-lhe “escapar” de um idioma “chato de aprender”, e “participar da sociedade” e “entender o país apenas com o inglês”.

Foi assim que Denise singularizou e elevou sua experiência com a Suécia e os suecos, afirmando sua visão relativista que lhe permitiu reconhecer que “lá” tudo se expressa “de um jeito diferente do nosso”. De certo modo, Denise buscava, diante das críticas, salvaguardar as impressões dadas e recebidas de sua *apresentação*, apontando para o que Goffman (1995) chama de “manutenção do controle expressivo”. Nesse sentido, o post operava como um mecanismo de compensação onde, pela reflexão, uma interpretação foi construída para dar sentido e ordem a eventos que anunciavam uma crise, um *drama social*. Nisso, o próprio caráter do blog foi colocado em negociação, definindo-se como um espaço de interação, mas antes, como locus de apresentação da blogueira, das *suas* experiências e opiniões. Insistindo sobre a singularidade da sua experiência como imigrante, a blogueira convidava seus visitantes a compartilhar, e apenas compartilhar, experiências igualmente singulares. A etiqueta interacional do blog era colocada, assim, como uma questão de “tato”, elemento essencial da sociabilidade que opera na redução da autonomia e exacerbação pessoal em favor da expressão de qualidades como a amabilidade, o refinamento, a cordialidade e outras fontes de atração (Simmel, 1983, p. 170). Em outras palavras, apelava-se ao “tato” no sentido da competência para colocar as experiências individuais em formas compartilháveis.

No entanto, nem todos os visitantes do *Síndrome de Estocolmo* responderam ao apelo contido no post. Num dos mais de quarenta comentários feitos ao post, Luciana, do blog *Arte*, se reconheceu como alvo das respostas de Denise. Explicitava-se, assim, o indício de um conflito anterior, potencializado nas divergências entre as duas blogueiras no tangente à questão do idioma, da importância (ou não) de se aprendê-lo para viver num país como imigrante.

Oi Denise. Às vezes eu não entendo bem porque volta e meia você toca nesse assunto, mas para deixar claro uma “cousa” para evitar mal-entendidos : Eu tinha comentado aqui que a questão da língua era importante e eu acho mesmo, mas isso não invalida a sua experiência positiva. E queria deixar claro que o meu comentário na época não tinha nada de pessoal. Às vezes (nos blogs) a gente acaba tomando

partido em certas disputas, por osmose, mas confesso que isso é uma grande infantilidade e nesse momento eu prefiro ficar fora disso. Preferia ter te escrito isso por e-mail, mas acho legal deixar isso aqui registrado em publico. Sinceramente se você toca nessa tecla volta e meia, você deve la ter as suas razoes. Eu nao conheço você pessoalmente e nao acho que por causa dessas besteiras de blog você seja melhor ou pior do que alguém, independentemente das suas atividades ou outros. Às vezes acho que você faz muito esforço para explicar as coisas em detalhes, de maneira quase pedagogica e talvez isso tenha me irritado um pouco em outros posts. Infelizmente nao poderei acrescentar nada em relação a Suécia, nem aos EUA. Quanto ao Brasil, me sinto meio mal de falar nos ultimos tempos, faz horas que nao ponho os pés la. Enfim um abraço, sem ressentimentos.

Luciana, em novembro 11, 2004 12:56 PM

---

**Comentário no post “O país que a gente vive e o país que a gente vê”,  
Síndrome de Estocolmo, 11/11/2004.**

Esse comentário recria uma crise. Na tentativa de apaziguar qualquer “mal entendido” ou “ressentimento” restado de uma discussão anterior, Luciana acabou reativando uma divergência entre ela e Denise acerca das formas de atuar no blog e da própria experiência como imigrante. Configurava-se, assim, uma situação em que, de um lado, Luciana reconstruía seus posicionamentos expressados em ocasiões anteriores, e, do outro lado, Denise dizia não ter se referido diretamente à Luciana e revia as verdadeiras motivações do seu post. À medida que a troca de comentários em um e noutro blog se desenvolvia, explicitava-se uma série de episódios em que as duas já haviam discordado e que envolveram outras blogueiras ligadas à mesma rede. Além disso, a situação tornava-se propícia à afirmação das posições ocupadas na rede, especificamente da centralidade de Denise que se remeteu aos seus índices de audiência ao responder à crítica à sua “maneira pedagógica” de escrever no blog.

(...)

Acho que sou didática, mesmo, devem ser os 15 anos de trabalho com educação popular. Aprendi a tentar me expressar com o máximo de clareza possível, arrumando as idéias direitinho. Pra algumas pessoas isso pode ser chato, para que não são “especialistas” no assunto podem ser esclarecedoras. Pelo visto, as pessoas estão gostando muito...

Quanto a disputas, eu não tenho a mínima idéia do que você está falando. Tenho lá meu bloguinho, escrevo as coisas que eu gosto, tô feliz com isso. Se você está falando dos entreveros que eu tive com a Maria, isso está muito no passado e não eram disputa de nada. Da minha parte era pura discordância.

(...)

Realmente, espero que não tenha ficado nenhum ressentimento, porque eu já provei, lá no blog, que eu não tenho nenhum problema com quem discorda de mim... lembra da “baiana”?? tá até na nossa brincadeira de “Amigo Secreto”... amigos podem discordar, desde que com muito carinho e atenção...

Beijinhos!

Denise Arcoverde em novembro 11, 2004 03:25 PM

---

**Comentário no post “O país que a gente vive e o país que a gente vê”,  
Síndrome de Estocolmo, 11/11/2004.**

Para quem possuía uma ampla audiência e sustentava um índice significativo de participação em seu blog, não havia o que “disputar”. Entretanto, foi justamente ao negar seu envolvimento em qualquer “disputa” que Denise trouxe à tona sua implicação direta em outras situações de “discordância”. Situações estas que se desenrolaram no âmbito das relações comuns entre as blogueiras, como é o caso de Maria: uma brasileira residente na Suécia que, na época, estava presente no “blogroll” tanto de Denise quanto de Luciana com seu blog *Montanha Russa*. Ao fazer referência ao seu “entreviro” com Maria, Denise mostrou saber a que situação Luciana se referiu em seu comentário. Tinha-se, assim, um indício do ponto em que as divergências entre as duas blogueiras começaram: quando, numa discussão entre Maria e Denise, Luciana “tomou o partido” da primeira.

O fato é que a discussão estabelecida entre as duas blogueiras passou ao centro de ambos os blogs, constituindo-se na motivação principal dos posts. Mantinha-se, assim, um circuito de troca de explicações, conselhos e tentativas de compensação que, paradoxalmente, atuava no prolongamento da crise. Ou seja, a cada tentativa de se desfazer eventuais “mal entendidos” explicitavam-se, na verdade, outros “mal entendidos” acerca das intenções e interpretações das mensagens trocadas. Criou-se, assim, uma espécie de reciprocidade que produzia o conflito nos termos de um *drama social*. Uma situação marcada pela reflexividade, onde cada indivíduo refletia sobre si mesmo e tornava-se consciente de si e de suas ações. Foi assim que Denise voltou a comentar no *Arte*, revendo seus sentimentos, reconstruindo sua argumentação relativa ao comentário de Luciana em seu blog e assumindo sua mágoa e ressentimento.

Oi, Luciana, sou eu de novo... depois que te escrevi ai acima, sai com Bia, fomos comprar presentes de natal pra turma dela. Ótima terapia. Mas fui matutando sobre sua mensagem e, francamente, tô chateada, sim. Prefiro ser honesta com você.

Engraçado que os blogs tavam passando uma fase de certo “stress” e eu tava tão feliz, porque eu tava na maior paz “lá em casa”... ai entrou essa criatura Bushista que, realmente, me encheu o saco defendendo Bush e os EUA e me atacando pela minha “preferência” pela Suécia...

Deixei passar um tempinho e escrevi sobre o que ela tava falando. Não pra responder a ela, mas como uma reflexão em torno do tema que volta e meia aparece lá no blog. E esperando esclarecer a minha posição, em relação à Suécia, de uma vez por todas.

Agora, tenho que dizer que fiquei magoada com a forma que você me escreveu. Desculpa, Luciana, mas você foi bem grosseira. Se você ler o seu comentário, novamente, vai perceber isso. Se outra pessoa tivesse escrito isso, não me incomodava, mas vindo de você e justamente porque eu gosto tanto de você. Me deixou muito triste.

Mas, essas coisas passam. Como disse, gosto muito de você e espero que a gente se ajuste novamente.

Denise Arcoverde, 11/11/2004 10:29:31 PM

---

**Comentário no post, “Os Quatro Compromissos”, Arte, 11/11/2004.**

O que interessa reter dessa mensagem é que Denise, enfim, reconheceu a “falta de tato” de Luciana que, ao comentar o post no *Síndrome de Estocolmo*, parece ter ignorado códigos de amabilidade, de cordialidade, de refinamento. “Você foi bem grosseira”, disse ela a respeito do comentário e, ao dizê-lo, apelou à relação, ao vínculo social. Isto é, para reconhecer e justificar a quebra, a blogueira fez uma distinção das suas relações sociais em termos de importância, de níveis de simpatia: o que pautou seu ressentimento foi o fato do comentário ter sido feito por uma pessoa de quem ela tanto gostava. Deste modo, a expectativa de um reajuste, expressa ao final da mensagem, apontava justamente o enfraquecimento dos laços entre as duas, sugeria o rompimento.

O cotidiano dos blogs parecia ter sido retomado quando Denise publicou um post intitulado *Mesquinhez no Ciberespaço*. Sem fazer qualquer referência explícita à Luciana, este post trazia textualmente expressões recorrentes nas mensagens trocadas com ela, recuperando os diferentes focos de divergência que já haviam sido explicitados: seu ponto de vista sobre a Suécia e os suecos e o fato de não ter aprendido o idioma enquanto morou naquele país. Isto porque uma nova discussão se estabelecia entre ela e outra blogueira em torno das mesmas questões – a Lucianne, do blog *Dolce far Niente*, também imigrante na Suécia. O post compreendeu, portanto, um cenário de conflito constituído por uma série de crises estabelecidas entre Denise e outras blogueiras. Este cenário se apresentava como locus privilegiado de confirmação e realização da centralidade da blogueira no âmbito de uma rede fundada no compartilhamento de experiências relacionadas à imigração e colocava em negociação os pontos de vista, os modos de fala e as regras de interação que pautavam a construção e manutenção das relações sociais nessa rede.

Ao reconstruir esse cenário, o post *Mesquinhez no Ciberespaço* trouxe as crises, todas elas, para o contexto das interações, com destaque para aquela envolvendo Luciana. No *Arte*, esta publicou um post intitulado *Crise existencial*, composto por um conjunto de interrogações acerca de questões pessoais e cotidianas sem nenhuma especificidade temática. Dentre as interrogações – apresentadas, todas, numa mesma forma –, três delas chamavam especial atenção:

... Conseguirá ela ficar de bico fechado quando o assunto não é com ela?...  
 Conseguirá ela parar de tomar gato por lebre? Conseguirá ela escrever alguma coisa que preste essa semana?

Ao contrário do cachorro, quando o gato balança o rabo é porque não está contente.  
 Nov 14, 2004 in [crise existencial](#) | [Permalink](#) | [Comments \(9\)](#) |

---

Luciana, trechos do post “Crise existencial”. *Arte*, 14/11/2004.

Tais interrogações sugeriam, naquele momento, mais um indício da reflexão acerca da discussão realizada dias atrás. E a presença de Denise na caixa de comentários foi o que bastou para reativar a discussão, continuada ora num tom cordial, ora num tom aparentemente irônico. “Basta ir tentando... ninguém consegue tudo isso de primeira :) beijos!”, disse Denise. O diálogo que se seguiu evidenciou a existência de um entendimento tácito e compartilhado entre as duas sobre o que estavam efetivamente falando e que, a partir dali, a discussão retornaria ao público.

---

**Denise** vou tentando sim, sinto que estou cada vez mais chegando perto do caminho da perfeição, principalmente no quesito « boca fechada nao entra mosca » ! !! Nada como um dia atrás do outro ! :-) (...) Beijos para usted.  
Luciana, 11/14/2004 08:41:40 PM

---

Hehehe... é mesmo, querida, minha mãe acrescentava ao “boca calada não entra mosca” e nada como um dia atrás do outro”, uma outra sacada... “quem fala o que quer, ouve o que não quer”... a sabedoria popular é realmente enorme e a gente precisa estar sempre ligada nela. Não falar demais é uma ARTE, e não somente nos comentários públicos, mas também pensando no que escrevemos nos emails privados, né? Beijinho!!!!  
**Denise Arcoverde**, 11/15/2004 09:10:01 PM

---

**Comentários no post “Crise existencial”, Arte, 14 e 15/11/2004.**

Neste momento se pôde perceber que a discussão não havia sido interrompida, mas havia, apenas, sido deslocada dos blogs para a troca de e-mails, como numa tentativa de solucionar a crise no domínio privado. No trânsito entre um domínio e outro, o que ressurgia no público subentendia o que se realizou no privado, mantendo o caráter parcialmente restrito da discussão. A “crise existencial” de Luciana, particularmente nas três interrogações aqui ressaltadas, inscrevia-se, pelo menos em parte, no âmbito deste subentendimento e este é um aspecto significativo da performance da blogueira. De certo modo, ela apelava à reação de Denise provocando a restituição da discussão pública.

Os episódios que se seguiram até o efetivo rompimento entre as duas blogueiras sustentam essa interpretação. No diálogo acima, a cordialidade mantida entre elas parecia combinar com certa ironia presente nas trocas de conselhos tirados dos chamados “ditos populares” e num jogo de palavras com o nome do blog de Luciana, o *Arte*. É possível dizer que o tom de ironia tornou-se gradativamente evidente e determinante na seqüência dos fatos. No dia seguinte, Luciana publicou um novo post com o título *Afinidades*. Nele ela contava sobre a chegada do inverno em Québec (CA), cidade onde mora, da expectativa pela prática dos esportes típicos dessa estação, de uma receita culinária recentemente descoberta e, também, sobre o que andava fazendo na “blogosfera”.

... Enquanto isso eu ando com um ótimo humor. Nesse final de semana visitei quase todos os blogs linkados aqui na barra à direita. Fiz um *ménage* também: alguns links foram retirados porque os blogs não estavam mais atualizados ou porque desapareceram completamente. Tenho rido com as blogueira(o)s aqui linkadas e/ou leitora(o)s com quem troco emails. Infelizmente, a única que conheço pessoalmente é a Zana, mas espero poder conhecer muitas delas e deles ainda. ...

---

**Luciana, trecho do post “Afinidades”, Arte, 15/11/2004.**

O que parecia ser uma expressão genérica acerca da vida social nos e através dos blogs tocava, nos interstícios do post, na troca de mensagens privadas com Denise. E mais uma vez o post operava, intencionalmente ou não, como um apelo à continuidade da discussão pública; um apelo prontamente respondido por Denise em meio aos demais visitantes que comentaram os diversos assuntos tematizados no post.

Luciana, que coincidência, também andei arrumando os meus links lá no blog, ontem, separando por países, visitando todos pra ver se tem algum que andou meio esquecido e não estava mais “funcionando”, às vezes é bom arrumar a casa, né? ajuda a arrumar as idéias. Beijinhos e aproveite bem o belo inverno daí!

Ah, Luciana, esqueci de comentar que também ri muito com o email que você me mandou. Beijijos!!!!!!!

Denise Arcoverde, 11/16/2004 10:43:48 AM

---

**Comentários no post “Afinidades”, Arte, 16/11/2004.**

Ao se reconhecer no comentário genérico de Luciana a respeito dos e-mails que recebia das suas leitoras e leitores, Denise provocou uma resposta que foi decisiva para a compreensão e definição da situação. Deixando entender que não se referia a ninguém em específico, Luciana contestou o comentário de Denise onde esta disse ter achado (também) engraçada a mensagem que lhe foi enviada, questionando-a se não se tratava de uma “ironia”.

**Denise:** Nao pensei que tivesses achado a resposta ao teu comentario, que te enviei por email engraçada, tendo em vista que você disse ter se magoado comigo. Ou se trataria de uma ironia? Se for o caso, digo e repito: nao tenho nada a ver com discussoes acontecidas em blogs de outras pessoas que estao linkados aqui e que visito regularmente e por isso prefiro ser bem clara contigo e ficar na minha. Mas como tu ja debes ter percebido, eu nao tenho ido comentar e nem pretendo ir comentar no teu blog justamente para evitar que esse assunto se prolongue. Fiquemos assim. Um bom inverno para ti também.  
Luciana, 11/16/2004 12:19:47 PM

---

**Comentário no post “Afinidades”, Arte, 16/11/2004.**

O e-mail em questão foi enviado em resposta ao momento onde Denise assumiu seus ressentimentos em relação ao comentário feito por Luciana ao post *O país que a gente vive e o país que a gente vê*. Efetivamente foi este o momento em que a discussão se deslocou para o domínio privado. E o ponto em que esse deslocamento se deu voltava, agora, ao domínio público, no mesmo blog. Isto é, a resposta dada por e-mail naquela ocasião foi repetida no *Arte*: enquanto Denise relacionava o comentário deixado em seu post com uma discussão

estabelecida anteriormente com outra blogueira – a Maria –, Luciana afirmava que o mesmo comentário não havia sido motivado por nada além da intenção de desfazer qualquer “mal entendido” restado da expressão dos seus posicionamentos. Ela insistia, assim, em não envolver outras pessoas naquela discussão, numa clara tentativa de preservar suas relações. Para tanto, anunciava seu afastamento do *Síndrome de Estocolmo*.

A sinalização do rompimento intensificou a crise entre as duas blogueiras. O comentário acima marcou o fim da cordialidade que até então, ironicamente ou não, dominara a interação. Nesse momento, o e-mail enviado por Luciana à Denise, alvo dos últimos comentários trocados entre elas, foi encaminhado à Maria sem a autorização da sua autora. Sabe-se que neste e-mail Luciana disse não ter “nada a ver com discussões acontecidas em blogs de outras pessoas que estão linkadas aqui (no seu blog)”, mas não se sabe o tom em que essa afirmação foi feita no domínio privado. Pressupõe-se, no entanto, que Maria tenha entrado em contato com Luciana e lhe pedido explicações, pois o conhecimento de que seu e-mail havia sido encaminhado a uma terceira pessoa foi decisivo para a publicação do seu *Aviso*: o post que introduziu esta descrição, concretizou o rompimento entre as blogueiras e instalou definitivamente uma situação de conflito.

O desenvolvimento do *drama social* ganhou, aqui, um contorno especial. Se até então a discussão apontava, pelo menos em parte, para a compensação de uma crise e a reintegração da relação entre as blogueiras, a partir de agora se instalava uma “flame”, como costumam ser chamadas as brigas ocorridas nas modalidades de “comunicação mediada por computador”. O conflito se constituía, assim, como um *happening* do qual emergiam características centrais à *liminaridade*, suas qualidades expressivas e dramáticas. Enfim, abria-se espaço para uma “disputa” configurada na troca de ofensas, acusações e numa permanente ameaça de suspensão das trocas interativas. Uma ameaça que não se cumpria, mas, ao contrário, alimentava e intensificava a interação, criando uma espécie de **reciprocidade negativa** conduzida pelo conflito. Primeiramente, a publicação do *Aviso* de Luciana manteve a presença de Denise no *Arte*, respondendo o post ponto a ponto em dois comentários seguidos, dando a sua versão sobre o tom do e-mail encaminhado à Maria, bem como a sua contrapartida à já anunciada interrupção das visitas e comentários recíprocos.

Luciana, eu estou com a maior paciência com você. Não estou nem um pouco a fim de confusão. E estou muito feliz, sim, porquê podem me acusar de tudo, menos de falsa.

Agora você pára de me encher o saco, lá no meu blog, ou eu terei que fazer um dos meus verborrágicos posts explicando tudinho que aconteceu e colocando lá a mensagem antiética que você mandou pra mim, dizendo que está se “lixando” pra sua amiga queridona...

E ainda ficou, aqui, querendo dar uma de fina e me detonando. Por isso eu mandei o email pra ela. Pra ela ver quem é a fina.

Portanto, me deixe em paz, como você tinha proposto no seu comentário do post anterior. E ficamos todas muito bem e com tudo esclarecido.

Denise Arcoverde, 16/11/2004 09:40:45 PM

---

Luciana, eu me dei mal por que? vai me processar por ter repassado pra Maria o email que você mandou pra mim, dizendo você sabe muito bem o quê sobre ela? vai colocar as pessoas contra mim? vai fazer uma campanha anti-Denise? eu me garanto.

Quem foi mais anti-ética aqui? Foi você quem cutucou onça com vara curtíssima.

Por mim, você pode deixar esse post aí pra sempre, não tenho nada a esconder. Só não vou ficar alimentando esse papo lá no meu blog, porque temos mais o que fazer por lá.

Apenas estou avisando pra parar de me encher o saco no meu blog. Pode até criar um blog só pra falar de mim, mas, esquece o caminho do meu, OK? e eu pretendo fazer o mesmo.

Denise Arcoverde, 16/11/2004 10:03:52 PM

---

#### Comentários no post “Aviso”, *Arte*, 16/11/2004.

Cada interrogação e cada acusação continuavam funcionando como um apelo ao prolongamento da situação, colocando em cena a dinâmica de produção do rompimento entre as duas blogueiras e de reconfiguração da rede de relações sociais à qual ambas estavam ligadas. A réplica de Luciana se fez, na seqüência, da mesma forma que se fizeram os comentários que a originaram, em duas partes, como quem devolvia equivalentemente às mensagens recebidas. A assimetria dessa retribuição esteve, talvez, no tom e nos alvos das acusações e ofensas dirigidas à Denise, que agora envolviam seus familiares, sua atividade profissional e, inclusive, a sua competência enquanto blogueira. Luciana atuava, assim, como quem “chama para a briga”, incitando a presença de Denise em seu blog e, também, sua reação no *Síndrome de Estocolmo*. E sua réplica acabou, de fato, se mostrando decisiva na forma como Denise passou a atuar no desenrolar da situação e, sobretudo, no desencadeamento da participação da audiência de ambos os blogs, como veremos adiante.

Embaixatriz da Suécia, vou parar de te encher o saco sim, mas você pode continuar vindo aqui mostrar quem você é. Todos os seus comentarios nojentos continuarao aqui. Vai trabalhar, ler um livrinho, fazer um regime, cuidar do seu velhote e desencarna da Maria de quem você nao chega aos pés nem fazendo uma lobotomia. Aproveita o tempo livre e faz uma terapia para descobrir o seu lado homem porque essa sua obsessao esta começando a me cheirar a outra coisa. Quanto ao referido email (original ou adulterado ?) publique em um jornal, nao tenho nada a esconder nem medo de gentalha vulgar como você. Criar um blog para falar de mulherzinha burra, retardada, recalçada, sem educação e mentirosa? Você deve ter bebido ne c'est pas ?

Luciana, 16/11/2004 11:31:58 PM

---

Quanto a sua suposta nao-falsidade basta ler as nojeiras que você comentou aqui e o link que você tinha colocado la, para ver como você é boa e sincera. Nunca mandei email para você na minha vida, nem sei em que planeta você vive, apenas fiz um reply numa asneira que você comentou aqui. Você e confusao sao sinônimos, todo mundo me avisou. Gente fina tem mais o que fazer e nao passa o dia escrevendo em blogs enquanto o mundo gira la fora. E se quiseres escrever mais um post xexelento para causar pena nas suas cumadres, faça mesmo, se afunde na

sua porcaria. E da proxima vez em vez de escrever sobre « vida de imigrante » escreve sobre « vida de desocupada », vai ser bem mais eficaz.  
Luciana, 16/11/2004 11:48:20 PM

---

**Comentários no post “Aviso”, Arte, 16/11/2004.**

Tinha-se, então, uma situação fundada numa espécie de *dar, receber, retribuir* às avessas, voltada não à aliança, mas, ao contrário, ao esfacelamento da relação social. De certa forma, isso permite rever a teoria clássica sobre a reciprocidade que, como coloca Lévi-Strauss (1982, p. 107), é justamente o que permite a passagem da guerra à paz. Aqui, a guerra não é o revés da reciprocidade. De um lado, a recusa da aliança engendrou o conflito e a situação foi marcada pela ameaça permanente de interrupção das trocas cotidianas, onde uma prometeu não voltar mais ao blog da outra. O cumprimento dessa ameaça talvez significasse a própria compensação da crise e o reconhecimento de um cisma. Por outro lado, no entanto, a reciprocidade se tornou constitutiva do próprio conflito: uma reciprocidade transformada no curso de uma reestruturação das relações sociais e do processo de negociação e reconstrução social da realidade. Afinal, mais do que a relação entre as blogueiras, estava em jogo uma rede e dois núcleos de sociabilidade distintos, o *Arte* e o *Síndrome de Estocolmo*. Assim sendo, o *drama social* se desenvolveu como um processo essencialmente político que implicou em formas de atração e na competição por fins como o prestígio, a credibilidade e o poder sobre a audiência. Nesse processo, a audiência compartilhada entre as duas blogueiras foi chamada a “tomar partido” e, conseqüentemente, a se engajar no conflito. Para tanto, ambas dispararam suas competências comunicativas em performances significativamente distintas.

Ainda na caixa de comentários do post *Aviso* Maria finalmente se manifestou, expressando-se em relação ao post e às respostas de Luciana aos comentários de Denise.

HOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOH!!!!!!!  
Mary, 11/18/2004 03:06:21 PM

---

HOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOHOH!!!! Sobre o comentário aí de cima também.  
Mary, 11/18/2004 03:07:51 PM

---

**Comentários no post “Aviso”, Arte, 18/11/2004.**

A expressão se compõe de dois aspectos de oralidade tipicamente presentes da “comunicação mediada por computador”: as letras maiúsculas que denotam o tom da voz – o “grito”, a fala em voz alta, a ênfase – e uma interjeição que pode exprimir a gargalhada – no sentido da concordância, do aplauso, da simpatia –, mas pode ser também o indício de uma advertência. A compreensão do significado da expressão de Maria pede, portanto, uma análise

contextual, que considere a memória das divergências entre ela e Denise e o desenrolar da situação em questão, que teve no centro da sua configuração a troca de e-mails entre ela e as duas outras blogueiras. Quanto à “tomada de partido”, é no processo que se conhece a posição de Maria que pouco a pouco se faz presente no *Arte* e se aproxima de Luciana.

Já Karenin, que também possuía ligações comuns com as duas, foi explícita em seu posicionamento.

Luciana, pois eu estou MÓOOOOORRENDO de rir, não consegui comentar no outro post seu, mas venho aqui expressar minha simpatia e minha admiração pelo texto muito bem escrito. Já sei que estou me enfiando no rolo que não é meu, mas quer saber? Tô nem aí. Se vale, um recado aqui para a Denise, a quem visito, e com quem troco comentários, não achei nada elegante enviar seja o que for de quem quer que seja que comentou algo com vc para terceiros, adulterado ou não. O que escrevo para vc é para vc. Aliás, quer saber, vou lá falar pra ela mesma o que penso. E ó eu indo!  
Karenin, 18/11/2004 04:06:36 AM

---

**Comentário no post “Aviso”, *Arte*, 18/11/2004.**

Karenin condenou Denise pelo envio do e-mail de Luciana à Maria, mostrando conhecer o risco do prejuízo para a relação social e se comprometendo, nesse sentido, a “falar para ela mesma o que pensa”. Contendo o blogueiro e suas relações, o blog é compreendido, aqui, como o espaço por excelência para se falar diretamente com Denise e lidar com as divergências que surgem no âmbito da relação. Contudo, mais do que uma “tomada de partido”, o comentário de Karenin ressalta e adere àquilo que parecia já estar expresso na expressão de Maria: o tom cômico do *Aviso* de Luciana. Na medida da percepção e engajamento dos visitantes do *Arte* na situação, esse tom emergiu como um aspecto constitutivo da performance da blogueira.

Estabeleceu-se, assim, um tempo à parte do cotidiano, uma fase compensatória na qual cada blogueira conduziu conjuntos de ações distintas visando à produção e o reconhecimento público do rompimento, bem como o rearranjo das relações sociais. Um tempo marcado pelas qualidades teatrais da *liminaridade*, que fez desse *drama social* uma espécie de *metateatro*, “uma linguagem dramatúrgica sobre a linguagem ordinária da representação de papéis e manutenção do status que constitui a comunicação no processo social cotidiano” (Turner, 1992, p. 76). Nesse processo, Denise deixou a caixa de comentários do *Arte* e se fez intensamente presente no *Síndrome de Estocolmo*, assumindo uma atitude de defesa diante das acusações de Luciana acerca da sua atividade profissional. De certa forma, ela respondia aos diversos apelos contidos no *Aviso* e nas mensagens trocadas com Luciana,

que insistiu em provocá-la a publicar seus “posts verborrágicos”, a falar da sua “vida de desocupada” e a causar “pena” em suas leitoras.

Um dia após a publicação do *Aviso* no *Arte*, Denise publicou em seu blog um post com o título *O que eu faço da vida*, em resposta às provocações de Luciana.

Já fazia tempo que eu pensava em escrever sobre meu trabalho, mas sempre deixava pra depois, por duas razões. Uma é que pode parecer pretencioso demais (até pra mim... hehehe...) falar de tudo que já fiz. Segundo porque não dá pra escrever em poucas linhas, a história é longa, pode ficar chato... Mas, como já estou cansada de receber mensagens de pessoas invejosas dizendo que sou dondoca e não faço nada da vida, além do blog, resolvi deixar minha modéstia de lado e contar um pouquinho dos meus últimos 15 anos pra vocês... tá loooooongo, mas foi o mais resumido que pude fazer, então, vocês podem ler um pouquinho agora e depois voltar outro dia pra ler o resto ;)

[continua...]

---

**Denise Arcoverde, “O que eu faço da vida”, Síndrome de Estocolmo,  
17/11/2004.**

Daí seguiu um longo texto, organizado em vários subtítulos, onde a blogueira contou cada etapa da sua trajetória junto aos movimentos sociais, ilustrando-as com várias fotos e indicando, através de links, outros espaços onde era possível conhecer os resultados do seu trabalho. Nas “conclusões”, voltou a justificar a publicação deste post nos “ataques” e “questionamentos” dos quais estava sendo vítima.

(...)

Me sinto desconfortável escrevendo tanto sobre as coisas que **EU** fiz, parece personalista mas, como tenho sido tão atacada e questionada (não sei com que direito), em relação ao que eu “faço da vida”, achei por bem deixar bem claro qual o **meu** papel nisso tudo.

Eu estou aqui, feliz da vida, dando minha contribuição, à distância, com a certeza de que, depois de tudo que eu já fiz na vida, não preciso mais dar satisfação a ninguém...

O que vou fazer, aqui, no futuro??? não estou nem um pouco preocupada com isso, sempre tive experiências criativas e desafiantes, não vai ser agora que vai ser diferente!!! Tenho meus planos, mas esses não posso contar agora... dá azar... hehehe...

Denise Arcoverde às **05:36 AM** | [Está todo mundo comentando \(54\)](#) |

---

**Denise Arcoverde, “O que eu faço da vida”, Síndrome de Estocolmo,  
17/11/2004.**

Pode-se dizer que, no contexto do *drama*, essa narrativa surge como parte de um processo interpretativo e reflexivo através do qual se procurava dar sentido e ordem aos eventos que constituíam a crise. Nesse sentido, o post aponta um movimento onde a expressão das experiências pessoais e singulares deixa de ser o aspecto propriamente constitutivo do blog – lembremos de Denise defendendo o *seu* direito de, no *seu* blog, expressar as *suas* experiências e as *suas* opiniões –, para se tornar um motivo de “desconforto” para a blogueira.

O movimento sugere uma espécie de *inversão* do papel cotidianamente desempenhado pela blogueira, como se a “überblogueira” – aquela que está no centro da rede e costuma ser reverenciada pela audiência – fosse minimizada para dar lugar à vítima dos “ataques” vindos do *Arte*, a alguém que se coloca em situação de ser apoiada e defendida. Foi como vítima, numa posição mais marginal, que ela elevou as suas experiências, a sua história de vida, incitando o apoio de mais de 50 visitantes.

Essa inferiorização das diferenças estruturais produzida por meio de mecanismos de *inversão*, na tentativa de lidar com os conflitos que ameaçam as bases das relações sociais, é que coloca, segundo Turner (1974), o *drama* no centro da dialética entre a *estrutura* e a *communitas* que constitui o processo da vida social. No entanto, em meio à multiplicidade de gêneros simbólicos que emergem nas sociedades complexas, especialmente aqueles ligados ao lazer e ao entretenimento, esse processo inclui, além dos mecanismos de *inversão*, vários mecanismos de *subversão* das diferenças estruturais, que satirizam, burlam e desbancam os valores centrais da sociedade (Turner, 1982, p. 40/41). A princípio, pode-se dizer que foi por um mecanismo de *subversão* que Luciana passou a agir no desenrolar do conflito, criando um personagem – a “pafúncia”, como uma espécie causadora de uma doença contagiosa –, através do qual passou a satirizar Denise e sua performance enquanto blogueira. Enfatizando o tom cômico anteriormente percebido por algumas de suas leitoras, ela apresenta esse personagem no *Arte* logo após a publicação do post *O que eu faço da vida*, post este que esteve na base da construção da sátira.

Guia de descrição da espécie pafúncia

Espécie número 1

Nome científico : pafúncia exibicionistae-obsessivae-compulsivae

Nome vulgar : denorex, bicho-grilo

Doença associada : meu-ego-está-estourando

Doença associada à pafúncia *exibicionistae-obsessivae-compulsivae*: Doença incurável. A portadora da doença é casada, na casa dos quarenta. Quando atingida por essa espécie de pafúncia, a doente vive na **blogosfera**. Seu **blog é sua vida** e sua vida é seu blog. Ela passa o dia na Internet. **Não trabalha e não estuda**. A doente é muito **reativa**. Se você disser que ela não trabalha, ela vai correndo no blog escrever um post longo e **verborrágico** (com citações de nomes de «personalidades » e fotografias de dar dó), onde ela faz um relatório de todas as suas atividades passadas. Se você diz que ela é mal-amada ela vai correndo no blog dizer que é muito feliz e assim por diante.

A portadora vive no **passado**, por isso a necessidade de escrever **compulsivamente** sobre a terra brasilis ou sobre o país nórdico onde viveu. Apesar de ter vivido nesse país apenas pouco mais de um ano, de **nunca ter aprendido a língua**, nem nunca lá ter trabalhado ou estudado, ela se considera a embaixadora dessa pequena e desenvolvida nação nórdica, escrevendo no seu blog posts sobre a «vida de imigrante». A portadora desse tipo de pafúncia é adepta do **partido único** (resquíio do período stalinista): seu blog diz a verdade e ela se apressa a tentar denegrir blogs inteligentes de pessoas que vivem, estudam, trabalham e falam a língua do dito país nórdico. [continua...]

---

Estabelecia-se, assim, uma diferença fundamental entre o modo pelo qual cada uma delas atuava na compensação da crise. De um lado, Denise contava sua história de vida em resposta às provocações, mas, de certa forma, tirando a cena do conflito do foco de atenção dos seus visitantes, como numa tentativa de restabelecer o cotidiano das interações pela ênfase nas suas experiências. Do outro lado, Luciana desenvolvia sua performance na própria cena do conflito, trazendo-a com a intensidade para o centro do blog – da interação – por mecanismos essencialmente teatrais que recriavam a discussão. Para além das experiências de Denise como imigrante na Suécia, sobre as quais se erguera a discussão, o post satirizou a blogueira enquanto blogueira que, como portadora da “pafúncia”, foi tratada como “perigosa”, “parasita”, que “precisa ser amada por todos” e é “capaz de tudo para manter cativa a sua platéia”. A figura da “espécie pafúncia” conduziu, nesse sentido, uma mudança no registro da atividade de fala fundada na substituição da cordialidade que antes pautava uma espécie de atitude de ponderação – realizada na fórmula *quando comentei sobre..., não quis dizer que; quando falei de..., não estava me referindo a...* –, por uma teatralidade que autorizava *se dizer o que realmente se queria dizer*. Assim, a sátira se tornou uma via privilegiada para a crítica e, ao mesmo tempo, um momento voltado ao divertimento e participação da audiência do blog *Arte*. E o chamamento para esse engajamento foi realizado na seqüência do anúncio de mais uma ação no processo de rompimento com Denise: o bloqueio do seu IP<sup>162</sup>, como forma de impedi-la de comentar no *Arte*.

(...)

Para as vítimas da portadora da pafúncia *exibicionistae-obsessivae-compulsivae* só restam porém duas soluções: o desprezo e o bloqueio do IP.

**Nota da autora:** Agradeço a todos os leitores e leitoras que contribuíram de alguma maneira na elaboração da descrição da *pafúncia exhibicionistae-obsessivae-compulsivae* e dos sintomas da doença *meu-ego-está-estourando*. Novas contribuições ainda podem ser aceitas.

Nov 17, 2004 in [utilidade pública](#) | [Permalink](#) | [Comments \(10\)](#)

---

Luciana, *Arte*, 17/11/2004 (grifos da blogueira).

No *Síndrome de Estocolmo*, Denise anunciou uma atitude correlata, declarando “oficialmente aberta a temporada de exclusão de todo e qualquer comentário” que considerasse “desagradável” em seu blog.

---

<sup>162</sup> Como já mencionado, o IP é o número que identifica o computador na Internet. No âmbito da ferramenta para publicação e atualização de blogs, cada comentário é identificado também com o número IP do computador de onde foi publicado. Assim, para efeitos de moderação da participação no seu blog, o blogueiro pode bloquear os IP's daqueles que ele não deseja mais ver comentando os posts.

...Cansei. Agora, delete tudo que eu quiser. É pracinha, mas tá na frente da minha casa. Essa turminha devia arrumar algo digno pra fazer da vida.  
Denise Arcoverde às **04:00 PM** | [Está todo mundo comentando \(54\)](#) |

---

**Denise Arcoverde, no post “Minha luta contra o câncer de mama”, Síndrome de Estocolmo, 18/11/2004.**

O fato é que ao mesmo tempo em que uma foi convocada a deixar o blog da outra, a comunicação entre as duas se mantinha numa complementaridade entre suas performances. Enquanto Denise dava continuidade à narrativa de sua trajetória nos movimentos sociais, enaltecendo o seu trabalho e fatos do cotidiano, como passeios e viagens em família, ainda em resposta ao que acontecia no *Arte*, Luciana atuava nas bases dos posts de Denise, apresentando personagens complementares à “pafúncia” e criando a encenação de uma “cruzada contra as pafúncias”. E ambas agiam para que em seus blogs se fizessem presentes apenas aqueles dispostos à adesão, ao apoio ou, porque não, ao consenso.

No *Síndrome de Estocolmo*, Denise continuou contando sua trajetória junto aos movimentos sociais, mantendo o índice de participação no seu blog e recebendo a mesma média de comentários que recebera no post anterior. Enquanto isso, no *Arte*, o *Guia de descrição da espécie pafúncia* não recebeu nenhum comentário até que, dois dias após sua publicação, apareceram na caixa de comentários dois personagens que satirizavam o apoio que Denise vinha recebendo de seus visitantes.

Parabéns pelo trabalho sério que você tem feito na exterminação das pafúncias. Gostaria que você nos contasse mais detalhes sobre os seus projetos e sobre como você começou esse tipo de trabalho de saúde pública. Um grande abraço e não dê importância para as críticas de pessoas mesquinhas, você é uma pessoa iluminada pela santíssima trindade e tem uma grande missão aqui na Terra ! Amém !  
**Dr Phil**, 19/11/2004 01:45:11 AM

---

Oi querida. Amo você e esse blog tão educativo, tão cheio de amor. Moro aqui no interior da Romênia e ler seu blog para mim é como um remédio que me faz um bem danado nos meus dias de baicho astral. Li todos os seus arquivos e fico encantada com tanta simpatia e com tanta inteligência. Quando que você vai publicar um livro contando todas as suas histórias para nós? Vou te mandar um e-mail, me responde? Beijus  
Joaninha Guedes da Silveira, 19/11/2004 01:53:08 AM

---

**Comentários no post “Guia de descrição da espécie pafúncia”, Arte, 19/11/2004.**

Dando corpo a personagens que reconheciam seu “trabalho” na apresentação da “espécie pafúncia” e respondendo a cada um deles, Luciana reativava a dimensão interativa

do blog como uma estratégia para provocar a participação<sup>163</sup>. Deste modo ela fez com que outros visitantes representassem outros personagens que colaboravam na construção da cena. Dentre os comentários dos personagens que eram, um a um, respondidos por Luciana, Karenin reapareceu para anunciar seu rompimento com Denise, previsto desde que ela a criticou por ter enviado o tal e-mail à Maria.

Luciana, eu não disse que o rolo viria pro meu lado. Agora ela rompeu relações comigo! Vê se eu posso com isso, nem relação tínhamos! ai, ai, ai, esse mundinho virtual é realmente o uó!

Karenin, 11/20/2004 03:48:06 AM

---

**Comentários no post “Guia de descrição da espécie pafúncia”, Arte, 20/11/2004.**

Isto é, como prometido anteriormente, Karenin foi até o *Síndrome de Estocolmo* manifestar seu repúdio à Denise pela atitude tomada, mas isso não garantiu a manutenção da relação. E se antes as trocas de visitas e comentários com a blogueira foram a razão para dirigir-lhe “pessoalmente” uma crítica, agora a relação é negada, diminuída na sua importância, como parte culminante do processo de “tomada de partido”.

Mais um personagem surgiu ainda na caixa de comentários do *Guia de descrição da espécie pafúncia*, o Dr. Rabinovitz, que acrescentou outras características, ou “sintomas”, relacionadas à “doença” causada pela tal “espécie”. Com suas falas, esses personagens, todos eles, introduziram o que, pode-se dizer, constituiu-se no ato central da encenação de Luciana: a publicação do post *Como cheguei lá*, que dava continuidade à sátira numa charge do post *O que eu faço da vida* incluindo, também, alguns episódios narrados nos posts subsequentes do *Síndrome de Estocolmo*.

Como eu cheguei lá

Muita gente tem me escrito e-mails e cartas me pedindo para falar um pouco do meu trabalho na luta, no combate, na cruzada contra a doença causada pela espécie pafúncia. Como eu não gosto de me exhibir e de me vangloriar dos meus feitos, fui adiando esse post. Mas agora que tem gente dizendo que eu passo o dia no shopping, acho que chegou o momento de mostrar para vocês o quanto a minha atividade é importante na blogosfera e o quanto eu tenho farinha no saco e café no bule. [...continua]

---

<sup>163</sup> A confirmação de que era Luciana quem representava esses personagens se deu quando a blogueira disponibilizou-me os arquivos do blog (contendo posts e comentários) em formato de texto. Nestes arquivos, cada post e cada comentário estavam devidamente identificados pelo número IP da máquina a partir da qual eles foram publicados. Foi possível, portanto, constatar que o número IP da máquina que originava os comentários de Luciana era o mesmo da máquina de onde vinham os comentários dos personagens. Estes arquivos me foram enviados no momento em que expressei para a blogueira o desejo de analisar esta cena na tese, solicitando-lhe o material.

A própria introdução já era uma representação burlesca da forma pela qual Denise introduzira seu post *O que eu faço da vida*, definindo-o como uma resposta aos “ataques” dos quais vinha sendo vítima que lhe colocaram na “desconfortável” situação de ter que “falar de tudo o que já (fez)”. É importante considerar que, para dar continuidade à sua crítica, Luciana, ela própria, colocou-se, nesse post, na posição de quem “não trabalha e não estuda” e “vive na blogosfera”, onde realiza seu “trabalho” numa “cruzada contra as pafúncias”. Para tanto, os subtítulos e as fotografias que compuseram as narrativas de Denise foram caricaturados, assim como as entidades e organizações por ela citadas, os adjetivos utilizados para qualificar o seu trabalho, os projetos sociais dos quais ela disse ter participado e os prêmios recebidos. Onde Denise falou sobre sua “formação” e suas “primeiras experiências de trabalho”, contando que não concluiu nenhum curso superior por ter preferido se dedicar exclusivamente aos movimentos sociais, Luciana satirizou sob o título *Um pouco da minha biografia, do meu currículo e da minha história*:



(...) Na escola secundária entrei em contato com o movimento MR-64 (Movimento dos Rabicós do 1o de Abril de 1964) através de um coleguinha de classe que queria me namorar. Não preciso dizer que não continuei no movimento, pois isso exigiria de mim muita leitura he he he. Fiz vestibular cinco vezes para medicina, mas infelizmente nunca passei. Sempre rodava na prova de química e física e na redação (dá prá ver né ? he he he). Comecei então a fazer o curso de enfermagem na FCAOJ (Faculdade Católica Apostólica Romana de Jaquetingabaú) na grande São Paulo, mas também não terminei porque além de ser uma pessoa muito rebelde, acabei me casando, então não tinha mais sentido terminar o curso.

[ ...continua]

Na seqüência, a participação de Denise na fundação de uma ONG também foi recriada na figura de uma *OGM (Organização dos gatos miadores)*. A sátira contemplou, ainda, o envolvimento da blogueira em projetos educativos, como a elaboração de cartilhas, folhetos e vídeos promocionais, e um site exclusivamente dedicado ao tema da nutrição infantil que lhe rendeu vários prêmios e colocações entre os “melhores da Internet”.

Mas voltando a esse projeto belíssimo, tudo começou quando eu me encontrava desempregada e resolvi servir a uma causa nobre. Uma noite ouvi um barulho forte, muito estranho na minha janela. Era um filhote de gato miando. Saí para ver do que se tratava e me deparei com um lindo gatinho ferido no focinho. Trouxe-o para casa, fiz um curativo no seu ferimento e dei a ele um pouco de comida. Mas o pobre animal não parava de miar. Foi então que decidi criar um método de treinamento de gatos. Hoje esse método é reconhecido no mundo inteiro e devido a ele já viajei por muitos países (tudo de graça he he he com a ajuda da minha OGM). Mas isso não é tudo. Como eu disse, a minha OGM ganhou muitos prêmios : Prêmio I- quero(des)aparecer 1999, Prêmio nacional do gato por lebre 2000, Prêmio meu-

gato-vai-estourar 2001, Prêmio Internacional repaginada-urgente 2002 e muitos outros. Foi por causa desse maravilhoso projeto que eu fui convidada a passar uma temporada aqui no Québec, ensinando essa gente como educar os felinos.

[ ...continua]

---

Nesse momento, Luciana trouxe para a composição da caricatura de Denise elementos recorrentes na sua própria apresentação cotidiana no blog, como sua convivência com os gatos e sua vida na província de Québec (CA). Este último elemento tornou-se mais fortemente presente no desenrolar da encenação, dando sustentação à apresentação de outros personagens e cenários que contribuíram para a construção da cena da “cruzada contra a pafúncia”.

(...)



Na cruzada contra a pafúncia

Agora que vocês já sabem um pouco mais sobre a minha história, o meu currículo e como eu me tornei uma pessoa famosa, vou falar da minha luta contra a espécie pafúncia. Tudo começou há muito tempo (vem de berço, como eu expliquei he he he), mas foi há alguns meses atrás que eu descobri o quanto esse trabalho poderia ser útil para a blogosfera.

(...)

Devido a esse trabalho maravilhoso que eu fiz, o governo do Québec me contratou para realizar um estudo sobre um outro tipo de pafúncia, a pafúncia *exibicionistae-obsessivae-compulsivae*, causadora da doença *meu-ego-esta-estourando*. Na época a situação era realmente alarmante porque essa espécie estava migrando da Escandinávia em direção à América do Norte. Mas felizmente hoje em dia a doença (apesar de incurável) está relativamente controlada e estamos ganhando cada vez mais adeptos na luta contra ela, gente como o Dr. Phil, o Che Guevara, Dr Rabinovitz, somente para citar alguns.

[ ...continua]

---

Desse modo, Luciana recriava a narrativa de Denise sobre sua trajetória nos movimentos sociais e contava sobre seu “trabalho” de combate às “pafúncias” na “blogosfera” e do apoio e do reconhecimento obtido da parte dos personagens que criara. Aqui, a mudança de Denise da Suécia para os Estados Unidos serviu de base para a contextualização da cena na América do Norte, especificamente no Québec, criando um cenário coerente para essa performance narrativa fundada, em certa medida, na própria experiência de Luciana como imigrante. Isso lhe abriu a possibilidade de, na continuidade do post, demonstrar seu domínio da língua local, questão que esteve na origem das divergências entre as duas blogueiras.

Ao final do post, Luciana também satirizou as “conclusões” de Denise, especificamente onde ela falou de seus planos futuros, dizendo que não daria detalhes sobre eles para não “dar azar”. Para encerrar, o próprio apelo à participação da audiência se apresentava como uma paródia da forma como Denise costuma invocar o engajamento de seus leitores: uma “enquete” sobre os temas que eles desejam ver sendo abordados no blog.

O que eu estou fazendo agora?

Continuo com a minha OGM – Apocalipse que me dá um trabalhão danado e tenho um novo projeto o Pafúncia Nunca Mais subsidiado pelo estado da Califórnia. É gente, eu conheço o Schwarznegger ! Além disso estou envolvida num projeto belíssimo que visa tornar obrigatório a ingestão do chimarrão nas escolas canadenses. Não vou contar os meus planos para o futuro porque eu acredito em olho-grande e urucubaca he he he. Mas tenho confiança no meu taco (eu me garanto hein ?) que alguém vai subsidiar algum dos meus novos projetos.

Deixo aqui uma enquete sobre o assunto que vocês gostariam de ver tratado no próximo post:

- a) como eu me tornei adepta da dieta de 10 000 calorias diárias
- b) como criar uma OMG
- c) como viver em companhia de uma vizinha que lava-roupa-todo-o-dia-que-agonia
- d) como tirar o visto para visitar o parque de diversões La Ronde

Nov 20, 2004 in [dicas para ter sucesso na vida](#) | [Permalink](#) | [Comments \(14\)](#)

---

**Luciana, “Como cheguei lá”, Arte, 20/11/2004.**

Em primeiro lugar, não se pode perder de vista o fato de que o processo de construção da cena da “cruzada contra as pafúncias”, antes de significar o rompimento entre as duas blogueiras, constantemente anunciado nos dois blogs, reconstruiu a relação dialógica entre elas. Nem Denise nem Luciana deixaram, respectivamente, o *Arte* e o *Síndrome de Estocolmo*. Cada uma delas manteve-se constantemente atenta ao que a outra falava em seu blog, de modo a construir sua ação na compensação da crise. Assim, em resposta às provocações, Denise recolocava o foco da atenção da sua audiência sobre as suas experiências, cujas expressões foram imediatamente apropriadas por Luciana para a elaboração da sátira. Entretanto, enquanto no *Síndrome de Estocolmo* o cotidiano das interações foi sendo gradativamente recuperado, no *Arte* o tempo liminar do *drama* se prolongava na medida da evolução da encenação da blogueira, desenvolvida no âmbito de um evento performático com características tipicamente *liminóides*.

Num de seus últimos trabalhos, Turner (1982) desenvolveu o conceito de *liminóide* para dar conta do seu esforço de classificação e análise das especificidades da cultura expressiva em sociedades complexas, fundadas numa crescente diferenciação social e no maior grau de liberdade individual. Nesse esforço ele transfere, de certo modo, a dialética entre as experiências da *communitas* e da *estrutura*, constitutiva da vida social, para a relação entre o *trabalho* e o *lazer*. Segundo o autor, nos interstícios do “tempo do trabalho” – isto é,

naquele definido como o “tempo do lazer” – tendem a se configurar experiências que guardam aspectos da efervescência e revitalização da ordem social típicas das fases liminares dos ritos em “sociedades tradicionais”, mas que se voltam às expectativas individuais e/ou aos interesses particulares de diversão e entretenimento. Ou seja, o lazer, como o tempo do “não-trabalho”, constitui-se como o tempo do *play* em todas as suas possíveis acepções, seja o jogo, a brincadeira, as representações teatrais e outros tipos de atividades “livres”, em oposição à obrigatoriedade do trabalho, e “espontâneas” (imediatas, rápidas), em oposição ao cuidado previsto nas rotinas de trabalho (ibid, p. 34). Estas são as experiências *liminóides*, igualmente marcadas pelo simbolismo, criatividade, reflexividade e que operam de modo significativo no processo de transformação social.

O processo de construção da sátira, como um processo essencialmente interativo – que emerge *da* e é engendrado *na* interação – encerra, portanto, as marcas constitutivas da experiência *liminóide*. Na medida em que deu espaço à representação metafórica da realidade social, a sátira transferiu a seriedade do conflito para jogo recreativo das representações, criando uma experiência ao mesmo tempo em que refletia sobre ela. Do ponto de vista da produção da *sociabilidade*, pode-se dizer que a interação passou a manter uma relação formal com a “briga”, extraindo dela uma riqueza de vida lúdica e simbólica. Deste modo, o evento manteve os participantes no tempo do “entre” – o tempo do gerúndio –, *tomando* “partidos”, *fazendo* e *refazendo* laços, mais do que ocupando posições fixas numa rede de relações sociais.

Na caixa de comentários do post *Como cheguei lá*, cresceu o número de personagens criados por Luciana e por outros visitantes do *Arte* que complementavam a cena: Cléssia da Silva Larsson e Dona Chiquinha vieram elogiar o “trabalho” da blogueira no combate às “pafúncias”, aconselhando-a a ignorar as críticas de quem “tem inveja do seu sucesso profissional”, e o Babaloê de Ogum veio oferecer “ajuda espiritual no tratamento das vítimas da portadora da pafúncia”. Esses personagens chegaram ao blog também como blogueiros, deixando links para blogs fictícios que completavam suas apresentações: [www.cumadres-unidas-da-denise.com](http://www.cumadres-unidas-da-denise.com), [www.puxandosaco.com](http://www.puxandosaco.com), [www.babaloando.blogspot.com.br](http://www.babaloando.blogspot.com.br) eram os endereços associados aos links criados, respectivamente, por cada um dos personagens acima citados. Dentre eles, Che Guevara voltou a se fazer presente nos comentários, confirmando o “apoio” anunciado no post, mas, sobretudo, deixando um indício do ator que o representava.



submetida a exames detalhados, foi diagnosticada como tendo sido infectada pela “parasita *exibicionistae-obsessivae-compulsivae*”. Esse foi um momento culminante para o movimento realizado desde o início do post: contaminada pela “espécie pafúncia” Luciana incorporou, de certo modo, a sua antagonista. Ao satirizar o post *O que eu faço da vida* Luciana já experimentara, na pele de uma “exterminadora de pafúncias” e pela elaboração de um “post longo e verborrágico” com um “relatório de todas as suas atividades”, tudo aquilo que ela criticava em Denise. A “contaminação” da blogueira apontou, assim, um processo de *inversão* através do qual Luciana viveu, no tempo liminar, a posição de Denise no âmbito de uma rede de relações sociais, com toda centralidade, reconhecimento e audiência que essa posição lhe conferia.

Nesse sentido, a sátira se apresentou como *um espelho que inverte, mas que também reflete um objeto* e que, portanto, possuiu um caráter mais “pseudo-liminar” do que propriamente *liminóide* e *subversivo*. Isso ocorre, segundo Turner (1982, p. 40/41), se considerarmos que a sátira expõe, ataca ou ridiculariza o que considera condenável, estúpido ou abusivo a partir de critérios de julgamento geralmente fundados num “enquadre estrutural normativo” ou em “valores oficialmente promulgados”. Deste ponto de vista, pode-se dizer que Luciana legitimou a centralidade de Denise na medida em que a ridicularizou e a difamou, colocando-a em situação de se defender e apelar ao apoio de sua audiência, para então protagonizar a cena da “cruzada contra as pafúncias”. Ou seja, ao promover essa inversão, a blogueira confirmou a ordem.

A encenação de uma “internação” para o tratamento intensivo da “mal” que a acometera, iniciou um processo de retomada do cotidiano do *Arte*. Após ter feito a atualização no post *Como cheguei lá*, Luciana postou *Direto da UTI do Hospital Monte Sinai – Montreal*, para agradecer as “tantas manifestações de solidariedade” que vinha recebendo, ainda parodiando a forma como Denise agradecia o apoio dos visitantes.

Gente, pessoal, queridos amigos e amigas ! Vocês não podem saber o quanto eu estou emocionada com tantas manifestações de solidariedade, de admiração e de puxa-saquismo para com a minha pessoa ! Eu confesso que fiquei meio tristonha com isso tudo, mas deixa para lá, adoro todos vocês e vamos em frente sem dar bola para essa gatinha que não tem nada digno para fazer. Voltarei aqui logo logo com um post daqueles bem curtinhos contando tudinho sobre o passeio que fiz ontem aqui pelos corredores da UTI do hospital Monte Sinai de Montréal.

E continuem lendo [um pouco mais sobre mim e sobre o meu combate](#) contra a praga pafuncialis. Para conhecer um pouco mais sobre as formas de contágio cliquem também [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Vocês são uns amores!

Nov 21, 2004 in [“emocionalismo” barato ou “me engana que eu gosto”](#) | [Permalink](#) | [Comments \(14\)](#)

---

Luciana, “Direto da UTI do Hospital Monte Sinai – Montreal”, *Arte*, 21/11/2004.

A manutenção do tom da sátira possibilitou que a interação na caixa de comentários se mantivesse intensa e ligada à cena da “cruzada contra as pafúncias”. Che Guevara reapareceu e, encenando uma fala em espanhol, expressou sua admiração e de toda sua família por Luciana. Além dele, Gil Gomes veio, pela primeira vez, solicitar uma reportagem com a blogueira e com o Dr. Rabinovitz para um “Plantão Pafúncia de Notícia”. Mais uma vez, as falas dos personagens se misturavam aos comentários dos visitantes que se divertiam com a encenação e acabavam, por vezes, engajando-se nela ao manifestarem seus votos de uma pronta “recuperação” da blogueira.

Esse foi um momento conclusivo na vivência da cena. À medida que Luciana tecia, com os links ao final do post, a história do evento, remetendo a todos os posts que o compuseram, ela encerrava a encenação e retomava o cotidiano do blog. A seqüência de links reconstituiu o conjunto de episódios que constituíram a cena. Ao fazer isso, Luciana proporcionou uma das últimas oportunidades para os visitantes do *Arte* vivenciarem, compreenderem, posicionarem-se ou simplesmente comentarem o evento enquanto *um* evento, definido em termos de um limite temporal, uma seqüência de atividades, um conjunto de atores, uma platéia e uma ocasião para as performances singulares que o constituíram (Langdon, 1999, p. 23). Nesse sentido, houve quem procurou entender o ocorrido e assumiu uma posição de imparcialidade, procurando não colocar em risco os laços com nem uma das duas. Foi o caso de Solange, do blog *Ar de Amor*, cujo comentário provocou uma reposta que apontou de forma ainda mais evidente para o fim da encenação.

Luciana querida, eu tentei entender algumas confusões ocorridas, mas realmente não entendi direito e não vou meter o bedelho.

Só digo que você é uma querida amiga que fiz aqui na blogosfera e que eu gosto muito desde o início, pela sua sinceridade, amorosidade e espontaneidade. Confio e gosto de você!

Um super beijo

[Solange A.](#) | Novembro 21, 2004 01:01 PM

---

**Solange** querida ! Logo que meu surto anti-pafuncia passar (espero que seja logo !) passarei pra pegar um ar de amor no teu blog. Beijao e obrigada por esse testemunho, também gosto muito de ti.

---

**Comentário no post “Direto da UTI do Hospital Monte Sinai – Montreal”, *Arte*, 21/11/2004.**

Tanto a mensagem de Solange quanto a reposta de Luciana sugerem que, ao se instalar no *Arte*, a cena da “cruzada contra as pafúncias” não suspendeu somente o cotidiano das postagens, mas de toda a atividade do “blogging” incluindo a participação nos circuitos de trocas que alimentam as relações diádicas. A interrupção desses circuitos ocorreu, pelo menos

parcialmente, de ambas as partes: da parte de Luciana, que esteve quase que integralmente dedicada à sua encenação – ao seu “surto anti-pafúncia”–, e da parte dos tantos blogueiros que, apesar das relações com a blogueira, preferiram não aderirem ao evento. De certo modo, a mensagem de Solange criou uma oportunidade, e talvez uma demanda, de restituição da dinâmica das trocas diárias de vistas e comentários.

Enquanto a interação na caixa de comentários do último post se estendeu, o blog permaneceu sem ser atualizado. Até que no dia 23 de novembro, Luciana voltou a postar, comentando uma notícia do editorial de arte do *NY Times* que falava sobre um renomado artista plástico búlgaro e uma de suas mais novas instalações iniciada no Central Park de Nova York. Encerrou o post com uma “nota” dizendo que, por recomendação do Dr. Rabinovitz, ela dava uma “folga ao combate à pafúncia” e repetiu a seqüência de links que rememoravam o evento. Criava-se, assim, uma espécie de tensão entre a retomada do cotidiano do blog, justamente pelo tema que lhe é fundador – a arte –, e a possibilidade de prolongamento do evento. A interação que se desenrolou na caixa de comentários foi, nesse sentido, decisiva na definição da situação, pois os comentários sobre o artista plástico e sua obra predominaram dispersando a atenção e o interesse na cena. No mesmo dia 23, a blogueira enfatizou essa tendência com a publicação de uma lista *Das coisas boas da vida*.

Gato dormindo  
 Glenn Gould tocando Bach  
 Strognoff de carne  
 Sorvete de gâteau au fromage  
 Café  
 Banho de espuma  
 Nadar numa piscina vazia  
 Vizinhança decorando portas e janelas para o Natal  
 Descansar os pézitos  
 Ler blog de gente inteligente e com senso de humor  
 Calça de pijama  
 Moleton com capuz  
 Ver o dia amanhecer da janela  
 Ver o pôr do sol de fim de outono  
 Vinho do porto  
 NY Times de manhã  
 Ir dormir antes da meia-noite  
**update:** comer bergamota embaixo da bergamoteira em um domingo ensolarado  
 (roubei essa da [Lucianne](#)).

Nov 23, 2004 in [Quotidien](#) | [Permalink](#) | [Comments \(9\)](#)

---

**Luciana, Arte, 23/11/2004.**

Com esse post, a cena foi definitivamente desfeita e o cotidiano do blog retomado numa rede de relações sociais refeita. Além de Maria e Karenin, que “tomaram o partido” de Luciana, e dos demais visitantes do *Arte* que se engajaram de diferentes formas e em

diferentes níveis de intensidade na encenação, outros laços construídos no decurso da “cruzada” passaram a compor o “blogroll” da blogueira. Foi o caso de Lucianne, a quem ela se referiu no “update” do post, que foi linkada no *Arte* com seu blog *Dolce far Niente*. Lucianne foi uma das blogueiras que esteve diretamente em conflito com Denise no momento em que a discussão entre esta última e Luciana se irrompeu.

No *Síndrome de Estocolmo*, Denise manteve sua atitude de “mudança de foco”. Depois de contar sua história nos movimentos sociais e compartilhar fotos e relatos de pequenas viagens e passeios em família, a blogueira justificou seu modo de reagir ao que se passava no *Arte* pelos princípios da filosofia budista que lhe ensinaram, segundo ela, a não “estimular” situações que causem qualquer sofrimento buscando fazer e dizer apenas “coisas boas”. Esses princípios foram expostos num post intitulado *O que não me mata me fortalece*, dirigindo-se especialmente aos seus visitantes que ainda penalizavam por ela ter sido objeto da sátira de Luciana.

(...)

Estou escrevendo esse post apenas para dizer que nem se preocupem comigo, porque a maldade só atinge a gente se a gente deixar. É uma questão de escolha, não leio mais nada, nem tomo conhecimento do que estão escrevendo e continuo levando minha vidinha, cada vez melhor, cada vez mais feliz e rodeada de pessoas maravilhosas. E saio disso tudo muito fortalecida. Pensem nisso quando pessoas mesquinhas tentarem lhes atingir... mudem o foco... a nossa realidade interior é muito mais rica, e vai acabar trazendo coisas boas pra vocês, mais cedo ou mais tarde...

---

Denise Arcoverde, trecho do post “O que não me mata me fortalece”, *Síndrome de Estocolmo*, 23/11/2004.

O fato é que, ao enfatizar suas experiências passadas e presentes, Denise não tirava de “foco” somente a discussão que esteve na origem da sátira e de toda a encenação no *Arte*, mas também as outras situações de conflito que ela trouxe para o seu blog e que acabaram provocando a própria discussão com Luciana. Assim, ao mesmo tempo em que se construiu o rompimento de Denise com Luciana, e também com Maria, com Lucianne e, até mesmo, com Karenin, estas três últimas se aproximaram de Luciana e/ou tiveram seus vínculos com ela fortalecidos. Para além desse movimento, pode-se dizer que a crise e sua compensação provocaram, num e noutro blog, a construção de novos vínculos e revitalizaram os vínculos já existentes. Agora, no entanto, desfeita a ligação entre Luciana e Denise e parte das ligações comuns entre elas, tinha-se duas redes estelares distintas.

Independentemente de eventuais ligações comuns mantidas apesar do conflito, houve uma reconfiguração na estrutura das relações sociais e foi nessa nova configuração que se

restituiu a dinâmica cotidiana das trocas de visitas e comentários após a dispersão da cena da “cruzada contra as pafúncias” e a consolidação do cisma entre as duas blogueiras. De qualquer modo, a encenação de Luciana – com todos os seus atos e personagens –, foi definitiva tanto no prolongamento da crise quanto na sua compensação. Foi ela que encerrou os aspectos fundamentais da *communitas* e da experiência *liminóide*, à medida que se constituiu como um instante de pura potencialidade, marcado pela ênfase na singularidade de sujeitos inovadores que ousaram e optaram por criar, pela liberação da capacidade criativa e crítica dos atores envolvidos, pela suspensão do passado e adiamento do futuro (Turner, 1982, p. 43/44).

No bojo da reflexividade, do criticismo e da especulação desencadeados na “cruzada” havia, ainda, uma outra transformação para ocorrer. Em dezembro de 2004, Luciana decidiu apagar o *Arte* e tirá-lo definitivamente do ar, sem que restasse nenhum arquivo e/ou resquício da sua encenação e da história do blog. Num último post, ela disse temer que os episódios recentes prejudicassem sua reputação fora da “blogosfera”, na sua carreira de pesquisadora e docente. Porém, ela continuou visitando e comentando os blogueiros antes linkados no seu “blogroll”, conheceu outros blogueiros, até que, dois meses após a queda do *Arte*, surgiu o (*P*)*arte*, o novo blog de Luciana. À *parte* do que se passou no *Arte* ou como *parte* do que restou do *Arte*, ela voltou a escrever sobre seu cotidiano na cidade de Québec, sobre temas de interesse acadêmico e, inclusive, sobre blogs e a “blogosfera”. Assim, Luciana ressurgiu enquanto blogueira revitalizada não só pela experiência do conflito e do evento que ela própria idealizou, mas também pelo tempo em que esteve parcialmente desligada da “blogosfera”.

Houve, então, uma nova reconfiguração da rede. Como já mencionado anteriormente, uma determinada rede de relações sociais se configura diferentemente em cada blog, em função da qualidade dos vínculos entre os participantes e pelo tráfego constante da audiência. E o desaparecimento de um blog significa o desaparecimento de um espaço único para a realização de um dado conjunto de relações sociais e de um caminho para a realização de uma rede, que deve se refazer em outros espaços e por outros caminhos ou não. Nesse processo, que é permanente nos blogs e entre os blogs, algumas ligações se perdem e outras são tecidas. Portanto, o ressurgimento de um blog é como renascer socialmente: implica numa nova *apresentação do eu*, na construção de uma nova *pessoa*, num novo contexto relacional. Foi assim que Vânia ressurgiu, do *Chá entre amigas*, como *Vânia e os trigêmeos*, numa rede de relações reconstruída pela experiência da solidariedade. Foi assim, também, que Luciana

ressurgiu da “cruzada contra as pafúncias”. O nome do seu novo blog é significativo nesse sentido: do *Arte* ela só trouxe *parte*; parte das relações, parte dos interesses compartilhados, parte da memória e, mesmo assim, tudo isso foi colocado em negociação num novo espaço social, em meio a outros atores sociais, em outros eventos.

Não se pode desconsiderar, porém, que aqueles interesses e afinidades que levaram Luciana a se aproximar de Denise um dia, continuaram alimentando e produzindo suas relações, o que a mantinha, por um link ou outro, nas proximidades do *Síndrome de Estocolmo*. Não foram raras as vezes em que elas se esbarraram, digamos assim, em alguns blogs, como, por exemplo, na ocasião da “eleição dos melhores discos da música popular brasileira”, promovida por Idelber Avelar no *O biscoito fino e a massa* em março de 2005. E quando Denise realizava um sorteio em comemoração ao marco de cem mil visitas em seu blog e comentava já ter sido criticada por realizar tais sorteios como forma de se autopromover, Luciana voltou a comentar no *Síndrome de Estocolmo*. Mesmo sem que houvesse qualquer referência explícita a ela, Luciana se reconheceu no comentário e deu “nome aos bois”, afirmando que as críticas que fez um dia faziam parte de um passado no qual ela “passara a borracha” e que, por isso, continuaria a freqüentar o blog “comentando educadamente”. Simultaneamente à publicação do comentário, que assinou como “Luciana (ex-desafeta)”, ela veio ao (*P*)*arte* contar, entre outras coisas, que:

(...)

Outro dia, duas blogueiras estavam discutindo no [Idiosincrasia](#) por causa de ofensas e comentários de uma ex-anônima. Uma delas pediu a minha opinião, inclusive sobre [uma blogueira](#) com quem já me desentendi num passado recente e eu disse para deixar para lá, que tudo isso é uma grande festa, bobagem levar a sério. Eu sou livre para comentar onde quiser e quando quiser, para fazer sátira do que quiser, para discordar quando for o caso e concordar também e quando faço assino embaixo. Eu entendo quem gosta de receber aplausos e não posso fazer nada com quem não entende que a sátira é uma maneira simpática de criticar mas eu não estou fazendo complô ou campanha eleitoral contra nem a favor de ninguém neste blog.

April 15, 2005 in [Atualidade](#) | [Permalink](#) | [Comments \(25\)](#)

---

**Luciana, trecho do post “Como escrever um post curto sobre assuntos complexos”, (*P*)*arte*, 15/04/2005.**

A blogueira sobre a qual Luciana foi solicitada a dar sua opinião era Denise, e sua resposta sugere a reaproximação. O ato de trazer essa resposta para o (*P*)*arte*, no mesmo momento da publicação do comentário no *Síndrome de Estocolmo*, pode ser pensado como uma forma de realizar essa reaproximação no âmbito da própria relação, refazendo o elo entre os dois blogs. Ao mesmo tempo, o acontecimento era tornado público e anunciado

especialmente entre aqueles que potencialmente se interessariam em sabê-lo: os visitantes do *(P)arte* que ainda eram ou um dia foram também visitantes do *Síndrome de Estocolmo*. Denise aparece na caixa de comentários, citando integralmente o comentário deixado por Luciana em seu blog e respondendo-o:

Primeiro, quero dizer que nem você, nem ninguém, precisa concordar com tudo que eu escrevo. Se fosse assim, não tinha nem graça. Tenho discussões saudáveis, trocas de idéias e mudo de opinião, eventualmente. Nenhum problema com discordâncias, desde que discutidas racionalmente, sem grosserias.

Quanto a passar uma borracha no que aconteceu, fiquei pensando nisso, quando li seu comentário. Francamente, tive dúvidas se você estava falando sério, dei uma voltinha em alguns blogs pra ver se era isso mesmo...

Quando a gente teve aquela pendenga, não acho que você escreveu apenas “gracinhas” sobre mim e minha família, foi muito além disso. Mas, olha, eu não tenho raiva de ninguém por muito tempo, principalmente porque foi algo que não me afetou em nada.

Como vocês repetem por aí, eu “me acho” muito mesmo. É verdade. Como disse lá no meu blog, nesse post onde você deixou sua mensagem, não tenho nada contra quem “se acha”... como você ou eu. Na verdade, até gosto de você, apesar de tudo. Uma das coisas em que eu “me acho” é que eu sou uma pessoa legal. Claro que eu concordo em passar uma borracha em tudo, numa boa, e eu já tinha dito, antes, quando você passou por lá, algumas vezes, que você seria bem-vinda no meu blog.

Só acho que você devia parar com suas gracinhas... não fica bem pra você me mandar essa mensagem e continuar escrevendo essas “gracinhas” no seu blog, no Duralex e sabe-se lá mais onde, né? vamos fazer as coisas bem feitas.

Vamos esquecer tudo.

Posted by: [Denise Arcoverde](#) | April 15, 2005

---

**Comentário no post “Como escrever um post curto sobre assuntos complexos”, *(P)arte*, 15/04/2005.**

Desconfiada da sinceridade de Luciana ao sugerir “passar uma borracha” no “passado”, Denise percorreu o “blogroll” do *(P)arte* buscando confirmar a situação narrada no post e/ou verificar se a blogueira não estava mais fazendo suas “gracinhas” em outros blogs. E estas últimas parecem que continuavam sendo feitas, com ou sem referências explícitas ao evento passado. Nesse sentido, há dois aspectos centrais desse comentário que devem ser considerados para a compreensão dos termos em que se deu essa reaproximação. O primeiro deles, é a crítica de Denise à dimensão tomada pela sátira; uma crítica que na ocasião da encenação da “cruzada” não foi realizada diretamente. E, aqui, ela retomou o discurso antes dirigido apenas aos seus leitores, dizendo que o ocorrido não a afetou e que, por isso, não restaram ressentimentos, mas, ao mesmo tempo, sugeriu que Luciana parasse com suas “gracinhas” para que “as coisas (fossem) bem feitas”. Em segundo lugar, ela assumiu se reconhecer naquela característica que definiu o personagem central da cena criada por Luciana: a “pafúncia *exibicionistae...*” também conhecida como a “doença *meu-ego-está-estourando*”. Contudo, deve-se considerar que ela não acatou a crítica contida na sátira, mas transformou aquela característica em algo positivo e inerente não somente a ela, mas à própria

Luciana: o que antes foi vivido por mecanismos de *inversão* e de *subversão* no tempo liminar do conflito – aquilo que Denise definiu por “se achar” –, emergia, agora, como um ponto de identificação entre as duas blogueiras, contribuindo para a reaproximação.

As condições dessa reaproximação estavam, portanto, em plena negociação. Uma postulava sua liberdade para comentar onde e quando quisesse e de fazer suas sátiras como uma “maneira simpática de criticar”, a outra sugeria limites à liberdade da primeira. Com a resposta de Luciana, deu-se finalmente o acerto de contas.

D'accord, Denise, façamos as pazes definitivamente. E desculpa se eu ofendi um membro da sua família, não faria isso de novo, eu sou pavio curto e às vezes cometemos exageros nos comentários. Vou encorajar as minhas colegas do clube a fazer o mesmo que eu, mesmo se elas me peçam para devolver a grana das mensalidades. Mas só paro com as gracinhas, se você participar do sorteio que estou fazendo no post ali embaixo. E também quero te dizer que vou entrar com um recurso contra o sorteio do casal de bonecos, pois não é possível que a Mirella tenha ganhado de novo ! :-)

Eu também acho você uma pessoa legal e as outras pessoas que participaram do entrevero acontecido também são boas amigas. :-) Ou seja peace and love pra ti. Beijos e queijos

Posted by: [Luciana](#) | April 15, 2005

---

**Comentário no post “Como escrever um post curto sobre assuntos complexos”, (P)arte, 15/04/2005.**

O pedido de desculpas selou as “pazes” e, sobretudo, veio com a promessa de que essa reaproximação se estendesse às outras blogueiras que também romperam com Denise na ocasião do “entrevero”. Isso permite pensarmos que o que estava em jogo, aqui, não era simplesmente a restituição de um vínculo, mas a reintegração de uma rede de relações sociais. Não por acaso, imediatamente à publicação desse comentário, Luciana atualizou o post, anunciando:

**Extra Extra: Fiz as pazes com a Denise Arcoverde do [Síndrome de Estocolmo](#)!**

Se na vivência do conflito a relação que se estabeleceu foi aquela entre a “pafúncia” e a “exterminadora de pafúncias” – sendo que a última acabou sendo acometida do próprio mal que combatia –, recriava-se, agora, a relação entre Denise e Luciana, entre o *Síndrome de Estocolmo* e o (P)arte. Não se trata, no entanto, da mesma relação que precedeu o conflito. Trata-se de uma nova relação que emerge entre pessoas e num contexto – numa *província de significado* – renovados na experimentação de cada uma das fases do *drama*: a quebra, a crise, a fase compensatória, o cisma e a reintegração.

Como vimos anteriormente, o *Chá entre amigas* surgiu como compensação de um conflito anunciado pelo não reconhecimento de um dos princípios fundadores da “comunidade”: a solidariedade por ela mesma, como uma ação gratuita e espontânea que não

exige explicações nem retribuições. A vivência intensa desse princípio, possibilitada pela reunião da “comunidade”, evitou a instalação do conflito e promoveu o fortalecimento e a transformação dos vínculos sociais. Diferentemente, a “cruzada contra as pafúncias” constituiu-se, ela própria, numa forma de experienciar o conflito, de fazer a crítica e de atuar num campo de disputas polarizado entre as duas blogueiras. No entanto, a efervescência performática, a intensidade interativa e o potencial de rearranjar a estrutura das relações sociais não só durante o evento, mas para além dele, permite dizer que, na cena da “cruzada”, os atores *não fizeram guerra a não ser para se comunicar*<sup>164</sup> (Valeri, 2001, p. 190). O conflito emerge, assim, como uma experiência positiva, que tem conseqüências significativas na construção das subjetividades daqueles que a vivenciam e que opera na produção do social (Rifiotis, 1997; Simmel, 1983). Mais do que como um elemento meramente dissociativo, ele foi vivido, num e noutro blog, como uma *forma de sociação* que ativou circuitos de reciprocidade e contribuiu na construção de personalidades individuais e coletivas. Afinal, se o universo dos blogs pode ser pensado como mais uma instância da vida social contemporânea, que coloca cada pessoa em contato com inúmeras outras todos os dias, pode-se dizer também, com base em Simmel (ibid, p. 128), que a interação nesse complexo de relações se baseia numa hierarquia e trânsito permanente entre simpatias, indiferenças e aversões que se sustentam em formas mais ou menos duradouras.

Considerando-se as variações na profundidade e significância das quebras que desencadearam cada um dos eventos, a análise desenvolvida aqui permite dizer que a vida social, concebida por Turner (1981) como um processo permanente entre a harmonia e a desarmonia, realiza-se também no universo dos blogs: envolvendo uma sucessão de *dramas sociais* e uma série de movimentos no tempo e no espaço, de mudanças de atividades e de transições de status para os atores envolvidos. O fato é que, ao instalarem um tempo liminar no âmbito das redes de relações que neles se envolveram, ambos transferiram o caráter sério e trágico das tensões permanentes entre as pretensões individuais e os propósitos coletivos para o jogo simbólico e lúdico da *pura interação*, da *sociabilidade*. A suspensão do cotidiano das postagens ou, ainda, das expressões diárias da experiência cotidiana, abriu espaço, tanto no *Chá* quanto na “cruzada contra as pafúncias”, para uma dramatização do próprio cotidiano,

---

<sup>164</sup> Apoiando-se na teoria maussiana sobre a reciprocidade, Valério Valeri (2001) analisou as relações de conflito estabelecidas entre indígenas e europeus na ocasião da colonização das Ilhas Salomão, compreendendo a guerra como um evento de troca comunicacional tanto quanto o é a troca pacífica, pois age na reestruturação das relações sociais entre os segmentos e permite a reposição de ligações tradicionais.

dos valores e interesse compartilhados e, sobretudo, dos vínculos sociais. Aí esteve em cena todo o potencial transformativo da performance que, ao conduzir jogos de expressão e reflexão, possibilitou aos atores escrutinarem a si mesmos e às suas relações para, então, agirem sobre si e sobre as relações se tornando heróis dos seus próprios dramas (ibid, p. 152). Produzidos nas *densidades* das redes eles mobilizaram, nesse sentido, primeira e principalmente os núcleos mais centrais de relações para, a partir daí, invocar o engajamento de audiências mais amplas seja na solidariedade ou no entretenimento. Assim sendo, esses eventos se constituíram pela experimentação intensa – e dramatizada – dos blogs como espaços essencialmente relacionais, operando no processo de constituição dos blogueiros como sujeitos em rede, que só existem na relação com o outro.

## — Considerações Finais —

---

*...At any given time are prior texts and expressive conventions, and they are always in flux. We can only begin with the last picture show, the last performance. Once the performance is completed, however, the most recent expression sinks into the past and becomes prior to the performance that follows. This is straight Dilthey. Life consists of retellings. (J. Bruner, 1986)*

A análise apresentada aqui permite dizer que o universo dos blogs, bem como o próprio “ciberespaço”, constitui-se num domínio de práticas e experiências cotidianas que compõe a cena social contemporânea e se constrói na fronteira entre o “on-line” e o “off-line” ou, ainda, num trânsito e interação permanente entre essas duas dimensões. A realização de uma pesquisa etnográfica, situada na dimensão das experiências vivenciais, permitiu compreender como se dão as interações cotidianas numa modalidade de “comunicação mediada por computador” específica, sem reduzir suas especificidades à presença da interface tecnológica, concebendo-as como experiências sócio-técnicas. Os blogs se mostraram, nesse sentido, como instâncias de *apresentação do eu* mediadas, sim, pelo computador e pelas interfaces tecnológicas, mas antes, por uma gramática social, por códigos e regras interacionais construídas e negociadas contextualmente entre os atores que se colocam uns na presença dos outros. As formas pelas quais os sujeitos se constituem e se relacionam nesse universo remetem, por sua vez, aos processos e tensões constitutivas da vida social em todas as suas esferas, especialmente nas sociedades complexas.

As tensões entre o social e o individual, entre a cultura de massas e a construção da individualidade, apontadas nos estudos urbanos como características da modernidade, desdobram-se por diferentes vieses nos esforços de compreensão da sociedade contemporânea, como discutido no primeiro capítulo. Nos blogs, essas tensões assumem formas específicas que se realizam no âmbito da contradição entre experiências *particularizadas* e experiências *universalizadas* (Velho, 1987) ou, ainda, numa constante dialética entre o *local* e o *global* (Giddens, 2002). Se, por um lado, as interações cotidianas se desenrolam no domínio do particular, do local, do micro-grupo configurado nos limites de uma rede de relações sociais, por outro lado, há sempre um link, um hipertexto que conduz os blogueiros aos domínios mais globais e homogeneizadores. Afinal, o blogueiro é um sujeito

essencialmente disposto ao outro, que se constitui nos domínios do compartilhável, do aparente, do visível. E a via para essa visibilidade é, sobretudo, a expressão da experiência cotidiana.

Empenhada no propósito de descobrir, como sugeriu Geertz (1997, p. 89), “que diabos eles (os blogueiros) acham que estão fazendo”, ensaiei, durante o trabalho de campo, esboçar uma tipologia dos blogs a partir de algumas categorias que, vez ou outra, eram apontadas pelos blogueiros: como os “blogs jornalísticos”, para aqueles que privilegiam a reprodução e comentários de notícias veiculadas na imprensa “oficial”; ou os “blogs literários”, para aqueles que constituem um espaço de publicação, divulgação e crítica de criações literárias (do próprio blogueiro ou alheias); ou os “blogs políticos”, para aqueles que privilegiam o comentário de fatos políticos. No entanto, por mais que essas categorias pareçam significativas para a descrição de tipos específicos de blogs, acima das predominâncias temáticas evidencia-se aquilo que o blogueiro Idelber Avelar tão bem definiu como sendo *a marca do nome próprio, do sujeito que assina, a escrita do eu*. Isto é, seja numa notícia, numa produção ou crítica literária ou num comentário político, há sempre um ponto de vista, uma opinião, uma preferência, uma escolha, uma experiência pessoal, enfim, algo que é singular ao sujeito. Não é raro que, apesar das especificidades temáticas, esta tendência ao pessoal, ao singular, desemboque no corriqueiro, no banal, nas frivolidades cotidianas. De fato, são justamente aquelas narrativas dos episódios mais ordinários da vida cotidiana que se tornam as mais representativas do que é um blog, pois ganham visibilidade em meio a um *boom* de interesse por “vidas reais”, expresso também no sucesso dos *reality shows*, por exemplo.

Movidos por um desejo de ser visto, de se colocar em evidência, os blogueiros encenam a si mesmo e ao seu cotidiano. Eles nos colocam, assim, no terreno das identidades e subjetividades contemporâneas, apontando para uma “crise da interioridade” – reduto da individualidade do “homem moderno” – e para uma preeminência da visibilidade, da exibição, dos jogos performáticos, promovendo outras construções identitárias baseadas em outros regimes de constituição da imagem do corpo e do eu. Seguindo, então, as pistas dos trabalhos de Sibilía (2003), de Bruno (2004) e de Schaap (2004), a análise realizada nesta tese procurou mostrar que os blogs consistem numa instância onde a vida *se dá a ver*, onde o cotidiano se expõe com toda sua ambiência emocional e afetiva, numa teatralidade que se expressa através de uma *ética da estética* (Maffesoli, 1998; 2000). Portanto, o que se mostra nos blogs não é a “vida como ela é”. É um cotidiano *inventado*, performado e constantemente

negociado de modo a se tornar compartilhável dentro de um conjunto de afinidades e interesses específicos por meio dos quais os blogueiros se colocam em rede, engajando-se em situações interativas nas quais eles se constroem *em e na* relação com os outros.

Foi justamente a percepção desse regime de visibilidade, de que o “blogging” constitui-se numa escrita teatralizada das experiências, dos sentimentos e das expectativas individuais, que me conduziu à análise performática. Apoiando-me nos referenciais teórico-metodológicos desenvolvidos no campo de aproximação entre o Interacionismo Simbólico e a Etnografia da Fala, procurei, então, compreender as formas pelas quais os blogueiros organizam suas falas (seus posts) e como eles se *apresentam*. Para tanto, a noção de *performance narrativa* (Bauman, 1986) foi fundamental, permitindo-me analisar as *expressões das experiências* que alimentam os blogs como formas vivas de comunicação, produzidas na interação, e que emergem com forças estéticas, poéticas e dramáticas numa rede e para uma rede de relações sociais específica. Entendendo a *performance* como um modo de fala singular, que se desenvolve no interior de um *evento – como um evento –* e demanda uma *competência* para falar e agir das formas socialmente apropriadas para uma determinada *comunidade* ou *rede de fala*, procurei enfatizar os aspectos constitutivos das performances dos blogueiros, que reconstróem suas experiências de modo a transformá-las na própria experiência da sua audiência.

A competência comunicativa de um blogueiro se expressa desde a criação do blog que, aliás, já se constitui num ato performático, aquele que o apresenta, que o coloca em cena. Como minha própria inserção em campo permitiu perceber, a entrada no universo dos blogs ou, ainda, a constituição do blogueiro enquanto sujeito, já pressupõe uma situação de interação, um contexto relacional. Há aqueles que circulam nos blogs e encontram, no outro, a inspiração para se tornarem blogueiros, seja em face da descoberta de um interesse em comum, de um ponto de vista compartilhado – como na questão política, por exemplo –, da identificação com uma determinada condição – como a de imigrante –, etc. Há também aqueles que, ao se constituírem como audiência assídua de um blog ou conjunto de blogs, passando a interagir nas caixas de comentários, são levados, pela própria dinâmica social que se estabelece nesses espaços, a se apresentarem com os seus próprios blogs. Certamente há possibilidades de combinação e de trânsito entre essas duas experiências – a de uma audiência

mais “circunstancial” e a de uma audiência “ratificada”<sup>165</sup> -, mas, seja como for, pode-se dizer que o surgimento de um blog não se dá fora da construção de um “blogroll”, de um *link* com uma determinada rede de blogueiros. Por mais superficiais ou circunstanciais que sejam as ligações e referências iniciais de um blogueiro, elas indicam um contexto para o qual ou no interior do qual o blogueiro se apresenta e procura criar uma determinada impressão a respeito do que ele é e do que espera que entendam a respeito do que é. Assim sendo, o processo de criação de um blog implica em dois aspectos distintos, mas interdependentes na função de apresentar o blogueiro, de dizer quem ele é e a que veio: a elaboração de uma imagem, de uma aparência, e um conjunto de nomes atribuído a essa imagem.

Como argumentei no segundo capítulo, falar de blog e falar de blogueiro é, em última instância, falar da mesma coisa, de uma mesma entidade. Compreende-se, nesse sentido, que o blogueiro não se apresenta através do blog, mas que o blog personifica o blogueiro nesse universo, em todas as suas dimensões, especialmente no núcleo de relações mais próximas. Portanto, “nome do blog”, “nome do blogueiro” (a assinatura) e “endereço” (a URL) dão nome, juntos, a um único sujeito, a uma única *pessoa*. Trata-se de uma tríade nominativa que identifica tecnicamente o blog na e para a Internet (como um ponto específico da Rede, com um endereço exclusivo), e que, ao mesmo tempo, o identifica socialmente, como um sujeito singular cuja constituição se inscreve num contexto de supostas afinidades.

O endereço, por sua vez, é um elemento comunicante. Na posse dele, o blogueiro carrega consigo o blog, de modo que aonde ele vai, o blog também vai: onde ele faz um comentário, ele deixa um link; e mesmo onde faz uma visita silenciosa, pode deixar o rastro do caminho percorrido nas estatísticas daquele que o recebeu. Ao mesmo tempo, um blog é permanentemente acrescido dos links e, no nível das estatísticas, dos rastros daqueles que chegam até ele. Desse modo, podemos conceber o blogueiro como um “sujeito em movimento”<sup>166</sup>, cujos percursos múltiplos e não-lineares o singularizam ao mesmo tempo em que o dispõem constantemente ao olhar do outro e o colocam em relação.

---

<sup>165</sup> Esta distinção entre uma audiência “circunstancial” e uma audiência “ratificada” é sugerida por Goffman (1998) para fins de compreensão dos diferentes graus de participação que uma determinada situação interativa pode apresentar.

<sup>166</sup> Em sua análise da tradição oral na fronteira Brasil/Argentina/Uruguai, Hartmann (2004, p. 184) apoiou-se na idéia de um “sujeito em movimento” para pensar a importância que o movimento concreto e mensurável ocasionado pelas viagens (tropeadas, expedições de guerra, migrações, etc.) tem para a constituição dos contadores de causos como sujeitos naquele universo. A idéia foi originalmente desenvolvida por Viveiros de Castro (1986) e Maluf (1996).

Antes, contudo, o blogueiro se constitui na imagem e como imagem, apresentando uma aparência que se constrói sobre aquilo que é conhecido como sendo o “template” do blog, o seu modelo, o seu *layout*. Na verdade, trata-se de mais do que aparência. Se o “template” fornece a imagem que se projeta na presença dos outros, ele é a própria corporificação do sujeito no universo dos blogs. É a esta imagem, ou a este corpo, que se atribui aquele conjunto de nomes. Apesar da questão do corpo não ter sido enfatizada neste trabalho, é possível dizer, a partir do que foi apresentado na tese, que os blogs engendram uma experiência de *corporalidade*. Com base em Maluf (2002), podemos conceber o blog não como um corpo substantivo, objetificado, naturalizado, mas como corporalidade, veículo e sentido da experiência. Assim sendo, ao invés de um corpo ocultado por trás da tela do computador, ou do “template” do blog (supondo-se uma “identidade verdadeira”), trata-se de um corpo que se exhibe, que se mostra exatamente pelo que ele é: um corpo fabricado, cuja autenticidade se afirma pelo próprio processo que o fabricou<sup>167</sup>.

A fabricação do blog como um corpo implica, por sua vez, numa competência tanto técnica quanto social, sendo que ambas se entrelaçam na realização daquilo que chamei de uma apresentação sócio-técnica do eu. Por um lado, quanto mais hábil for o blogueiro na manipulação do texto de programação do blog, mais personalidade ele poderá imprimir ao “template”, independentemente deste ter sido originalmente escolhido dentre modelos prontos (oferecidos pela ferramenta gratuita) ou confeccionado por um profissional. Por outro lado, é preciso, também, apreender a própria dinâmica das relações sociais, reconhecendo os interesses e pontos de vista compartilhados e constantemente renovados para inscrevê-los nesse corpo, na imagem de um eu que só se realiza na potencialidade de ser visto e de interagir.

Nesse sentido, há três aspectos que devem ser considerados no âmbito da construção do blog. Em primeiro lugar, nele se inscreve um conjunto de relações sociais construídas nos múltiplos percursos que o blogueiro realiza cotidianamente pelos blogs. Aqueles que pertencem ao seu circuito diário de visitas são incorporados à sua imagem (ao blog) na construção do “blogroll”. Este processo remonta a uma espécie de canibalização, onde aquele

---

<sup>167</sup> Maluf (2002) trata essas questões do "ocultamento do corpo" e de uma "corporalidade pública" no âmbito de uma discussão mais geral sobre gênero e corporalidade, realizada a partir da análise do principal personagem travesti do filme de Pedro Almodóvar *Tudo sobre minha mãe*. A autora utiliza o termo "corporalidade" ou "corporificação" como uma experiência que reúne afetos, afeições, *habitus*, e o faz a partir da discussão proposta por Thomas Csordas (1994) sobre a noção de *embodiment* (ibid, p. 147).

que é linkado passa a estar materialmente contido naquele que o linkou pela reprodução do trinômio blog/blogueiro/endereço na constituição do link.

É nesse corpo relacional, nesse ‘corpo-hipertexto’ aberto à presença e à atuação do outro, que se constrói, também, uma história particular, individual, biográfica, como procurei mostrar ao descrever o “template” do *Síndrome de Estocolmo*. Nesse caso, as trajetórias individuais, a participação em diferentes domínios sociais, além de interesses, preferências, desejos e posicionamentos são reconstruídos e remodelados para dar forma a um sujeito que emerge, com personalidade, num contexto marcado pelo compartilhamento. Em outras palavras, se é possível falar numa *biografia* que se inscreve no “template” do blog, esta é tecida como quem tece uma narrativa do eu, onde alguns aspectos são descontados e outros iluminados de modo a se tornar compartilhável, disposta à experimentação do outro.

Enfim, essa biografia é constantemente modificada pela própria atividade do “blogging”, que diária ou freqüentemente lhe acrescenta novas histórias, novas narrativas, que compõem a memória do blog ou, melhor dizendo, a memória do próprio blogueiro. Velho (1994) nos fala do quanto a *memória* é socialmente relevante em sociedades e segmentos predominantemente individualistas, pois está nas bases da consciência e valorização de uma individualidade singular que, por sua vez, possibilita a formulação e condução de *projetos individuais*. Considerando-se que o blog é substancialmente alimentado por uma trajetória exposta a múltiplas experiências – contraditórias e eventualmente fragmentadoras -, pensá-lo como *memória* e, conseqüentemente, como um *projeto*, é pensá-lo como uma espécie de experiência biográfica que ordena, dá consistência e significado a essa trajetória, à vida e à própria *identidade social* do indivíduo. Contudo, certamente o universo dos blogs não se constitui como um segmento tipicamente individualista. As noções de *memória* e de *projeto* só são pertinentes para a compreensão da experiência do “blogging” se as considerarmos não tanto como resultado de um psiquismo individual, que opera na ascensão do indivíduo como valor básico da modernidade; mas principalmente como um instrumento de *negociação da realidade*, como um meio de comunicação, uma maneira de expressar interesses, sentimentos e aspirações *para o mundo* (ibid, p. 103). Até mesmo porque a memória que se inscreve no blog é, como já foi mencionado, uma construção constante que se efetiva num permanente processo interativo. No limite, ela é produzida pela agência do outro, que percorre os “arquivos” do blog e os demais elementos dispostos no “template” e tece, ao seu modo e ao sabor das suas escolhas, uma biografia do blogueiro, costurando pedaços, fragmentos de fatos

e episódios separados. Desse modo, o blogueiro se apresenta como uma imagem aberta, em construção, como pessoa que só existe na relação com o outro.

A noção de *pessoa* implicada na constituição do blogueiro é, portanto, aquela de um *eu-imagem* que, como coloca Bruno (2004, p. 25), é o efeito produzido na interface com o outro, “pois é nesta interface que ele ganha ‘realidade’ ou esmaece, caso não encontre o olhar que o ‘realiza’”. É um eu que se constrói intersubjetivamente, que se expressa em narrativas e em performances que pressupõem a existência do outro e se inscrevem dentro do *campo de possibilidades* em que o sujeito está inserido. O universo dos blogs se constitui, assim, como um espaço de emergência de identidades e subjetividades que *devem se fazer ver e ser vistas para existirem*, ou ainda, *que não existem senão pelo e sob o olhar do outro*. Ou seja, não se trata de uma noção de pessoa que remonta o sentido primitivo do termo *persona*, da máscara através da qual ressoa a voz do autor, predominante em sociedades cuja totalidade é prefigurada por um conjunto permanente de papéis sociais desempenhados cerimonialmente pelos indivíduos (Mauss, 1974a). Tampouco se trata daquela substância racional, indivisível, edificada e especificada na posse de uma alma e direitos individuais e de uma consciência psicológica, que Dumont (1985) concebeu como sendo portadora dos valores supremos da ideologia individualista moderno-ocidental. Contudo, não está descartada a possibilidade de pensarmos os blogs como resultado da necessidade de dar um sentido às experiências individuais o que, num certo sentido, afirma a crença no *indivíduo moderno*. Estaríamos, assim, diante de um individualismo qualificado, identificado com os processos de singularização dos sujeitos e que se expressa, segundo Velho (1994), com conotações e ênfases variadas nos diferentes segmentos sociais. Nesse sentido, o blogueiro consiste num indivíduo que é *livre para se prender* e para assumir tantas identidades quantos forem os contextos sociais nos quais ele se engaja.

Em rede, situados num contexto social mais ou menos delimitado pelo conjunto de relações sociais construídas nas suas interações cotidianas, os blogueiros assumem uma responsabilidade para suas audiências e apresentam diariamente suas *performances narrativas*, lançando mão de uma série de recursos comunicativos e moldando diferentemente suas experiências para propósitos e situações interativas específicas. Como apresentado no terceiro capítulo, são diferentes os modos pelos quais os blogueiros constroem suas narrativas. No entanto, o sucesso de um post depende de um apelo formal que tenha o poder de trazer a experiência com intensidade para a interação, ou seja, de reconstruí-la no contexto de um *evento narrativo* convidando a audiência à participação. Isso se faz por meio de recursos

estilísticos, dialógicos, metafóricos e representativos que se apresentam, nos posts, em formas textuais, imagéticas e hipertextuais. Desse modo, um post implica sempre numa performance que, disparada por uma competência comunicativa, transforma a narrativa num momento de engajamento para a audiência, seja para o divertimento e/ou para a reflexão, e contribui na produção de contextos sociais específicos. Blogs, blogueiro e audiência se encontram, então, no interior de um contexto conversacional recriado a cada post, onde a expressão da experiência cotidiana emerge de uma ação coletiva e colaborativa, envolvendo uma atividade processual, interpretativa e intersubjetiva que coloca a produção de significados sempre no presente e mantém o fluxo da vida social na “blogosfera”.

Se é colocando suas experiências em circulação que os blogueiros se vinculam uns aos outros e constroem suas redes de relações sociais, é também deste modo que eles se constituem como sujeitos singulares *nas* redes às quais estão ligados. Os processos de singularização implicam, por sua vez, no desempenho de papéis intercambiáveis no curso das interações, baseados na ocupação de posições sociais mais ou menos centrais numa determinada rede local. Apresentando competência para transformar suas experiências na experiência dos seus visitantes e invocá-los a participar dos posts, o blogueiro tem o potencial de transformar a estrutura das relações sociais, emergindo de cada performance numa posição diferenciada, temporariamente central à rede mobilizada na performance. E isso pode ser dito sobre qualquer evento performático estabelecido nos blogs, pois, independentemente do número de participações que um post provoca, é o blogueiro que, na posição de performer, está no foco das cenas que cria em seu blog e é a sua experiência que está sendo iluminada. Assim, a experiência do “blogging” conduz os blogueiros mais à margem ou mais ao centro dos contextos dos quais eles participam, na medida em que esta participação implica numa alternância constante (ou, porque não, numa simultaneidade) entre as posições de platéia e de performer.

No entanto, observou-se que alguns blogueiros provocam nitidamente a participação de audiências mais amplas e heterogêneas, assumindo uma centralidade mais duradoura, mantida no elo entre diferentes redes locais. Tal centralidade pode ser atribuída tanto aos seus conhecimentos e habilidades para invocar interesses e pontos de vista variados, ampliando sua margem de compartilhamento, quanto à sua identificação com certo pioneirismo num âmbito global da “blogosfera”. Esses são os “überblogueiros” e os “pioneiros”, reverenciados especialmente nas **narrativas de gênese** dos blogs. A análise destas narrativas permite dizer que esses papéis diferenciados e centrais emergem, por um lado, do próprio esforço de alguns

blogueiros em se fazer parte de algo a mais do que aquele núcleo de relações mais próximas onde o “blogging” se realiza em sua cotidianidade. Ao construírem suas trajetórias iniciáticas no universo dos blogs, eles se *linkam* a esses personagens ‘mitológicos’ e/ou de grande visibilidade que criam a experiência de pertencer a uma espécie de totalidade: a “blogosfera como um todo” e/ou a “blogosfera brasileira”. A criação desse sentimento de pertença às dimensões mais globais da “blogosfera” se deve em grande parte ao reconhecimento da centralidade, prestígio e capacidade representativa desses personagens, que só existem como “überblogueiros” ou “pioneiros” enquanto são elevados a essas posições. E quem faz isso são aqueles que freqüentemente os reverenciam por terem lhes indicado os caminhos e o tom (um estilo, uma temática, um ponto de vista) para sua iniciação no universo dos blogs.

A princípio, parece que todos podem, em dados momentos, em contextos particulares ou para públicos específicos, serem reconhecidos como “übers” ou, até mesmo, como “pioneiros”. No entanto, é preciso considerar os possíveis limites à ascensão social, construídos e negociados dentro de um *campo de possibilidades* socialmente delimitado (Velho, 1987). Apesar dos índices de audiência expressos nas estatísticas fomentarem estratégias discursivas de construção e afirmação do prestígio e/ou reputação, eles não se concretizam integralmente em termos de participação no blog. Isso quer dizer que as posições e status sociais se atualizam, na verdade, no âmbito das redes locais: é preciso saber-dizer para poucos que se é lido por muitos, antes que esses muitos efetivamente se apresentem no blog. Ou seja, é ali onde os vínculos se mantêm através de atos cotidianos de reciprocidade, onde blogueiros se colocam em relação desempenhando papéis diferenciados, que personagens como o “maior blogueiro do mundo”, o “guru”, o “mais anfitrião”, “o biscoito fino”, etc. adquirem sentido de *identidade social*, tornando-se significativos em termos hierárquicos. A ascensão de um blogueiro num dado contexto é, assim, um processo sempre performado, que se expressa narrativamente e relacionalmente por meio de códigos, interesses e valores compartilhados, e depende da constante criação de circunstâncias favoráveis à interação.

Nesse contexto é que se criam as relações de hospitalidade entre os blogueiros e toda aquela dinâmica de reciprocidade que se instala entre anfitriões e visitantes, considerando-se a necessária **presença** na “blogosfera” como mantenedora dos vínculos e o reconhecimento da temporalidade típica e constitutiva da atividade do “blogging”. Ser anfitrião é estar sempre atualizado, com uma nova história, um novo post e, num certo sentido, estar a postos para responder aos comentários. Quanto aos visitantes, por sua vez, a expectativa de que estes

comentem e se apresentem – dizendo quem são, de onde vêm e quais suas motivações para freqüentarem o blog –, se expressa de várias formas e em diferentes momentos. Em suma, da parte de quem recebe e da parte de quem visita a expectativa é sempre a da possibilidade de interlocução, de interação, de compartilhamento, de troca.

Como anfitrião, o blogueiro atua, portanto, na instituição constante da sua presença em um contexto mais ou menos delineado, onde os vínculos já estão estabelecidos pela troca diária de visitas e comentários; e atua também na promoção do engajamento daqueles visitantes cuja existência só é conhecida em números estatísticos. Desse modo, ele se faz presente na “blogosfera” em seu nível mais local e mais global. A análise dos recursos e estratégias comunicativas elaboradas visando a manutenção e ampliação desses circuitos de troca evidenciou uma série de ações essencialmente performáticas, que colocam em cena princípios de espontaneidade, de gratuidade e de generosidade que tencionam constantemente com a obrigatoriedade implicada na manutenção dos vínculos e com o interesse na *aliança e comunhão*.

Diante disso, a dinâmica de reciprocidade engendrada nos blogs foi interpretada sob a perspectiva da dádiva, naqueles termos propostos por Mauss (1974b) e revistos por Godbout (1999) para a compreensão do lugar da dádiva nas sociedades contemporâneas. Procurei destacar, neste sentido, as formas diferenciadas em que os blogueiros se trocam, se dão e se obrigam mutuamente, colocando suas experiências em circulação, fazendo-se constantemente presentes no circuito (e não somente nos seus próprios blogs), e compartilhando audiências, considerando o papel e as posições distintas que cada um ocupa nas redes de relações sociais das quais participam. E a competência comunicativa disparada nas performances narrativas dos blogueiros, que transforma experiências individuais em expressões compartilháveis, estende-se ao domínio da reciprocidade, acrescida de códigos e regras voltadas mais diretamente à orientação das trocas.

O que se troca nos blogs é, acima de tudo, da ordem da cortesia, da “gentileza”. “Gentileza gera gentileza”: esta idéia, central ao entendimento nativo de como operam as trocas nos blogs, é familiar ao universo da dádiva, pois enfatiza a gratuidade e a espontaneidade dos gestos em detrimento da obrigação e do interesse. Visitando, comentando e linkando outros blogs, os blogueiros se dispõem ao vínculo social e fazem isto como um ato voluntário, pautado no “prazer”, no “gosto” e, mais uma vez, na liberdade de se prender. O link é, nesse sentido, a expressão máxima da “gentileza”, pois ele significa o vínculo, materializa-o, incorpora o outro na definição da imagem que o blogueiro projeta de si nos

diferentes níveis da “blogosfera”. Além disso, ele não abre um caminho entre dois blogs apenas, mas cria um fluxo permanente entre duas audiências, colocando uma na direção da outra e instaurando a possibilidade de troca, por assim dizer, entre duas coletividades. Isso faz com que o ato de linkar possa ser pensado como um ato de legitimação da afinidade, do compartilhamento de um conjunto de experiências, como um ato que constrói os vínculos entre os blogueiros e suas redes de relações sociais.

Se blog e blogueiro fundem-se na constituição de um mesmo sujeito, visitar um blog, comentar um blog, linkar um blog é, no fundo, *se dar* ao outro, *se misturar* ao outro. E nesses gestos o blogueiro constrói a si mesmo como um sujeito singular, tão mais autêntico quanto mais disposto ao olhar do outro. Por isso nenhum deles pode ser reduzido a mero artefato, objeto de trocas equivalentes, de um “toma lá, dá cá”. E os momentos em que a etiqueta social das trocas torna-se mais evidente são, justamente, aqueles momentos nos quais se transgride a regra, quando se apela à reciprocidade e enfatiza-se o interesse na retribuição, gerando atitudes em termos de reação e resgate do “verdadeiro” sentido da “gentileza”. É nesses momentos de transgressão, de expressão do “puro interesse”, que se delineia, por exemplo, a figura de um “blogclimber”, do “alpinista social” dos blogs. A regra das trocas no universo dos blogs consiste, portanto, em “fazer de conta que se ignora a regra” (Bourdieu, 1996). Compreende-se, então, que visitas, comentários e links se tornam recíprocos à medida que os blogueiros saibam se fazer anfitriões e visitantes, promovendo o engajamento no seu blog, respondendo ao apelo à participação nos outros blogs e atuando, assim, para a construção e fortalecimento das relações sociais. Uma vez assumido que o universo dos blogs constitui-se num domínio social onde o eu se realiza na interface com o outro, pela potencialidade de ser visto e de interagir, estar fora do contexto das relações sociais, das dinâmicas de reciprocidade e de compartilhamento das experiências, é justamente o revés da realização do eu. Em todo o trabalho procurei mostrar que a visibilidade e o potencial interativo de um blogueiro só se efetiva à medida que os outros reagem à sua presença, no âmbito de um conjunto de interesses, pontos de vista, propósitos, modos de fala, enfim, no interior de uma *província de significados* compartilhados. Portanto, é certo afirmar que o blogueiro existe antes e acima de tudo como *pessoa*, como sujeito complementar ao outro, que contém o outro, e se constitui em relação, na relação e pela relação, em contextos onde as identidades são socialmente construídas e onde as definições da realidade são permanentemente negociadas.

Se há espaço para o *indivíduo* no universo dos blogs, este se configura quando o blogueiro se afasta do seu núcleo de relações mais próximas, da *sua* rede de relações sociais,

conduzido pela experiência do hipertexto. Nesse caso é preciso considerar a ênfase colocada na *liberdade de escolha* dos blogueiros, como um valor associado ao ‘direito’ de “livre expressão” e de “livre colaboração” em rede: um direito que está na origem do universo dos blogs, considerando-se que este surge *formado e informado* pelos “princípios de liberdade” do “software livre” e de todos os outros movimentos que têm por base a “ética hacker”. Este ‘direito’ contempla, certamente, a liberdade para não efetivar e/ou para desfazer o vínculo. No entanto, essa liberdade é relativa em face do interesse na manutenção dos vínculos, que se expressa nas formas de instituição da presença do blogueiro na sua “blogosfera” local, sob pena de se deixar de ser *o* blogueiro para ser apenas mais *um* blogueiro em meio à multidão de blogs que povoam a Internet.

É possível dizer, então, que a vida social no universo dos blogs é engendrada nas *densidades* de rede, no âmbito das “blogosferas” locais. É neste domínio que o “blogging” se constitui como uma prática cotidiana, como uma *maneira de fazer* articulada às demais que permeiam a vida cotidiana, e é aí que se diluem ou se reconfiguram as fronteiras entre o “on-line” e o “off-line”. Se, por um lado, o blog emerge como mais uma instância que coloca as experiências individuais na perspectiva de serem contadas, por outro lado, ele próprio se constitui numa experiência para ser vivida, tanto no “ciberespaço” quanto fora dele, no face a face. Os “encontros de blogueiros” configuram-se, assim, como situações efêmeras e de certa forma liminares, onde laços são construídos e fortalecidos, onde as identidades sociais são reconhecidas e negociadas, e onde tudo se passa em relação à vida que flui nos blogs. Cria-se uma espécie de contínuo entre a experiência do “blogging” e a experiência passageira do face a face: tudo o que ocorre no domínio da primeira se torna motor da sociabilidade na segunda, e esta, por sua vez, encontra seu reduto de narratividade nos blogs. E se é nos blogs que blogueiros adquirem seu sentido de existência, mais importante que os encontros face a face em si, é a possibilidade de narrá-los e de contá-los nos blogs, mantendo o fluxo da vida na “blogosfera”.

Como foi apresentado no quarto capítulo, o desenvolvimento desse fluxo não ocorre somente no consenso e na harmonia, mas implica também no dissenso, no conflito e na possibilidade constante de transformação. Colocados freqüentemente em situação de expressarem seus interesses, lealdades e autoridades, os blogueiros se tornam atores dos seus próprios dramas, pensando e agindo sobre si mesmos e sobre suas redes de relações sociais. A identificação de momentos de crise e das estratégias desencadeadas na sua compensação evidenciou as aspirações de continuidade das redes, colocando-nos diante do caráter

comunitário e processual da vida social na “blogosfera”. O *Chá entre amigas* e a “cruzada conta as pafúncias” mostraram-se emblemáticos nesse sentido, e foram analisados como eventos desenvolvidos no contexto dos *dramas sociais* (Turner, 1969, 1981, 1982). A análise mostrou que o processo que se inicia numa ruptura com certos princípios e normas interacionais operantes em nível local, desembocam em ações performáticas distintas que têm em comum o potencial de contornar a crise, promovendo o reconhecimento do cisma e/ou a reintegração: seja pela experimentação intensa dos valores fundamentais do grupo – como a solidariedade, a generosidade e a valorização indiscutível da maternidade –, seja pela experimentação teatral do conflito, abrindo-se espaço para o criticismo por meio de mecanismos de inversão e subversão de papéis e status sociais. Constituindo-se como eventos *liminares*, pela suspensão do cotidiano das interações e pela atuação dos atores em papéis distintos daqueles desempenhados ordinariamente, ambos colocaram em cena as qualidades reflexivas, expressivas e dramáticas da performance, promovendo a transformação da estrutura das relações sociais.

O que foi apresentado aqui permite dizer que, não importa se no face a face ou no “ciberespaço”, a vida social pode ser concebida como um *processo* que envolve sucessivas experiências de harmonia e desarmonia, de consenso e dissenso, de conflito e sociabilidade. Desses *dramas sociais* que se realizam somente na e pela narratividade, emergem significados que retornam para o fluxo da vida, iluminando outras experiências, gerando novas expressões e provocando transformações significativas nas formas como os sujeitos se apresentam, pensam e agem sobre si mesmos e sobre suas relações. Os blogs se apresentam, portanto, como *maneiras de fazer* ou como *artes de dizer* (Certeau, 1994) pelas quais os indivíduos expressam, compreendem e partilham suas experiências vividas num mundo fragmentado e diferenciado em termos de papéis e domínios sociais. E ao performarem eles se ligam em rede e constroem contextos sociais, desempenhando papéis distintos e compartilhando um sentido de realidade comum. Os blogs encenam, enfim, um novo lugar do “fazer” cotidiano, onde são constantemente gerados contextos, práticas, experiências, símbolos e significados que expandem e complexificam a cena social contemporânea.

## - Referências Bibliográficas -

---

- ALLAM, Malik. *Journaux intimes: une sociologie de l'écriture personnelle*. Paris, L'Harmattan, 1996.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. Londres, Verso, 1991.
- APGAUA, Renata. "O Linux e a Perspectiva da Dádiva". *Horizontes Antropológicos*, n. 21, PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, janeiro/junho de 2004: 221-240.
- BADIU, Izabella. "Enjeux théoriques dans l'études des journaux intimes du XXe siècle". *La revue ARCHES*, n. 4, 2003. Disponível em: <http://www.arches.ro/revue/no04/no4art03.htm>. Acesso em: 26/10/2006.
- BARNES, J.A. "Redes sociais e processos políticos". FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*, São Paulo, Global, 1987: 159-194.
- BAUDRILLARD, Jean. "Televisão/revolução: o caso Romênia". PARENTE, André. *Imagem-máquina: a era das tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996: 147-154.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Richard. *Verbal Art as Performance*. Massachusetts, Newbury, 1977.
- BAUMAN, Richard. *Story, performance, and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- BAUMAN, R. & BRIGGS, C. L. "Poetics and Performances as Critical Perspectives on Language and Social Life". *Annual Review of Anthropology*, v. 19, 1990: 59-88.
- BAYM, Nancy. *The performance of humor in computer-mediated communication*, Dissertação Mestrado, Wayne State University, 1995.
- BELL, David. *An introduction to Cybercultures*, London e New York, Routledge, 2001.
- BENJAMIN, Walter [1936]. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*, Obras Escolhidas vol. 1, São Paulo, Brasiliense, 1985: 197-221.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*, Petrópolis, Editora Vozes, 1983.
- BLANCHARD, Marc E. "Baudelaire, the flâneur and the city". *In search of the city: Engels, Baudelaire e Rimbaud*, Stanford, Anma Libri, 1985: 73-114.
- BOCCHINI, Bruno. "Gil: "sou 'hacker' em espírito e vontade"". *Agência Brasil Radiobrás*, Disponível em: [http://www.radiobras.gov.br/especiais/forumsocialmundial\\_2005/materias.php?materia=214769&editoria=&q=1](http://www.radiobras.gov.br/especiais/forumsocialmundial_2005/materias.php?materia=214769&editoria=&q=1), Acesso em: 31/02/2005.
- BOURDIEU, Pierre. "Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o Dom". *Revista Mana*, vol. II, n. 2, 1996: 7-20.

- BRETON, Philippe. *A História da Informática*. São Paulo, Editora Unesp, 1991.
- BRUNER, Edward. "Experience and its expressions". TURNER, Victor e BRUNER, Edward. *The Anthropology of Experience*, Chicago, University of Illinois, 1986: 3-32.
- BRUNO, Fernanda. "A obsenidade do cotidiano e a cena comunicacional contemporânea". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 25, dez. 2004. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/famecos/ojs/viewissue.php?id=13>. Acesso em: 20/10/2006.
- BUTTERWORTH, Trevor. "A pornografia da opinião". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 mar. 2006. Caderno Mais!, p. 4.
- CAILLÉ, Allain. *Anthropologie du don*, Paris, Desclée de Brouver, 2000.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. "A vocação crítica da antropologia". *Anuário Antropológico/90*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993: 67-81
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O saber e a ética: a pesquisa científica como instrumento de conhecimento e de transformação social". CARDOSO DE OLIVEIRA, R. e CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. *Ensaaios antropológicos sobre moral e ética*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996: 13-32.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*, São Paulo, Editora UNESP, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*, vol. 1, São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, J. Zahar Editor, 2003.
- CARVALHO, Rose Meire. "Diário íntimos na era digital: diário público, mundos privados". *Janelas do Ciberespaço: comunicação e cibercultura*, Porto Alegre, Sulina, 2001: 232-253.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*, Petrópolis, Vozes, 1994.
- CHOMBART DE LAWE, Paul-Henry. "A organização social no meio urbano". *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976: 114-133.
- CLIFFORD, James. "Sobre la alegoría etnográfica". CLIFFORD, J. e MARCUS, G. *Retóricas de la Antropología*, Madrid, Ediciones Júcar, 1991: 151-182.
- CUNHA, Paulo. "Espaço tecnológico e espaço comunicacional: ciberespaço, novas centralidades, novas periferias". LEMOS, A. E CUNHA, P., *Olhares sobre a cibercultura*, Porto Alegre, Sulina, 2003: 197-211.
- DIMANTAS, Hernani. *Marketing Hacker: a revolução dos mercados*. Rio de Janeiro, Garamond, 2003.
- DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*, Paris, PUF, 1976.
- DUMONT, Louis [1985]. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações*. 2a edição, São Paulo, Edusp, 1997.
- DURANTI, Alessandro & GOODWIN, Charles. "Rethinking context: na introduction". *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*, Cambridge, University Press, 1992: 1-41.

- ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “‘Filmes’ de memória: do ato reflexivo ao gesto criador”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 10(1), 2000: 39-50.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, Barcelona, Lúmen, 1985.
- ESTRAVIZ, Marcelo. “A Linkania e o Religare”. *Nova-e*, 2002. Disponível em: <http://www.nova-e.inf.br/estraziz/linkania.html>. Acesso em: 27/10/2006.
- FASOLD, Ralph. *Sociolinguistics of Language*, Oxford, Basil Blackwell LTD, 1990.
- FLICHY, Patrice. “L’individu connecté”. *Sciences Humaines. France 2005: Portrait d’une société*, Hors-série, n. 50, set./out., 2005.
- FRANÇA, Vera. “Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação”. *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*, São Paulo, Hacker Editores, 2002: 57-76.
- FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2000/2001. Disponível em: <http://www.gnu.org/>. Acessado em: 03/02/2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- GEERTZ, Clifford. “‘Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do entendimento antropológico”; “Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno”. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1997: 85-107; 220-245.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, São Paulo, UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOFFMAN, Erving [1959]. *A apresentação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Editora Vozes, 1995.
- GOFFMAN, Erving [1979]. “Footing”. RIBEIRO, Branca T. & Garcez, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional. Antropologia lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre. Editora AGE, 1998: 70-97.
- GROSSI, Miriam Pillar. “Na busca do ‘outro’ encontra-se a ‘si mesmo’”. *Trabalho de campo e subjetividade*, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1992: 7-16.
- GUATTARI, F. & DELEUZE, G. [1995] *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1, Rio de Janeiro, Editora 34, 2004. F. Guattari e G. Deleuze
- GUIMARÃES JR., Mário J. L. *Vivendo no Palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço*, Dissertação Mestrado, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2002.
- GUMPERZ, J. [1982]. “Convenções de Contextualização”. RIBEIRO, Branca T. & Garcez, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional. Antropologia lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre. Editora AGE, 1998: 31-56.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.
- HARTMANN, Luciana. “Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento”: *Tradições orais na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai*, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2004.

- HYMES, Dell. "Toward Ethnographies of Communication: The Analysis of Communicative Events". GIGLIOLI, Pier Paolo. *Language and Social Context*, Penguin Books, 1972a: 21-44.
- HYMES, Dell. "Modelos da Interação da linguagem e vida social". HYMES & GUMPERZ, *Directions on sociolinguistics*, New York, Holt, Rinehart and Winston, INC., 1972b: 35-72.
- JEDLOWSKI, Paolo. "Simmel on memory: some observations about memory and modern experience". KAREN, M.; PHILLIPS, B. & COHEN, R. *Georg Simmel ant the contemporary sociology*, London, Kluwer Academic Publishers, 1990: 131-154.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2001.
- JONES, S. *Doing Internet Research: critical issues and methods for examining the net*. London, Sage, 1999.
- KENDALL, Lori. Recontextualizing "cyberespace" – methodological considerations for on-line research". JONES, S. *Doing Internet Research: critical issues and methods for examining the net*. London, Sage, 1999: 57-74.
- LAMPA, Graham. "Imagining the Blogosphere: an introduction to the Imagined Community of instant publishing". GURAK, L. *et all, Into the Blogosphere: rhetoric, community, and culture of weblogs*, University of Minessota, 2004. Disponível em <http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/>. Acesso em 26/01/2005.
- LANGDON, Esther Jean. "A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral". *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, dez. 1999: 13-36.
- LANNA, Marcos. "Nota sobre Marcel Mauss e o *Ensaio sobre a Dádiva*". *Revista de Sociologia e Política*, n. 14, Curitiba, jun. 2000: 173-194.
- LANNA, Marcos. "Aspectos da vida ritual de São Bento". *A dívida divina. Troca a patronagem no nordeste brasileiro*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1995: 171-224.
- LEMOS, André. "Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea", *FACOM*, Salvador, 1999. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt\\_and3.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and3.htm). Acesso em 23/10/00.
- LEMOS, André. "Anjos Interativos e Retribalização do Mundo. Sobre interatividade e Interfaces Digitais", *FACOM*, Salvador, 1998. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyner/lemos/interac.html>. Acesso em: 26/10/2006.
- LEMOS, André. "A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet". *Cultura da Rede – Revista Comunicação e Linguagem*, Lisboa, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>. Acesdo em: 24/11/2006.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.
- LIMA, Luis Otávio. "História da Internet". *Arpanet Brasil*, 2000. Disponível em: <http://www.arpanet.comm.br>.
- LIPMAN, Matthews. "Some aspects of Simmel's conception of the individual". WOLFF, Kurt. *Georg Simmel (1858-1918) – a collection of essays*, Columbus, The Ohio State University Press, 1959: 119-138.

- MACCLEARY, Leland. *Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador*. Tese Doutorado em Lingüística, USP, São Paulo, 1996.
- MACKINNON, Richard. *Searching for the Leviatan in Usenet*. Dissertação Mestrado, Departamento de Ciência Política, San Jose State University, 1992.
- MAFFESOLI, Michel [1987]. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas*. 2a edição, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *L'Instant éternel*, Paris, Denoel, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. São Paulo, Record, 2004.
- MALUF, Sônia. “Corporalidade e desejo: *Tudo sobre minha mãe* e o gênero na margem”. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, Florianópolis, jan. 2002: 143-153.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas”. MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*, vol. II, São Paulo, EDUSP, 1974a: 37-184.
- MAUSS, Marcel [1938]. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’”. *Sociologia e Antropologia*, vol. I, São Paulo, Edusp, 1974b.
- MÁXIMO, Maria Elisa. *Novos caminhos de socialização na Internet. Um estudo das listas eletrônicas de discussão*. Trabalho de Conclusão (Curso de Ciências Sociais), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1998.
- MÁXIMO, Maria Elisa. “Sociabilidade no “ciberespaço”: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão Ciberultura”. *Antropologia em Primeira Mão*, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2003.
- MÁXIMO, Maria Elisa. *Compartilhando “regras de fala”: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Ciberultura*, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: the making of typography man*. Toronto, University of Toronto Press, 1892.
- MCLUHAN, Marshall. *Understanding the media: the extensions of man*. New York, Mcgrow Hill Book Company, 1964.
- MCLUHAN, Marshall. *The medium is the message: an inventory of effects*. Harmondsworth, Penguin, 1967.
- MEAD, George Herbert. *The Philosophy of the Act*. Chicago, University of Chicago Press, 1938.
- PACCAGNELLA, Luciano. “Getting the Seat of your Pants Dirty: Strategies for Ethnography Research on Virtual Communities”. *JMCM*, vol. 3, 1997. Disponível em: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol13/issue1/paccagnella.html>. Acesso em: 25/03/1998.
- PARK, Robert Ezra. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967: 29-72.
- PACKWOOD, Nicholas. “Geography of the Blogosphere: representing the Culture, Ecology and Community of Weblogs”. GURAK, L. *et all, Into the Blogosphere: rhetoric, community, and culture of weblogs*, University of Minnessota, 2004. Disponível em <http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/>. Acesso em 26/01/2005.

- RECUERO, Raquel da Cunha. “Warblogs: os Blogs, a Guerra no Iraque, e o Jornalismo Online”, *Verso e Reverso – Revista de Comunicação*, 2004. Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=8>. Acesso em: 04/02/2006.
- REED, Daren. Resenha. JONES, S. (1999) *Doing Internet Research: critical issues and methods for examining the net*, RCCS (Resource Center for Cyberculture Studies), 2000. Disponível em: <http://rccs.usfca.edu/bookinfo.asp?ReviewID=73&BookID=76>. Acessado em: 27/11/2006.
- REID, Elizabeth. *Electropolis: communication and community on internet relay chat*. Honours Thesis, Departamento de História, Universidade de Melbourne, 1991. Disponível em: <http://www.aluluei.com/work.htm>. Acesso em: 26/10/2006.
- REID, Elizabeth. *Cultural Formations in Text-based Virtual Realities*. Master Thesis in Arts, Programa de Estudos Culturais, Departamento de Inglês, Universidade de Melbourne, 1994. Disponível em: <http://www.aluluei.com/cult-form.htm>. Acesso em: 27/10/2006.
- RHEINGOLD, Howard [1993]. *The virtual community*, 1998. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/>. Acesso em: 26/10/2006.
- RIBEIRO. Gustavo Lins. “El espacio-público-virtual”. *Série Antropologia*, n. 318, Brasília, Dep. Antropologia, UnB, 2002.
- RIFIOTIS, Theophilos. “Internet e Perspectivas de Cooperação em Ciências Sociais”. *Conhecimento em Debate*, João Pessoa, Dezembro/1994: 27-32
- RIFIOTIS, Theophilos. “Nos campos da violência: diferença e positividade”. *Antropologia em primeira mão*, n. 19, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1997.
- RIFIOTIS, Theophilos. “Redes de informação e cooperação no campo das violências”. *Texto & Contexto*, vol. 8, n. 2, Florianópolis, UFSC, 1999: 149-168.
- RIFIOTIS, Theophilos. “Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade”. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 51, Florianópolis, Prog. de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.
- ROSNAY, Joël. “A Revolução Informacional”. *Revista Margem*, n. 6, São Paulo, PUC, Dezembro/1997: 199-204.
- SANTOS, Francisco C. “Peripécias de agosto: alguns episódios da ‘cena hacker’”. *Encontro Anual da ANPOCS*, XXV, 2001, Caxambu. (Versão preliminar).
- SCHAAP, Frank. “Links, lives, logs: presentation in the Duch Blogosphere”. GURAK, L. *et al*, *Into the Blogosphere: rhetoric, community, and culture of weblogs*, University of Minnesota, 2004. Disponível em <http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/>. Acesso em 26/01/2005.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected papers, the problem of social reality*, vol. I, The Hague, Martinus Nijoff, 1975.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel. “Basic Terms, Concepts and Questions”. *The Ethnography of Communication. An Introduction*, London (UK) e Cambridge (USA), Blackwell, 1982.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel. “The place of silence in an integrate theory of communication”. SAVILLE-TROIKE, M. & TANNEN, D. *Perspectives on Silence*, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1985: 3-17.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. São Paulo, Record, 2004.

- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SIBILLIA, Paula. “Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica”. LEMOS, A. E CUNHA, P., *Olhares sobre a cibercultura*, Porto Alegre, Sulina, 2003: 139-152.
- SILVA, Ana Maria A. C. da. *Reconectando a sociabilidade on-line e off-line: trajetórias, formação de grupos e poder em canais geográficos no IRC*. Dissertação Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2000.
- SILVA, Rubens Alves da. “Entre ‘artes’ e ‘ciências’: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 11, n. 24, PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, julho/2005.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967: 13-28.
- SIMMEL, George. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura e formal”. MORAES FILHO, Evaristo de. *Simmel: sociologia*, São Paulo, Ática, 1983: 165-181.
- SIMMEL, George. “A natureza sociológica do conflito”. MORAES FILHO, Evaristo de. *Simmel: sociologia*, São Paulo, Ática, 1983: 122-134.
- STERLING, Bruce. “Short History of the Internet”. *The magazine of fantasy and science fiction*, Fev. 1993. Disponível em: <http://www.forthnet.gr/forthnet/isoc/short.history.of.internet>, Acesso em: 12/11/2000.
- TENBRUCK, F. H. “Formal Sociology”. WOLFF, Kurt. *Georg Simmel (1858-1918) – a collection of essays*, Columbus, The Ohio State University Press, 1959: 61-99.
- TÖNNIES, Ferdinand. “Comunidade e sociedade como entidades típico-ideiais”. FERNANDES, Florestan. *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicações*, São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973: 96-116.
- TURNER, V. *The Ritual Process*, Chicago, Aldine Publishing Company, 1969: 94-130.
- TURNER, Victor. “A ‘Communitas’. Modelo e Processo”. TURNER, V. *O Processo Ritual*, Petrópolis, Vozes, 1974: 160-200.
- TURNER, Victor. “Social dramas and stories about them”. MITCHELL, W. J. T. *On Narrative*, Chicago, University Chicago Press, 1981: 137-164
- TURNER, Victor. “Liminal to liminoid, in play, flow, and ritual. An essay in comparative simbology”. TURNER, V. *From Ritual to Theatre*, New York, PAJ Publications, 1982: 20-59.
- TURNER, Victor. “Dewey, Dilthey, and Drama: na essay in the Anthropology of Experience”. TURNER, V. & BRUNER, E. *The Anthropology of Experience*, Chicago, University of Illinois, 1986: 33-44.
- TURNER, Victor [1987]. “The Anthropology of Performance”. TURNER, V. *The Anthropology of Performance*, New York, PAJ Publications, 1992: 72-97.
- VALERI, Valério. “As ilhas Salomão descobertas pelos europeus: do contrato social ao utilitarismo”. *Campos: revista de Antropologia*, n. 1, Curitiba, PPGAS/UFPR, 2001: 167-202.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

- VELHO, *Projeto e Metamorfose*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- VIRILIO, Paul. *Espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*, São Paulo, Ed. 34, 2000.
- WEINGARTNER, Rudolph H. "Form and content in Simmel's philosophy of life". WOLFF, Kurt. *Georg Simmel (1858-1918) – a collection of essays*, Columbus, The Ohio State University Press, 1959: 33-59.
- WINER, David. "What makes a weblog a weblog", *Weblogs at Harvard Law*, 23 mai. 2003. Disponível em: <http://blogs.law.harvard.edu/whatMakesAWeblogAWeblog>. Acesso em: 29/01/2006.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*, Campinas, Papirus, 1998.
- WIRTH, Louis. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967: 97-122.
- WHITE, Hyden. "The narrativization of real events". MITCHELL, W. J. T. *On Narrative*, Chicago, University of Chicago Press, 1981: 249-254.
- ZAKON, Robert H. *Hobbe's Internet Timeline*, vol. 3.3, 1998. Disponível em: <http://info.isoc.org/guest/zakon/Internet/History/HTI.html>.
- WIKIPÉDIA, "Software Livre", 01/02/2006. "Richard Stallman", 31/01/2006. "Free Software Foundation", 16/12/2005. "Linux", 02/02/2006. "GNU/Linux", 02/06/2006. "Copyleft", 01/02/2006. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acessado em: 03/02/2006.

### Material Jornalístico

- "Diários virtuais se popularizam na web". *Folha Online*, 26 de fev. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u12364.shtml>.
- "Muitos ainda vêm blogs com ceticismo", *Folha On-line*, 26 de fev. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u12366.shtml>.
- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. "Mecanismos de Busca". Internet n. 02, *Revista Informação e Tecnologia*, 1998. Disponível em: <http://www.revista.unicamp.br/infotec/internet/internet2-1.html>, Acesso em: 26/01/2006.
- BLOOD, Rebecca. "Weblogs: a history and perspective". *Rebecca's Pocket*, 7 de set. 2000. Disponível em: [http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html), Acesso em: 29/01/2006.
- BORGES, Júlio Daio. "Assim blogava Zaratustra", *Digestivo Cultural*, n. 94, 14 de agost. 2002. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/arquivo/>.
- BRAMBILLA, Ana Maria. "Bem-vindo ao jornalismo open source". *Webinsider*, 27 mar. 2005. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/id/2395>, Acesso em: 04/02/3006.
- BROCANELLI, Rodney. "Jornalismo e Weblogs: uma aposta de cinco anos". *Observatório de Imprensa*, 05 agosto 2003. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno030720021.htm>, Acesso em 06/2003.
- CASTILHO, Carlos. "Cada cidadão é um reporter". *Observatório da Imprensa*, 04 de mai. 2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275ENO001>, Acesso em: 03/02/2006.

CASTILHO, Carlos. “Jornalismo On-line. Um laboratório planetário da web”. *Observatório da Imprensa. E-notícias*. 20 de julho de 2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=286ENO002>, Acesso em: 03/02/2006.

COLACINO, Paulo R. “Blogs na gestão do conhecimento”, *Portal Kmol*, Out. 2002. Disponível em: [http://www.kmol.online.pt/artigos/200210/col02\\_1.html](http://www.kmol.online.pt/artigos/200210/col02_1.html).

EVANGELISTA, Rafael. “Livre Acima de Tudo”. *Software Livre, Software Aberto*, 03 fev. 2006. Disponível em: [http://www.meiradarocha.jor.br/index.pl/software livre ou aberto](http://www.meiradarocha.jor.br/index.pl/software%20livre%20ou%20aberto), Acesso em: 03/02/2006.

FALABELLA, Miguel. “Nuvens do Projeta Gentileza”. 31 de mar. 2006. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/cro45.htm>, Acesso em: 31/03/2006.

FERNANDES, Fábio. “Blogs já são ferramentas de gente grande”, *Webinsider*, 16 de jun. 2002. Disponível em: [http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/Blogs já sao ferramentas de gente grande/id/1312](http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/Blogs%20ja%20sao%20ferramentas%20de%20gente%20grande/id/1312), Acesso em: 05/03/2003.

FONSECA, Felipe. “Weblogs como catalizadores de informação”, Out. 2002. Disponível em: <http://intranet.spei.br/civic/?q=book/print/20&PHPSESSID=f2ea22c224652027f3156a59cb6a2b24>.

MATIAS, Alexandre. “Confira seleção com 50 diários virtuais brasileiros”. *Folha Online*, 26 fev. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u12365.shtml>.

MONTEIRO, Elis. “Um passeio pelo ‘jardim secreto’ dos blogs”, *Rede Global Info*, 13 de jan. 2003. Disponível em: <http://clipping.glb.com.br/manchetes/noticias.asp?495392>.

MONZILLO, Marina. “Brasileiro bom de blog”. *Por trás da tela. Isto É Gente*, 16 fev. 2004. Disponível em: [http://www.terra.com.br/istoegente/236/diversao arte/internet.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/236/diversao%20arte/internet.htm), Acesso em 02/02/2006.

OBSERVATÓRIO DE IMPRENSA, “Blog: cooptados pela grande mídia?”, *Monitor da Imprensa*, 25 de set. 2002. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo250920029.htm>, Acesso em: 13/02/2006.

PERRET, Raphael. “O caminho da segmentação dos blogs”, *Jornalistas da Web*, 21 de agost. 2002. Disponível em: <http://www.jornalistasdawe.com.br/artigo.asp?id=54>.

PILAR, Gabriel. “Para Castells, a história que determina a tecnologia, e não o contrário”. *Nova-e*, especial FSM 2005, 30 de jan. 2005. Disponível em: [http://www.novae.inf.br/fsm2005/revolucao digital.htm](http://www.novae.inf.br/fsm2005/revolucao%20digital.htm).

SAMPAIO, Athos & MACEDO, Fernanda. “Blogs criam novas possibilidades jornalísticas”, *Panopticon*, set. 2002. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/panopticon/2002\\_09/mat\\_blogs asfm.htm](http://www.facom.ufba.br/panopticon/2002_09/mat_blogs_asfm.htm), Acesso em: 05/06/2003.

### Fontes dos Dados Estatísticos

COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL, *Posição dos Países por Número de Hosts*, jul. 2005. Disponível em: <http://www.nic.br/indicadores/hosts/2005/index.htm>. Acesso em: 27/01/2006.

INTERNET SYSTEMS CONSORTIUM, *Internet Domain Survey*, jul. 2005. <http://www.isc.org/>. Acesso em: 27/01/2006.

NITLÉ, *BlogCensus*, 2006. Disponível em: <http://www.blogcensus.net/?page=Home>, Acesso em: 27/01/2006.

TECHNORATI. Disponível em: <http://technorati.com>, 2006.